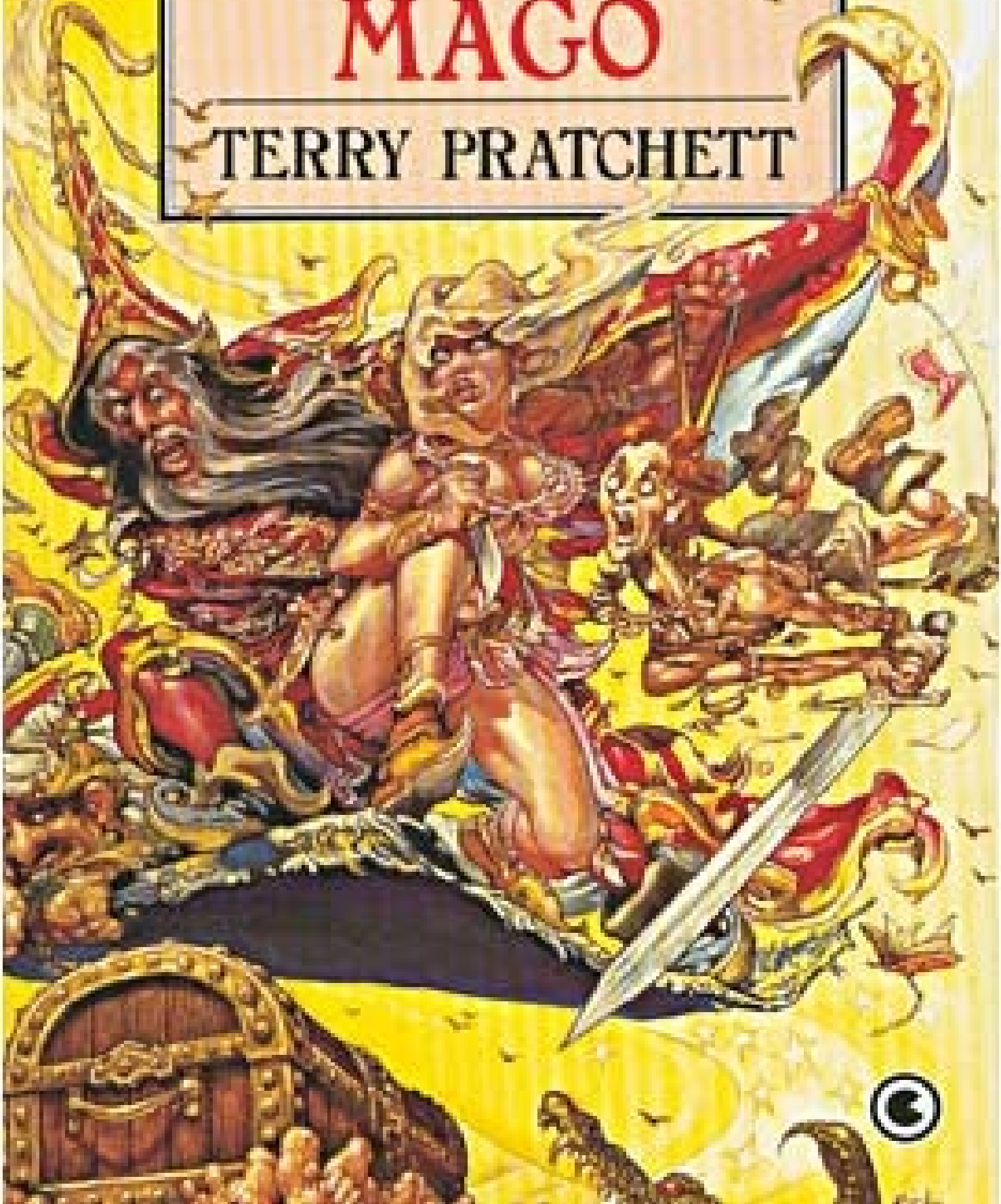
DISCWORLD

O OITAVO MAGO

TERRY PRATCHETT



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

DISCWORLD

O OITAVO MAGO

TERRY PRATCHETT

Título original: *Sourcery*
Tradução de Roberto DeNice

NOTA DA EDIÇÃO BRASILEIRA

Terry Pratchett usa muito humor e sutileza na hora de escolher os nomes usados em suas histórias. Isso é um desafio para a tradução: como recriar em português os mesmos trocadilhos que o autor faz, contando com a cumplicidade do leitor que os decifra e se diverte com as referências a seu cotidiano?

O mago Lingote, por exemplo, chama-se no original, literalmente, "Zinco" (Spelter), por ser magro e alto. O chefe da Irmandade do Logro teve seu nome mantido: Carding significa, entre outras coisas, "instrumento de tortura para dilacerar a carne" e "imundice que se apega à lã do carneiro". Isso parece dizer algo da personalidade dele, não?

Coin, nosso protagonista, também recebeu um nome que pode revelar boas surpresas, assim como a heroína da história, Conina. Esperamos que você também explore os significados que Pratchett escondeu nestes e em outros nomes do livro. Se quiser dar a sua opinião, entre em contato conosco via INTERNET, telefone, fax ou correio. Nas próximas edições, poderemos incorporar suas idéias.

Boa leitura!

DEDICATÓRIA

Muitos anos atrás, na cidade de Bath, eu vi uma senhora norte-americana muito gorda puxando uma imensa mala xadrez com rodinhas que chacoalhavam, prendendo-se às fendas do chão, e que pareciam ter vida própria. Naquele instante, nasceu a Bagagem. Agradeço a essa senhora e a todas as pessoas de lugares como Power Cable, Nebraska, que nunca recebem o incentivo necessário.

Este livro não tem mapa. Sinta-se à vontade para criar o seu.

Terry Pratchett

HOUVE UM HOMEM, E ELE TEVE OITO filhos. Fora isso, não passou de uma vírgula na página da História. E triste, mas é tudo que se pode dizer de algumas pessoas.

O oitavo filho, por sua vez, cresceu, casou-se e teve oito filhos, e, como existe apenas uma profissão apropriada ao oitavo filho de um oitavo filho, ele se tornou um mago. E tornou-se sábio e poderoso, ou pelo menos poderoso, e usava um chapéu pontudo e tudo terminaria aí...

Deveria ter terminado aí...

Mas, contra a Doutrina da Magia e certamente contra toda a razão — salvo as razões do coração, que são cálidas, confusas e, bem, nada razoáveis — , ele abandonou o círculo de magia, apaixonou— se e se casou, não necessariamente nessa ordem.

E teve sete filhos, cada qual, desde o berço, tão poderoso quanto qualquer mago do mundo.

Então, ele teve o oitavo filho...

Mago ao quadrado. Fonte de magia.

Um fonticeiro.

Raios de verão irrompiam por entre os penhascos de areia. Bem abaixo, o mar sugava as rochas fazendo tanto barulho quanto um velho com um único dente que ganhasse um pé de moleque. Algumas gaivotas pairavam nas alturas, esperando que algo acontecesse.

E o pai dos magos estava sentado em meio a plantas inquietas, na beira do penhasco, embalando o filho nos braços e mirando o oceano.

Havia uma nuvem negra sobre o mar, avançando em direção a terra, e a luz que ela filtrava possuía a textura aveludada que prenuncia uma grande tempestade.

Ele se virou, ao sentir um súbito silêncio que lhe chegou por trás, e ergueu os olhos vermelhos de choro para o vulto alto e encapuzado, vestido com um manto negro.

— IPSLORE, O VERMELHO? — perguntou o vulto.

A voz era cavernosa como uma gruta, densa como uma estrela de nêutrons.

Ipslore abriu o sorriso medonho dos subitamente enlouquecidos e suspendeu o filho à inspeção de Morte.

— Meu filho — disse. — Vou chamá-lo Coin.

— NOME TÃO BOM QUANTO QUALQUER OUTRO – considerou Morte, educadamente.

As órbitas oculares vazias se voltaram para baixo e fitaram o rostinho redondo, envolto em sono. Apesar dos boatos, Morte não é cruel — apenas terrivelmente, terrivelmente bom no que faz.

— Você levou a mãe dele — disse Ipslore.

Era uma constatação, sem nenhum rancor aparente. No vale, atrás dos penhascos, a propriedade de Ipslore resumia— se, agora, a escombros fumegantes, com o vento nascente espalhando as delicadas cinzas pelas dunas uivantes.

— FOI ATAQUE CARDÍACO — observou Morte. – EXISTEM MANEIRAS PIORES DE MORRER. VÁ POR MIM.

Ipslore olhou o mar.

— Nem toda a minha magia pôde salvá-la — lamentou.

— HÁ LUGARES AONDE NEM A MAGIA PODE IR.

— Agora você veio pelo menino?

— NÃO. O MENINO TEM SEU PRÓPRIO DESTINO. VIM BUSCAR VOCÊ.

— Ah.

O mago se levantou, cuidadosamente depositou o bebê adormecido na grama rala e pegou a vara comprida que estava ali.

O bastão era feito de metal preto, com uma malha de prata e inscrições douradas que lhe conferiam um mau gosto suntuoso e sinistro. O metal era octirona, intrinsecamente mágico.

— Fui eu que fiz, sabia? — disse. — Todos diziam que não se pode fazer vara de metal, que precisa ser de madeira. Mas estavam errados. Botei muito de mim mesmo nisso. Vou dar a vara para o meu filho.

Ele correu as mãos afetuosamente pelo bastão, que soltou um tinido leve. E, quase para si mesmo, repetiu:

— Botei muito de mim mesmo nisso aqui.

— É UMA BOA VARA — notou Morte.

Ipslore suspendeu— a no ar e fitou o oitavo filho, que ressonava.

— Ela queria uma menina — comentou.

Morte encolheu os ombros. Ipslore dirigiu— lhe um olhar que misturava perplexidade e raiva.

— O que ele é?

— O OITAVO FILHO DE UM OITAVO FILHO DE UM OITAVO FILHO — respondeu Morte, sem ajudar muito.

O vento lhe agitou o manto, levando as nuvens negras para cima.

— O que isso quer dizer?

— UM FONTICEIRO, COMO VOCÊ BEM SABE.

Um trovão ecoou no momento certo.

— Qual é o destino dele? — gritou Ipslore, mais alto que o barulho crescente do vento.

Morte encolheu os ombros outra vez. Era bom no negócio.

— OS FONTICEIROS TRAÇAM SEU PRÓPRIO DESTINO. TOCAM O MUNDO DE LEVE.

Ipslore apoiou— se na vara, tamborilando os dedos no metal, aparentemente perdido no labirinto de seus pensamentos. A sobrancelha esquerda se franziu.

— Não — murmurou. — Eu vou traçar o destino dele.

— NÃO RECOMENDO.

— Cale— se! Eles me expulsaram, com seus livros, rituais e doutrinas! Consideram— se magos, mas possuem menos magia naqueles corpos gordos do que eu tenho no dedo mindinho! Expulso! Eu! Por mostrar que sou humano? E o que seriam os seres humanos sem amor?

— RAROS — respondeu Morte. — TODAVIA...

— Escute! Eles nos obrigaram a vir para cá, para este fim de mundo, e isso matou minha mulher! Tentaram ficar com a minha vara! — Ipslore gritava acima do barulho do vento. — Bem, ainda me resta algum poder — continuou. — E digo que meu filho vai para a Universidade Invisível, usará o chapéu de arqui-reitor, e todos os magos do mundo se curvarão aos seus pés! Ele vai mostrar a todos o que existe no fundo do coração de cada um. Covardes e gananciosos corações. Vai mostrar ao mundo seu verdadeiro destino, e não haverá magia maior que a sua.

— NÃO.

E o estranho no modo silencioso de Morte dizer a palavra foi o seguinte: ela saiu mais alto que o bramido da tempestade. O que fez

com que Ipslore recobrasse momentaneamente a sanidade.

Então ele oscilou para frente e para trás, incerto.

— O quê? — perguntou.

— EU DISSE NÃO. NADA É ABSOLUTO. NADA É DEFINITIVO. A NÃO SER EU, É CLARO. ESSA MANIPULAÇÃO DO DESTINO PODERIA SIGNIFICAR A RUÍNA DO MUNDO. PRECISA HAVER UMA CHANCE DE ESCAPE, POR MENOR QUE SEJA. OS ADVOGADOS DO DESTINO EXIGEM UMA BRECHA EM TODA PROFECIA.

Ipslore olhou para o rosto implacável de Morte.

— Preciso dar uma chance a eles?

— PRECISA.

Toc, toc, toc, faziam os dedos do mago no metal da vara.

— Então terão sua chance — decidiu ele — quando o inferno congelar.

— NÃO. MESMO À REVELIA, NÃO POSSO INFORMÁ— LO SOBRE A TEMPERATURA GERAL DOS OUTROS MUNDOS.

— Então... — vacilou Ipslore — terão sua chance quando meu filho jogar fora a vara.

— NENHUM MAGO JOGARIA FORA SUA VARA – protestou Morte. — A LIGAÇÃO É FORTE DEMAIS.

— Ainda assim, é possível, você tem de admitir.

Morte considerou a afirmativa. “Ter de” não era urna expressão que ele estivesse acostumado a ouvir, mas pareceu levar em conta o argumento.

— DE ACORDO.

— Essa pequena chance lhe basta?

— É SUFICIENTEMENTE MOLECULAR.

Ipslore relaxou um pouco. Numa voz que beirava a normalidade, disse:

— Eu não me arrependo. Faria tudo de novo. Crianças são a esperança para o futuro.

— NÃO EXISTE ESPERANÇA PARA O FUTURO — retrucou Morte.

— Então existe o quê?

— EU.

— Além de você!

Morte lhe dirigiu um olhar confuso.

— COMO ASSIM?

A tempestade alcançou seu ápice uivante. Uma gaivota passou voando de trás para frente.

— Eu quero saber — gritou Ipslore, irritado — o que existe neste mundo que faça a vida valer a pena.

Morte pensou no assunto.

— GATOS — respondeu, afinal. — GATOS SÃO LEGAIS.

— Maldito seja você!

— NÃO É O PRIMEIRO A DIZER ISSO — rebateu Morte, com calma.

— Quanto tempo ainda tenho?

Morte retirou uma ampulheta grande dos recônditos do manto. Os dois bulbos que a compunham eram cobertos de traços pretos e dourados, e a areia estava quase toda no recipiente de baixo.

— AH, CERCA DE NOVE SEGUNDOS.

Ipslore ficou de pé e estendeu a vara de metal brilhante em direção ao filho. Uma pequenina mão semelhante a um caranguejo rosado saiu de baixo do cobertor e segurou—a.

— Então, deixe— me ser o primeiro e último mago na história do mundo a passar a vara ao oitavo filho — começou ele, lenta e sonoramente. — E eu o encarrego de usá-la...

— EU ME APRESSARIA, SE FOSSE VOCÊ...

—. . . ao máximo — continuou Ipslore —, tornando— se o mais poderoso...

Um raio estourou no meio da nuvem, atingiu Ipslore na ponta do chapéu, desceu pelo braço, passou cintilando pela vara e acertou a

criança.

O mago desapareceu num fio de fumaça. A vara brilhou em tom verde, depois branco e, em seguida, somente afogueado. A criança sorriu no sonho.

Quando o raio se foi, Morte estendeu os braços e pegou o menino, que abriu os olhos. Eles tinham um fulgor dourado. Pela primeira vez no que, por falta de palavra melhor, deve ser chamado de “sua vida”, Morte se pegou fitando um olhar que achou difícil retribuir. Os olhos pareciam voltar— se para um ponto no interior de sua caveira.

Não era minha intenção que isso acontecesse, soou, no ar, a voz de Ipslore. Ele está ferido?

— NÃO.

Morte desviou os olhos daquele sorriso ao mesmo tempo tenro e sagaz.

— ELE TEM O PODER. É FONTICEIRO. SEM DÚVIDA, VAI SOBREVIVER A COISAS PIORES. E AGORA... VOCÊ VEM COMIGO.

Não.

— SIM. VOCÊ ESTÁ MORTO.

Morte correu as órbitas oculares à volta, em busca da sombra oscilante de Ipslore, mas não conseguiu achá-la.

— ONDE ESTÁ VOCÊ?

— Na vara.

Morte apoiou— se na foice e suspirou.

— IDIOTA. NÃO ME CUSTA NADA TIRÁ— LO DAÍ.

Não sem destruir a vara, irrompeu a voz de Ipslore, parecendo a Morte que ele agora possuía certo ar de triunfo. E, agora que o menino aceitou a vara, você não pode destruí-la sem destruir a ele também. E isso você não pode fazer sem perturbar o destino. Minha última mágica. Caprichada.

Morte cutucou a vara. Ela estalou, e centelhas correram obscenamente em toda a sua extensão.

Por estranho que pareça, ele não estava com muita raiva. A raiva é urna emoção e, para sentir emoção, são necessárias glândulas. Morte nem sequer sabia de glândulas, e precisava de um bom motivo para ficar com raiva. Mas estava ligeiramente irritado. Suspirou outra vez. As pessoas sempre tentavam esse tipo de coisa. Por outro lado, era algo até interessante de se observar, e esta tentativa, pelo menos, era um pouco mais original do que o clássico e simbólico jogo de xadrez, que Morte detestava porque nunca se lembrava de como o cavalo se movia.

— VOCÊ SÓ ESTÁ ADIANDO O INEVITÁVEL — argumentou.

— Viver é isso.

— MAS O QUE, EXATAMENTE, VOCÊ PRETENDE?

— Quero ficar ao lado do meu filho. Quero ensiná-lo, mesmo que ele não o saiba. Vou guiar sua mente. E, quando estiver pronto, conduzirei seus passos.

— ENTÃO, ME DIGA — disse Morte — COMO FOI QUE VOCÊ CONDUZIU 0S PASS0S DE SEUS OUTROS FILHOS.

— Dirigi— os para fora de casa. Eles discutiam comigo, não queriam ouvir o que eu tinha a ensinar. Mas este aqui vai.

— VOCÊ ACHA UMA BOA IDÉIA?

A vara ficou quieta. Ao lado dela, o menino sorriu ao som da voz que somente ele escutava.

Não havia nenhuma analogia possível para o modo como Grande A'Tuin, a tartaruga estelar, avançava na noite galáctica. Quando temos 16 mil quilômetros de comprimento e uma carapaça cheia de crateras meteóricas, coberta por gelo de cometas, não existe absolutamente nada com que possamos realmente nos parecer, a não ser nós mesmos.

Portanto, Grande A'Tuin nadava devagar pelo abismo interestelar, simplesmente como a maior tartaruga que já existiu, levando em sua carapaça os quatro elefantes enormes que sustentavam em seu lombo o vasto e brilhante círculo, contornado pela queda d'água, do Discworld. Que existe por causa de um desvio impossível na curva da

probabilidade, ou porque os deuses gostam mesmo de uma boa piada, como todo mundo.

Na verdade, a grande maioria das pessoas.

Próximo às margens do Mar Círculo, na antiga e desordenada cidade de Ankh— Morpork, numa almofada de veludo, sobre uma prateleira na Universidade Invisível, havia um chapéu.

Era um bom chapéu. Um chapéu magnífico.

Era pontudo, evidentemente, e tinha a aba mole e larga, mas, depois de conceber esses detalhes básicos, o designer havia realmente se dedicado com afinco ao trabalho. Havia rendas douradas, pérolas, peles dos melhores crudelarminhos (NOTA: Crudelarminho é um pequeno parente preto— e— branco do lemingue, encontrado nas frias regiões da Centrolândia. A pele é rara e muito valorizada, especialmente pelo próprio crudelarminho: o egoísta faz qualquer coisa para ficar com ela), seixos brilhantes do Ankh lantejoulas de inacreditável mau gosto e — pista certeira, é claro — um círculo de octarinas (NOTA: Quando o assunto são objetos cintilantes, os magos possuem o gosto e o autocontrole de uma arara alucinada).

Como naquele momento elas não se encontravam num campo de magia intensa, não estavam brilhando e pareciam apenas diamantes inferiores.

A primavera havia chegado a Ankh— Morpork. Não era perceptível de imediato, mas havia sinais óbvios para os entendidos. Por exemplo, a espuma do Rio Ankh — esse grande canal de águas lentas que servia à cidade gêmea como represa, esgoto e, freqüentemente, necrotério — havia ganhado um tom esverdeado iridescente. Os embriagados telhados da cidade revelavam colchões e travesseiros, já que a roupa de cama de inverno era colocada para arejar à luz fraca do sol, e, nas profundezas de porões bolorentos, vigas estalavam à medida que a seiva seca reagia ao chamado primitivo da floresta. Os pássaros aninhavam— se entre as calhas e os beirais da Universidade, embora fosse visível que, por maior que fosse a aglomeração em algumas áreas, eles jamais faziam ninho nas convidativas bocas abertas das gárgulas alinhadas nos telhados, para decepção delas.

Uma espécie de primavera havia chegado até mesmo à própria Universidade. Aquela era a Noite dos Pequenos Deuses, e um novo arqui-reitor seria eleito.

Bem, não exatamente eleito, porque os magos não queriam nem saber dessa história indigna de eleição e era fato conhecido de todos que o arqui-reitor se fazia escolher pela vontade dos deuses. Naquele ano, tudo indicava que os deuses conseguiriam escolher Virrid que era um sujeito decente e, havia anos, vinha esperando pacientemente a sua vez.

O arqui-reitor da Universidade Invisível era o líder oficial de todos os magos do Disco. Em outra época, isso teria significado que era o mais poderoso no manejo da magia, mas os tempos agora eram outros e, para ser sincero, os magos seniores costumavam achar que a magia, em seu estágio atual, era pouco para eles. Preferiam a administração, que se mostrava mais segura e igualmente divertida, contando, inclusive, com grandes jantares.

E assim passava a longa tarde. O chapéu continuava sobre a almofada desbotada, nos aposentos de Wayzyganso, enquanto o velho mago ensaboava a barba, sentado na banheira de frente para a lareira. Outros magos cochilavam em seus gabinetes ou caminhavam pelos jardins a fim de abrir o apetite para o banquete noturno. Em geral, cerca de doze passos eram considerados suficientes.

No salão principal, sob os olhares esculpidos e pintados dos duzentos arqui-reitores prévios, a equipe do serviço alimentar dispunha cadeiras e mesas compridas. No labirinto arqueado das cozinhas. . . bem, a imaginação não deve precisar de auxílio. Deve incluir muita gordura, calor e gritaria, barris de caviar, bois inteiros assados, tiras de lingüiça penduradas de parede a parede, o próprio chefe entregue ao trabalho num dos compartimentos, terminando os retoques de uma grande maquete da Universidade moldada em manteiga. Ele fazia isso sempre que havia banquete — cisnes de manteiga, prédios de manteiga, toda uma fauna de animais selvagens gordurosos, rançosos e amarelos —, e gostava tanto do negócio que ninguém tinha coragem de pedir que parasse.

No labirinto particular de adegas, o chefe do serviço alimentar vagava por entre barris, decantando e experimentando.

A atmosfera de expectativa havia chegado até aos corvos que habitavam a Torre de Arte, construção de 250 metros de altura, supostamente a mais antiga do mundo. Suas pedras desgastadas sustentavam viçosas florestas em miniatura, bem acima dos telhados da cidade. Espécies inteiras de besouros e pequenos mamíferos haviam desenvolvido ali, e, como era raro que as pessoas fossem ao topo, por causa da perturbadora tendência de a torre balançar ao vento, os corvos tinham tudo para si. Naquele instante, estavam voando em estado de grande agitação, como mosquitos antes da chuva. Talvez fosse boa idéia alguém lá de baixo notá-los.

Algo terrível estava para acontecer.

Você já sentiu, não sentiu?

Você não é o único.

— O que deu neles? — gritou Rincewind, mais alto que a barulheira.

O bibliotecário agachou quando um livro mágico de capa de couro saltou da prateleira e parou em pleno ar, preso pela corrente. Então, o funcionário deu um pulo, rolou no chão e debruçou— se sobre uma cópia de A Descobherta de Maleficio sobre Dhemonologia, que vinha diligentemente golpeando a própria estante.

— Oook! — exclamou.

Rincewind tinha o ombro apoiado numa estante e empurrava com os joelhos os livros agitados de volta a seus lugares. O barulho era infernal.

Os livros de magia têm uma espécie de vida própria. Alguns têm em excesso: por exemplo, a primeira edição do Necrotelicomicon precisa ser mantida em armadura de ferro, A Verdadeira Arte de Levitatione passou os últimos 1 50 anos nos caibros do telhado, e o Compêndhio de Magia Sehxual de Ge Fordge é conservado em uma cuba de gelo, sozinho numa sala. Existe uma norma rígida de que ele só pode ser lido por magos que estejam com mais de 80 anos e, se possível, mortos.

Mas mesmo os incunábulos e livros mágicos do dia— a— dia que ficavam nas prateleiras principais estavam inquietos e nervosos feito galinha ao ouvir o som de arranhões na porta do galinheiro. Das capas fechadas, vinha o som abafado de garras.

— O que você disse? — berrou Rincewind.

— Oook! (NOTA: 3. Um acidente mágico na biblioteca, que, como já foi sugerido, não é o melhor lugar para o profissional médio versado em catalogações, havia transformado o bibliotecário num orangotango. Desde então, ele resistira a todas as tentativas de transformarem— no de volta no que era. Ele gostava do providencial braço longo, do dedo preênsil e do direito de se coçar em público, mas o que mais gostava era, sobretudo do fato de que todas as grandes questões existenciais de repente se resumiam a um vago interesse pelo local onde estaria a próxima banana. Não que não soubesse do desespero e da nobreza da condição humana. Mas, no que lhe dizia respeito, nada disso tinha a menor importância.).

— Certo!

Rincewind, como bibliotecário— assistente honorário, não havia progredido muito além da classificação básica e da arte de pegar bananas, e admirava— se com a desenvoltura do bibliotecário ao andar por entre as estantes trepidantes, ora correndo a mão negra por uma capa estremecida, ora reconfortando a enciclopédia assustada com suaves murmúrios simiescos.

Depois de um tempo, a biblioteca começou a se acalmar, e Rincewind sentiu os músculos do ombro relaxarem.

Era uma paz frágil, porém. Aqui e ali, uma página se agitava. De prateleiras distantes, surgia o estalido ameaçador de uma lombada. Depois do pânico inicial, a biblioteca agora se encontrava alerta e irrequieta como gato de rabo comprido em fábrica de cadeira de balanço.

O bibliotecário retornou vagarosamente pelo corredor. Ele tinha um rosto que só uma roda de caminhão saberia amar e exibia permanentemente um sorriso vago, mas, pela maneira como o macaco rastejou para debaixo da mesa e escondeu a cabeça no cobertor,

Rincewind teve a impressão de que ele estava terrivelmente preocupado.

Observe Rincewind espiando as prateleiras sombrias. Existem oito níveis de magia no Disco. Depois de dezesseis anos, Rincewind não conseguiu chegar nem ao primeiro. Na verdade, alguns mestres consideram— no incapaz até mesmo de alcançar o nível zero, no qual nasce a maioria das pessoas. Em outras palavras, já foi sugerido que, quando Rincewind morrer, a capacidade sobrenatural média da raça humana vai subir um ponto.

Ele é alto, magro e tem aquele tipo de barba disforme usado por homens que não foram feitos para usar barba. Está vestido com um manto vermelho— escuro que já viu dias melhores, possivelmente décadas melhores. Mas sabemos que é mago porque tem o chapéu pontudo de aba mole, com a palavra “Maggo” bordada em grandes letras prateadas por alguém cujo talento em bordar consegue ser pior que o talento em soletrar. Há uma estrela na ponta. A maior parte das lantejoulas se perdeu.

Firmando o chapéu na cabeça, Rincewind abriu a grande porta antiga da biblioteca e saiu para a luz dourada da tarde. Tudo era silêncio, quebrado apenas pela grasnada histérica dos corvos que rondavam a Torre de Arte.

Rincewind observou— os durante algum tempo. Os corvos da Universidade eram um bando de aves duronas. Não era qualquer coisa que os perturbava.

Todavia...

. . . o céu estava azul, com raios dourados e algumas nuvens fofas no alto, brilhando rosadas sob a luz crescente. No pátio, os velhos castanheiros encontravam— se em flor. Da janela aberta, vinha o som de algum aluno de magia treinando violino, sem muito êxito. Não era o que se poderia chamar de tempo sinistro.

Rincewind apoiou— se na parede de pedras. E gritou.

O prédio estava tremendo. Ele sentiu o tremor entrar pela mão e percorrer o braço — uma leve sensação rítmica na freqüência exata para sugerir terror incontrolável. As próprias pedras estavam com medo.

Apavorado, olhou para baixo ao ouvir um tinido. O bueiro caiu para trás e um dos ratos da Universidade enfiou os bigodes para fora. O bicho dirigiu um olhar assustado para Rincewind e passou correndo por ele, seguido por dezenas de sua espécie. Alguns vestiam roupa, mas isso não era incomum na Universidade, onde o alto nível de magia faz maravilhas com os genes.

Correndo os olhos ao redor, Rincewind viu procissões de corpos cinzentos abandonando a Universidade de todos os outros bueiros. A hera próxima ao seu ouvido farfalhou, e então um grupo de ratos executou uma série de saltos mortais até seus ombros e desceu escorregando pelo manto. Ignoraram— no por completo, mas, novamente, isso não era incomum. A maioria dos seres vivos costumava ignorar Rincewind.

Ele se virou e correu para a Universidade, com o manto esvoaçando em torno dos joelhos, até alcançar o gabinete do tesoureiro. Bateu à porta, que se abriu rangendo.

— Ah, é o, hum, Rincewind, não é? Perguntou o tesoureiro, sem muito entusiasmo. — Qual é o problema?

— Estamos afundando!

Por alguns instantes, o tesoureiro limitou— se a encará-lo. Seu nome era Lingote. Era alto, magro e parecia ter sido um cavalo em vidas passadas. Sempre dava a impressão de estar olhando para a pessoa por meio dos dentes.

— Afundando?

— É. Os ratos estão fugindo!

O tesoureiro encarou— o outra vez.

— Entre, Rincewind — convidou, com gentileza.

Rincewind seguiu— o pela sala baixa e escura até a janela. Ela dava vista para os jardins e o rio, a fluir tranqüilamente em direção ao mar.

— Você não está, hum, exagerando? — perguntou o tesoureiro.

— Exagerando em quê? — indagou Rincewind, com a consciência pesada.

— Isso aqui é um prédio, entende? — disse o tesoureiro. Como a maioria dos magos, quando confrontados com um problema, ele começou a enrolar um cigarro. — Não é um navio. Tem algumas diferenças. Ausência de golfinhos brincando em volta da proa, falta de quilha, esse tipo de coisa. As chances de afundar são remotas. Senão, hum, teríamos de encher os porões e remar até a praia. Hum?

— Mas os ratos...

— Algum navio de cereal no porto. Uma espécie de, hum, ritual primaveril.

— Tenho certeza de que também senti a Universidade tremer — arriscou Rincewind, ligeiramente incerto.

Naquela sala silenciosa, com o fogo crepitando na lareira, nada daquilo parecia real.

— Um tremor passageiro. Grande A'Tuin com soluço, hum, talvez. O que você precisa é se controlar. Tem bebido?

—Não!

— Hum. Gostaria?

Lingote dirigiu— se ao armário de madeira escura e tirou duas taças, que encheu com o jarro de água.

— Prefiro xerez a essa hora do dia — disse, abrindo as mãos sobre as taças. — Diga, hum, seco ou suave?

— Hã, não — recusou Rincewind. — Talvez o senhor esteja certo. Acho que vou descansar um pouco.

— Boa idéia.

Rincewind atravessou os frios corredores de pedra. De vez em quando, tocava a parede e aguçava os ouvidos, então sacudia a cabeça.

Ao cruzar o pátio novamente, viu um bando de camundongos galgar a varanda e correr em direção ao rio. O chão em que pisavam

também parecia se mover. Quando Rincewind se aproximou, notou que era porque estava coberto de formigas.

Aquelas não eram formigas comuns. Séculos de infiltração mágica nas paredes da Universidade haviam feito coisas estranhas a elas. Algumas puxavam pequenos carrinhos, outras seguiam montadas em besouros, mas todas abandonavam a Universidade o mais rápido possível. A grama ondulava a medida que passavam. Ele ergueu os olhos quando um velho colchão listrado foi lançado da janela e despencou no chão de pedras. Depois de uma pausa, aparentemente para tomar fôlego, o objeto levantou— se um pouco do chão. Depois, começou a avançar decidido pelo gramado e partiu para cima de Rincewind, que conseguiu sair do caminho na hora certa. Ele ouviu um chiado agudo e avistou milhares de perninhas determinadas debaixo da estrutura. Até os percevejos estavam de mudança e, para o caso de não acharem alojamento confortável em nenhum outro lugar, usavam de precaução. Um deles acenou para o mago e chiou em saudação.

Rincewind recuou, até alguma coisa lhe tocar a parte de trás das pernas e lhe congelar a espinha. Era apenas um banco de pedra. Ele observou— o durante algum tempo. O banco não parecia com pressa de fugir para lugar nenhum. Rincewind se sentou, agradecido.

Provavelmente existe urna explicação lógica para tudo isso, pensou. Ou, pelo menos, uma explicação ilógica perfeitamente normal.

Um ruído de pedras fez com que olhasse para o outro lado do jardim.

Não havia nenhuma explicação lógica para aquilo. Com inacreditável lentidão, descendo por parapeitos e canos de escoamento em silêncio absoluto, afora o ocasional rangido de pedra sobre pedra, as gárgulas vinham deixando o telhado.

É pena que Rincewind jamais houvesse assistido a filmes de baixa qualidade em câmera lenta, porque ele, então, saberia descrever exatamente o que estava vendo. As criaturas pareciam não se mexer, mas conseguiam avançar, numa série de quadros em alta velocidade, e passaram por ele num longo desfile de bicos, jubas, asas, garras e cocô de pombo.

— o que está acontecendo? — sussurrou ele.

Um negócio com rosto de duende, corpo de harpia e pernas de galinha virou a cabeça, numa série de movimentos súbitos, e falou, com voz semelhante à peristalse das montanhas (embora o efeito grave saísse prejudicado, porque, evidentemente, não podia fechar a boca). Disse:

— Um ondizero izdá bindo bara gá! Uja!

Rincewind perguntou “O quê?”, mas a coisa já havia partido e agora cambaleava pelo antigo gramado. (NOTA: As marcas deixadas pelas gárgulas em fuga levaram o jardineiro— chefe da Universidade a morder a enxada e proferir a famosa frase: “Como se consegue um gramado desses? Basta cortar e aplanar durante quinhentos anos e então um bando de imbecis passar por cima”.).

Rincewind ficou olhando para o nada durante dez segundos exatos, até soltar um grito e sair correndo o mais rápido que podia.

Só parou quando chegou ao quarto. Não era exatamente um quarto, destinado principalmente a guardar móveis velhos, mas era seu lar.

Contra uma parede sombria, ficava o armário. Não se trata de um desses armários modernos, convenientes apenas a amantes nervosos que se enfiam ali dentro quando o marido volta para casa cedo, mas de uma velha estrutura de madeira, escura como a noite, em cujas profundezas empoeiradas cabides se reproduziam e sapatos velhos vagavam pelo fundo. Era bem possível que houvesse uma passagem secreta para mundos fabulosos, mas ninguém jamais tentara descobrir por causa do cheiro medonho de naftalina.

E no alto do armário, envolta em pedaços de papel amarelado e lençóis velhos, havia uma grande arca rematada em bronze. Seu nome era Bagagem. O motivo de ela ter concordado em ser de propriedade de Rincewind era algo que só a Bagagem sabia e nunca nos contaria, mas, provavelmente, nenhum outro artigo em toda a história dos acessórios de viagem tinha um passado de tamanho mistério e males corporais. Ela já havia sido descrita como meio arca, meio maníaca homicida. Possuía muitas características que podem ou não se manifestar em breve, mas,

no momento, só havia uma que a distinguia de qualquer outra arca rematada em bronze. Ela estava roncando, com o ruído semelhante ao de serra em madeira.

A Bagagem podia ser mágica. Podia ser terrível. Mas, em sua enigmática alma, parecia— se com todas as outras peças de viagem do multiverso e preferia passar os invernos hibernando no alto do armário.

Rincewind deu— lhe vassouradas até fazer parar a serração, encheu os bolsos com as quinquilharias da caixa de bananas que usava como mesa— de— cabeceira e dirigiu— se até a porta. Não pôde deixar de notar que o colchão havia sumido, mas isso não tinha importância, porque ele estava certo de que nunca mais voltaria a dormir em colchão.

A Bagagem caiu no chão com um baque surdo. Depois de alguns segundos, e com extremo cuidado, estendeu centenas de perninhas rosadas. Oscilou um pouco para frente e para trás, alongando cada uma das pernas, abriu a tampa e bocejou.

— Você vem ou não vem?

A tampa se fechou com um estalo. A Bagagem movimentou as pernas num arranjo complicado, até se encontrar de frente para a porta, e seguiu o dono.

A atmosfera da biblioteca ainda estava carregada, com o ocasional tinido de uma corrente ou o ruído abafado de uma folha (NOTA: Na maioria das bibliotecas antigas, os livros ficam acorrentados às estantes para não serem danificados pelos usuários. Na biblioteca da Universidade Invisível, obviamente, é mais ou menos o contrário.). Rincewind estendeu o braço sob a mesa e agarrou o bibliotecário, que ainda se encontrava curvado debaixo do cobertor.

— Vamos!

— Oook.

— Eu pago uma bebida — ofereceu Rincewind, em desespero.

O bibliotecário desenroscou— se feito uma aranha de quatro patas.

— Oook?

Rincewind meio que arrastou o macaco porta afora. Não se dirigiu ao portão principal, mas ao trecho do muro onde, havia 2 mil anos, algumas pedras soltas ofereciam aos alunos uma entrada bastante discreta depois que as luzes da Universidade se apagavam. Então, parou tão subitamente que o bibliotecário se chocou com ele e a Bagagem colidiu com ambos.

— Oook!

— Ah, meus deuses! — exclamou o mago. — Olhe só!

— Oook?

Havia uma onda negra e brilhosa fluindo de uma grade próxima às cozinhas. O luar prematuro iluminava milhões de dorsos pretos.

Mas não era a visão das baratas que se fazia perturbadora. Era o fato de que elas estavam marchando em cadência, em fileiras de cem. E claro que, como qualquer habitante informal da Universidade, as baratas eram um pouco fora do comum, mas havia algo particularmente desagradável no som de bilhões de patinhas minúsculas pisando o chão ao mesmo tempo.

Com cuidado, Rincewind esticou a perna e passou por cima da tropa em marcha. O bibliotecário também saltou para o outro lado.

A Bagagem, evidentemente, seguiu— os produzindo o barulho de alguém que sapateasse num saco de batatas fritas.

E assim, obrigando a Bagagem a percorrer todo o caminho até o portão, porque, do contrário, ela apenas abriria um buraco no muro, Rincewind deixou a Universidade, junto com todos os outros insetos e roedores assustados, e decidiu que, se algumas cervejas não o ajudassem a ver as coisas sob um ângulo diferente, então mais algumas o fariam. Com certeza, valia a pena tentar.

Foi por esse motivo que ele não estava presente no salão principal à hora do jantar. Aquela acabaria sendo a refeição perdida mais importante de sua vida.

Mais adiante, no muro da Universidade, houve um tinido leve quando um gancho de ferro se prendeu a uma das puas alinhadas no topo. Alguns instantes mais tarde, um vulto esguio, vestido de preto,

descia com leveza ao jardim da Universidade e corria em silêncio para o salão principal, onde logo se perdeu nas sombras.

Ninguém o teria notado, mesmo. Do outro lado do campus, o fonticeiro avançava em direção ao portão da Universidade. Quando os pés dele pisavam o chão de pedras, faíscas azuis espocavam e faziam evaporar o orvalho noturno.

Fazia muito calor. A enorme lareira do salão principal estava quase incandescente. Os magos são muito friorentos: o mero sopro de calor proveniente das lenhas crepitantes derretia velas a seis metros de distância e formava bolhas no verniz das longas mesas. O ar que pairava sobre o banquete estava azul por causa da fumaça de tabaco, a traçar formas curiosas impulsionadas por correntes aleatórias de magia. Na mesa central, o porco assado parecia ligeiramente irritado com o fato de terem— no matado antes que pudesse terminar a maçã, e a maquete da Universidade, feita de manteiga, afundava suavemente num mar de gordura.

Havia muita cerveja. Aqui e ali magos de rosto vermelho cantavam alegremente músicas antigas, dando tapas nos joelhos e gritos de “Rá!” A única desculpa cabível para esse tipo de coisa é que os magos são celibatários e precisam achar diversão onde podem.

Outro motivo para o bom humor geral era o fato de que ninguém estava tentando matar ninguém. Essa não era uma situação comum nos círculos mágicos.

Os níveis mais elevados de magia são posições perigosas. Todo mago está sempre tentando derrubar quem está acima, ao mesmo tempo que pisa nos dedos de quem se encontra abaixo. Dizer que o mago é saudavelmente competitivo por natureza é como dizer que a piranha é um peixe naturalmente esfomeado. No entanto, desde que as grandes Guerras Mágicas deixaram inabitáveis regiões inteiras do Disco (NOTA: . Pelo menos, por quem pretendia acordar com a mesma forma, ou até da mesma espécie, como foi dormir), os magos estavam proibidos de resolver suas diferenças por meios mágicos, porque isso gerava muitos problemas para a população e porque, de qualquer modo, era difícil saber qual dos montinhos de gordura fumegante que sobravam havia sido o vencedor. Dessa forma, eles tradicionalmente recorriam a

facas, venenos secretos, escorpiões no sapato e hilariantes armadilhas com pêndulos de lâmina afiada.

Na Noite dos Pequenos Deuses, porém, considerava— se de extremo mau gosto matar um colega, e os magos ficavam à vontade para deitar os cabelos sem medo de serem estrangulados com eles.

A cadeira do arqui-reitor achava— se vazia. Wayzyganso jantava sozinho no gabinete, como convém ao homem escolhido pelos deuses depois de um debate sério com magos seniores sensatos. Apesar de seus 80 anos, estava um pouco nervoso e mal tocou a segunda galinha.

Dentro de poucos minutos, ele teria de fazer um discurso. Na juventude, Wayzyganso buscara o poder em lugares estranhos. Havia lutado com demônios em octogramas chamejantes, visto dimensões das quais o homem não deveria nem sequer ter notícia e até afrontado o comitê de concessões da Universidade Invisível. Mas nada nos oito círculos do vazio era tão terrível quanto duzentos rostos atentos fitando — o através da fumaça de cigarro.

Os mensageiros logo viriam chamá-lo. Ele suspirou, afastou o prato intocado de pudim, atravessou o quarto, ficou de frente para o grande espelho e vasculhou o bolso do manto à procura de suas anotações.

Depois de um tempo, conseguiu arrumá-las numa espécie de ordem e pigarreou.

— Irmãos de ofício — começou —, não posso nem dizer o quanto estou, hã, o quanto. . . belas tradições desta antiga Universidade. . . hã. . . quando olho à volta e vejo o retrato de todos os arqui-reitores...

Ele parou, rearranjou as anotações e prosseguiu, com mais firmeza.

— Estar aqui, hoje, me faz lembrar a história do vendedor ambulante de três pernas e das, hã, filhas do lojista. Parece que o lojista...

Alguém bateu à porta.

— Entre — resmungou Wayzyganso, estudando as anotações com atenção.

— Esse lojista — sussurrou —, esse lojista, sim, esse lojista tinha três filhas. Acho que eram. Isso. Eram três. Parece...

Ele olhou o espelho e se virou. Começou a perguntar “Quem e v...

E descobriu que, afinal de contas, existe coisa pior do que falar em público.

O pequeno vulto de preto, avançando pelos corredores desertos, ouviu um barulho, mas não lhe deu muita atenção. Barulhos estranhos não eram raros em áreas onde se praticava magia. O vulto procurava alguma coisa. Não sabia exatamente o quê, apenas que saberia quando achasse.

Depois de alguns minutos, a busca conduziu— o ao quarto de Wayzyganso. O ambiente estava cheio de espirais de gordura. Pequenas partículas de fuligem flutuavam suavemente em correntes de ar, e havia diversas pegadas queimadas no chão.

O vulto encolheu os ombros. Não há explicação para o tipo de coisa que se encontra em quarto de mago. Viu o próprio reflexo multifacetado no espelho partido, arrumou o capuz e deu prosseguimento à busca.

Movimentando— se como quem obedece a ordens internas, atravessou o quarto em silêncio até alcançar a mesa onde estava a caixa de couro alta, redonda e desgastada. O vulto aproximou— se dela e abriu a tampa com cuidado.

A voz que saiu de dentro parecia atravessar várias camadas de tapete ao dizer:

— *Até que enfim. Por que demorou tanto?*

— Quer dizer, como é que começaram com isso? Antigamente, havia magos de verdade, não tinha nada desse negócio de níveis. Eles chegavam e... aconteciam. Bum!

Um ou dois clientes, sentados ao balcão sombrio da Taverna Tambor Remendado, olharam à volta ao ouvir o barulho. Eram novos na cidade. Os fregueses regulares nunca reparavam em nenhum barulho estranho, como gemidos ou desagradáveis ruídos cartilaginosos. Era muito mais saudável. Em algumas partes da cidade, a curiosidade não só matava o gato, como o jogava no rio, com pesos de chumbo atados às patas.

As mãos de Rincewind agitaram— se, vacilantes, sobre a coleção de copos vazios na mesa em frente. Ele quase havia conseguido esquecer as baratas. Depois de mais uma bebida, talvez conseguisse também esquecer o colchão.

— Vapt! Uma bola de fogo! Zum! Desaparecia como fumaça! Vapt!. . . Desculpe.

Com cuidado, o bibliotecário afastou o que restava da cerveja para longe dos braços nervosos de Rincewind.

— Magia de verdade.

Rincewind conteve um arroto.

— Oook.

Rincewind mirou os restos espumantes da última cerveja e, com extremo cuidado para que o topo da cabeça não caísse, agachou— se e serviu um pouco no pires da Bagagem. Ela estava escondida debaixo da mesa, o que era um alívio. Em geral, deixava— o constrangido, aterrorizando os clientes até que lhe dessem batatas fritas.

Confuso, ele tentou lembrar em que buraco havia perdido o fio da meada.

— Onde é que eu estava?

— Oook — respondeu o bibliotecário.

— Ah, é! _ animou— se Rincewind. — Não tinha todo esse negócio de níveis e classes, entende? Havia fonticeiros naquela época. Eles caíam no mundo e descobriam novos feitiços, viviam aventuras...

Ele meteu o dedo numa pequena poça de cerveja e rabiscou um desenho na madeira manchada e arranhada da mesa.

Um dos professores de Rincewind havia dito que “chamar seu conhecimento sobre teoria mágica de péssimo é não deixar nenhuma palavra adequada para qualificar seu domínio da prática”. Aquilo sempre o havia deixado perplexo. Ele se opunha à idéia de que o indivíduo precisava ser bom em magia para ser mago. Ele sabia que era mago, no fundo de sua alma. Ser bom em magia não tinha nada a ver com isso. Era apenas um complemento, não definia ninguém.

— Quando eu era pequeno — lembrou, nostálgico —, vi o retrato de um fonticeiro num livro. Ele estava no alto de uma montanha, acenando os braços, e as ondas subiam, sabe?, como quando venta na Baía Ankh, e tinha relâmpagos em volta...

— Oook?

— Não sei, talvez estivesse usando bota de borracha — rebateu Rincewind, e prosseguiu, sonhador: — Ele tinha uma vara e um chapéu, igual ao meu, e os olhos meio que brilhavam, e saía um monte de purpurina dos dedos, e eu pensei “um dia vou fazer isso”, e...

— Oook?

— Só metade, então.

— Oook.

— Como você paga por isso? Sempre que lhe dão dinheiro, você come.

— Oook.

— Incrível.

Rincewind terminou o desenho na cerveja. Havia um bonequinho numa montanha. Não parecia muito com ele — desenho em cerveja não é uma arte precisa —, mas era para parecer.

— E o que eu queria ser — disse ele. — Bum! Não essa embromação. Esses livros todos, não é assim que deveria ser. O que precisamos é de magia de verdade.

Esse último comentário teria ganhado o prêmio de declaração mais incorreta do dia se Rincewind não tivesse, então, acrescentado:

— E uma pena que não haja mais fonticeiros.

Lingote bateu na mesa com a colher.

Era uma figura imponente, vestindo o manto cerimonial, com o capuz de crudelarminho do Conselho Venerável dos Videntes e a faixa amarela própria aos magos de quinto nível. Ele alcançara esse nível havia três anos e aguardava que um dos 64 magos do sexto nível abrisse uma vaga, morrendo. Mas agora estava de bom humor. Não apenas terminara um excelente jantar, como também tinha em seus aposentos um pequeno frasco de veneno sem sabor que, usado corretamente, seria garantia de promoção nos meses seguintes. A vida parecia boa.

O grande relógio no fim do salão estremeceu ao soarem as 9 horas.

A colher não havia surtido efeito. Lingote pegou uma caneca de estanho e bateu com força na mesa.

— Irmãos! — gritou, e ficou mais satisfeito quando a algazarra chegou ao fim. — Obrigado. Levantem— se, por favor, para o ritual das, hum, chaves.

Ouviu— se um burburinho à medida que os magos se punham de pé, vacilantes.

As portas duplas do salão encontravam— se fechadas à chave e vedadas com três trancas. O novo arqui-reitor precisaria pedir três vezes para entrar, e só então as portas seriam destrancadas, mostrando que havia sido nomeado com o consentimento de todos. Ou qualquer coisa assim. As origens do costume haviam se perdido nas raias do tempo, o que era uma razão tão boa quanto qualquer outra para mantê-lo.

As conversas cessaram. Os homens fitaram as portas.

Ouviu— se uma batida de leve.

— Vá embora! — gritaram os magos, alguns dos quais rindo até cair com a sutileza da piada.

Lingote pegou a grande argola de ferro que continha as chaves da Universidade. Nem todas eram de metal. Nem todas eram visíveis. Algumas pareciam bem estranhas.

— Quem bate? — perguntou.

— Eu.

O estranho na resposta era o seguinte: parecia que a pessoa que respondera estava atrás de quem ouvia. A maioria dos magos se

flagrou olhando por cima do ombro.

Nesse instante de silêncio e terror, houve um estalido agudo na fechadura. Fascinados, eles viram os ferrolhos se abrirem por conta própria. As grandes vigas de madeira, transformadas pelo Tempo num negócio duro feito pedra, saíram de seus encaixes. As dobradiças passaram do vermelho para o amarelo, até chegarem ao branco, e então explodiram. Devagar, com terrível inevitabilidade, as portas despencaram no salão.

Havia um vulto em meio à fumaça das dobradiças em chamas.

— Nossa senhora, Virrid — disse um dos magos. — Essa foi muito boa!

Quando o vulto avançou para a luz, todos puderam ver que, afinal de contas, não se tratava de Virrid Wayzyganso.

O indivíduo que ali se encontrava era pelo menos uma cabeça mais baixo que qualquer outro mago e vestia um simples manto branco. Também era várias décadas mais novo. Parecia ter 10 anos, e trazia na mão uma vara consideravelmente maior que seu próprio tamanho.

— Ele não é mago...

— Onde está o capuz?

— Cadê o chapéu?

O desconhecido passou pela fileira de magos espantados, até se encontrar diante da mesa mais alta. Lingote olhou o rosto jovem e magro emoldurado por madeixas louras, mas se prendeu, sobretudo, aos olhos dourados de brilho interno. Achou, porém, que não o fitavam. Os olhos pareciam mirar um ponto quinze centímetros além de sua nuca. Lingote teve a sensação de que iria explodir.

Então, reuniu toda a sua dignidade e se projetou à altura de sua posição.

— O que significa, hum, isso? — perguntou.

Foi péssimo, ele tinha de admitir, mas a intensidade daquele brilho incandescente parecia lhe arrancar todas as palavras da memória.

— Eu cheguei — disse o desconhecido.

— Chegou? Chegou para quê?

— Tomar o meu lugar. Qual é a minha cadeira?

— Você é aluno? — inquiriu Lingote, branco de raiva. — Qual é o seu nome, menino?

O garoto o ignorou e correu os olhos pelos magos ali reunidos.

— Quem é o mago mais poderoso aqui? — indagou. — Quero conhecê-lo.

Lingote balançou a cabeça. Dois seguranças da Universidade, que nos minutos anteriores haviam se aproximado sorrateiramente do recém— chegado, surgiram, cada qual a um lado dele.

— Peguem— no e joguem— no na rua — ordenou Lingote.

Os seguranças — homens enormes, compactos e sisudos — assentiram. Agarraram os braços finos do garoto com mãos que pareciam cachos de banana.

— Seu pai vai ficar sabendo disso — avisou Lingote, com severidade.

— Ele já sabe — rebateu o menino.

Em seguida, olhou para os dois homens e encolheu os ombros.

— O que está acontecendo aqui?

Lingote deu meia volta e se deparou com Skarmer Billias, chefe da Ordem da Estrela Prateada. Enquanto Lingote tendia para magro, Billias era corpulento, mais parecendo um pequeno balão cativo que, por alguma razão, tinha sido forrado com veludo azul e pele de crudelarminho. Tirando a média de ambos, teríamos duas pessoas normais.

Infelizmente, Billias era o tipo de adulto que se orgulhava de ser bom para as crianças. Inclinou— se tanto quanto seu jantar permitia e voltou o rosto vermelho e barbado para o menino.

— Qual é o problema, rapaz? — perguntou.

— Essa criança entrou aqui à força porque diz que quer conhecer um mago poderoso — adiantou Lingote. Ele detestava crianças, o que talvez fosse o motivo de elas o acharem tão fascinante. Até o momento, havia conseguido evitar qualquer pensamento a respeito da porta.

— Não há nada de errado nisso — considerou Billias. — Qualquer rapaz que se preze quer ser mago. Eu queria ser mago, quando era jovem. Não é mesmo, rapaz?

— Você é pujante? — indagou o menino.

— Hã?

— Perguntei se é pujante. Poderoso.

— Poderoso? — iluminou— se Billias. Ele se levantou, tocou a faixa de oitavo nível e piscou para Lingote. — Ah, muito poderoso. Tão poderoso quanto um mago pode ser.

— Ótimo. Eu o desafio. Mostre sua mágica mais perfeita. E, quando vencê-lo, serei o arqui-reitor.

— Ora, seu petulante... — começou Lingote, mas o protesto se perdeu no estrondo de gargalhadas dos outros magos.

Billias bateu as mãos nos joelhos, ou o mais perto deles que conseguiu alcançar.

— Um duelo? — perguntou. — Ótimo!

— Como você bem sabe, é proibido duelar — objetou Lingote. — De qualquer maneira, é ridículo! Eu não sei quem abriu a porta para ele, mas não vou ficar aqui vendo você desperdiçar nosso tempo...

— Ora, ora — cortou Billias. — Qual é o seu nome, rapaz?

— Coin.

— Coin, senhor — grunhiu Lingote.

— Pois bem, Coin — disse Billias. — Você quer ver o que posso fazer de melhor, é isso?

— Sim.

— Sim, senhor — resmungou Lingote.

Coin dirigiu— lhe o olhar firmemente. Um olhar antigo como o tempo, o tipo de olhar que se aquece em rochas de ilhas vulcânicas e não se cansa nunca. Lingote sentiu a boca secar.

Billias ergueu as mãos, em pedido de silêncio. Então, com um gesto teatral, arregaçou a manga do braço esquerdo e abriu a mão.

Todos observavam com atenção. Os magos de oitavo nível encontravam—se acima da magia. Em geral, passavam a maior parte do tempo em contemplação — normalmente do cardápio seguinte — e, é claro, evitando as atenções de magos ambiciosos do sétimo nível. Valia a pena ver aquilo.

Billias sorriu para o garoto, que retribuiu com um olhar centrado em algum ponto vários centímetros além de sua nuca.

Desconcertado, Billias dobrou os dedos. Aquele não era exatamente o jogo que ele tinha em mente. Sentiu, então, uma vontade

irresistível de impressionar. Depois, veio a irritação consigo próprio, proveniente da estupidez de estar nervoso.

— Vou mostrar a você — disse, tomando fôlego — o Maravilhoso Jardim de Maligree.

Ouviu— se um grande murmúrio. Em toda a história da Universidade, somente quatro magos haviam conseguido executar o jardim completo. A maioria dos magos conseguia criar as árvores e flores, e alguns tinham formado os pássaros. Não era o feitiço mais poderoso — não movia montanhas — , mas, para alcançar os detalhes sutis produzidos nas complexas sílabas de Maligree, era preciso muito talento.

— Observe — acrescentou Billias. — Não tenho nada nas mangas.

Os lábios começaram a se mexer. As mãos agitaram— se no ar. Uma poça de centelhas douradas surgiu na palma de sua mão, girou, formou uma esfera indistinta, começou a definir os detalhes...

Dizia a lenda que Maligree, um dos últimos verdadeiros fonticeiros, criou o jardim como um pequeno universo particular, atemporal, onde podia se trancar, fumar ou meditar sossegado, enquanto fugia às ansiedades do mundo. O que, por si só, já era um enigma, porque nenhum mago conseguia entender como uma criatura tão poderosa quanto um fonticeiro poderia ter ansiedade.

Fosse qual fosse o motivo, Maligree se fechou cada vez mais no seu mundo, até que, um dia, trancou definitivamente a porta de entrada.

O jardim era uma bola brilhante nas mãos de Billias. Os magos mais próximos esticaram o pescoço sobre o ombro dele e puderam admirar a esfera de 60 centímetros, que exibia uma delicada paisagem cheia de flores. Havia um lago em plano médio, perfeito em cada ondulação, e montanhas roxas por trás de uma floresta fascinante. Passarinhos do tamanho de abelhas voavam de uma árvore para outra, e dois veados menores que camundongos ergueram os olhos do pasto e fitaram Coin.

Que opinou:

—É bem legal. Passe para mim.

Ele tirou o globo impalpável das mãos do mago e suspendeu— o.

— Por que não é maior? — perguntou.

Billias enxugou a testa com o lenço de borda rendada.

—Bem — respondeu, sem forças, tão perplexo com o tom de Coin que não teve como se sentir afrontado. — Há muito tempo, a eficácia do feitiço é...

Por um instante, Coin manteve a cabeça inclinada, como se ouvisse algo. Então, sussurrou algumas sílabas e alisou a superfície da esfera.

Ela cresceu. Em um momento, era um brinquedo nas mãos do garoto. No momento seguinte...

... os magos estavam no gramado frio, num campo sombreado que se estendia até o lago. Uma brisa suave soprava das montanhas. Tinha cheiro de tomilho e capim. O céu era de um azul intenso, tendendo para o roxo no zênite.

No pasto, sob as árvores, os veados olhavam os recém— chegados com desconfiança.

Horrorizado, Lingote baixou as vistas. Um pavão lhe bicava o cadarço...— começou Billias, e parou.

Coin ainda segurava a esfera, uma esfera de ar. Dentro dela, distorcido como se olhado através de lentes de 180 graus, ou de fundo de garrafa, estava o salão principal da Universidade Invisível.

O menino correu os olhos pelas árvores, fitou, pensativo, as distantes montanhas cobertas de neve e balançou a cabeça para os homens abismados.

— Nada mau — considerou. — Eu gostaria de voltar aqui.

Ele mexeu as mãos num gesto complicado que, de algum modo inexplicável, parecia virá-las pelo avesso.

De repente, os magos estavam de volta ao salão, e o menino segurava o jardim encolhido com a palma da mão aberta. No silêncio opressivo, devolveu a esfera a Billias e disse:

— Foi interessante. Agora é minha vez de executar um pouco de magia.

Ele ergueu as mãos, encarou Billias e fez com que o mago desaparecesse.

Houve certa confusão, como é costume nessas situações. No centro da balbúrdia estava Coin, completamente tranqüilo, em meio a uma nuvem crescente de fumaça.

Ignorando o tumulto, Lingote se abaixou devagar e, com extremo cuidado, pegou uma pena de pavão no chão. Passou— a nos lábios, pensativo, enquanto olhava, do vão da porta, para o menino, depois para a cadeira vaga do arqui-reitor. A boca, então, estreitou— se, e ele começou a sorrir.

Uma hora mais tarde, quando os raios começavam a fulgurar no céu da cidade, e Rincewind passava a cantar baixinho e esquecer tudo sobre baratas, e um colchão solitário vagueava pelas ruas, Lingote fechou a porta do gabinete do arqui-reitor e virou— se para os colegas magos.

Havia seis deles, e estavam todos muito preocupados. Tão preocupados, percebeu Lingote, que vinham dando ouvidos a ele, um mero mago de quinto grau.

— Ele foi para a cama — informou. — Com um copo de leite quente.

— Leite? — surpreendeu— se um dos magos, com verdadeiro horror expresso na voz.

— E novo demais para bebidas alcoólicas — explicou o tesoureiro.

— Ah, sim. Que tolice, a minha!

O mago de olhos encovados à frente perguntou:

— Vocês viram o que ele fez com a porta?

— Eu sei o que ele fez com o Billias!

— O quê?

— Nem quero saber!

— Irmãos, irmãos — chamou Lingote, de maneira apaziguadora.

O tesoureiro mirou as faces preocupadas e pensou: jantares demais. Muitas tardes esperando a criadagem levar o chá. Tempo demais gasto em quartos abafados, lendo livros antigos escritos por homens mortos. Brocados de ouro e cerimônias demais. Gordura demais. A Universidade inteira é como um fruto maduro, pronto para um bom puxão...

Ou um bom empurrão...

— Eu me pergunto se realmente temos um problema — disse ele.

Gravie Derment, um dos Sábios da Sombra Desconhecida, esmurrou a mesa.

— Cruz— credo, homem dos deuses! — gritou. — Um menino aparece no meio da noite, derruba dois dos nossos melhores homens, senta na cadeira do arqui-reitor, e você se pergunta se

temos um problema? O garoto tem talento! Pelo que vimos hoje à noite, não existe mago no Disco que possa enfrentá-lo!

— E por que temos de enfrentá-lo? — insistiu Lingote, num tom de voz lúcido.

— Porque é mais poderoso do que nós!

— E...?

A voz de Lingote faria folha de vidro parecer campo arado, faria mel parecer pedra.

— E evidente... — Gravie hesitou. Lingote abriu um sorriso, à guisa de incentivo.

— Aham.

Quem chamava era Marmaric Carding, chefe da Irmandade do Logro. Levantou os dedos cheios de anéis e encarou Lingote por cima deles. O tesoureiro o detestava. Desconfiava imensamente da inteligência do homem. Suspeitava que poderia ser muito grande e que, por trás daquelas bochechas cobertas de veias, havia uma mente cheia de pequenas rodas lustradas girando ensandecidas.

— Ele não parece disposto a usar esse poder — considerou Carding.

— E quanto a Billias e Virrid?

— Birra de criança.

Os outros magos alternavam o olhar entre ele e o tesoureiro. Tinham a sensação de que alguma coisa estava acontecendo, mas não conseguiam entender exatamente o quê.

O motivo de os magos não governarem o Disco era bem simples. Se entregássemos um pedaço de corda a dois magos, eles puxariam em direções opostas. Algo em sua genética ou em sua formação lhes conferia uma postura, em relação à cooperação mútua, que fazia um velho elefante com dor de dente terminal parecer formiguinha trabalhadeira.

Lingote abriu os braços.

— Irmãos — disse, mais uma vez, — não vêem o que está acontecendo? Temos aqui um jovem habilidoso, talvez criado no isolamento dos campos, hum, incultos, que, sentindo a antiga chamada da magia no corpo, viajou por estradas tortuosas, passando por sabe— se lá que perigos e, por fim, atingiu o destino da viagem, sozinho e amedrontado, querendo de nós, seus mestres, apenas disciplina para ajustar e guiar seus talentos. Quem somos nós para jogá-lo ao, hum, relento invernal, negando...

O discurso foi interrompido por Gravie, que assoava o nariz:

— Não é inverno — rebateu o mago. — A noite está bem quente.

— Ao clima traiçoeiro e inconstante da primavera – grunhiu Lingote. — E maldito seria o homem que não cedesse, hum, nessa época...

— É quase verão — Carding, pensativo, coçou o nariz. — O menino tem uma vara — observou. — Quem a deu a ele? Você perguntou?

— Não — respondeu Lingote, ainda olhando furiosamente para o interruptivo defensor do calendário.

Carding começou a olhar para as unhas, o que Lingote considerou um trejeito sugestivo.

— Bem, qualquer que seja o problema, tenho certeza de que pode esperar até amanhã — disse, numa voz que Lingote considerou ofensivamente entediada.

— Minha nossa, ele deu sumiço em Billias! — exclamou Gravie.

E dizem que não tem nada além de fuligem no quarto de Virrid!

— Talvez os dois tenham sido um pouco insensatos — argumentou Carding, com tranqüilidade. — Meu bom irmão, estou certo de que você não seria derrotado nos assuntos da Arte por um simples garoto.

— Bem, qualquer que seja o problema, tenho certeza de que pode esperar até amanhã — disse, numa voz que Lingote considerou ostensivamente entediada.

— Minha nossa, ele deu sumiço em Billias! — exclamou Gravie.

— E dizem que não tem nada além de fuligem no quarto de Virrid!

Gravie hesitou.

— Bem, hã — disse. — Não. Claro que não. — Olhou o sorriso inocente de Carding e tossiu alto: — Certamente não. Billias foi muito insensato. Mas, com certeza, um pouco de cautela...

— Então sejamos cautelosos amanhã de manhã — decretou Carding, animado. — Irmãos, suspendamos a reunião. O menino está dormindo e, pelo menos nisso, deve nos servir de exemplo. Tudo vai parecer melhor à luz do dia.

— Já vi coisas que não pareciam — advertiu, com voz sombria, Gravie, que não confiava na juventude. Achava que isso jamais trazia algo de bom.

Os magos seniores voltaram ao salão principal, onde o jantar havia chegado ao nono prato e estava começando a entrar no ritmo. E preciso mais que um pouco de magia e alguém virando fumaça para tirar o apetite de um mago.

Por algum motivo inexplicável, Lingote e Carding foram os últimos a sair. Permaneceram sentados nas duas extremidades da mesa, olhando um para o outro, como gatos. Gatos podem ficar nas extremidades de uma rua e olhar um para o outro por horas a fio, realizando um tipo de manobra mental que faria um mestre no jogo de xadrez parecer impulsivo. Mas os gatos não chegam nem perto dos magos. Os dois só se sentiam prontos para avançar depois de imaginarem todo o diálogo seguinte e saberem se permitiria uma nova jogada.

Lingote cedeu primeiro:

— Todos os magos são irmãos — disse. — Devemos confiar uns nos outros. Tenho informações.

— Eu sei — afirmou Carding. — Você sabe quem é o menino.

Os lábios de Lingote mexeram— se em silêncio enquanto ele tentava prever o trecho seguinte da conversa.

— Você não pode ter certeza disso — arriscou, afinal.

— Meu caro Lingote, você cora quando inadvertidamente fala a verdade.

— Eu não corei!

— Exatamente — concluiu Carding. — É o que estou querendo dizer.

— Tudo bem — admitiu Lingote. — Mas você sabe alguma outra coisa.

O mago gordo encolheu os ombros.

— Um simples palpite — alegou. — Mas por que eu deveria me aliar — ele enrolou a língua na palavra pouco familiar — a você, um mero mago de quinto grau? Seria mais correto se eu obtivesse as informações derretendo o seu cérebro. Entenda, não estou querendo ofender, só gostaria de saber.

Os acontecimentos dos instantes seguintes ocorreram rápido demais para se deixarem compreender por quem não é mago, mas foram mais ou menos assim:

Lingote vinha desenhando os signos do Acelerador de Megrim no ar, debaixo da mesa. Ele murmurou as sílabas e atirou o feitiço ao longo da mesa, onde deixou um rastro de fumaça no verniz e, na metade do caminho, deparou— se com as cobras prateadas do Poderoso Áspide — Spray de Irmão Mestrecalado, que saíram dos dedos de Carding.

Os dois feitiços se engalfinharam, viraram uma bola de fogo verde e explodiram, enchendo o gabinete de cristais amarelos.

Os magos trocaram aquele tipo de olhar arrastado em que se poderiam assar amendoins.

De repente, Carding estava surpreso. Não deveria estar. Magos de oitavo nível raramente se vêem diante de desafios de habilidade mágica. Em tese, existiam apenas sete outros magos de igual poder, e todo mago inferior seria, por definição... bem, inferior. Isso os deixa servis. Mas Lingote, por sua vez, estava no quinto nível. Pode ser duro estar no topo, e provavelmente é ainda mais duro lá embaixo, mas o meio do caminho é tão duro que dá para usá-lo como ferradura. A essa altura, todos os desiludidos, preguiçosos, idiotas e azarados já foram eliminados, a área está limpa e os magos encontram— se sozinhos, cercados de inimigos mortais por todos os lados. Abaixo, existem os hostis do nível quatro, esperando para lhe passarem a perna. Acima, há os arrogantes do sexto grau, ansiosos por esmagar qualquer ambição possível. E, evidentemente, à volta estão os colegas de nível cinco, prontos para a primeira oportunidade de diminuir um pouco a competição. E não há brecha. Os magos de quinto nível são cruéis e inflexíveis, têm reflexos de aço, e os olhos são estreitos por estarem

sempre fitando aquele quilômetro metafórico ao fim do qual fica o prêmio dos prêmios: o chapéu de arqui-reitor.

A idéia de cooperação começou a exercer algum fascínio sobre Carding. Havia poder verdadeiro ali, que poderia ser útil até quando se fizesse necessário. Depois, é claro, ele talvez tivesse de ser... desencorajado...

Lingote pensou: pistolão. Já havia escutado o termo, embora jamais dentro da Universidade, e sabia que significava conseguir que aqueles que estão acima nos dêem uma mãozinha. Normalmente, nenhum mago jamais sonharia em dar uma mãozinha a um colega, a menos que fosse para esbofeteá-lo. A mera idéia de incentivar um adversário... Por outro lado, aquele velho idiota talvez pudesse ser de valia durante algum tempo, e depois, bem...

Eles se entreolharam com rancorosa admiração mútua e desconfiança ilimitada, mas, pelo menos, era uma desconfiança com a qual ambos sentiam que podiam contar. Até depois.

— O nome dele é Coin — confidenciou Lingote. — Disse que o pai se chamava Ipslore.

— Fico imaginando quantos irmãos ele tem — disse Carding.

— O quê?

— Há séculos não existe mágica assim na Universidade — considerou Carding. — Há milhares de anos. Eu mesmo só li a respeito.

— Expulsamos um Ipslore trinta anos atrás — observou Lingote.

— De acordo com os registros, ele havia se casado. Se teve filhos, todos seriam magos, mas não consigo entender como...

— Aquilo não era magia de mago. Era fonticeria – advertiu Carding, recostando— se na cadeira.

Lingote encarou— o por sobre o verniz borbulhante da mesa.

— Fonticeria?

— O oitavo filho de um mago torna— se um fonticeiro.

— Eu não sabia!

— Não é muito divulgado.

— Tudo bem, mas... os fonticeiros viveram muito tempo atrás. Quer dizer, a magia era muito mais forte naquela época, hum, o homem era diferente... não tinha nada a ver com procriação —

Lingote estava pensando: ter oito filhos significa que ele fez aquilo oito vezes. Pelo menos. Nossa! — Os fonticeiros podiam tudo — continuou. — Eram quase tão poderosos quanto os deuses. Hum.

Não havia fim para os problemas. Os deuses não permitiriam mais esse tipo de coisa, confiar nisso.

— Bem, havia problemas porque os fonticeiros brigavam entre si — explicou Carding. — Mas um fonticeiro só não seria problema. Isto é, um fonticeiro bem— assessorado. Por magos mais velhos e inteligentes.

— Mas ele quer o chapéu de arqui-reitor!

— Por que não?

Lingote ficou boquiaberto. Aquilo já era demais, até para ele. Carding sorriu, cordial.

— Mas o chapéu...

— É só um símbolo — disse Carding. — Nada de especial. Se ele quer, pode ter. É besteira. Um símbolo, nada mais. Um chapéu— de — ferro.

— Chapéu— de— ferro?

— Usado por um testa— de— ferro.

— Mas os deuses escolhem o arqui-reitor!

Carding ergueu uma sobrancelha.

— Escolhem? — perguntou, e tossiu.

— Bem, escolhem. Imagino que sim. Em certo sentido.

— Em certo sentido?

Carding levantou— se e ajeitou o manto.

— Eu acho — disse — que você ainda tem muito que aprender. Aliás, onde está o chapéu?

— Não sei — respondeu Lingote, ainda um tanto perturbado. — Por aí, hum, nos aposentos de Virrid.

— É melhor pegá-lo — sugeriu Carding.

Ele se deteve à porta e alisou a barba, pensativo.

— Lembro— me bem de Ipslore — comentou. — Fomos colegas nas aulas. Sujeito impossível. Hábitos estranhos. Um mago excelente, é claro, até ir para o mau caminho. Tinha um jeito engraçado de mexer a sobrancelha quando ficava animado — Carding regrediu quarenta anos na memória e estremeceu. – O chapéu — lembrou, então. — Vamos procurá-lo. Seria terrível se algo lhe acontecesse.

Na verdade, o chapéu não tinha a menor intenção de deixar que algo lhe acontecesse e, naquele momento, corria em direção à Tambor Remendado, sob o braço do desorientado ladrão vestido de preto.

O ladrão, como logo ficará claro, era um tipo especial de ladrão. Um artista do roubo. Outros ladrões apenas roubavam tudo que não estivesse pregado. Esse ladrão, no entanto, roubava também os pregos. Ele havia escandalizado Ankh por nutrir particular interesse em roubar, com assombroso sucesso, objetos que não só se encontravam pregados, mas também vigiados por guardas atentos, em casas— fortes inacessíveis. Existem artistas que pintam o teto inteiro de uma capela. Esse era o tipo de ladrão que poderia roubá-lo.

A esse ladrão, em especial, atribuíam o roubo da preciosa faca estripadora do Templo de Offler, o Deus Crocodilo, em plena oração vespertina, e das ferraduras de prata do melhor cavalo do Patrício, durante uma corrida. Quando Gritoller Mimpsey, superintendente do Grêmio dos Ladrões, foi empurrado no mercado e depois, ao voltar para casa, descobriu que um punhado de diamantes recém— roubados havia desaparecido de onde estava, soube a quem culpar (isso porque Gritoller havia engolido as pedras para guardá-las em lugar seguro). Esse era o tipo de ladrão que podia nos roubar a iniciativa, o momento e as palavras. Entretanto, era a primeira vez que roubava um objeto que não apenas lhe pedira isso — em voz baixa, porém autoritária —, mas também lhe dera indicações, de certo modo incontestáveis, sobre como deveria proceder.

Agora, era aquele momento crucial do dia útil ankh— morporkiano, quando quem ganha a vida debaixo do sol está descansando, depois do serviço, e quem trabalha ao luar gélido está juntando energias para começar. Na verdade, o dia havia alcançado aquele ponto em que fica tarde demais para o arrombamento de portas e cedo demais para o assalto à mão armada.

Rincewind estava sentado sozinho no bar cheio e enfumaçado. Por isso não prestou muita atenção quando uma sombra passou pela mesa, e um vulto sinistro sentou— se de frente para ele. Não havia nada de extraordinário em vultos sinistros naquele lugar. A Tambor acalentava a reputação de taverna mais infame de Ankh— Morpork, e o grande troll que agora vigiava a porta examinava os fregueses à procura de traços condizentes, como capas negras, olhos brilhantes, espadas mágicas e

assim por diante. Rincewind nunca soube o que ele fazia com os indivíduos que não se encaixavam no perfil. Talvez os comesse.

Quando o vulto falou, a voz rouca surgiu das profundezas do capuz de veludo preto, forrado com pele de animal.

— Psiu! — chamou. — Estou à procura de um mago.

A voz parecia simular a rouquidão, mas, novamente, isso não era novidade na Tambor.

— Algum mago em particular? — perguntou Rincewind, com cautela. Qualquer um poderia se meter em apuros, num caso desses.

— Um que guarde o sentido da tradição e não se importe em assumir riscos em troca de uma boa recompensa — disse outra voz. Ela parecia vir da caixa arredondada, de couro preto, debaixo do braço do desconhecido.

- Ah - soltou Rincewind. — Isso limita um pouco as coisas. Envolve alguma viagem arriscada a terras desconhecidas e provavelmente perigosas?

— Envolve.

— Encontro com criaturas exóticas? — indagou Rincewind, sorrindo.

— Talvez.

— Morte quase certa?

— Quase certo que sim.

Rincewind balançou a cabeça e pegou o chapéu.

— Bem, eu lhe desejo sorte em sua busca — disse. — Eu mesmo poderia ajudá-lo, mas não vou.

— O quê?

— Sinto muito. Não sei por que, mas a idéia de morte certa, em terras desconhecidas, sob a garra de monstros exóticos, não me agrada. Já tentei e não me adaptei. Cada um na sua, é o que dizem, e eu nasci para o tédio.

Enfiou o chapéu na cabeça e levantou— se, vacilante. Havia chegado ao pé da escada que conduzia à rua quando uma voz logo atrás dele se fez ouvir:

— Um mago de verdade teria aceitado.

Ele poderia ter seguido adiante. Poderia ter subido a escada, alcançado a rua, comprado uma pizza no restaurante klatchiano de Beco dos Golpes e ido dormir. A história teria sido totalmente diferente — na

verdade, bem mais curta — , e ele teria aproveitado uma boa noite de sono, embora no chão.

O Futuro prendeu a respiração, esperando que Rincewind se fosse.

Ele não se foi por três motivos. O primeiro era o álcool. O segundo era a minúscula chama de orgulho que flameja mesmo no coração do maior dos covardes. E o terceiro era a voz. Era linda. Parecia aveludada.

O assunto "magos e sexo" é complicado. Mas como já foi sugerido, em essência, resume— se ao seguinte: quando se trata de vinho, mulher e música, os magos podem beber e dançar à vontade.

O motivo apresentado aos magos jovens era que a prática da magia era difícil, absorvente e incompatível com atividades complicadas e secretas. Muito mais sensato, advertiam— lhes, seria que parassem de se preocupar com aquele tipo de coisa e realmente dominassem a Cartilha Oculta de Woddeley, por exemplo.

Por estranho que pareça, a justificativa não parecia satisfizê-los, e os magos jovens desconfiavam de que o verdadeiro motivo residia no fato de que as regras eram feitas por magos velhos. Com memória fraca. Os alunos estavam enganados, embora a verdadeira razão tivesse, havia muito tempo, sido esquecida: se os magos pudessem sair por aí procriando, haveria risco de fonticeria.

Evidentemente, Rincewind sabia um pouco das coisas e havia levado seu aprendizado a tal ponto que conseguia passar várias horas seguidas em companhia de uma mulher sem precisar sair para tomar uma chuveirada e se deitar. Mas aquela voz faria até estátua descer do pedestal para correr em volta do campo e executar flexões. Era uma voz que poderia fazer "bom dia" parecer convite para a cama.

A desconhecida tirou o capuz e sacudiu a cabeleira. Os fios eram louros, quase brancos. Como a pele estava bronzeada, o efeito geral era calculado para atingir a libido masculina feito chumbo grosso.

Rincewind hesitou e perdeu uma excelente oportunidade de ficar na sua. Do alto da escada, veio a voz grossa do troll:

— Ei, eu dixe que voxê não podia entrar...

Ela deu um salto para a frente e botou a caixa redonda de couro nos braços de Rincewind.

— Rápido, você tem de vir comigo — disse. — Está correndo grande perigo!

— Por quê?

— Porque, se não vier, vou matá-lo.

— Tudo bem, mas, espere um instante, nesse caso... — protestou Rincewind, sem forças.

Três membros da guarda pessoal do Patrício apareceram no alto da escada. O líder abriu um sorriso. O sorriso sugeria que ele pretendia ser o único a se divertir com a piada.

— Ninguém se mexa — ordenou.

Rincewind ouviu o barulho de outros guardas surgindo na porta dos fundos. Os outros fregueses da Tambor se detiveram empunhando armas variadas. Aqueles não eram os vigilantes municipais, sempre precavidos e jovialmente corruptos. Aquilo eram toras ambulantes de puro músculo, que não se deixavam subornar, mesmo porque o Patrício podia pagar mais que qualquer pessoa. Fosse como fosse, eles não pareciam estar à procura de ninguém, além da mulher. O resto da clientela relaxou e preparou— se para assistir ao espetáculo. Eventualmente, talvez decidissem participar, uma vez que era óbvio o lado vencedor.

Rincewind sentiu a pressão aumentar em torno do pulso.

— Você está doida? — sussurrou. — Isso é desafiar o Homem!

Ouviu— se um zunido e, no ombro do sargento, de repente brotou um cabo de faca. A garota deu meia volta e, com precisão cirúrgica, acertou o pezinho entre as pernas do primeiro guarda à porta. Vinte pares de olhos lacrimejaram por compaixão.

Rincewind segurou o chapéu e tentou mergulhar debaixo da mesa mais próxima, mas a mão que o agarrava era de aço. O segundo guarda a se aproximar levou uma facada na coxa. Depois, a garota sacou uma espada comprida feito agulha e ergueu— a ameaçadoramente.

— Mais alguém? — perguntou.

Um dos guardas suspendeu uma balista. O bibliotecário, que estava sentado, debruçado sobre sua bebida, estendeu um braço que parecia dois cabos de vassoura amarrados com elástico e deu— lhe um tapa. O dardo ricocheteou na estrela do chapéu de Rincewind e acertou a parede, ao lado de um respeitado alcoviteiro, sentado a duas mesas

dali. O guarda— costas dele lançou outra faca, que quase atingiu um ladrão do outro lado do bar, que ergueu uma cadeira e acertou dois guardas, que espancaram quem estava mais perto deles, bebendo. Depois disso, uma coisa meio que levou a outra, e logo todos lutavam para tentar algo — ou fugir, ou revidar.

Rincewind se viu arrastado para trás do balcão. O proprietário estava ali debaixo, sentado nos sacos de dinheiro, com dois facões cruzados sobre os joelhos, aproveitando um drinque tranqüilo. De vez em quando, o barulho de móveis se quebrando o fazia encolher.

A última coisa que Rincewind viu antes de ser arrastado dali foi o bibliotecário. Apesar de parecer um saco peludo cheio de água, o orangotango tinha o peso e o tino de qualquer homem do bar e estava, agora, sentado nos ombros de um guarda, tentando, com relativo sucesso, desparafusar sua cabeça.

Mais preocupante para Rincewind era o fato de ele estar sendo levado para o andar de cima.

— Minha cara senhorita — disse, em desespero. — O que você pretende?

— Existe uma passagem para o telhado?

— Existe. O que há nessa caixa?

— Psiu!

Ela se deteve numa curva do sujo corredor, vasculhou a pochette e espalhou um punhado de pequenos objetos de metal pelo chão. Cada qual consistia em quatro pregos soldados, de maneira que não importava o modo como as peças caíam: um deles sempre apontava para cima.

A garota analisou o vão de porta mais próximo.

— Você não teria um metro de corda aí? — perguntou, esperançosa.

Ela havia sacado outra faca e estava brincando com ela.

— Acho que não — respondeu Rincewind, com voz sumida.

— Que pena! A minha acabou. Tudo bem, vamos lá.

— Por quê? Eu não fiz nada!

Ela se dirigiu à janela mais próxima, abriu as persianas e parou com uma perna sobre o peitoril.

— Tudo bem — falou. — Fique aí e explique aos guardas.

— Por que estão seguindo você?

— Não sei.

— Ah, qual é! Deve haver um motivo!

— Ah, são vários motivos. Só não sei por qual deles. Você vem?

Rincewind hesitou. A guarda pessoal do Patrício não era conhecida por oferecer um policiamento comunitário solidário, preferindo sair cortando pedaços. Entre as coisas das quais os guardas não gostavam, estavam, bem, basicamente pessoas que se encontravam no mesmo universo. Era provável que fugir deles fosse crime capital.

— Acho que vou com você — disse Rincewind, galante. — Mulher sozinha pode acabar em apuros nessa cidade.

Uma neblina gelada enchia as ruas de Ankh— Morpork. Os letreiros luminosos dos vendedores de rua produziam pequenos halos amarelados na névoa densa. Da esquina, a menina espiou o movimento.

— Nós os despistamos — informou. — Pare de tremer. Você está seguro agora.

— O quê?! Agora que estou sozinho com uma maníaca assassina? — disse Rincewind. — Ótimo.

Ela se acalmou e riu dele.

— Estive observando você — comentou. — Uma hora atrás, estava com medo de que o futuro pudesse ser monótono e desinteressante.

— Eu quero que seja monótono e desinteressante — rebateu Rincewind, com azedume. — Meu medo é que seja curto.

— Vire-se — ela pediu, entrando num beco.

— Nem por decreto — ele objetou.

— Vou tirar a roupa.

Rincewind deu meia— volta, o rosto vermelho. Ouviu um leve ruge— ruge e sentiu um sopro de perfume. Depois de um tempo, ela disse:

— Pode olhar.

Não olhou.

— Não se preocupe. Vesti outra.

Ele abriu os olhos. A menina usava um recatado vestido branco de renda, com mangas encantadoramente bufantes. Ele abriu a boca. Notou com grande clareza que, até então, o problema havia sido simples e modesto. Nada de que não pudesse escapar, se tivesse uma boa chance, ou, se isso não acontecesse, com uma boa corrida. O cérebro

começou a enviar mensagens urgentes a correr pelos músculos, mas, antes que eles pudessem reagir, a garota já tinha lhe agarrado o braço outra vez.

— Você realmente não deveria ficar tão nervoso — observou com doçura. — Agora, vamos dar uma olhada nisso.

Ela removeu a tampa da caixa redonda, que se encontrava nos braços de Rincewind, e retirou o chapéu de arqui-reitor.

As octarinas em torno da copa cintilavam nas oito cores do espectro, criando, no beco enevoado, o tipo de efeito que demandaria um diretor de efeitos especiais muito talentoso e toda uma série de filtros para que fosse realizado por meios que não envolvessem mágica. Quando ela o suspendeu no ar, o objeto criou uma nebulosa de cores própria que muito poucas pessoas chegam a ver em circunstâncias lícitas.

Rincewind caiu de joelhos.

Ela o fitou, intrigada.

— Cansaço nas pernas?

— E... é o chapéu! O chapéu de arqui-reitor! – exclamou Rincewind, com a voz rouca. Os olhos se comprimiam. – Você o roubou! — gritou, voltando a se levantar e tentando pegar a aba brilhante.

— É só um chapéu.

— Passe para mim, agora mesmo! Mulher não pode encostar nele! Pertence aos magos!

— Por que você está tão nervoso? — surpreendeu— se.

Rincewind abriu a boca. Rincewind fechou a boca. Ele queria dizer: "É o chapéu de arqui-reitor, entende? É usado pelo cabeça de todos os magos, bem, na cabeça do cabeça de todos os magos, não, metaforicamente é usado por todos os magos, pelo menos em tese, e é ao que todo mago aspira, é o símbolo da magia organizada, o ponto alto da carreira, um símbolo, que significa para todos os magos..."

E assim por diante. Rincewind fora avisado sobre o chapéu no primeiro dia de Universidade, e aquilo havia se afundado em sua mente impressionável feito peso de chumbo em gelatina. Ele não tinha certeza de muita coisa nesse mundo, mas estava certo de que o chapéu de arqui-reitor era importante. Talvez até os magos precisassem de um pouco de magia na vida.

Rincewind, chamou o chapéu.

Ele encarou a garota.

— Falou comigo!

— Como uma voz na sua cabeça?

— É.

— Também falou comigo.

— Mas sabia meu nome!

É claro, idiota. Afinal de contas, somos um chapéu mágico.

A voz do chapéu não era apenas aveludada. Tinha, também, um estranho efeito de coral, como se diversas vozes falassem ao mesmo tempo, em uníssono quase perfeito.

Rincewind se aprumou.

— Ó grande e maravilhoso chapéu — disse, cheio de pompa —, acabe com essa menina insolente, que teve a audácia, mais que isso, a...

Ah, cale a boca. Ela nos roubou porque ordenamos que o fizesse. E foi coisa rápida.

— Mas ela é... — começou Rincewind, e então vacilou. — Ela é do sexo feminino... — sussurrou.

Sua mãe também.

— E, bem, mas ela fugiu antes de eu nascer — murmurou Rincewind.

De todas as tavernas infames da cidade, você tinha de entrar na dele, reclamou o chapéu.

— Foi o único mago que achei — respondeu a garota. — Parecia direito. Tinha "Mago" escrito no chapéu e tudo o mais.

Não acredite em tudo que lê. Bem ou mal, agora é tarde. Não temos muito tempo.

— Espere aí, espere aí — apressou— se em intervir Rincewind. — O que está acontecendo? Você quis que ela o roubasse? Por que não temos muito tempo? — Ele apontou um dedo acusatório para o chapéu. — De qualquer maneira, você não pode sair por aí se deixando roubar, deveria estar na... na cabeça do arqui-reitor! A cerimônia era hoje à noite, eu deveria estar lá...

Vem acontecendo algo terrível na Universidade. E vital que não voltemos para lá, entende? Vocês precisam nos levar para Klatch, onde

existe alguém digno de nos usar.

— Por quê?

Havia algo muito estranho na voz, decidiu Rincewind. Parecia impossível desobedecê-la, como se fosse o próprio destino. Se ela o mandasse atravessar um despenhadeiro, ele estaria a meio caminho do chão quando lhe ocorresse desobedecer.

A morte de todos os magos está próxima.

Rincewind olhou à volta, a consciência pesada.

— Por quê? — indagou.

O mundo vai acabar.

— De novo?

Estou falando sério, irritou-se o chapéu. A vitória dos Gigantes do Gelo, o Apocralipse, a Hora do Chá dos Deuses, essa coisa toda.

— Podemos impedir?

O futuro é incerto nesse ponto.

A fisionomia horrorizada de Rincewind serenou aos poucos.

— É um enigma? — perguntou ele.

Talvez fosse mais fácil se você apenas fizesse o que estamos pedindo e não tentasse entender tudo, sugeriu o chapéu. Moça, por favor, coloque— nos de volta à caixa. Em breve muita gente estará nos procurando.

— Ei, espere aí — insistiu Rincewind. — Há anos eu o vejo por aí, e você nunca falou.

Não havia nada a ser dito. Rincewind assentiu. Parecia razoável.

— Ponha isso logo na caixa e vamos dar o fora — propôs a garota.

— Senhorita, um pouco mais de respeito — pediu Rincewind, cheio de orgulho ferido. — Você está falando do símbolo da magia dos magos.

— Então você leva — decidiu ela.

— Ei — chamou Rincewind, arrastando— se atrás da menina, que só se deteve depois de atravessar algumas vielas, cruzar uma rua estreita e entrar num beco entre duas casas de tal modo inclinadas que os andares superiores chegavam a se tocar.

— O quê? — perguntou ela, afinal.

— Você é o ladrão misterioso, não é? — quis saber. — Todos andam falando de você, de como roubou coisas de lugares impossíveis e tal. Você é diferente do que imaginei...

— Ah — soltou ela. — Como?

— Bem, é... mais baixa.

— Ora, vamos.

Os lampiões de rua, não exatamente comuns naquela parte da cidade, ali acabavam por completo. Não havia nada adiante, além da escuridão absoluta.

— Eu disse vamos — repetiu. — De que está com medo?

Rincewind respirou fundo.

— Assassinos, assaltantes, bandidos, malfeitores, ladrões, facínoras, espancadores, estupradores, duelistas e vândalos — respondeu ele. — Você está entrando nas Sombras! (NOTA: O boletim do Grêmio dos Mercadores de Ankh— Morpork, Bem— vindus a Ankh— Morporke, Cidadi di Mil Surpresas, descreve a área de Morpork chamada de "As Sombras" como "uma redi folclórica de becus velhos e ruas pitorescas, ondi animação e romanci si incontram im cada isquina e ondi si podem ouvir us tradicionais gritus di rua e também u risu dus cidadões qui cuidam di seus negócios". Em outras palavras: nós avisamos.).

— E, mas ninguém vai entrar aqui para nos procurar — ela argumentou.

— Ah, vão entrar, sim, só não vão sair — respondeu Rincewind. — Nem nós. Quer dizer, mulher bonita como você... nem é bom pensar... as pessoas daqui...

— Mas eu terei você para me proteger — alegou.

Rincewind imaginou ouvir barulho de passos algumas ruas distante.

— Eu sabia que você ia dizer isso — observou.

Homem que é homem deve andar em ruas perigosas, pensou ele. E, em algumas delas, correr.

Naquela noite nublada de primavera, o breu era tão grande nas Sombras que estava escuro demais para percebermos o avanço de Rincewind pelas ruas soturnas, de modo que o trecho descritivo subirá para além dos telhados decorados e do mar de chaminés e se deterá nas poucas estrelas tremeluzentes que conseguiam se infiltrar nas nuvens revoltas. Tentaremos ignorar os ruídos que vêm de baixo — os

passos, as corridas, os gemidos, o som cartilaginoso, os gritos abafados. Pode ser que algum animal selvagem esteja andando pelas Sombras, após duas semanas de fome. Em algum lugar próximo ao centro das Sombras — o distrito nunca foi propriamente mapeado — , há um pequeno jardim. Ali, existem ao menos tochas nos muros, mas a luz emanada é a luz das próprias Sombras: medíocre, avermelhada e negra no meio.

Rincewind cambaleou para o jardim e apoiou-se no muro. A menina surgiu à luz rubra da tocha ao lado, cantarolando.

— Você está bem? — perguntou.

— Uuuurrrgh — respondeu Rincewind.

— O quê?

— Aqueles homens... — murmurou ele. — A maneira como você os chutou no... quando você os segurou pelo... quando socou aquele outro bem no... quem é você?

— Meu nome é Conina.

Impassível, Rincewind encarou-a durante algum tempo.

— Desculpe —ele disse. — Não me diz nada.

— Faz pouco tempo que cheguei aqui — justificou.

— É, imaginei que você não fosse dessas bandas — notou. — Eu teria ouvido falar.

— Estou hospedada na cidade. Vamos entrar? Rincewind viu o poste encardido, visível apenas à luz enfumaçada das tochas acesas. Indicava que a pensão por trás da portinha escura se chamava Cabeça de Troll.

Pode-se imaginar que a Tambor Remendado, cenário de brigas virtuosas apenas uma hora antes, seja uma taverna indecorosa. Na verdade, ela era uma taverna decorosamente indecorosa. Os fregueses possuíam traços de respeitabilidade – podiam tranquilamente matar uns aos outros, como iguais, mas não o faziam por vingança. Qualquer criança poderia entrar ali para tomar limonada e estar certa de que não levaria nada além de um tapa na orelha quando a mãe ouvisse seu vocabulário expandido. Em noites tranqüilas, e quando tinha certeza de que o bibliotecário não apareceria, o proprietário chegava até a botar tigelas de amendoim no balcão. Cabeça de Troll era uma fossa de cheiro diferente. Os fregueses, caso se aprumassem e melhorassem de imagem a ponto de não se deixarem reconhecer, talvez, quem sabe,

poderiam aspirar a ser considerados a escória da humanidade. E, nas Sombras, escória é escória.

Por sinal, o negócio preso no poste não é uma placa. Quando decidiram chamar o lugar de Cabeça de Troll, não hesitaram.

Sentindo-se mal, e segurando a chapeleira junto ao peito, Rincewind entrou na pensão.

Silêncio. O silêncio envolveu-os quase tão espesso quanto a fumaça de uma dezena de substâncias que, seguramente, fariam derreter qualquer cérebro normal. Olhos desconfiados os fitavam através da fumaça.

Dois dados retiniram até parar sobre a mesa. O som ecoou alto, e os cubinhos provavelmente não mostravam o número da sorte de Rincewind.

Ao seguir taverna adentro a figura recatada e surpreendentemente pequena de Conina, ele estava ciente do olhar das dezenas de clientes. Então, mirou de esguelha o rosto de homens que o matariam sem pestanejar, e que acabariam descobrindo ser bem mais fácil do que imaginavam.

No local onde qualquer taverna de respeito teria o balcão, só havia uma fileira de garrafas negras atarracadas e dois grandes barris em cavaletes contra a parede.

O silêncio fechou-se como um torniquete. "Agora, a qualquer instante", pensou Rincewind.

Um homem grandalhão, vestido apenas com um colete de pele de animal e uma tanga de couro, levantou-se e piscou maliciosamente para os colegas. Quando a boca se abriu, parecia um buraco com bainha.

— Procurando homem, mocinha? — perguntou. Ela o encarou.

— Por favor, me deixe em paz.

Risos espocaram no salão. A boca de Conina fechou-se como uma caixa de correio.

— Ah — disse o grandalhão. — Isso mesmo, adoro mulher geniosa...

A mão de Conina agitou-se. Foi um movimento rápido, detendo-se apenas aqui e aqui: depois de alguns segundos de incredulidade, o homem soltou um grunhido e se curvou, bem devagar.

Rincewind encolheu-se quando todos os outros homens da taverna se inclinaram para frente. O instinto era correr, mas ele sabia se tratar de um instinto que o faria instantaneamente morto. Aquilo ali eram as Sombras. O que quer que acontecesse em seguida, aconteceria ali. Era animador.

Uma mão tapou-lhe a boca. Duas outras arrancaram a caixa de seus braços.

Conina rodopiou, erguendo a saia para depositar o pé num alvo perfeito, ao lado da cintura de Rincewind. Alguém gemeu ao ouvido dele e caiu. Com uma pirueta, a menina pegou duas garrafas, quebrou os fundos na prateleira e pousou com as extremidades pontudas erguidas à frente. Punhais de Morpork, como eram chamados na gíria das ruas.

Diante deles, a clientela da Cabeça de Troll perdeu o interesse.

— Alguém pegou o chapéu — murmurou Rincewind, por entre os lábios secos. — Saíram pelos fundos.

Ela o fitou e correu até a porta. Os fregueses da Cabeça de Troll instantaneamente debandaram, como tubarões reconhecendo outro tubarão, e Rincewind disparou atrás dela antes que tirassem qualquer conclusão a seu respeito.

Os dois atravessaram outro beco. Rincewind tentava acompanhar os passos da menina. Quem a seguia costumava pisar em objetos pontudos, e ele não tinha certeza de que ela lembraria que ele estava do seu lado, qualquer que fosse esse lado.

Caía uma garoa fina. E no fim do beco havia um leve fulgor azul.

— Espere!

O horror na voz de Rincewind bastou para fazê-la afrouxar o passo.

— O que aconteceu?

— Por que ele parou?

— Vou perguntar — disse Conina, inabalável.

— Por que está coberto de neve?

Ela se deteve e deu meia-volta, com os braços estendidos ao longo do corpo e um dos pés batendo impacientemente no chão molhado de pedras.

— Rincewind, conheço você há uma hora e estou chocada que tenha conseguido sobreviver até agora!

— É, mas consegui, não consegui? Tenho talento para o negócio. Pergunte a qualquer um. Sou viciado.

— Viciado em quê?

— Em vida. Fiquei ligado a ela desde muito cedo e não quero abrir mão. Então, vá por mim, aquilo ali não está me parecendo nada bom!

Conina voltou a olhar para o homem envolto na resplandecente aura azul. Ele parecia olhar para algo nas mãos.

A neve caía em seus ombros feito caspa. Caspa em fase terminal. Rincewind tinha tino para essas coisas e desconfiava de que o homem havia passado do ponto em que xampu teria alguma serventia.

Os dois avançaram de lado, junto ao muro.

— Tem alguma coisa muito estranha nele — admitiu ela.

— Você está falando do fato de ele ter uma nevasca particular?

— Não parece incomodá-lo. Ele está sorrindo.

— Um sorriso congelado.

As mãos do homem haviam congelado abrindo a tampa da caixa, e o brilho das octarinas do chapéu reluzia nos dois olhos cobiçosos, já cobertos de gelo.

— Você o conhece? — perguntou Conina.

Rincewind encolheu os ombros.

— De vista — respondeu. — Chama-se Larry, o Raposa, ou Fezzy, o Arminho. Sei lá. Enfim, um roedor. Ele só rouba, é inofensivo.

— Parece estar morrendo de frio — penalizou-se Conina.

— Espero que tenha ido para um lugar mais quente. Não acha melhor fecharmos a caixa?

É perfeitamente seguro agora, garantiu a voz do chapéu, em meio ao fulgor. E que assim acabem todos os inimigos da magia.

Rincewind não parecia disposto a confiar nas palavras de um chapéu.

— Precisamos de alguma coisa para fechar a tampa — sussurrou.

— Uma faca, talvez. Você tem uma?

— Olhe para lá — pediu Conina.

Novamente, Rincewind ouviu o ruge-ruge e sentiu o sopro de perfume.

— Pode olhar agora.

Conina passou-lhe uma faca de 30 centímetros. Ele pegou-a com tato. Pequenas partículas de metal cintilavam na ponta.

— Obrigado — disse ele, virando-se. —Vai ficar sem nenhuma?

— Tenho outras.

— Aposto que sim.

Rincewind estendeu a faca com cuidado. Quando o objeto se aproximou da caixa de couro, a lâmina ficou branca e começou a desprender vapor. Ele soltou um gemido quando o frio lhe atingiu a mão — um frio abrasador e penetrante, que lhe subiu pelo braço e lhe atacou a mente. O mago forçou os dedos dormentes a se moverem e, com grande esforço, cutucou a beira da tampa com a ponta da lâmina.

O brilho sumiu. A neve virou garoa.

Com delicadeza, Conina empurrou-o de lado e tirou a caixa dos braços congelados.

— Você bem poderia fazer alguma coisa por esse homem. Parece errado simplesmente deixá-lo aí.

— Ele não vai se incomodar — argumentou Rincewind com convicção.

— É, mas você poderia ao menos encostá-lo no muro. Ou sei lá.

Rincewind pegou pelo braço o bandido congelado. O homem escorregou e caiu no chão. Onde se espatifou. Conina olhou para os cacos.

— Eca! — soltou.

Ouviu-se um tumulto mais adiante, vindo da porta dos fundos da Cabeça de Troll. Rincewind sentiu a faca escapar-lhe da mão e passar zunindo pelo seu ouvido, num trajeto horizontal que culminou no batente da porta, a vinte metros de distância. A cabeça que ali estava se encolheu às pressas.

— E melhor sairmos daqui — sugeriu Conina, correndo pelo beco. — Tem algum lugar onde a gente possa se esconder? Sua casa?

— Geralmente durmo na Universidade — desculpou-se Rincewind, trotando no encalço dela.

Você não deve voltar a Universidade, resmungou o chapéu, das profundezas da caixa. Distraído, Rincewind assentiu. A idéia certamente não o atraía.

— De qualquer forma, mulheres não podem entrar lá durante a noite — disse Rincewind.

— E de dia?

— Também não.

Conina suspirou.

— Que idiotice. Que problema os magos têm com as mulheres?

Rincewind franziu a testa.

— Não podemos ter nada com elas — explicou. — Esse é o problema.

A funesta névoa cinzenta enredava-se nas docas de Morpork, escorregando pelo cordame, enovelando os telhados molhados, escondendo-se nos becos. Muitas pessoas achavam que, à noite, o cais era ainda mais perigoso do que as Sombras. Dois assaltantes, um arruaceiro e um indivíduo que havia apenas cutucado o ombro de Conina, a fim de lhe perguntar as horas, já haviam descoberto isso.

— Posso fazer uma pergunta? — pediu Rincewind a Conina, dando um passo por cima do infeliz que se encontrava deitado às voltas com sua própria dor.

— Sim?

— Não quero ofender.

— Sim?

— Só que não pude deixar de notar...

— O que é?

— Você tem um jeito especial de lidar com estranhos. — Rincewind agachou, mas nada aconteceu.

— O que está fazendo aí embaixo? — perguntou Conina, irritada.

— Desculpe.

— Sei o que está pensando. Não posso evitar, puxei a meu pai.

— Mas quem era ele? Cohen, o Bárbaro?

Rincewind sorriu para mostrar que se tratava de brincadeira. Os lábios abriram-se num desespero crescente.

— Não precisa me gozar.

— O quê?

— Não é minha culpa.

Os lábios de Rincewind moveram-se sem produzir qualquer som.

— Desculpe — disse, afinal. — Entendi direito? Seu pai realmente é Cohen, o Bárbaro?

— É — respondeu a garota, lançando um olhar mal-humorado para Rincewind. —Todo mundo tem pai — acrescentou. — Imagino que até você.

Da esquina, ela espiou a rua.

— Está vazia. Vamos — chamou e, quando os dois já avançavam pelo chão de pedras, prosseguiu: — Imagino que seu pai tenha sido mago.

— Acho que não — objetou Rincewind. — Magia não pode passar de pai para filho.

Ele se deteve. Conhecia Cohen e havia até sido convidado para um de seus casamentos, quando o bárbaro esposou uma garota da idade de Conina. Podia-se dizer o seguinte de Cohen: ele enchia todas as horas de minutos.

— Muita gente adoraria puxar a Cohen. Quer dizer, ele era o melhor lutador, o melhor ladrão, o...

— Muitos homens gostariam — rebateu Conina.

Ela encostou-se num muro e fitou-o.

— Escute aqui — disse. — Existe uma palavra comprida... Uma bruxa velha me ensinou... mas não consigo lembrar... Vocês, magos, conhecem palavras compridas.

Rincewind pensou em palavras longas.

— Marmelada? — arriscou.

Ela sacudiu a cabeça.

— Significa que passa de pai para filho.

Rincewind franziu as sobrancelhas. Não era muito bom no quesito "pais".

— Cleptomania? Reincidente? — sugeriu.

— Começa com H.

— Hedonismo? — propôs, em desespero.

— Heridiatário — lembrou Conina. — Essa bruxa me explicou. Minha mãe era dançarina do templo de algum deus ensandecido, e meu pai a salvou... Eles ficaram juntos durante algum tempo. Dizem que herdei a aparência dela.

— E também é maravilhosa — elogiou Rincewind, com incorrigível gentileza.

Ela corou.

— É... bem... mas dele eu herdei tendões com os quais se pode atracar um navio, reflexos de cobra, uma ânsia terrível de roubar e, sempre que conheço alguém, essa sensação medonha de que deveria atirar uma faca em seu olho, a trinta metros de distância. E eu consigo — acrescentou ela, com uma sombra de orgulho.

— Nossa.

— Isso costuma afastar os homens.

— Imagino que sim — concordou.

— Quer dizer, quando descobrem, fica difícil segurar o namorado.

— A não ser pela garganta.

— Não é o ideal para quem pretende construir uma relação.

— Não — reconheceu Rincewind. — Por outro lado, é ótimo, se você quer ser uma ladra famosa.

— Mas não é — disse Conina —, se eu quiser ser uma cabeleireira.

— Ah.

Eles olharam a névoa.

— Cabeleireira mesmo? — perguntou Rincewind.

Conina suspirou.

— Imagino que não haja muita demanda de cabeleireira bárbara — considerou o mago. — Ninguém quer corte de cabeça.

— Só que, toda vez que vejo um estojo de manicure, sinto uma vontade louca de usar e abusar do alicate de unha — confessou Conina.

Rincewind suspirou.

— Sei como é — adiantou. — Eu queria ser mago.

— Mas você é mago!

— Ali. Bem, claro, mas...

— Silêncio!

Rincewind foi jogado contra o muro, onde um pingo de névoa condensada começou, inexplicavelmente, a lhe descer pelo pescoço. Uma faca larga havia surgido na mão de Conina, e ela estava agachada como um animal selvagem, ou, ainda pior, como um ser humano selvagem.

— O que... — começou Rincewind.

— Quieto! — sussurrou a moça. — Tem alguma coisa vindo! Ela se ergueu num movimento suave, girou numa das pernas e atirou a

faca. Ouviu— se um único baque surdo de madeira. Conina levantou-se e observou. Pela primeira vez, o sangue heróico que corria em suas veias — e minava qualquer possibilidade de levar uma vida atrás de um avental cor-de-rosa — pareceu perder o rumo.

— Acabei de matar uma arca — lamentou ela.

Da esquina, Rincewind foi espiar. A Bagagem estava parada no meio da rua gotejante, com a faca ainda a vibrar na tampa, e olhava a garota. Depois mudou ligeiramente de posição, as pernas movendo-se num intrincado passo de tango, e encarou Rincewind. A Bagagem não tinha fisionomia nenhuma, além da fechadura e de duas dobradiças, mas conseguia sustentar o olhar melhor que um bando de iguanas. Ela poderia até mesmo sustentar o olhar em direção a uma estátua com globos oculares de vidro. Quando se tratava de um olhar que manifestasse traição, a Bagagem deixava no chinelo qualquer cocker spaniel chutado. Trazia várias flechas e espadas fincadas na madeira.

— O que é isso? — sussurrou Conina.

— É só a Bagagem.

— É sua?

— Não exatamente. Mais ou menos.

— Perigosa?

A Bagagem mudou de posição para encará-la novamente.

— Existem duas escolas de pensamento a esse respeito – explicou Rincewind. — Tem as pessoas que dizem que ela é perigosa e as pessoas que dizem que ela é muito perigosa. O que você acha?

A Bagagem abriu um pouco a tampa.

Ela era feita da sábia madeira de pereira, planta de tal modo mágica que quase se extinguira no Disco: só crescia em um ou dois lugares. Era uma espécie de epilóbio, só que, em vez de locais bombardeados, nascia em áreas que haviam testemunhado vasto consumo de magia. A vara dos magos era tradicionalmente feita com ela; a Bagagem também.

Entre suas qualidades mágicas, havia uma bem simples e exata: ela seguiria o dono adotado a qualquer lugar. Não a qualquer lugar restrito a determinado quadro de dimensões, país, universo ou tempo de vida. A qualquer lugar. Era tão difícil de se livrar quanto dor de cabeça e consideravelmente mais desagradável.

A Bagagem também protegia o dono. Seria difícil descrever sua postura em relação ao resto do mundo, mas poderíamos começar com a expressão "malevolência nata" e continuar a partir daí.

Conina mirou a tampa. Parecia uma boca.

— Acho que eu votaria por "extremamente perigosa" — disse.

— Ela gosta de batatas fritas — observou Rincewind, e acrescentou: — Bem, isso ficou um pouco forte. Ela come batatas fritas.

— E gente?

— Ah, e gente. Acho que umas quinze pessoas, até agora.

— Boas ou más?

— Mortas. Também lava nossas roupas. A gente bota as peças ali, e saem lavadas e passadas.

— Cobertas de sangue?

— Sabe, isso é que é engraçado — notou Rincewind.

— Engraçado? — repetiu Conina, sem despregar os olhos da Bagagem.

— E, porque o interior nem sempre está igual, parece meio multidimensional e...

— O que ela acha das mulheres?

— Ah, não é seletiva. Ano passado, comeu um livro de feitiços. Ficou amuada durante três dias e então cuspiu.

— É horrível — avaliou Conina, afastando-se.

— Ah, é — concordou o mago. — Completamente.

— Quer dizer, o jeito como ela encara...

— É ótima nisso, não é?

Devemos partir para Klatch, irrompeu a voz na chapeleira. *Esses navios servem. Apropriem-se de um.*

Rincewind olhou as formas sombrias e anuviadas que pairavam sob o mar de cordames. Aqui e ali, as luzes de ancoragem criavam um pequeno clarão difuso no breu.

— Difícil desobedecer, não é? — perguntou Conina.

— Estou tentando — confirmou Rincewind.

O suor lhe brotou da testa.

Embarquem agora, ordenou o chapéu.

Os pés de Rincewind começaram a avançar por conta própria.

— Por que está fazendo isso comigo? — resmungou.

Porque não tenho escolha. Pode acreditar, se eu pudesse, teria encontrado um mago de oitavo nível. Eu não posso ser usado!

— Por que não? Você é o chapéu de arqui-reitor!

E, através de mim, falam todos os arqui-reitores que já viveram. Sou a Universidade. Sou a doutrina. Sou o símbolo da magia controlada pelo homem... e não serei usado por nenhum fonticeiro! Não pode mais haver fonticeiros! O mundo está gasto demais para a fonticeria!

Conina tossiu.

— Entendeu alguma coisa? — perguntou, com cautela.

— Entendi em parte, mas não acreditei — respondeu Rincewind.

Seus pés continuavam plantados no chão de pedras.

Ousaram me chamar de chapéu-de-ferro, a ser usado por um testa-de-ferro! A voz exalava sarcasmo. *Magos gordos, que traem tudo que a Universidade representa... e ainda me chamam de chapéu-de-ferro! Rincewind, eu prometo. E à senhorita. Sirvam-me bem, e concederei seu maior desejo.*

— Como pode conceder meu maior desejo se o mundo vai acabar?

0 chapéu pareceu pensar no assunto.

Bem, você tem um maior desejo que só leve dois minutos?

— Olhe aqui, como pode fazer magia? Você não passa de um...

A voz de Rincewind se perdeu.

Eu SOU a magia. Magia de verdade. Além disso, ninguém é usado pelos melhores magos do mundo, durante 2 mil anos, sem aprender alguma coisa. Agora, devemos partir. Mas com dignidade, é claro.

Rincewind encarou Conina, que encolheu os ombros novamente.

— Não pergunte a mim — disse ela. — Está cheirando a aventura. Estou fadada a isso. É genético. (NOTA: No Disco, o estudo da genética havia fracassado em estágio prematuro, quando os magos tentaram o cruzamento experimental entre ervilhas e moscas. Infelizmente, eles não entenderam os princípios fundamentais da ciência, e a prole resultante — uma espécie de ervilha que zumbia — teve vida curta e triste, até ser devorada por uma aranha).

— Mas eu sou péssimo nisso! Pode acreditar, passei por dezenas de aventuras! — explicou.

Ah, experiência, exclamou o chapéu.

— Não exatamente. Sou um tremendo covarde. Sempre fujo — argumentou Rincewind. — O perigo só me vê de costas!

Não quero que você se meta em perigo.

— Ótimo!

Quero que você fique LONGE do perigo. Rincewind fraquejou:

— Por que eu?

Pela Universidade. Pela honra dos magos. Por amor ao mundo. Pela vontade do seu coração. E porque vou deixá-lo congelado, se não for.

O mago suspirou de alívio. Ele não era nada bom em aceitar subornos, adulações ou apelos à boa índole. Mas ameaças eram familiares. Ele sabia lidar com ameaças.

No Dia dos Pequenos Deuses, o sol raiou como um ovo mal escaldado. A névoa havia se fechado sobre Ankh-Morpork em faixas de ouro e prata: úmida, quente e silenciosa. Das planícies, vinha o murmúrio distante de trovões primaveris. Fazia mais calor do que deveria.

Os magos normalmente dormem tarde. Naquela manhã, porém, muitos haviam se levantado cedo e encontravam-se vagando ao acaso pelos corredores. Era possível sentir a mudança no ar.

A Universidade estava se enchendo de magia.

Em geral, é claro, ela já era cheia de magia mesmo, mas se tratava de magia velha e tranqüila, tão estimulante e perigosa quanto um par de chinelos. Agora, atravessando esse tecido antigo havia uma nova magia, aguçada e vibrante, clara e fria como fogo de cometa. Ela transpunha as pedras e estalava nas arestas feito eletricidade estática no tapete de nylon da Criação. Zumbia e chiava. Enrolava a barba dos magos e brotava, em fiapos de fumaça octarina, de dedos que havia três décadas não tinham feito nada mais místico do que uma pequena ilusão passageira. Como descrever o resultado com gosto e delicadeza? Para a maioria dos magos, era como ser o homem de idade avançada que, subitamente confrontado com uma jovem bonita, descobre, entre o espanto, o deleite e a perplexidade, que a carne, subitamente, está tão bem-disposta quanto o espírito.

E nos corredores da Universidade a palavra se fazia ouvir, sussurrada: Fonticeria!

Sorrateiramente, alguns magos tentaram feitiços que havia anos não conseguiam realizar e, espantados, observaram sua execução perfeita. A princípio, com timidez; depois, com confiança; e, então, com gritos e clamores, lançavam bolas de fogo uns nos outros, tiravam pombos dos chapéus ou faziam purpurinas multicoloridas caírem do céu.

Fonticeria! Um ou dois magos, homens nobres que até então não haviam praticado nada mais censurável do que comer ostras vivas, ficaram invisíveis e puseram-se a perseguir empregadas corredor afora.

Fonticeria! Algumas almas corajosas haviam experimentado antigos feitiços de vôo e agora pairavam vacilantes entre os caibros. Fonticeria!

Apenas o bibliotecário não tomou o café da manhã. Observou as caretas durante algum tempo, franzindo os lábios preensores, e, então, retirou-se em direção à biblioteca. Se alguém estivesse preocupado em dispensar alguma atenção, teria ouvido o ruído de porta se trancando.

Fazia silêncio na biblioteca. Os livros já não estavam mais agitados. Haviam passado do medo às águas calmas do terror absoluto e encontravam-se dispostos nas prateleiras como coelhos hipnotizados.

Um braço comprido e peludo se estendeu e pegou o Diccionário Completto de Maghia com Preceittos para os Sábios, de Casplock. Antes que o livro conseguisse se afastar, tranqüilizou-o com a mão de dedos longos e abriu-o na letra F. O bibliotecário acalmou a página estremecida e correu a unha dura pelos verbetes até chegar a:

Fonticeiro. S.m. (mittico). Protomagho, canal por onde a maghia nova pode entrar no mundo, magho que não é limitado pelas cappacidades físicas do corpo, pelo Desttino ou pela Mortte. Está escrito que havia fonticeiros nos primórdios do mundho, mas não pode haver hoje. E que assim seja, porque a fonticeria não se desttina aos homens. Portanto, a voltta da fonticeria seria o Fim do Mundo. ..Se o Criaddor quisesse que o homem fosse igual aos deuses, teria lhe dado asas. CONSULTE TAMBÉM: Apocralipse, Lenda dos Gighantes do Gelo e Hora do Chá dos Deuses.

O bibliotecário leu os verbetes sugeridos, voltou ao primeiro e fitou-o, com olhos sombrios, durante algum tempo. Devolveu cuidadosamente o livro à estante, arrastou-se para debaixo da mesa e cobriu a cabeça com o cobertor.

Mas, na tribuna dos trovadores do salão principal, Carding e Lingote observavam a cena com sentimentos totalmente diversos. Parados lado a lado, os dois pareciam formar o número 10.

— O que está acontecendo? — perguntou Lingote. Ele não havia dormido à noite e não vinha conseguindo pensar direito.

— A magia está fluindo para dentro da Universidade – explicou Carding. — Fonticeiro é isso. Um canal para a magia. Magia de verdade, meu filho. Não o troço antigo e enfraquecido de que vínhamos nos valendo nos últimos séculos. Esse é o alvorecer de uma... de uma...

— Nova, hum, aurora?

— Exatamente. Um tempo de milagres, um... um...

— Ânus mirabilis?

Carding franziu a testa.

— É — disse, afinal. — Algo assim, imagino. Você é bom com as palavras, sabia?

— Obrigado, irmão.

O mago sênior pareceu ignorar o grau de intimidade. Deu meia-volta e apoiou-se na cerca talhada, assistindo às exibições mágicas. As mãos automaticamente dirigiram-se ao bolso, em busca do saco de tabaco, e depois pararam. Ele sorriu e estalou os dedos. Um cigarro aceso surgiu em sua boca.

— Há anos não conseguia fazer isso — comentou. – Grandes mudanças, meu filho. Eles ainda não se deram conta, mas é o fim das ordens e dos níveis. Isso tudo não passava de um... sistema de racionamento. Não há mais necessidade. Onde está o garoto?

— Na cama... — começou Lingote.

— Estou aqui — disse Coin.

Ele estava parado sob o arco que levava aos aposentos do mago sênior, segurando a vara de octirona que tinha o dobro de seu tamanho. Pequenos veios de fogo amarelo cintilavam em sua superfície negra e fosca, escura a ponto de parecer uma fenda no mundo.

Lingote sentiu os olhos dourados atravessarem-no, como se seus pensamentos mais íntimos viessem se desenrolando no fundo do cérebro.

- Ah — o soltou, numa voz que acreditava alegre e afetuosa, mas que, de fato, parecia o estertor da morte. Depois de um começo desses, sua contribuição só poderia piorar, e foi o que aconteceu: — Estou vendo que você, hum, levantou — disse.

— Meu filho — animou-se Carding.

Coin dirigiu-lhe um olhar frio e demorado.

— Vi você ontem à noite — notou o menino. — É poderoso?

— Só um pouco — respondeu Carding, lembrando rapidamente a tendência que o menino tinha de tratar magia como queda-de-braço. — Mas não tão poderoso quanto você.

— Preciso ser arqui-reitor, como é o meu destino.

— Ah, claro — confirmou Carding. — Sem dúvida. Posso dar uma olhada na vara? Que desenho interessante...

Ele estendeu a mão rechonchuda.

Era uma tremenda falta de educação. Nenhum mago jamais pensaria em tocar o bastão de outro mago sem permissão manifesta. Mas tem gente que não acredita que criança seja completamente humana e acha que bons modos não se aplicam a ela.

Os dedos de Carding fecharam-se na vara negra.

Houve um barulho, que Lingote mais sentiu do que ouviu. Carding saiu quicando pela galeria e bateu na parede oposta, com um ruído de saco de banha de porco caindo no chão.

— Não faça isso — pediu Coin.

O menino deu meia-volta, encarou Lingote, que estava pálido, e acrescentou:

— Vá ajudá-lo. Ele não deve ter se machucado muito.

O tesoureiro cruzou a galeria e inclinou-se para Carding, que respirava com dificuldade e exibia uma coloração estranha. Bateu na mão inerte até que o mago sênior abrisse um dos olhos.

— Viu o que aconteceu? — cochichou.

— Não tenho certeza. Hum. O que aconteceu? – sussurrou Lingote.

— Ela me mordeu.

— Na próxima vez que tocar a vara — falou Coin, distraído — , você morre. Entendido?

Carding levantou a cabeça devagar, para impedir que algum pedaço caísse.

— Entendido — respondeu.

— E, agora, eu gostaria de conhecer a Universidade — anunciou o garoto. —Já ouvi falar muito a respeito...

Lingote ajudou Carding a se levantar e escorou o colega ao avançarem, obedientemente, atrás do menino.

— Não toque na vara — advertiu Carding.

— Vou me lembrar, hum, disso — garantiu Lingote. — Qual é a sensação?

— Já foi mordido por víbora?

— Não.

— Então vai saber exatamente a sensação.

— Hummm?

— Não parecia nem um pouco mordida de cobra.

Eles seguiram o vulto determinado de Coin, que desceu os degraus da escada e atravessou o destruído vão de porta do salão principal.

Lingote adiantou— se, ansioso por causar boa impressão.

— Este é o salão principal — entusiasmou— se. Coin voltou— lhe o olhar dourado, e o mago sentiu a boca secar. — Tem esse nome porque é um salão, entende? E é o principal.

Ele engoliu em seco.

— E um salão importante - continuou, esforçando - se para impedir que o resto de coerência fosse consumido pelo projetor daquele olhar.

— Um salão importante, que é o motivo de ser chamado...

— Quem é essa gente? — cortou Coin.

Ele apontou com a vara. Os magos ali reunidos, que haviam se virado para vê-lo entrar, recuaram, como se o bastão fosse um lança-chamas.

Lingote acompanhou o olhar do fonticeiro. Coin apontava para os retratos e as estátuas dos arqui-reitores, que decoravam as paredes. De barba e chapéu pontudo, segurando pergaminhos ornamentais ou misteriosas peças simbólicas de equipamentos astrológicos, eles

olhavam para baixo com soberba extrema ou, possivelmente, constipação crônica.

— Dessas paredes — informou Carding —, duzentos magos supremos nos observam.

— Não gostei deles — considerou Coin, e a vara desprendeu chamas octarinas.

Os arqui-reitores sumiram.

— E as janelas são pequenas demais...

— O teto é alto demais...

— Tudo é velho demais...

Os magos se jogavam no chão à medida que a vara chispava. Lingote cobriu os olhos com o chapéu e rolou para debaixo de uma mesa quando o próprio tecido da Universidade começou a brotar ao redor. A madeira estalava, as pedras gemiam.

Alguém lhe cutucou a cabeça. Ele gritou.

— Pare com isso! — berrou Carding, acima do vozerio. — E ponha o chapéu! Mostre um pouco de dignidade!

— Então por que você está debaixo da mesa? — perguntou Lingote, irritado.

— Devemos aproveitar a oportunidade!

— Pegamos a vara?

— Siga-me!

Lingote emergiu num mundo novo e claro, terrivelmente claro.

Não mais as paredes toscas de pedra. Não mais os escuros caibros habitados por corujas. Não mais o chão de ladrilhos, com seu desenho em preto e branco. Não mais, tampouco, as pequenas janelas altas, com a suave pátina de gordura antiga. Pela primeira vez, a luz do sol entrava no salão.

Boquiabertos, os magos se entreolharam, e o que viram não era o que sempre achavam ter visto. Os implacáveis raios de sol transformavam os pomposos ornamentos de ouro num empoeirado brilho artificial, mostravam que os tecidos luxuriantes eram de veludo puído e sujo, convertiam as belas barbas esvoaçantes em maçarocas manchadas de nicotina, revelavam que os esplêndidos diamantes eram, antes, pedras inferiores. A luz fresca avançava, despindo as sombras reconfortantes.

E — Lingote tinha de admitir — o que sobrou não inspirava confiança. Ele de repente se deu conta de que, por baixo do manto — do manto esfarrapado e encardido, o que notou com um acesso adicional de culpa, do manto com furo de ratos —, ainda usava chinelos.

O salão passara a ser quase todo de vidro. O que não era vidro era mármore. Tudo parecia tão esplêndido que Lingote não se sentia à altura.

Virou-se para Carding e viu que o colega fitava Coin com brilho nos olhos.

A maioria dos outros magos trazia a mesma fisionomia. Se um mago não se deixasse atrair por poder, não seria mago, e aquilo era poder de verdade. A vara os hipnotizara como a uma naja.

Carding estendeu o braço para tocar o ombro do menino, mas pensou duas vezes.

— Magnífico — exclamou.

Virou-se para os outros magos e ergueu as mãos.

— Irmãos — anunciou —, temos entre nós um mago de grande poder!

Lingote puxou-lhe o manto.

— Ele quase matou você — sussurrou.

Carding o ignorou.

— E eu o recomendo... — continuou ele, engolindo em seco. — Eu o recomendo para arqui-reitor.

Houve um instante de silêncio, depois uma salva de palmas e gritos de discordância. Estouraram diversas brigas no fundo do salão. Os magos da frente não se encontravam tão preparados para discutir. Enxergavam o sorriso de Coin. Era frio e radiante, como o sorriso da lua.

Houve tumulto, e um mago mais velho abriu caminho até a frente da multidão.

Lingote reconheceu Ovin Hakardly, mago de sétimo nível e professor da doutrina. Ele estava vermelho de raiva, a não ser onde se mostrava branco de ódio. Quando falou, as palavras cortaram o ar como facas, aparadas como planta de topiaria, quebradiças como biscoito.

— Você enlouqueceu? — perguntou. — Só magos de oitavo nível podem ser arqui-reitor! E ele deve ser eleito pelos outros magos sêniores, em sessão solene! (Devidamente conduzida pelos deuses, é claro.) É a doutrina! (Que idéia!).

Hakardly havia estudado a doutrina mágica durante muitos anos e, como a magia costuma ser um processo de mão dupla, ela havia deixado sua marca. O homem dava a impressão de ser frágil como palha e, de alguma forma inexplicável, a intensidade de seus esforços havia lhe dado a capacidade de pronunciar os sinais de pontuação.

Ele permaneceu ali, parado, tremendo de indignação e cada vez mais solitário. Na verdade, era o centro de um crescente círculo de chão margeado por magos subitamente prontos para jurar jamais terem deitado olhos nele.

Coin havia levantado a vara.

Hakardly ergueu um dedo acusador.

— Rapaz, você não me assusta — rebateu. — Pode ter talento, mas só talento mágico não basta. Existem outras qualidades necessárias ao grande mago. Capacidade administrativa, por exemplo, sabedoria e...

Coin baixou a vara.

— A doutrina se aplica a todos os magos, não é? — perguntou.

— Claro! Ela foi criada...

— Mas eu não sou mago, lorde Hakardly.

O mago hesitou.

— Ah — soltou, e hesitou novamente. — Bom argumento — considerou, afinal.

— Mas sei da necessidade de sabedoria, precaução e bons conselhos, e ficaria honrado se o senhor me oferecesse esses bens tão estimados. Por exemplo... por que os magos não governam o mundo?

— O quê?

— É uma pergunta simples. Existem nessa sala... — os lábios os lábios de Coin mexeram— se por uma fração de segundo — ... 472 magos, versados na mais requintada das artes. Ainda assim, tudo que governam são esses poucos hectares de má arquitetura. Por quê?

Os magos mais velhos trocaram olhares sugestivos.

— Pode parecer assim — respondeu Hakardly, por fim. — Mas, meu filho, temos domínios que fogem ao poder temporal. — Os olhos dele brilhavam. — A magia pode nos levar a lugares íntimos de mistério...

— Eu sei, eu sei — irritou-se Coin. — Mas existem muros bem sólidos delimitando a Universidade. Por quê?

Carding passou a língua nos lábios. Era extraordinário. O menino estava dizendo o que ele pensava.

— Vocês brigam pelo poder — prosseguiu Coin, candidamente — , mas, além desses muros, para o lixeiro ou para o comerciante médio, será que existe tanta diferença assim entre o mago de nível e um mero adivinho?

Hakardly fitou-o completamente perplexo.

— Meu filho, é óbvio até para o mais medíocre dos cidadãos — afirmou. — O próprio manto e os acessórios...

— Ah — disse Coin. — O manto e os acessórios. É claro.

Um silêncio pesado tomou conta da sala.

— Ao que me parece — argumentou Coin, afinal — os magos só governam outros magos. Quem governa o mundo lá fora?

— No que diz respeito à cidade, seria lorde Vetinari, o Patrício — respondeu Carding, com cautela.

— E é um governante justo?

Carding pensou na resposta. Dizia-se que a rede de espiões do Patrício era extraordinária.

— Eu diria — arriscou ele, com tato — que ele é injusto, mas escrupulosamente imparcial. É injusto com todos, sem temores ou concessões.

— E vocês estão satisfeitos com isso? — insistiu Coin.

Carding tentava não cruzar com os olhos de Hakardly.

— Não é questão de estar satisfeito — alegou. — Acho que não

pensamos muito no assunto. A verdadeira vocação do mago...

— E verdade que os sábios sofrem por se deixarem governar assim?

Carding resmungou:

— Claro que não! Não seja ridículo! Apenas toleramos. É sabedoria, você vai aprender quando crescer, uma questão de aguardar o momento certo...

- Onde está o Patrício? Eu gostaria de vê-lo.

— Podemos arranjar isso — animou-se Carding. — O Patrício está sempre disposto a conceder entrevista aos magos e...

— Agora eu vou lhe conceder uma entrevista — cortou o garoto.

— Ele precisa aprender que os magos aguardam o momento certo há tempo demais. Afastem-se, por favor.

O menino apontou a vara.

O atual governante de Ankh-Morpork estava sentado na cadeira, ao pé da escada que levava ao trono, procurando algum sinal de inteligência nos relatórios da inteligência. O trono encontrava-se vazio havia mais de 2 mil anos, desde a morte do último da estirpe dos reis de Ankh. A lenda dizia que, um dia, a cidade teria rei novamente e mencionava espadas mágicas, marcas de nascença e todas essas coisas de que falam as lendas dessa espécie.

Na realidade, a única qualificação essencial era a capacidade de se manter vivo, por mais de cinco minutos, após revelar a existência de qualquer espada mágica ou marca de nascença, porque as grandes famílias de mercadores de Ankh vinham governando a cidade durante os últimos vinte séculos e se mostravam tão dispostas a renunciar ao poder quanto alguns moluscos a soltar a rocha.

O atual Patrício, chefe da riquíssima e poderosa família Vetinari, era alto, magro e, aparentemente, tinha tanto sangue-frio quanto um pingüim morto. Só de olhar para ele, já dava para afirmar que se tratava do tipo de homem que possui um gato branco, ao qual acaricia indolentemente ao condenar indivíduos a morte em tanques de piranhas. E poderíamos arriscar a dizer que, provavelmente, colecionava porcelanas raras, revirando-as entre os dedos brancos enquanto gritos distantes ecoavam das profundezas dos calabouços. Não deixaríamos de supor que usava a palavra “encantador" e tinha lábios finos. Parecia o tipo de pessoa que, quando pisca, a gente marca no calendário.

Quase nada disso era verdade, embora ele tivesse um pequeno terrier bem velho, de pêlos duros, chamado Wuffles, que cheirava e rosnava para as pessoas. Dizia-se que era a única coisa no mundo com a qual ele realmente se importava. É claro que, às vezes, mandava torturar pessoas até a morte, mas isso era considerado conduta perfeitamente aceitável para o governante municipal e, em geral, ganhava aprovação da maioria esmagadora dos cidadãos (NOTA: Sendo a maioria esmagadora dos cidadãos, neste caso, definida como todos os que não se encontravam pendurados de cabeça para baixo numa cova cheia de escorpiões.).

O povo de Ankh era prático e achava que o decreto do Patrício proibindo mímica e teatro de rua compensava uma porção de coisas. Não era um reinado absoluto de terror, havia apenas saraivadas ocasionais.

O Patrício suspirou e depositou o último relatório sobre a imensa pilha, ao lado da cadeira.

Quando era pequeno, havia visto um artista que conseguia manter uma dúzia de pratos girando no ar. Se o homem conseguisse realizar o mesmo truque com uma centena, imaginava Vetinari, ele estaria quase pronto para aprender a arte de governar Ankh-Morpork, cidade já descrita como um formigueiro às avessas, sem sua organização típica.

Olhou para fora da janela, viu a distante Torre de Arte, centro da Universidade Invisível, e se perguntou se aqueles velhos idiotas não conseguiriam inventar uma forma mais fácil de examinar toda aquela papelada. E claro que não conseguiriam... Não se podia esperar que um mago entendesse alguma coisa tão elementar quanto espionagem cívica.

Ele suspirou novamente e pegou a transcrição do que o presidente do Grêmio dos Ladrões havia dito ao assistente, à meia-noite, na sala à prova de som escondida atrás do escritório, na sede do grêmio, e... estava no salão princip...

Não estava no salão principal da Universidade Invisível, onde havia suportado jantares intermináveis, mas havia muitos magos à volta, e pareciam todos...

... diferentes.

Como Morte — com quem alguns cidadãos menos afortunados achavam que ele se parecia bastante — , o Patrício nunca ficava com raiva até ter tempo para pensar no assunto. Só que, às vezes, pensava muito rápido.

Olhou os magos ali reunidos, mas havia qualquer coisa que o fez engasgar com as palavras de indignação. Os homens pareciam ovelhas que, de repente, tivessem encontrado um lobo preso no exato momento em que ouviam falar na idéia de que a união faz a força.

Havia algo estranho em seus olhos.

— O que significa esse absur... — começou, mas hesitou e concluiu: —... isso? Brincadeira do Dia dos Pequenos Deuses?

Seus olhos se encontraram com os do menino que segurava a vara de metal comprida. A criança sorria o sorriso mais antigo que o Patrício já havia visto.

Carding tossiu.

— Meu lorde — disse.

— Fale logo — resmungou lorde Vetinari.

Carding interviera com timidez, mas o tom do Patrício havia sido um pouquinho autoritário demais. Os nós dos dedos do mago ficaram brancos.

— Eu sou mago de oitavo grau — murmurou —, e você não vai falar assim comigo.

— Muito bem — aprovou Coin.

— Levem-no para o calabouço — ordenou Carding.

— Não temos calabouço — objetou Lingote. — Isso aqui é uma Universidade.

— Então levem-no para a adega — decidiu Carding. — E, enquanto estiverem lá embaixo, construam o calabouço.

— Tem alguma idéia do que está fazendo? — perguntou o Patrício. — Eu exijo saber o que significa isso...

— Você não exige nada — rebateu Carding. — E significa que, de hoje em diante, os magos governam, como ficou estabelecido por nós. Agora levem-no...

— Vocês? Governarem Ankh-Morpork? Magos que mal conseguem governar a si mesmos?

— É!

Carding sabia que não era muito bom em termos de respostas espirituosas e já havia se dado conta de que o cachorro Wuffles, que fora transportado com o dono, havia trotado pela sala e, agora, observava de perto suas botas.

— Então, todo homem verdadeiramente sábio vai preferir a segurança de um bom calabouço — concluiu o Patrício. — Agora, parem com essa bobagem e me levem de volta ao palácio. Assim, pode ser que não falemos mais nisso. Ou que, pelo menos, vocês não tenham a oportunidade.

Wuffles desistiu de investigar as botas de Carding e avançou em direção a Coin, soltando pêlos no caminho.

— Essa história já passou dos limites — reclamou o Patrício. — E estou ficando...

Wuffles rosnou. Foi um som forte e primitivo, que tocou a memória racial dos presentes e encheu a todos de uma grande vontade de subir em árvore. Lembrava vultos cinzentos e compridos caçando na aurora dos tempos. Era incrível que um animal tão pequeno encerrasse tanta ameaça, e toda ela se dirigia à vara, na mão de Coin.

O Patrício deu um passo adiante para pegar o animal. Carding ergueu a mão e lançou uma chama de brilho azul e laranja pela sala. O Patrício desapareceu. No lugar em que estava, um pequeno lagarto amarelo piscava, encarando a todos com malevolente estupidez reptiliana.

Abismado, Carding fitou os próprios dedos durante algum tempo.

— Muito bem — sussurrou, com voz rouca.

Os magos olharam o lagarto arfante e miraram a cidade, resplandecente àquela hora da manhã. Lá estavam o conselho dos edis, a vigilância municipal, o Grêmio dos Ladrões, o Grêmio dos Mercadores, os sacerdócios... e ninguém sabia o que estava prestes a acometê-los.

Começou, disse o chapéu, de dentro da caixa, sobre o convés.

— Começou o quê? — perguntou Rincewind.

O domínio da fonticeria.

Rincewind pareceu indiferente.

— Isso é bom?

Você, alguma vez, entende alguma coisa que lhe dizem? Nesse quesito, Rincewind sentia-se em terreno mais firme.

— Não — respondeu. — Não sempre. Não ultimamente. Não muito.

— Tem certeza de que é mago? — quis saber Conina.

— É a única coisa de que sempre tive certeza — afirmou.

— Que estranho.

Rincewind estava sentado ao sol, sobre a Bagagem, na proa do Valsista Oceânico, enquanto o navio avançava tranqüilamente pelas águas esverdeadas do Mar Círculo. Ao redor, homens faziam coisas náuticas que ele tinha certeza de serem importantes, e ele esperava que as viessem fazendo direito, porque, depois de altura, o que mais detestava eram profundezas.

— Parece preocupado — comentou Conina, que estava cortando seu cabelo.

Rincewind tentava encolher a cabeça o máximo que podia quando as lâminas se agitavam à volta.

— E porque estou.

— O que exatamente é o apocralipse?

Rincewind hesitou.

— Bem — disse, afinal. — É o fim do mundo. Mais ou menos.

— Mais ou menos? Mais ou menos o fim do mundo? Quer dizer que vamos ficar na dúvida? Vamos olhar para os lados e perguntar: "Com licença, você ouviu algo?"

— É porque os videntes não concordam entre si. Teve um monte de profecias meio vagas. Algumas louquíssimas. Então, deram o nome de apocralipse — ele parecia constrangido. — Uma espécie de apocalipse apócrifo. Um tipo de trocadilho, entendeu?

— Não é dos melhores.

— Não. Imagino que não. (NOTA: Em questão de trocadilho, o gosto dos magos era mais ou menos o mesmo que tinham para objetos brilhantes).

A tesoura de Conina não parava.

— O capitão pareceu bem feliz por nos ter a bordo — observou ela.

— É porque acham que é bom ter mago a bordo — explicou Rincewind. — Claro que não é.

— Muita gente acredita que seja — rebateu a moça.

— Ah, é bom para as outras pessoas, não para mim. Eu não sei nadar.

— Nem uma braçada?

Rincewind hesitou, mexendo com cuidado na estrela do próprio chapéu.

— Você faz idéia de qual é a profundidade do mar aqui? — perguntou.

— Umas doze braças, talvez.

— Então, devo conseguir nadar umas doze braças, o que quer que seja isso.

— Pare de tremer assim, quase cortei sua orelha — irritou-se Conina. Ela encarou um marinheiro de passagem e agitou a tesoura no

ar. — Qual é o problema, nunca viu mulher cortando cabelo de homem?

Alguém no cordame fez um comentário que provocou ondas de risos obscenos no mastaréu do joanete. Ou, talvez, fosse o castelo de proa.

— Vou fingir que não ouvi — decidiu Conina, e deu um puxão violento no pente, desalojando várias criaturinhas indefesas.

— Ai!

— Você não pára quieto!

— E difícil ficar quieto sabendo quem está passando duas lâminas de metal na minha cabeça!

E assim transcorreu a manhã, com ondas de vento, estalos do cordame e um complexo corte de cabelo em camadas. Mais tarde, olhando-se num pedaço de espelho, Rincewind teve de admitir que havia sido uma grande melhora.

O capitão informara que o destino era a cidade de Al Khali, na costa central de Klatch.

— Como Ankh, só que com areia em vez de terra — definiu Rincewind, apoiando-se na amurada. — Mas um excelente mercado escravo.

— A escravidão é imoral — asseverou Conina.

— É? Nossa! — disse Rincewind.

— Quer que eu apare a barba? — perguntou Conina, esperançosa.

Ela parou, com a tesoura na mão, e olhou o mar:

— Existe algum tipo de marujo que use canoa com partes extras nas laterais, uma espécie de olho vermelho pintado na frente e uma vela pequena? — perguntou.

— Já ouvi falar de piratas escravocratas Klatchianos — disse Rincewind. — Mas esse barco aqui é grande. Acho que um desses não ousaria nos atacar.

— Um não — concordou Conina, ainda olhando a área difusa onde o mar e o céu se confundem. — Mas cinco, talvez.

Rincewind fitou a neblina distante e voltou os olhos para o homem de guarda, que sacudiu a cabeça.

— Qual é? — indagou, sorrindo com o humor de um ralo entupido. — Você não está vendo nada. Está?

— Dez homens em cada canoa — assentiu Conina.

— Olhe aqui, brincadeira é brincadeira...

— Com longas espadas recurvas.

— Bem, posso ver que...

— ... os cabelos compridos e sujos, soprando ao vento...

— Com pontas duplas, imagino — ironizou Rincewind.

— Está tentando ser engraçado?

— Eu?

— E aqui estou eu, desarmada — lamentou Conina, investigando o convés. —Aposto que não tem nenhuma espada decente neste navio.

— Não se preocupe. Talvez só tenham vindo fazer uma escova rápida.

Enquanto Conina vasculhava a bolsa, Rincewind dirigiu-se à chapeleira e abriu a tampa com cuidado.

— Não tem nada lá, tem? — perguntou.

Como vou saber? Ponha-me.

— O quê? Na cabeça?

Deuses do céu.

— Mas eu não sou arqui-reitor! — alarmou-se Rincewind. — Quer dizer, ouvi falar de sangue-frio, mas...

Preciso usar seus olhos. Agora me ponha. Na cabeça.

— Hum.

Confie em mim.

Rincewind não conseguiu desobedecer. Com cuidado, tirou o próprio chapéu cinza e amarfanhado da cabeça, olhou a estrela capenga na ponta e puxou o chapéu de arqui-reitor para fora da caixa. Era mais pesado do que havia imaginado. As octarinas, em torno da copa, brilhavam de leve.

Ele o colocou, devagar, sobre o novo corte de cabelo, segurando firme a aba para o caso de sentir o primeiro calafrio.

Na verdade, sentiu-se apenas incrivelmente leve. E teve uma sensação de enorme sabedoria e poder — não presentes de fato, mas, mentalmente falando, na ponta de sua língua metafórica.

Estranhos fiapos de lembrança lhe corriam pela mente, e não eram lembranças de que ele recordasse possuir antes. Sondou, com precaução, como se toca dente quebrado com a língua, e eram...

duzentos arqui-reitores, enfileirados no passado denso e glacial, um atrás do outro, observavam-no com impassíveis olhos acinzentados.

Por isso é tão frio, disse Rincewind a si mesmo, o calor penetra no mundo dos mortos. Ah, não...

Quando o chapéu falou, ele viu duzentas bocas se mexerem ao mesmo tempo.

Quem é você?

Rincewind, pensou Rincewind. E, nos recantos mais íntimos da mente, tentou pensar apenas para si mesmo... socorro. Sentiu os joelhos começarem a se curvar sob o peso dos séculos.

Qual é a sensação de estar morto? - pensou.

A morte é como o sono, responderam os magos mortos.

Mas qual é a sensação?, insistiu Rincewind.

Você vai ter uma ótima chance de descobrir quando aquelas canoas de guerra chegarem aqui.

Com um grito de horror, ele tirou o chapéu da cabeça. A vida real voltou, mas, como alguém estava batendo um gongo perto de seu ouvido, não chegava a ser uma melhora muito grande. Agora as canoas já se mostravam visíveis, cruzando o mar num silêncio lúgubre. Aqueles remadores vestidos de preto bem poderiam estar aos berros e brados. Não seria menos pior, mas seria mais apropriado. O silêncio acusava um desagradável sentido de determinação.

— Minha nossa, foi horrível — reclamou. — Mas isso aqui também é.

Os membros da tripulação corriam no convés, com alfanjes na mão. Conina cutucou o ombro de Rincewind:

— Vão tentar nos levar vivos — informou.

— Ah — murmurou o mago. — Que bom.

Lembrou-se, então, de outra coisa sobre os traficantes klatchianos de escravos, e a garganta secou.

— Vão... vão querer você — observou. — Ouvi dizer o que fazem...

— Será que quero saber? — perguntou Conina.

Para horror de Rincewind, ela não havia achado nenhuma arma.

— Vão botar você num harém!

Ela encolheu os ombros.

— Podia ser pior.

— Mas você fica pendurada num pau, de cabeça para baixo... — começou Rincewind.

As canoas já estavam perto o bastante para se poder ver a expressão determinada dos remadores.

— Isso não é harém. E pau-de-arara. Você não sabe o que é harém?

— Hum...

Ela explicou. Ele corou.

— De qualquer maneira, vão ter de me pegar primeiro — disse.

— Você é que deveria se preocupar.

— Por que eu?

— E a única outra pessoa, aqui, usando saia.

Rincewind se aprumou.

— É um manto...

— Manto, saia... Melhor torcer para que saibam a diferença.

Uma grande mão, feito um cacho de bananas com anéis, agarrou Rincewind pelo ombro e virou-o. O capitão, natural de Centrolândia, com feições de urso, sorriu para ele, por trás da maçaroca de pêlos faciais.

— Ê! — disse. — Não sabem que tem mago a bordo! Para criar na barriga deles fogo verde! E?

A mata escura das sobrancelhas se franziu quando ficou claro que Rincewind não estava exatamente pronto para lançar feitiços de vingança nos invasores.

— Ê? — insistiu ele, fazendo uma única vogal realizar o trabalho de toda uma seqüência de ameaças medonhas.

— É, bem, já estou tentando... fazendo das tripas coração — alegou Rincewind. — É o que estou fazendo. Das tripas coração. O senhor quer fogo verde?

— Também chumbo quente correr nos ossos — sugeriu o capitão. — Também encher pele de bolhas, e escorpiões, sem dó, comerem cérebros por dentro, e...

A primeira canoa chegou à lateral do navio, e dois arpéus atingiram a amurada. Quando o primeiro pirata apareceu, o capitão saiu, desembainhando a espada. Parou por um instante e se virou para Rincewind:

— Vai logo — ordenou. — Ou nada de tripas nem coração. E?

Rincewind voltou-se para Conina, que estava encostada na amurada, examinando as unhas.

— É melhor começar — disse ela. — São cinqüenta fogos verdes e chumbos quentes para viagem, e uma porção caprichada de bolhas e escorpiões. Suspenda a dó.

— Isso sempre acontece comigo — reclamou ele.

Por sobre a amurada, o mago espiou o que considerava ser o pavimento principal do navio. Os invasores estavam vencendo pelo simples peso dos números, usando redes e cordas para prender a tripulação. Trabalhavam em silêncio absoluto, batendo e não se deixando bater, sempre que possível evitando o uso de espadas.

— Não podem estragar a mercadoria — concluiu Conina.

Em agonia, Rincewind viu o capitão ser derrubado por uma multidão de homens vestidos de preto, enquanto gritava: "Fogo verde! Fogo verde!"

Rincewind recuou. Não era nada bom em mágica, mas havia tido sucesso irrestrito em se manter vivo até então e não estava disposto a estragar o recorde. Apenas precisava aprender a nadar no tempo que se levava para submergir até o fundo do oceano. Valia a pena tentar.

— O que está esperando? Vamos embora enquanto eles estão ocupados — disse para Conina.

— Preciso de uma espada — rebateu ela.

— Daqui a pouco, você vai poder escolher.

— Uma basta.

Rincewind chutou a Bagagem.

— Vamos — chamou. — Você tem muito o que boiar.

A Bagagem estendeu as perninhas com petulância exagerada, virou-se devagar e se assentou ao lado da garota.

— Traidora — resmungou Rincewind para as dobradiças.

A luta parecia ter chegado ao fim. Cinco dos invasores subiram a escada que levava ao convés de ré, deixando que os outros homens arrebanhassem a tripulação. O líder tirou a máscara e olhou com malícia para Conina. Deu meia-volta e olhou com malícia para Rincewind por um período mais longo.

— Isso aqui é manto — tratou de afirmar Rincewind. — E é melhor você tomar cuidado, porque eu sou mago.

Ele respirou fundo, e disse:

— Se encostar um dedo em mim, vai me fazer desejar que não tivesse. Estou avisando.

— Mago? Magos dão péssimos escravos — considerou o líder.

— E a mais pura verdade — concordou Rincewind. — Então, se você puder abrir passagem e me deixar...

O líder se voltou para Conina e acenou para um dos colegas. Apontou o polegar tatuado na direção de Rincewind.

— Não o mate rápido demais. Aliás... — Ele parou e abriu um imenso sorriso para Rincewind. — Talvez... sim! E por que não? Sabe cantar, mago?

— Talvez — respondeu Rincewind, com cautela. — Por quê?

— Pode ser que você seja exatamente o homem de que o xerinfe precisa para um serviço no harém.

Dois dos traficantes riram.

— Pode ser uma oportunidade única — continuou o líder, incentivado pelo apreço da platéia.

Houve mais aprovação lá de trás. Rincewind se afastou.

— Acho que não — disse. — Obrigado, mesmo assim. Não fui talhado para esse tipo de coisa.

— Ah, mas pode ser — insistiu o líder, com os olhos brilhando. — Pode ser.

— Ora, por favor — murmurou Conina.

Ela olhou de esguelha para os homens a cada lado seu, e então as mãos se agitaram. O que foi apunhalado com a tesoura possivelmente não saiu tão mal quanto o que foi golpeado com o pente, dada a catástrofe que um pente de aço pode fazer no rosto de alguém. Depois, ela se agachou, pegou a espada solta por um dos homens atingidos e investiu contra os outros dois.

O líder voltou-se para os gritos e viu a Bagagem de tampa aberta. Rincewind lançou-se contra ele, jogando-o ao que quer que existisse nas profundezas da arca. Ouviu-se um começo de grito, abruptamente interrompido. Em seguida, houve um estalido semelhante ao trinco do portal do Inferno.

Rincewind recuou, tremendo:

— Oportunidade única — rosnou, tendo acabado de entender do que se tratava.

Pelo menos ele teve a oportunidade única de ver Conina lutar. Poucos homens assistiam a isso duas vezes.

Os adversários começaram rindo da audácia da jovem pequenina em atacá-los, para, logo depois, passarem rapidamente por vários estágios de perplexidade, dúvida, preocupação e terror, ao virarem o centro de um círculo fechado e reluzente de aço.

Ela liquidou o último guarda-costas do líder com dois golpes que fizeram os olhos de Rincewind lacrimejarem, e, com um suspiro, saltou a amurada do convés principal. Para irritação de Rincewind, a Bagagem decidiu segui-la, aparando sua queda no corpo de um pirata e aumentando o pânico dos invasores, porque, como se já não fosse terrível o bastante ser atacado com precisão cirúrgica por uma menina bonita de saia branca estampada de flores, era ainda pior para o ego do homem ser pisoteado e mordido por um acessório de viagem. Também fazia mal ao resto do homem.

Rincewind espiou por sobre a amurada.

— Exibida — murmurou.

Uma faca furou a madeira perto de seu queixo e ricocheteou, passando pela orelha. Ele ergueu a mão ao sentir uma dor aguda e olhou-a, horrorizado, antes de desmaiar. Não era sangue em geral que ele não podia ver, apenas o seu próprio sangue.

O mercado da Praça Sator, a grande extensão pavimentada de pedras, em frente ao portão negro da Universidade, estava em barafunda. Dizia-se que, em Ankh-Morpork, tudo se encontrava à venda, com exceção de cerveja e mulher, que apenas se alugavam. A maioria das mercadorias se achava à disposição no mercado da Sator, que, com o passar dos anos, havia crescido, uma barraca após a outra, até os recém-chegados terem de se acomodar junto à própria Universidade. Na verdade, elas formavam uma vitrine providencial para peças de fazenda e amuletos.

Ninguém notou o portão se abrir. Mas um grande silêncio rolou para fora da Universidade, espalhando-se, pela praça barulhenta e abarrotada, como as primeiras ondas frescas da maré correndo sobre o aguaçal. Na realidade, não era silêncio de fato, mas um imenso estrondo de antibarulho. Silêncio não é o contrário de som, apenas a sua ausência. Mas aquele era o som que existe no lado extremo do silêncio,

o antibarulho, com seus decibéis soturnos abafando, feito veludo, o vozerio do mercado.

As pessoas corriam os olhos à volta, abrindo a boca como peixes dourados e produzindo mais ou menos o mesmo efeito. Todas se viraram para o portão.

Algo mais rolava para fora da Universidade, além da dissonância de silêncio. As barracas mais próximas ao portão começaram a se arrastar pelo chão, deixando cair as mercadorias.

Os donos saltavam para longe quando as barracas acertavam a fileira de trás e prosseguiam, acumulando— se cada vez mais no canto, até que uma ampla avenida, limpa e vazia, se estendesse por toda a praça. Ardrothy Varalonga, Fornecedor de Tortas Cheias de Personalidade, espiou, por sobre os restos de sua barraca, a tempo de ver os magos surgirem.

Ele conhecia bem os magos, ou, até então, sempre julgara conhecê-los. Eram sujeitos obscuros, inofensivos à sua maneira, vestidos como sofás antigos, fregueses contumazes para qualquer uma de suas mercadorias que estivessem com preço mais baixo por causa do tempo, ou que mostrassem mais personalidade do que a dona-de-casa prudente estaria disposta a aceitar.

Mas aqueles magos eram novidade para Ardrothy. Entraram na Praça Sator como se fossem donos dela. Pequenas faíscas azuis cintilavam em torno dos pés. De algum modo, eles pareciam mais altos.

Ou talvez fosse apenas a maneira de andar. Sim, era isso...

Ardrothy tinha um pouco de magia em sua constituição genética e, ao ver os magos cruzarem a praça, pensou que o melhor a fazer seria guardar as facas e os aparelhos de picar carne na mochila, e sair da cidade dentro dos dez minutos seguintes.

O último mago do grupo havia ficado para trás e olhava a praça com desdém.

— Havia chafarizes aqui — disse ele. — Tratem de dar o fora!

Os mercadores se entreolharam. Os magos costumavam falar com arrogância, já era de se esperar. Mas havia um tom naquela voz que ninguém jamais havia ouvido. Era como se ela tivesse juntas.

Ardrothy olhou para o lado. Surgindo dos escombros da barraca de gelatina de mariscos e estrelas-do-mar, como um anjo, enquanto tirava moluscos da barba e exalava mau humor, vinha Miskin Koble, que

diziam ser capaz de abrir ostras com a mão. Anos arrancando moluscos de rochas e pescando amêijoas na baía de Ankh haviam lhe conferido o tipo de desenvolvimento físico normalmente associado a placas tectônicas. Mais do que levantar, ele se desdobrou.

Avançou para o mago e apontou um dedo trêmulo às ruínas da barraca, de onde meia dúzia de lagostas ousadas tentava escapar. Os músculos dos cantos da boca vibravam como enguias nervosas.

— Foi você que fez isso? — perguntou.

— Não amole, idiota — disse o mago. Três palavras que, na opinião de Ardrothy, davam-lhe a expectativa de vida de um sino de vidro.

— Eu detesto magos — irritou-se Koble. — Detesto mesmo. Por isso, vou bater em você, está bem?

Contraiu o punho e começou a desferir o soco.

O mago ergueu uma sobrancelha. Chamas amarelas levantaram-se em torno do vendedor de crustáceos, ouviu-se um barulho de seda rasgando, e Koble desapareceu. Tudo que sobrou foram suas tristes botas no chão, soltando fumaça.

Ninguém sabe por que botas enfumaçadas sempre sobram, independentemente do tamanho da explosão. Deve ser mais uma daquelas coisas.

Aos olhos de Ardrothy, pareceu que o próprio mago tinha ficado tão chocado quanto a multidão, mas ele se recompôs magnanimamente e fez um floreio com a vara.

— Vocês deveriam tirar uma lição disso — sugeriu. — Ninguém levanta a mão para um mago, entenderam? Vão acontecer algumas mudanças por aqui. Sim, o que você quer?

A última pergunta se dirigia a Ardrothy, que tentava passar por ali despercebido. Ele rapidamente suspendeu o tabuleiro de tortas.

— Eu só estava pensando se Vossa Reverência não gostaria de comprar uma dessas tortas deliciosas — apressou-se em dizer. — São nutriti...

— Vendedor de tortas, preste atenção — cortou o mago.

Ele estendeu a mão, fez um gesto estranho com os dedos e criou uma torta, em pleno ar. Era roliça, dourada e lustrosa. Só de olhar para ela, Ardrothy sabia que estava recheada de ponta a ponta com carne de porco sem gordura, de primeira, sem nenhuma daquelas áreas

espaçosas, de ar fresco, sob a casca, que representavam sua própria margem de lucro. Era o tipo de torta que os porquinhos querem ser quando crescer.

Ele sentiu o coração apertar. Sua ruína estava diante dos olhos, debaixo de uma leve camada crocante.

— Quer provar? — ofereceu o mago. — Tem muito mais, de onde veio essa.

— De onde quer que tenha vindo — disse Ardrothy.

Ele despregou os olhos da torta reluzente, fitou o rosto do mago e, no fulgor ensandecido daqueles olhos, viu o mundo virando de cabeça para baixo. Afastou-se, um homem arruinado, e partiu para o mais próximo portão da cidade.

Como se já não fosse terrível o bastante que os magos estivessem matando as pessoas, pensou ele com azedume, também estavam tirando seus meios de subsistência.

Um balde de água fria atingiu o rosto de Rincewind, arrancando-o do sonho pavoroso em que uma centena de mulheres mascaradas tentava lhe aparar o cabelo com espadas de folha larga. Depois de ter um pesadelo desses, alguns homens o descartariam, entendendo que significava medo de castração. Mas, quando se deparava com ele, o subconsciente de Rincewind reconhecia o pavor mortal de ser cortado em pedacinhos. E deparava-se com ele o tempo todo. Ele se sentou.

— Você está bem? — perguntou Conina, apreensiva.

Rincewind correu os olhos pelo convés tumultuado.

— Não necessariamente — respondeu, com cuidado.

Não parecia haver nenhum pirata escravocrata vestido de preto ao redor, pelo menos não na vertical. Havia alguns membros da tripulação, todos mantendo respeitosa distância de Conina. Só o capitão ficava razoavelmente perto, com um sorriso idiota estampado na cara.

— Foram embora — informou Conina. — Levaram o que puderam e se foram.

— Os imbecis — reclamou o capitão. — Mas remam rápido! —

Conina encolheu-se quando ele lhe deu um tapa nas costas. — Ela luta bem, para mulher — acrescentou. — Ê!

Cambaleante, Rincewind levantou. O navio seguia de vento em popa, na direção de uma mancha distante no horizonte, que deveria ser

Klatch Central. O mago estava totalmente incólume. Começou a se animar.

O capitão dirigiu aos dois um olhar camarada e afastou-se para dar ordens relacionadas a velas, cordas e coisas desse tipo. Conina sentou-se na Bagagem, que não pareceu se incomodar.

— Ele disse estar tão agradecido que vai nos levar até Al Khali — comentou.

— Achei que fosse esse o acordo — surpreendeu-se Rincewind. — Vi você dando o dinheiro a ele, e tal.

— É, mas ele pretendia nos dominar e me vender como escrava, ao chegarmos lá.

— E não ia me vender? — indignou-se Rincewind, e bufou. — Claro, é o manto de mago. Ele não se atreveria...

— Hum. Na verdade, falou que teria de dá-lo — disse Conina, passando a mão por uma lasca imaginária na tampa da Bagagem.

— Me dar?

— É. Hum. Tipo: na compra de cada concubina, leve um mago grátis. Hum.

— Não entendi a relação com as flores.

Conina encarou-o durante um longo tempo e, quando se deu conta de que ele não sorriria, suspirou e perguntou:

— Por que os magos ficam sempre tensos perto de mulher?

Rincewind levantou a cabeça.

— Gostei dessa! — exclamou. — Pois fique sabendo que... olhe aqui, enfim, eu me dou muito bem com as mulheres, de uma maneira geral, apenas mulher com espada é que me deixa meio perturbado. — Ele considerou isso durante algum tempo e acrescentou: — Qualquer pessoa com espada me deixa perturbado, se é essa a questão.

Conina continuava passando a mão na lasca. A Bagagem soltou um estalo de satisfação.

— Sei de mais uma coisa que vai deixá-lo perturbado — murmurou.

— Hummm?

— Roubaram o chapéu.

— O quê?

— Não pude fazer nada, carregaram o que puderam...

— Os invasores fugiram com o chapéu?

— Não use esse tom comigo! Não fui eu que fiquei dormindo o tempo todo...

Rincewind agitou as mãos.

— Nãnãnã, não fique exaltada, eu não estava usando tom nenhum... Quero pensar sobre isso...

— O capitão acha que os ladrões provavelmente vão voltar a Al Khali — Rincewind ouviu-a dizer. — Tem um lugar que os criminosos costumam freqüentar, e podemos...

— Não sei por que temos de fazer o que quer que seja — cortou Rincewind. — O chapéu queria ficar longe da Universidade, e tenho certeza de que aqueles piratas não vão, jamais, passar por lá para tomar um xerez rápido.

— Vai deixá-los irem embora com o chapéu? — perguntou Conina, genuinamente perplexa.

— Tudo bem que alguém tenha de ir atrás deles, mas por que eu?

— Você disse que o chapéu é o símbolo da magia! O desejo de todos os magos! Não pode deixá-lo sumir assim!

— Então, veja.

Rincewind recostou-se. Achava-se estranhamente surpreso. Estava tomando uma decisão. Era sua. Pertencia a ele. Ninguém o estava forçando. Às vezes, parecia que a vida inteira consistia em se meter em encrencas porque outras pessoas queriam. Mas, desta vez, ele havia tomado uma decisão, e ponto final. Desembarcaria em Al Khali e acharia um modo de voltar para casa. Outra pessoa poderia salvar o mundo, e ele desejava-lhe sorte. Por que não estava contente?

A testa se franziu. Por que não estava satisfeito?

Porque é a decisão errada, imbecil.

Ah, não, pensou. Já tive vozes suficientes na cabeça. Fora!

Mas meu lugar é aqui.

Você sou eu?

Sua consciência.

Ah.

Não pode deixar o chapéu ser destruído. Ele é o símbolo...

Tudo bem, eu sei...

... o símbolo da magia sob a doutrina. Magia sob o controle dos homens. Você não quer voltar àquela ira...

O quê?...

Ira...

Você quer dizer era?

Exatamente. Era. Voltar a era da magia em estado bruto. A estrutura da realidade tremulava todos os dias. Era terrível, estou me dizendo.

Como é que eu sei?

Memória coletiva.

Nossa. Eu tenho isso?

Bem... parte dela.

Tudo bem, mas por que eu?

No fundo da alma, você sabe que é mago de verdade. A palavra "mago" está escrita no seu coração.

— O problema é que eu não paro de conhecer pessoas que querem conferir — lamentou Rincewind.

— O que você disse? — perguntou Conina.

Rincewind fitou a mancha no horizonte e suspirou.

— Estava pensando alto — desculpou-se.

Carding examinou o chapéu. Contornou a mesa e olhou— o de outro ângulo. Por fim, disse:

— Está ótimo. Onde achou as octarinas?

— São apenas pedras semipreciosas de boa qualidade — respondeu Lingote. — Enganaram você?

Era um chapéu magnífico. Na verdade, e Carding tinha de admitir, a peça parecia bem melhor do que a original. O velho chapéu de arqui-reitor já se mostrava bem surrado, com os fios de ouro soltos e opacos. A réplica era um progresso considerável. Tinha estilo.

— Gosto especialmente das rendas — elogiou Carding.

— Levou um tempão.

— Por que não tentou mágica?

Carding mexeu os dedos e pegou a taça comprida que surgiu no ar. Debaixo do guarda-sol de papel e da salada de frutas, havia uma bebida alcoólica viscosa e cara.

— Não funcionou — explicou Lingote. — Não consegui, hum, acertar. Tive de costurar todas as lantejoulas à mão.

Ele pegou a chapeleira. Carding tossiu dentro da taça.

— Não o guarde ainda — pediu, tirando-o das mãos do tesoureiro. — Sempre quis experimentá-lo...

Ele se virou para o grande espelho na parede do quarto do tesoureiro e pôs o chapéu, reverentemente, sobre os cachos sujos.

Era o fim do primeiro dia de fonticeria, e os magos haviam conseguido mudar tudo, à exceção de si próprios.

Todos haviam tentado, na surdina, quando achavam que ninguém estava olhando. Até Lingote fez uma tentativa, na privacidade de seu gabinete. Havia conseguido ficar vinte anos mais jovem, com um abdômen no qual se poderia quebrar pedras, mas, tão logo deixou de se concentrar, voltou dolorosamente à idade e ao físico já conhecidos. Havia algo elástico na aparência. Quanto mais tentávamos afastá-la, mais rápido ela voltava. E era pior quando nos acertava. Bolas de ferro com espetos, espadas de folha larga e varas enormes, com pregos na ponta, geralmente eram consideradas armas temidas, mas não pareciam nada, se comparadas a vinte anos atirados com força na nossa cabeça.

Isso se dava porque a fonticeria parecia não funcionar em nada que fosse intrinsecamente mágico. Todavia, os magos haviam alcançado alguns progressos importantes. O manto de Carding, por exemplo, tinha virado uma peça de seda e renda, de extremo e requintadíssimo mau gosto, e lhe dava a aparência de uma grande gelatina vermelha, drapejada com sobrecobertas.

— Fica bem em mim, não fica? — perguntou Carding. Ele ajustou a aba do chapéu, conferindo-lhe um ar inapropriadamente libertino.

Lingote não respondeu. Estava olhando para fora da janela. Haviam acontecido algumas modificações, sim. Fora um dia longo.

Os velhos muros de pedra tinham sumido. Agora, havia uma cerca bonita. Para além dela, a cidade reluzia. Uma beleza de mármore branco e ladrilhos vermelhos. O Rio Ankh já não era o esgoto cheio de lodo que ele conhecia, mas a fulgurante faixa transparente onde — um belo remate — carpas roliças nadavam, em águas puras como neve derretida.(NOTA: Obviamente, os cidadãos de Ankh-Morpork sempre alegaram que a água do rio era incrivelmente pura. Qualquer água que houvesse passado por tantos rins, calculavam eles, tinha mesmo de ser pura.).

Vista do alto, Ankh-Morpork deveria estar ofuscante. Ela brilhava. Detritos milenares haviam sido eliminados.

Isso deixava Lingote estranhamente incomodado. Ele se sentia deslocado, como se estivesse vestindo roupas novas que coçassem. É claro que estava mesmo vestindo roupas novas, e elas de fato coçavam, mas não era esse o problema. O mundo novo mostrava-se todo muito bom, era exatamente como deveria ser, e, todavia... ele queria que tivesse mudado, pensou, ou apenas queria que as coisas tivessem se rearranjado de maneira mais conveniente?

— Perguntei se não ficou bom em mim — disse Carding.

Lingote se voltou, o rosto vago.

— Hum?

— O chapéu, infeliz.

— Ah. Hum. Muito... bom.

Com um suspiro, Carding tirou a peça exuberante da cabeça e meteu-a na chapeleira.

— Melhor levarmos para o garoto — disse. — Ele já está começando a perguntar.

— Ainda estou intrigado com o destino do verdadeiro chapéu — admitiu Lingote.

— Está aqui — afirmou Carding, batendo na tampa.

— Estou falando, hum, do original.

— Esse é o original.

— Estou falando...

— Esse é o chapéu de arqui-reitor — decretou Carding. — Você deveria saber, foi quem o fez.

— É, mas... — começou o tesoureiro, em desalento.

— Afinal de contas, você não faria uma falsificação, faria?

— Não, hum, assim...

— É só um chapéu. É o que quer que as pessoas imaginem. Vêem o arqui-reitor usando, acham que é o original. De certo modo é. As coisas se definem pelo que provocam. E as pessoas também, evidentemente. Essa é a base fundamental da magia dos magos.

Carding fez uma pausa teatral e botou a chapeleira nos braços abertos de Lingote.

— Cogitum fungu chappili, poderíamos dizer.

Lingote havia estudado línguas antigas e fez o melhor que pôde para decifrar a frase:

— Penso, logo sou um chapéu?, — arriscou.

— O quê? — perguntou Carding, ao descerem a escada que levava à nova encarnação do salão principal.

— Achei que eu fosse um chapéu louco? — insistiu Lingote.

— Fique quieto, está bem?

A névoa ainda pairava sobre a cidade, e suas faixas de ouro e prata viravam sangue à luz do sol poente, que se filtrava pelas janelas do salão.

Coin estava sentado num banco, com a vara sobre os joelhos. Ocorreu a Lingote que jamais vira o garoto sem ela, o que era estranho. A maioria dos magos deixava os bastões debaixo da cama ou os pendurava na lareira.

Ele não gostava daquela vara. Era preta. Mas não porque fosse daquela cor, antes porque parecia um vão ambulante para um quadro de dimensões terrível. Ela não tinha olhos, mas parecia fitar Lingote como se soubesse seus pensamentos mais íntimos, o que, naquele momento, era mais do que ele próprio sabia.

Sua pele formigou quando os dois magos cruzaram a sala, e foi possível sentir o sopro de magia em estado bruto subir do vulto ali sentado.

Algumas dezenas de magos sêniores encontravam-se amontoados em torno do banco, olhando embasbacados para o chão.

Lingote esticou o pescoço e viu... o mundo.

Flutuava numa poça de noite escura, estendida no próprio chão, e, com terrível certeza, Lingote se deu conta de que era de fato o mundo, não alguma imagem ou mera projeção. Havia traços de nuvem e tudo o mais. Lá estavam os desertos gelados de Centrolândia, o Continente Contrapeso, o Mar Círculo, a queda-dágua da Beira, tudo minúsculo e em tom pastel, todavia, real... Alguém estava falando com ele.

— Hum? — perguntou, e a súbita queda metafórica de temperatura o trouxe de volta à realidade.

Apavorado, percebeu que Coin havia lhe dirigido um comentário.

— Sim? — emendou. — É só que o mundo... tão bonito...

— Lingote é um esteta — notou Coin, e ouviu-se o riso breve de um ou dois magos que sabiam o significado da palavra. — Mas, quanto ao mundo, pode melhorar. Eu havia dito, Lingote, que por onde andamos vemos maldade, ganância e barbárie, o que nos mostra que o mundo, na verdade, é mal governado, não é?

Lingote sentiu duas dezenas de pares de olhos voltarem-se para ele.

— Hum — respondeu. — Bem, não podemos mudar a natureza humana.

Houve silêncio.

— Podemos? — alarmou-se.

— Isso ainda vamos ver — interveio Carding. — Mas, se alterarmos o mundo, a natureza humana também vai mudar. Não é, irmãos?

— Temos a cidade — disse um dos magos. — Eu mesmo criei um castelo...

— Governamos a cidade, mas quem governa o mundo? — insistiu Carding. — Deve haver mil reis, caciques e imperadores mixurucas por aí.

— Nenhum dos quais sabe ler sem mexer os lábios — salientou outro mago.

— O Patrício sabia ler — lembrou Lingote.

— Não se lhe cortássemos o indicador — objetou Carding. — Aliás, o que aconteceu com o lagarto?... Não importa. A questão é que o mundo certamente deveria ser governado por homens de sabedoria. Ele precisa ser conduzido. Passamos séculos brigando entre nós, mas, juntos, quem sabe o que podemos fazer?

— Hoje a cidade, amanhã o mundo — gritou alguém, lá de trás.

Carding assentiu.

— Amanhã o mundo e... — ele calculou rápido — ... Sexta-feira o universo!

Isso deixa o fim de semana livre, pensou Lingote. Lembrou-se, então, da chapeleira em suas mãos e estendeu-a para Coin. Mas Carding avançou para a frente dele, tomou a caixa num movimento delicado e ofereceu— a ao garoto, com um floreio.

— O chapéu de arqui-reitor — anunciou. — Legitimamente seu, todos nós achamos.

Coin pegou-a. Pela primeira vez, Lingote viu a incerteza cruzar-lhe o rosto.

— Não existe uma espécie de cerimônia formal? — perguntou o garoto.

Carding tossiu.

— Eu... hã, não — respondeu. — Acho que não. — Ele olhou para os outros magos sêniores, que sacudiram a cabeça. — Não. Nunca existiu. Afora o banquete, é claro. Hã... veja, não é uma

coroação. O arqui-reitor, sabe, ele rege à fraternidade dos magos... — a voz de Carding, aos poucos, minguava à luz daquele olhar dourado — ... é o... primeiro... entre... iguais...

Ele recuou quando a vara se ergueu assustadoramente, até apontar em sua direção. Mais uma vez, Coin parecia ouvir uma voz interior.

— Não — disse, afinal, e, quando falou em seguida, a voz apresentava aquela textura grave e ressonante que, se não somos magos, conseguimos apenas com muitos equipamentos caros de áudio. — Vamos fazer uma cerimônia. Tem de haver cerimônia, as pessoas precisam entender que os magos estão dominando. Mas não será aqui. Vou escolher um lugar. E todos os magos que já atravessaram esse portão vão comparecer, entendido?

— Alguns moram muito longe — objetou Carding, com cautela. — Vão levar algum tempo para viajar. Quando você estava pensando em...

— Eles são magos! — gritou Coin. — Podem estar aqui num piscar de olhos! Já dei a eles o poder! Além disso — a voz voltou ao tom normal — , a Universidade acabou. Nunca foi a verdadeira morada da magia, apenas sua prisão. Vou construir outro lugar para nós.

Ele tirou o chapéu da caixa e sorriu. Lingote e Carding prenderam a respiração.

— Mas...

Eles correram os olhos à volta. Hakardly, o professor da doutrina, havia começado a falar e, agora, limitava-se a abrir e fechar a boca. Coin virou-se para ele, uma sobrancelha erguida.

— Você não pretende fechar a Universidade... — disse o velho mago, com a voz trêmula.

— Ela já não é necessária — justificou Coin. — É um lugar de poeira e livros velhos. Faz parte do passado. Não é mesmo... irmãos?

Ouviu-se um coro de murmúrios incertos. Os magos achavam difícil imaginar a vida sem as velhas paredes da UI. Embora, pensando bem, houvesse de fato muita poeira, e os livros estivessem bem velhos...

— Afinal... Irmãos... algum de vocês esteve na biblioteca nesses últimos dias? A magia, agora, encontra-se dentro de vocês, e não aprisionada em capas duras. Não é maravilhoso? Existe alguém aqui que não tenha feito mais mágica, mágica de verdade, nas últimas 24 horas do que em toda a sua vida? Existe alguém aqui que, no fundo do coração, não concorde comigo?

Lingote estremeceu. No fundo de seu coração, um novo Lingote havia despertado e lutava para se fazer ouvir. Era um Lingote que ansiava por aqueles dias tranqüilos de apenas algumas horas antes, quando a magia se mostrava suave, vagava pela Universidade de chinelos velhos, sempre tinha tempo para um xerez, não era como uma espada quente no cérebro e, sobretudo, não matava ninguém.

Quando Lingote sentiu as cordas vocais ressoarem e, contra todos os seus esforços, prepararem-se para discordar, o pânico tomou conta dele. O bastão tentava localizá-lo. Dava para sentir a busca. A vara faria com que ele desaparecesse, exatamente como ao coitado do Billias. Lingote travou a boca, mas sentiu que não adiantaria. O peito se inchou. A boca estalou. Deslocando-se sem jeito, Carding lhe pisou o pé. Lingote soltou um grito.

— Desculpe — pediu Carding.

— Lingote, algum problema? — perguntou Coin.

O tesoureiro saltou numa das pernas, subitamente livre, o corpo tomado de alívio enquanto os dedos do pé ardiam de dor, mais agradecido do que qualquer pessoa, em toda a história do mundo, ficaria porque cem quilos de mago lhe tinham pisado o pé.

O grito pareceu quebrar o feitiço. Coin suspirou e se pôs de pé.

— Foi um ótimo dia — afirmou.

Eram 2 horas da manhã. A neblina fluvial serpenteava pelas ruas de Ankh-Morpork, mas serpenteava sozinha. Os magos não gostavam que as pessoas ficassem acordadas até depois da meia-noite,

portanto elas não ficavam. Em vez disso, dormiam o sono agitado dos enfeitiçados.

Na Praça das Luas Partidas, outrora mercado de prazeres secretos — em cujas barracas iluminadas e acortinadas o folião tardio conseguia qualquer coisa, desde um prato de enguias gelatinizadas, até a doença venérea de sua escolha —, a névoa serpenteava e caía no vazio gelado.

As barracas haviam desaparecido, substituídas pelo mármore brilhante e por uma estátua que representava o espírito de qualquer coisa, cercada de chafarizes iluminados. O som monótono da água era o único barulho a quebrar o colesterol de silêncio que dominava o coração da cidade.

O silêncio também reinava na escuridão da Universidade Invisível. Menos...

Lingote avançou pelos corredores sombrios como uma aranha de duas patas, correndo — ou, ao menos, coxeando rapidamente — , até alcançar a porta proibida da biblioteca. Olhou à volta na escuridão e, depois de hesitar um pouco, bateu de leve.

O silêncio vertia da madeira pesada. Mas, ao contrário do silêncio que dominava o resto da cidade, aquele era um silêncio alerta, vigilante. Era o silêncio do gato adormecido que acaba de abrir um olho.

Quando não agüentou mais, Lingote ficou de quatro e tentou espiar por debaixo da porta. Enfim, pôs a boca o mais perto possível da fenda ventosa e empoeirada, sob a última dobradiça, e sussurrou:

— Ei! Hum. Está me ouvindo?

Ele podia jurar que algo havia se mexido bem no fundo do breu. Tentou outra vez, com seu estado de ânimo oscilando entre o pavor e a esperança, a cada batida instável do coração.

— Ei! Sou eu, hum, Lingote. Fale comigo, por favor.

Era possível que grandes pés aveludados viessem se arrastando suavemente pelo chão da biblioteca, ou talvez fosse apenas o estalo dos nervos de Lingote. Ele tentou engolir a secura da garganta, e fez outra tentativa.

— Olhe, tudo bem, mas estão cogitando fechar a Universidade!

O silêncio aumentou. O gato adormecido havia ficado de orelha em pé.

— O que está acontecendo é um erro! — opinou o tesoureiro, e levou a mão à boca pela enormidade do que havia dito.

— Oook?

Foi um ruído muito leve, como um arroto de barata. Subitamente animado, Lingote colou os lábios à fenda.

— O Patrício, hum, está aí?

— Oook.

— E o cachorrinho?

— Oook.

— Ah, ótimo.

Lingote se estendeu no conforto da escuridão e tamborilou os dedos no chão frio.

— Você não quer me, hum, deixar ficar aí também? — arriscou ele.

— Oook!

Lingote fez uma careta.

— Bem, não quer me, hum, deixar entrar por alguns minutos? Precisamos conversar urgentemente, de homem para homem.

— Eeek.

— Quer dizer, macaco.

— Oook.

— Então, por que você não sai?

— Oook.

Lingote suspirou.

— Essa demonstração de lealdade é muito bonita, mas você vai morrer de fome aí dentro.

— Oook, oook.

— Que outra maneira de entrar?

— Oook.

— Ah, faça como quiser.

Lingote suspirou. Mas, de algum modo, sentia-se melhor pela conversa. Todo mundo, na Universidade, parecia viver um sonho, enquanto o bibliotecário não queria nada além de frutas frescas, o fornecimento regular de cartões de catalogação e, mais ou menos uma vez por mês, a oportunidade de pular o muro do zoológico particular do Patrício. (NOTA: Ninguém, jamais, teve coragem de lhe perguntar o que fazia lá). Era estranhamente reconfortante.

— Então, você tem bananas suficientes e tudo o mais? — indagou, depois de outra pausa.

— Oook.

— Não deixe ninguém entrar, está bem? Hum. É extremamente importante.

— Oook.

— Ótimo. — Lingote pôs-se de pé e limpou a poeira dos joelhos.

Colou a boca ao buraco da fechadura e acrescentou: — Não confie em ninguém.

— Oook.

Não estava completamente escuro na biblioteca, porque as fileiras seriadas de livros mágicos soltavam um leve brilho octarina, causado pelo vazamento taumatúrgico naquele campo oculto intenso. Havia luz suficiente para iluminar o conjunto de estantes metidas contra a porta.

O Patrício havia sido cuidadosamente colocado num vidro, sobre a escrivaninha do bibliotecário. O próprio bibliotecário estava sentado debaixo da mesa, enrolado na coberta, segurando Wuffles no colo.

De vez em quando, comia uma banana.

Lingote, enquanto isso, atravessava os corredores ecoantes da Universidade, retornando à segurança do quarto. Foi porque seus ouvidos se encontravam apreensivamente atentos ao menor ruído que ele acabou ouvindo, bem no limite possível da audição, o choro.

Aquele não era um barulho comum ali. Nos corredores acarpetados do alojamento dos magos sêniores, havia inúmeros barulhos que se podiam ouvir tarde da noite, tais como ronco, o leve tinido de copos, cantos desafinados e, de vez em quando, o chiado e o zumbido de um feitiço que tinha dado errado. Mas o barulho de alguém chorando baixinho era tamanha novidade que Lingote se viu atravessando a galeria que levava à suíte do arqui-reitor.

A porta estava entreaberta. Dizendo a si mesmo que não deveria, preparando-se para uma corrida rápida, Lingote espiou o quarto.

Rincewind olhou de novo.

— O que é isso? — sussurrou.

— Acho que é um tipo de templo — respondeu Conina.

O mago continuou estudando a construção, enquanto os habitantes de Al Khali passavam à volta, numa espécie de movimento browniano humano. Um templo, pensou ele. Bem, era grande e imponente, e o arquiteto havia usado todos os artifícios de que dispunha para fazê-lo parecer ainda maior e mais imponente, e também para obrigar todas as pessoas que o contemplassem a pensar em como eram pequenas e ordinárias, e que tampouco tinham tantas cúpulas. Era o tipo de lugar que sempre seria exatamente como na memória.

Mas Rincewind conhecia um pouco de arquitetura sacra, e os afrescos das paredes imensas e, naturalmente, imponentes não pareciam nem um pouco religiosos. Em primeiro lugar, os participantes estavam se divertindo. Era quase certo que estivessem se divertindo. Sim, deveriam estar. Seria surpreendente se não estivessem.

— Não estão dançando, estão? — perguntou, numa tentativa desesperada de não acreditar no que via. — Ou talvez seja uma espécie de acrobacia.

Conina mantinha os olhos semicerrados, à luz ofuscante do sol.

— Acho que não — respondeu ela, pensativa.

Rincewind lembrou-se.

— Acho que moça como você não deve olhar esse tipo de coisa — disse ele, rispidamente.

Conina abriu um sorriso.

— Acho que os magos estão expressamente proibidos — rebateu ela, com candura. — Dizem que os deixa cegos.

Rincewind levantou o rosto novamente, pronto a arriscar um olho. Isso já era de se esperar, disse a si mesmo. Países estrangeiros são... bem... países estrangeiros. Fazem as coisas de maneira diferente.

Embora algumas coisas, decidiu ele, fossem feitas do mesmo modo, só que com mais criatividade e, pelo jeito, muito maior freqüência.

— Os afrescos do templo de Al Khali são famosos no mundo inteiro — comentou Conina, enquanto os dois avançavam por entre uma multidão de crianças tentando vender objetos e apresentar parentes a Rincewind.

— Faz sentido — considerou o mago. — Parem de empurrar, está bem? Não, não quero comprar nada. Não, não quero conhecer sua prima. Nem o primo. Nem nada, seu indecente. Saiam daqui, estão ouvindo?

O último grito dirigiu-se ao grupo de crianças tranqüilamente montadas na Bagagem, que se arrastava pacientemente atrás de Rincewind, sem fazer qualquer tentativa de se livrar delas. Talvez estivesse aborrecida por alguma coisa, pensou ele, e se animou um pouco.

— Quantas pessoas você acha que existem neste continente? — perguntou.

— Sei lá — respondeu Conina, sem se virar. — Milhões?

— Se eu fosse inteligente, não estaria aqui — resmungou Rincewind.

Eles estavam em Al Khali, porta de entrada a todo o misterioso continente de Klatch, havia várias horas. O mago começava a padecer.

Qualquer cidade decente deveria ter um pouco de neblina, considerou, e as pessoas deveriam viver dentro de casa, em vez de passar o dia inteiro nas ruas. Não deveria haver tanta areia e calor. Quanto ao vento...

Ankh-Morpork era famosa pelo cheiro, tão cheio de personalidade que poderia reduzir um homem forte às lágrimas. Mas Al Khali tinha o vento, soprando da vastidão dos desertos e continentes próximos à borda. Era uma brisa suave, mas não parava, e acabava surtindo o mesmo efeito nos visitantes que um ralador de queijo num tomate. Depois de um tempo, parecia ter nos arrancado a pele e açoitado os nervos.

Às narinas sensíveis de Conina, trazia mensagens aromáticas do coração do continente, compostas de frio do deserto, fedor de leão, estéreo das selvas e gases de gnus.

Rincewind, evidentemente, não sentia o cheiro de nada. A adaptação é algo maravilhoso, e a maioria dos morporkianos não conseguiria sentir cheiro de colchão de pena queimado a um metro e meio de distância.

— Para onde, agora? — indagou. — Para algum lugar longe do vento?

— Meu pai passou algum tempo em Khali, quando estava em busca da Cidade Perdida de Ee — observou Conina. — E lembro que falou muito bem do soak. E um tipo de bazar.

— Imagino que baste a gente procurar pela barraca de chapéus usados — ironizou Rincewind. — Porque a idéia toda é completamente...

— O que eu esperava é que talvez fôssemos atacados. Parece o plano mais sensato. Meu pai disse que pouquíssimos estrangeiros que entravam no soak saíam. Tem uns tipos assassinos por lá.

O mago refletiu sobre o assunto.

— Você pode repetir, por favor? — pediu. — Depois que falou que deveríamos ser atacados, parecia ter uma campainha no meu ouvido.

— Bem, nós queremos achar os criminosos, não queremos?

— Não exatamente queremos — reagiu Rincewind. — Não é o verbo que eu teria escolhido.

— Como você diria, então?

— Hã... Acho que a expressão "não queremos" resume muito bem a situação.

— Mas você concordou que deveríamos recuperar o chapéu!

— Sem morrer no percurso — protestou. — Não faria bem a ninguém. Pelo menos, não a mim.

— Meu pai sempre disse que morrer não é nada além de dormir — argumentou Conina.

— É, o chapéu falou isso — admitiu Rincewind, ao dobrarem uma rua estreita e abarrotada, entre muros brancos de barro. — Mas, no meu modo de ver, fica bem mais difícil acordar de manhã.

— Olhe aqui — disse Conina. — Não há perigo. Você está comigo.

— E, e você está ansiosa para ir, não está? — perguntou Rincewind acusadoramente, enquanto Conina os conduzia por um beco sombrio, com o séqüito de empreendedores púberes no seu encalço. — E o velho heridiatário em jogo.

— Cale a boca e se finja de vítima.

— Sei fazer isso muito bem — disse, afastando um membro do Conselho Infantil do Comércio particularmente teimoso. —Tenho muita prática. Pela última vez, eu não quero comprar ninguém, menino infeliz!

Desanimado, olhou para os muros à volta. Pelo menos, ali não havia nenhuma daquelas imagens perturbadoras, mas a brisa quente ainda soprava poeira ao redor, e ele já estava farto de ver areia. O que queria mesmo eram duas cervejas geladas, um banho frio e uma muda de roupas limpas. Nada disso, provavelmente, o faria sentir-se melhor, mas ao menos faria com que se sentir péssimo fosse mais agradável.

Não que ali houvesse cerveja. Era engraçado, mas, em cidades frias como Ankh-Morpork, a bebida consagrada era a cerveja, que nos gela o corpo, e, em lugares como aquele, onde o céu inteiro era um forno de porta aberta, as pessoas tomavam pequenas bebidas viscosas que deixavam a garganta em brasa. E a arquitetura era toda errada. E havia estátuas nos templos que, bem, simplesmente não convinham. Aquilo não era lugar para um mago. Obviamente, possuíam a alternativa local — encantadores, ou qualquer coisa parecida, mas não o que se pode chamar de boa magia...

Conina seguia na frente, cantarolando para si mesma.

Você gosta dela, não gosta? Dá para sentir, disse uma voz na cabeça dele.

Ah, inferno, pensou Rincewind. Não é minha consciência de novo, é?

Sua libido. Está um pouco entulhado, aqui. Você não limpou, desde minha última visita.

Olhe, vá embora. Eu sou um mago! Os magos são guiados pela cabeça, não pelo coração!

Mas recebi os votos das suas glândulas, e elas dizem que o coração está em minoria.

É, só que ele tem o voto de Minerva.

Ah! E o que você pensa. Seu coração não tem nada a ver com isso. Aliás, não passa de um órgão muscular que aciona a circulação do sangue. Mas, vejamos... Você gosta dela, não gosta?

Bem... titubeou Rincewind. Gosto, pensou, hã...

Ela é ótima companhia, hein? Bela voz...

Bem, claro...

Gostaria de passar mais tempo com ela?

Bom... Com alguma surpresa, Rincewind se deu conta de que sim, gostaria. Não que estivesse completamente desabituado à companhia de mulheres, mas isso sempre parecia trazer problemas, e era fato conhecido de todos que fazia mal à proficiência mágica. Embora ele tivesse de admitir que sua proficiência mágica, equivalendo aproximadamente à de um martelo de borracha, já era tosca o bastante.

Então você não tem nada a perder, salientou a libido, num tom de pensamento meloso.

Foi nesse momento que Rincewind deu falta de uma coisa importante. Levou algum tempo para perceber o que era.

Ninguém tentava lhe vender nada havia vários minutos. Em Al Khali, isso provavelmente significava que a pessoa estava morta.

Ele, Conina e a Bagagem encontravam-se a sós, num beco comprido e escuro. Dava para ouvir a balbúrdia da cidade à distância, mas à volta não havia nada além de um vigilante silêncio.

— Eles saíram correndo — disse Conina.

— Vamos ser atacados?

— Talvez. Três homens vêm nos seguindo pelos telhados.

Rincewind olhou para cima quase no mesmo instante em que três homens, vestidos com mantos negros esvoaçantes, surgiram à frente. Quando olhou ao redor, outros dois apareceram da esquina. Todos os cinco traziam longas espadas recurvas e, embora a metade inferior dos rostos se encontrasse coberta, era quase certo que estivessem rindo com malícia.

Rincewind bateu com força na tampa da Bagagem.

— Mate — ordenou.

A Bagagem permaneceu imóvel durante algum tempo e, depois, arrastou-se para o lado de Conina. Parecia ligeiramente orgulhosa e, Rincewind notou, enciumado, um tanto constrangida.

— Ora, sua... — rosnou, e deu-lhe um chute — ... sua maleta.

Rincewind aproximou-se da menina, parada com um sorriso meditativo no rosto.

— E agora? — perguntou. — Vai oferecer a todos um permanente rápido?

Os homens se avizinharam mais. Ele notou que só estavam interessados em Conina.

— Não estou armada — disse ela.

— O que aconteceu com o legendário pente?

— Deixei no navio.

— Não tem nada aí?

Conina mudou ligeiramente de posição, a fim de manter o maior número de homens possível em seu campo de visão.

— Duas presilhas — respondeu, com o canto da boca.

— Servem?

— Não sei. Nunca tentei.

— Você nos meteu nessa!

— Calma. Acho que só vão nos levar como prisioneiros.

— Ah, para você está ótimo. Não vai ser a oferta especial da semana.

A Bagagem fechou a tampa uma ou duas vezes, meio indecisa. Com cuidado, um dos homens estendeu a espada e espetou a nuca de Rincewind.

— Querem nos levar a algum lugar, está vendo? — perguntou Conina. Ela rilhou os dentes. — Ali, não — murmurou.

—Qual é o problema agora?

— Não posso!

— O quê?

Conina pôs as mãos no rosto.

— Não consigo me deixar levar prisioneira sem lutar! Sinto mil ancestrais bárbaros me acusando de traição! — sussurrou, com urgência. — Espere aí, não vai demorar nada.

Houve uma agitação súbita no ar, e o homem mais próximo caiu gorgolejando. Os cotovelos de Conina recuaram, acertando a barriga dos homens que se encontravam na retaguarda. O braço esquerdo ricocheteou, passou pela orelha de Rincewind, com um barulho de seda rasgando, e abateu o homem que estava atrás dele. O quinto surgiu correndo e foi derrubado por um objeto voador, que lhe fez bater com força a cabeça no muro.

Conina rolou no chão e sentou-se, arfante, os olhos brilhando.

— Detesto dizer isso, mas me sinto melhor agora — admitiu. — É horrível saber que fui contra a tradição das cabeleireiras. Ah.

— É — assentiu Rincewind, sério. — Eu estava me perguntando se você já os havia notado.

Conina estudou a fila de arqueiros que surgira no muro oposto. Eles tinham a aparência impassível e inalterável de quem recebeu dinheiro para executar um serviço e não se incomoda muito que o serviço envolva assassinato.

— Hora de usar aquelas presilhas — sugeriu o mago.

Conina não se mexeu.

— Meu pai sempre dizia que não faz sentido atacar o inimigo extensivamente munido de armas impulsoras — advertiu a moça.

Rincewind, que conhecia o modo de Cohen falar, dirigiu a ela o olhar incrédulo.

— Bem, o que ele realmente dizia — corrigiu a menina — era: nunca chute o rabo de um porco-espinho.

Lingote não conseguiu tomar o café-da-manhã.

Ele se perguntava se deveria falar com Carding, mas tinha a terrível sensação de que o velho mago não lhe daria ouvidos e não acreditaria em nada. Na verdade, ele mesmo não tinha certeza se acreditava... Tinha, sim. Jamais esqueceria aquilo, embora pretendesse com todas as forças.

Um dos problemas de viver agora na Universidade era que o prédio em que se dormia provavelmente não seria o mesmo pela manhã. Os quartos haviam criado o hábito de se alterar e mudar de lugar, conseqüência de toda a magia aleatória. Ela se formava no tapete, impregnando os magos de tal modo que apertar a mão de outra pessoa era uma maneira infalível de transformá-la em alguma coisa. A formação de magia, na realidade, estava superando a capacidade da área de manutenção. Se ninguém fizesse nada a respeito, até a gente comum logo seria capaz de usá-la — uma idéia assustadora, mas que, como a mente de Lingote estava tão cheia de idéias assustadoras que dava para usá-la como fôrma de gelo, não seria uma daquelas com que ele passaria muito tempo se preocupando.

Geografia doméstica não era a única dificuldade, porém. A pressão da afluência taumatúrgica estava afetando até os alimentos. O que era uma garfada de arroz, ao sair do prato, poderia muito bem se transformar em outra coisa até entrar na boca. Se a pessoa tinha sorte, não seria comestível. Se não tinha, era comestível, mas provavelmente nada que gostássemos de pensar que estivéssemos prestes a engolir, ou, ainda pior, já tivéssemos engolido pela metade.

Lingote encontrara Coin no que, até a noite anterior, havia sido um armário de vassoura. Agora estava bem maior. Foi apenas porque Lingote nunca ouvira falar em hangar de avião que não soube com o que compará-lo, embora, para ser sincero, pouquíssimos hangares possuam chão de mármore e estátuas. No canto, as duas vassouras e o pequeno balde amassado pareciam notadamente deslocados, mas não tão deslocados quanto as mesas esmigalhadas do ex— salão principal, que,

devido às ondas de magia pairando no local, havia encolhido ao tamanho aproximado do que, se Lingote conhecesse, teria chamado de uma pequena cabine telefônica.

Ele entrou no cômodo com muito cuidado e juntou-se ao conselho de magos. O ar estava carregado de energia.

Lingote criou uma cadeira ao lado de Carding e inclinou-se para ele.

— Você não vai acreditar... — começou.

— Silêncio — sussurrou Carding. — É incrível!

Coin estava sentado no banco ao meio do círculo, com uma das mãos na vara e a outra estendida, segurando um objeto pequeno, branco e parecido com um ovo. Era estranhamente difuso. Na verdade, pensou Lingote, não era algo pequeno visto de perto. Era algo imenso, mas a uma longa distância. E o garoto o firmava na mão.

— O que ele está fazendo? — cochichou Lingote.

— Não tenho certeza — murmurou Carding. — Até onde entendemos, está criando um novo lar para a magia dos magos.

Raios de luz colorida reluziam na indistinta forma ovóide como uma tempestade longínqua. O clarão iluminava por baixo o rosto preocupado de Coin, conferindo-lhe o aspecto de uma máscara.

— Não entendo como vamos caber todos aí — considerou o tesoureiro. — Carding, na noite passada eu vi...

— Acabou — anunciou Coin.

Ele suspendeu o ovo, que de vez em quando se acendia com alguma luz interna e formava pequenas saliências brancas. Não só estava a uma longa distância, pensou Lingote, como também era muito pesado. Na verdade, atravessava o conceito de peso até o estranho realismo negativo em que chumbo seria vácuo. Ele puxou a manga de Carding outra vez.

— Carding, escute, é importante, escute, quando eu olhei...

— Eu realmente gostaria que você parasse com isso.

— Mas a vara, a vara não é...

Coin pôs-se de pé e apontou o bastão para a parede, onde instantaneamente surgiu um vão. Depois passou por ele, com os magos em seu encalço.

Atravessou o jardim do arqui-reitor acompanhado pelo grupo de magos, como um cometa se faz acompanhar de sua cauda, e só parou

ao alcançar as margens do Ankh. Lá havia alguns salgueiros velhos, e o rio contornava um pequeno campo conhecido de maneira otimista como Jardim de Prazer dos Magos. Nas noites de verão, quando o vento soprava na direção do rio, era um lugar maravilhoso para passear.

A neblina quente e prateada ainda pairava sobre a cidade quando Coin atravessou o gramado úmido até o centro do campo. Arremessou o ovo, que traçou um arco suave no ar e caiu na lama.

Ele se virou para os magos.

— Afastem-se — ordenou. — E preparem-se para correr.

Apontou a vara de octirona para o objeto, submerso pela metade. Um raio de luz octarina surgiu da ponta e atingiu o ovo, detonando-o numa saraivada de faíscas que deixaram rastilhos de imagens azuis e roxas no local. Houve uma pausa. Em expectativa, uma dezena de magos fitou o ovo. Não aconteceu mais nada.

— Hã... — começou Lingote.

Nesse momento, veio o primeiro tremor. Algumas folhas caíram das árvores, e uma ave aquática alçou vôo, assustada.

O barulho começou como um gemido baixo, antes sentido do que escutado, como se os pés de todos tivessem virado orelhas. As árvores estremeceram, e alguns magos também. A lama em torno do ovo começou a borbulhar. E explodiu. O chão descascou feito limão. Gotas de lama quente atingiam os magos a saltar para a proteção das árvores. Apenas Coin, Lingote e Carding ficaram para ver o reluzente prédio branco emergir do campo, com terra e grama caindo do topo. Outras torres irromperam do terreno de trás. Os contrafortes cresciam em pleno ar, ligando as torres.

Lingote soltou um gemido quando o solo lhe escapou dos pés e foi substituído por lajes salpicadas de prata. Cambaleou no momento em que o chão começou a subir inexoravelmente, levando-os bem acima da copa das árvores. Os telhados da Universidade ficaram para trás. Ankh-Morpork estendia-se como um mapa, o rio parecia uma cobra aprisionada, as planícies eram um borrão anuviado. Os ouvidos de Lingote estalaram, mas a escalada prosseguia em direção às nuvens.

Os três emergiram, frios e molhados, à luz quente do sol, com nuvens que se estendiam para todos os lados. Outras torres surgiam ao

redor, brilhando lancinantes à claridade do dia.

Carding ajoelhou-se e tocou o chão com cuidado. Acenou para que Lingote fizesse o mesmo.

Lingote sentiu a superfície, mais lisa do que pedra. Parecia gelo, se gelo fosse quente, e tinha a aparência de marfim. Apesar de não ser totalmente transparente, dava a impressão de que gostaria de ser.

Ele teve a nítida sensação de que, se fechasse os olhos, não conseguiria sentir nada. Cruzou o olhar com Carding.

— Não olhe para, hum, mim — disse. — Também não sei o que é.

Ambos se voltaram para Coin, que anunciou:

—E magia.

— Sim, senhor. Mas é feito de quê? — insistiu Carding.

— Feito de magia. Magia em estado natural. Solidificada. Coagulada. Renovada a cada instante. Dá para imaginar substância melhor para se construir o novo lar da fonticeria?

A vara cintilou por um instante, derretendo as nuvens. O Discworld surgiu lá embaixo e, dali de cima, dava para ver que de fato se tratava de um disco, ligado ao céu pela montanha central de Cori Celesti, onde viviam os deuses. Lá estava o Mar Círculo, tão perto que talvez fosse possível mergulhar nele. Ali estava o vasto continente de Klatch, esmagado pela perspectiva. A queda d'água da Beira do mundo fazia uma curva brilhante.

— E grande demais! — exclamou Lingote, baixinho.

O mundo em que ele vivia não se estendia para muito além do portão da Universidade, e ele havia preferido assim. O homem podia se sentir à vontade num mundo daquele tamanho. Com certeza não podia se sentir à vontade estando a oitocentos metros do chão e pisando num negócio que, de algum modo fundamental, não estava ali.

A idéia deixou-o pasmo. Ele era mago, e estava duvidando da magia.

Com cautela, aproximou-se de Carding, que disse:

— Não é exatamente o que eu esperava.

— Hum?

— Daqui parece bem menor, não parece?

— Bem, não sei. Escute, preciso lhe dizer...

— Olhe as Ramtops. Quase dá para tocá-las.

Os dois fitaram a enorme cordilheira branca, reluzente e fria, a duzentas léguas dali. Rezava a lenda que quem fosse até os recônditos vales das Ramtops acharia, nas terras geladas sob a própria Cori Celesti, o reino secreto dos Gigantes do Gelo, aprisionados depois da última batalha contra os deuses. Naquele tempo, as montanhas eram meras ilhas num grande mar de gelo, e o gelo ainda as dominava.

Coin abriu o sorriso dourado.

— O que você disse, Carding? — perguntou.

— É o ar puro, senhor. Parecem tão pequenas e próximas. Eu só disse que quase dava para tocá-las...

Coin pediu que se calasse. Esticou o braço fino, arregaçando a manga no sinal clássico de que estava para realizar mágica sem truques. Estendeu a mão e voltou com os dedos fechados em torno do que, sem sombra de dúvida, era um punhado de neve.

Abismados, os dois magos observaram-na derreter e pingar no chão.

Coin riu.

— Acham difícil de acreditar? — perguntou. — Será que devo pegar pérolas de Krull ou areia do Grande Nef? A velha magia dos magos conseguiria fazer metade disso?

Pareceu a Lingote que a voz traía certo tom metálico. O garoto encarou-os. Por fim, Carding suspirou e, em voz baixa, respondeu:

— Não. A vida inteira eu busquei a magia, e tudo que achei foram luzes coloridas, truques banais e livros velhos. A magia dos magos não fez nada pelo mundo.

— E se eu disser que pretendo dissolver as ordens e fechar a Universidade? Apesar de que, obviamente, meus conselheiros receberão o status devido.

Os nós dos dedos de Carding embranqueceram, mas ele deu de ombros.

— Não há muito que argumentar — admitiu. — De que vale uma vela ao meio-dia?

Coin virou-se para Lingote. A vara também. Os entalhes filigranados miravam-no com frieza. Um deles, no alto do bastão, era terrivelmente parecido com uma sobrancelha.

— Você está muito quieto, Lingote. Não concorda com o que eu disse?

Não. O mundo já experimentara a fonticeria e decidira trocá-la pela magia dos magos. A fonticeria não é para nós. Havia alguma coisa errada nela, e esquecemos o que era. Eu gostava da magia dos magos. Ela não transtornava o mundo. Adaptava-se bem. Era perfeita. Mago era tudo que eu sempre quis ser.

Ele olhou os próprios pés.

— Concordo — murmurou.

— Ótimo! — exclamou Coin, satisfeito.

Ele se dirigiu à beira da torre e contemplou o mapa de Ankh-Morpork, lá embaixo. A Torre de Arte mal chegava a um décimo da altura de onde estavam.

— Eu acho — continuou — que vamos realizar a cerimônia na semana que vem, à lua cheia.

— Ha... Só vai ter lua cheia daqui a três semanas — advertiu Carding.

— Semana que vem — repetiu Coin. — Se digo que a lua vai estar cheia, não tem discussão.

Ele continuou estudando os prédios minúsculos da Universidade e, então, apontou o dedo. — O que é aquilo? Carding esticou o pescoço.

— Hã... A biblioteca. É. A biblioteca. Hã...

O silêncio foi tão opressivo que Carding imaginou esperarem mais dele. Qualquer coisa seria melhor do que aquele silêncio.

— É onde guardamos os livros, entende? Noventa mil volumes, não é, Lingote?

— Hum? Ah. É. Cerca de 90 mil, eu acho.

Coin apoiou-se na vara e continuou olhando o edifício.

— Mandem queimar — ordenou. — Todos eles.

A meia-noite avançava, altiva, pelos corredores da Universidade Invisível, enquanto Lingote, com bem menos confiança, seguia cauteloso em direção à porta da biblioteca. Ele bateu na madeira, e o som ecoou tão alto no prédio vazio que o tesoureiro teve de se apoiar na parede e esperar que o coração desacelerasse um pouco. Depois de um tempo, escutou o barulho de mobília pesada sendo arrastada.

— Oook?

— Sou eu.

— Oook?

— Lingote.

— Oook.

— Olhe, vocês têm de sair daí! Ele vai botar fogo na biblioteca!

Não houve resposta.

Lingote deixou-se cair de joelhos.

— Ele vai, sim — sussurrou. — Provavelmente vai me pedir para fazer o serviço. É a vara, hum, ela sabe de tudo que se passa. Sabe que eu sei... Por favor, me ajude...

— Oook?

— Na outra noite, espiei o quarto dele... A vara... a vara estava brilhando, parada no meio do quarto, como um sinal luminoso, e o menino chorava na cama. Dava para sentir que ela estava lhe ensinando, sussurrando coisas terríveis. Então, notou minha presença. Você tem de me ajudar, é o único que não está sob o...

Lingote se deteve. O rosto congelou. Ele se virou bem devagar, sem querer fazê-lo, porque alguma coisa o fazia girar.

O tesoureiro sabia que a Universidade estava vazia. Todos os magos haviam se mudado para a Nova Torre, onde o mais reles aluno tinha uma suíte mais esplêndida do que qualquer mago sênior jamais tivera.

A vara pairava no ar, a poucos metros de distância. Estava cercada de um leve brilho octarina.

Ele se levantou devagar e, mantendo as costas na parede de pedras e os olhos fixos no objeto, cuidadosamente avançou de lado, até alcançar o fim do corredor. Lá, notou que a vara, embora não tivesse saído de onde estava, havia girado para acompanhá-lo. Ele soltou um grito, suspendeu o manto e correu. A vara surgiu adiante. Lingote parou e se deixou ficar, recuperando o fôlego.

— Você não me assusta — mentiu. Deu meia-volta e partiu em outra direção, estalando os dedos a fim de criar uma tocha de bela chama branca (apenas a penumbra de octarina traía a origem mágica).

Mais uma vez, a vara surgiu adiante. A luz da tocha virou uma fumaça fina de fogo branco que tremeluziu e desapareceu com um "clique".

Ele aguardou, os olhos lacrimejando com rastilhos de imagens azuis, mas, se a vara ainda se encontrava ali, não parecia disposta a

tirar vantagem dele. Quando a visão retornou, conseguiu divisar uma sombra ainda mais escura, à esquerda: a escada que levava à cozinha.

Correu para lá, saltando os degraus invisíveis e caindo pesada e inesperadamente nas lajes irregulares. O pálido luar se filtrava por uma grade a distância e, em algum lugar lá em cima, ele sabia, havia uma porta para o mundo exterior.

Cambaleando um pouco, com os tornozelos doendo e o som da própria respiração ressoando nos ouvidos, como se tivesse metido a cabeça inteira numa concha marinha, Lingote atravessou o interminável deserto dos corredores.

Coisas estalavam debaixo dos seus pés. Evidentemente não havia mais ratos, mas a cozinha não vinha sendo usada: os cozinheiros da Universidade sempre haviam sido os melhores do mundo, mas, agora, qualquer mago podia inventar pratos que ficavam além da mera habilidade culinária. As grandes panelas de cobre achavam-se penduradas na parede, esquecidas, já perdendo o brilho. E debaixo do gigantesco arco da chaminé não havia nada além de cinzas...

A vara estava atravessada na porta dos fundos, como uma tranca. Ergueu-se à aproximação de Lingote e ficou ali suspensa, irradiando silenciosa malevolência a poucos metros de distância. Com muita calma, começou a avançar na direção dele.

Lingote recuou, com os pés escorregando no chão gorduroso de pedras. Uma pontada na parte traseira das coxas fez com que gritasse, mas, ao tatear, descobriu que era apenas um dos talhos.

Em desespero, passou a mão pela superfície do objeto e, contra todas as probabilidades, achou um cutelo enterrado na madeira. Num gesto tão instintivo e antigo como a própria espécie humana, os dedos de Lingote fecharam-se no cabo.

Ele estava sem fôlego, sem paciência, sem tempo nem espaço, e também morrendo, quase literalmente, de medo.

Então, quando a vara se aproximou, ele puxou o cutelo com toda a força que conseguiu juntar... e hesitou. Tudo que havia de mago nele clamava contra a destruição de tamanho poder, poder que talvez pudesse ser usado por ele mesmo...

E a vara girou, de modo que o eixo apontava diretamente para ele.

A vários corredores dali, o bibliotecário estava encostado na porta da biblioteca, observando os clarões brancos e azuis que reluziam no chão. Ouviu o distante estalido de energia bruta e um ruído que começou baixo e acabou numa altura que nem mesmo Wuffles, deitado com as patas sobre a cabeça, ouviu.

Houve, então, um leve tinido ordinário, como o que poderia ser feito por um cutelo de metal torcido e derretido caindo no chão.

Era o tipo de barulho que fazia o silêncio seguinte avançar como uma avalanche quente.

O bibliotecário deixou-se envolver pelo silêncio e ficou estudando as fileiras de livros, cada qual pulsando no fulgor de sua própria magia. Todos os volumes o fitavam do alto. (NOTA: Ou de baixo, ou de viés. A estrutura da biblioteca da Universidade Invisível era um pesadelo topográfico, e a simples presença de tanta magia transformava as dimensões e a gravidade num tipo de espaguete que deixaria M.C. Escher de cabeça baixa. Ou de lado.).

Eles haviam escutado. Dava para lhes sentir o medo.

O orangotango permaneceu imóvel como uma estátua durante vários minutos. Depois, pareceu chegar a uma conclusão. Dirigiu-se à escrivaninha e, após muita procura, achou a pesada argola, cheia de chaves. Voltou para o meio da sala e, decidido, disse:

- Oook.

Os livros inclinaram-se para a frente. Agora, o bibliotecário contava com a atenção integral deles.

- Que lugar é esse? - perguntou Conina.

Rincewind correu os olhos à volta e tentou adivinhar.

Eles ainda estavam no coração de Al Khali. Era possível ouvir o burburinho além dos muros. Mas, no meio da cidade, alguém havia aberto uma área imensa, cercado-a com muros e plantado um jardim romântico e artificial.

Parece que alguém separou quinze quilômetros quadrados da cidade e cercou-os com muros e torres - arriscou.

- Que idéia estranha! - avaliou Conina.

Bem, algumas religiões daqui... quando morremos, entende? acham que vamos para uma espécie de jardim, onde tem muita música e... - continuou ele, aflito - refresco e... mulheres.

Conina estudou o esplendor verde do jardim murado, com seus pavões, arcos intrincados e chafarizes. Doze mulheres deitadas fitavam-na, impassíveis. Uma misteriosa orquestra de cordas tocava a complicada música klatchiana.

- Eu não estou morta - retrucou. - Tenho certeza de que me lembraria. Além do mais, essa não é a minha idéia de paraíso. - Analisou as mulheres deitadas e acrescentou:- Quem será que faz o cabelo delas?

Nesse momento, sentiu uma ponta de espada na nuca, e ambos partiram, pelo caminho enfeitado, em direção a um pequeno pavilhão cercado de oliveiras. Ela franziu a testa.

— Seja como for, não gosto de refresco.

Rincewind não teceu nenhum comentário. Estava examinando seu próprio estado mental, e não ficou nada satisfeito com o que viu. Teve a terrível sensação de que estava se apaixonando.

Era certo que apresentava todos os sintomas. Havia as palmas molhadas, a quentura do estômago, a sensação geral de que a pele do peito era feita de elástico. Toda vez que Conina falava, vinha a sensação de que alguém lhe passava aço quente na espinha.

Ele voltou os olhos para a Bagagem, caminhando estoicamente a seu lado, e reconheceu os sintomas.

— Você também? — alarmou-se.

Talvez fosse apenas o jogo de luz sobre a maltratada tampa da Bagagem, mas também era possível que, por um instante, ela se mostrasse mais vermelha do que de costume.

É claro que a sábia madeira de pereira possui uma espécie de ligação mental com o dono... Rincewind sacudiu a cabeça. Por outro lado, isso explicaria por que a arca havia perdido a agressividade.

— Não daria certo — opinou ele. — Quer dizer, ela é mulher e você é um, bem, você é... — ele se deteve. — Bem, o que quer que você seja, é feito de madeira. Não daria certo. As pessoas

comentariam.

Ele se virou e fitou os guardas, vestidos de preto.

— Não sei o que estão olhando — disse, rispidamente.

A Bagagem foi para junto de Conina, seguindo-a de perto, a ponto de a garota bater o tornozelo nela.

— Saia daqui! — explodiu a menina, e chutou-a novamente, desta vez por querer.

Até onde a Bagagem conseguia manifestar sentimentos, olhou ofendida para Conina.

O pavilhão à frente era uma estrutura abobadada, cravejada de pedras preciosas e sustentada por quatro colunas. No interior, havia um monte de almofadas, onde se sentava um homem gordo de meia-idade, cercado por três moças. Ele vestia um manto roxo entrelaçado com linhas de ouro. Elas, até onde Rincewind conseguia ver, mostravam que seis pequenas tampas de panela e uns poucos metros de rede dava conta do recado. Mas — ele estremeceu — não o bastante para mantê-lo afastado. O homem parecia escrever. Ergueu a cabeça.

— Alguém conhece uma boa rima para "vós"? — perguntou, irritado.

Rincewind e Conina se entreolharam.

— Anzóis? — arriscou Rincewind. — Atroz?

— Calos — sugeriu Conina, com alegria forçada.

O homem hesitou.

— De calos eu gosto — decidiu. — Calos promete. Para dizer a verdade, talvez calos funcione. Aliás, puxem uma almofada. Tomem um pouco de refresco. Por que estão parados aí?

— São as cordas — respondeu Conina.

— Tenho alergia a aço frio — acrescentou Rincewind.

— Realmente, que chato — disse o homem gordo, e bateu uma palma com mãos tão cheias de anéis que o barulho foi, antes, um tinido. Dois guardas adiantaram-se e cortaram os laços. Todo o batalhão desapareceu, embora Rincewind estivesse bem consciente de que havia dezenas de olhos escuros observando-os da folhagem circundante. O instinto animal dizia-lhe que, apesar de parecer que estava sozinho com o homem e Conina, qualquer gesto agressivo de sua parte faria com que o mundo se transformasse num lugar hediondo. Ele tentou irradiar tranqüilidade e simpatia. Tentou pensar em algo a dizer.

— Bem — aventurou, olhando as tapeçarias de brocado, as colunas cravejadas de rubis e as almofadas fíligranadas com ouro —, o senhor ajeitou bem o lugar. E... — ele procurou algo adequadamente descritivo — ... uma maravilha de criação.

— A gente busca a simplicidade — suspirou o homem, ainda escrevendo diligentemente. — Por que vocês estão aqui? Não que não seja sempre um prazer receber colegas estudiosos da musa poética.

— Fomos trazidos para cá — respondeu Conina.

— Homens com espadas — acrescentou Rincewind.

— Caríssimos colegas, eles fazem isso para manter a prática. Querem uma?

O gordo estalou os dedos para uma das moças.

— Agora, hã, não — começou Rincewind, mas ela havia pegado uma bandeja de palitos dourados e a oferecia recatadamente.

Ele experimentou uma das guloseimas. Era deliciosa, crocante, com um leve gosto de mel. Pegou mais duas.

— Desculpe — disse Conina. — Mas quem é o senhor? E que lugar é esse?

— Meu nome é Creosoto, xerinfe de Al Khali — respondeu o homem. — E esse é o meu Bosque. A gente faz o que pode.

Rincewind tossiu com o palito de mel.

— Não o Creosoto de "Rico como Creosoto"? — indagou.

— Esse era o meu querido pai. Na verdade, eu sou mais rico. Quando se tem muito dinheiro, é difícil atingir a simplicidade. A gente faz o que pode.

Ele suspirou.

— O senhor poderia doar — sugeriu Conina.

Ele suspirou outra vez.

— Não é fácil. Não, a gente só tem de tentar fazer pouco com muito.

— Não, não, mas olhe aqui — disse Rincewind, cuspindo pedaços do biscoito. — Dizem que tudo que o senhor toca vira ouro.

— Isso dificultaria as coisas na hora de ir ao banheiro — brincou Conina. — Desculpe.

— A gente ouve esses boatos — lamentou Creosoto, fingindo não escutar. — Que chato! Como se o dinheiro importasse. A verdadeira riqueza está nos cofres da literatura.

— O Creosoto de que eu ouvi falar — observou Conina, com tato — era chefe de um bando de, bem, matadores terríveis. Os Assassinos originais, temidos em toda a região central de Klatch.

Sem querer ofender.

— Ah, sim. Meu querido pai — confirmou Creosoto júnior. — Os haxixinos. (NOTA: O haxixinos, que devem seu nome à imensa quantidade de haxixe que ingeriam, eram únicos entre os matadores violentos, por serem implacáveis e, ao mesmo tempo, propensos a dar risadas, curtir jogos interessantes de luz na lâmina das facas e, em casos extremos, cair no chão). Que idéia inusitada. Mas não necessariamente eficaz. Por isso, contratamos os tugues.

— Sei. Que têm esse nome por causa de uma seita religiosa — afirmou Conina.

Creosoto dirigiu-lhe um olhar demorado.

— Não — protestou, devagar. — Acho que não. Acho que os batizamos assim por causa do ruído que fazem as cabeças das vítimas ao serem arrancadas do pescoço. Um horror.

Ergueu o pergaminho em que vinha escrevendo e continuou:

— Eu busco uma vida mais cerebral, que é o motivo de ter transformado o centro da cidade num Bosque. Muito melhor para o fluxo mental. A gente faz o que pode. Leio para vocês minha última ode?

— Pote? — perguntou Rincewind, que não estava entendendo nada muito bem.

Creosoto estendeu a mão e declamou o seguinte:

Um palácio de verão, sob nuvens de lençóis,
taça de vinho, fatia de pão, macarrão de cordeiro
com abobrinha, língua assada de pavão, kebab, refresco
gelado, variedade de doces e a
possibilidade de vós,
cantando ao meu lado no Bosque,
e o Bosque é...

Ele se deteve e suspendeu a caneta, pensativo.

— Talvez calos não seja uma idéia tão boa — considerou —, agora que parei para analisar.

Rincewind estudou a folhagem podada, as pedras bem dispostas e os altos muros circundantes.

— Isso aqui é um bosque? — perguntou.

— Acho que os paisagistas incorporaram todas as características essenciais. Levaram um tempão para tornar os córregos

sinuosos o bastante. Fui informado de que possuem áreas de grande esplendor e surpreendente beleza natural.

— E escorpiões — lembrou Rincewind, servindo-se de outro palito de mel.

— Disso eu não sei — respondeu o poeta. — Escorpiões não me parecem muito poéticos. Mel e gafanhotos são mais apropriados, segundo as instruções poéticas regulamentares, embora eu nunca tenha gostado de comer insetos.

— Sempre achei que o gafanhoto que se come em bosque fosse o fruto de uma árvore — disse Conina. — Papai sempre me disse que era muito ruim.

— Não é o inseto? — surpreendeu-se Creosoto.

— Acho que não.

O xerinfe olhou para Rincewind.

— Então pode acabar com eles — disse. — Bichinhos nojentos, eu já não gostava mesmo.

— Não quero parecer ingrata — disse ela, em meio à tosse alucinada de Rincewind. — Mas por que o senhor nos trouxe para cá?

— Boa pergunta.

Creosoto encarou-a durante alguns segundos, como se tentasse lembrar o motivo de os visitantes estarem ali.

— Você é uma moça linda — elogiou. — Por acaso, sabe tocar citara?

— Quantas lâminas tem? — perguntou Conina.

— Que pena — lamentou o xerinfe. — Acabei de importar uma.

— Meu pai me ensinou a tocar gaita — observou.

Os lábios de Creosoto mexeram-se em silêncio enquanto ele avaliava a idéia.

— Não serve — decidiu, afinal. — Não dá para escandir. Mas obrigado, assim mesmo. — Olhou-a outra vez. — Sabe, você é realmente bonita. Alguém já disse que seu pescoço parece uma torre de marfim?

— Nunca — admitiu Conina.

— Que pena — disse Creosoto.

Ele vasculhou as almofadas, suspendeu um pequeno sino e tocou-o.

Depois de algum tempo, um homem alto e taciturno surgiu de trás do pavilhão. Tinha a aparência de quem conseguiria usar saca-rolhas sem se abaixar, e alguma coisa nos olhos que faria qualquer roedor sair correndo.

Era o tipo de homem que nasce para ser vizir. Não havia muito o que lhe ensinar sobre enganar viúvas e aprisionar rapazes impressionáveis em pretensas cavernas de tesouro. Se o assunto era trabalho sujo, ele poderia escrever um livro a respeito, embora fosse mais provável que o roubasse, já pronto, de outra pessoa.

Trazia um turbante, do qual saía um chapéu pontudo. Obviamente, tinha um bigode fino e comprido.

— Ah, Abrim — saudou-o Creosoto.

— Vossa alteza?

— Meu grande vizir! — exclamou o xerinfe.

— Foi o que eu pensei... — murmurou Rincewind.

— Essas pessoas, por que as trouxemos aqui?

O vizir enrolou o bigode, provavelmente imaginando uma dezena de crueldades.

— O chapéu, vossa alteza — respondeu ele. — O chapéu, lembra?

— Ah, é. Fascinante. Onde o pusemos?

— Esperem aí — apressou-se Rincewind. — Esse chapéu... não seria um pontudo, amassado, com uma porção de coisas em cima? Rendas, e não sei mais o quê... — ele hesitou. — Ninguém o experimentou, experimentou?

— O próprio chapéu nos advertiu que não o fizéssemos — explicou Creosoto. — E claro que Abrim obrigou um escravo a usá-lo. O homem ficou com dor de cabeça.

— O chapéu também nos avisou que vocês chegariam em breve — disse o vizir, inclinando-se ligeiramente para Rincewind.

— Eu... quer dizer, o xerinfe achou que vocês poderiam nos falar mais sobre esse artefato maravilhoso?

Existe um tom de voz conhecido como interrogativo, e o vizir o estava usando. Uma leve inflexão das palavras sugeria que, se ele não ficasse rapidamente sabendo mais sobre o chapéu, pensaria em várias atividades em que palavras como "facas" e "afiadas" apareceriam.

Obviamente, todo grande vizir fala assim a maior parte do tempo. Deve haver uma escola em algum lugar.

— Nossa, estou contente que vocês o tenham achado — entusiasmou— se Rincewind. — Esse chapéu é gngngnh...

— O quê? — perguntou Abrim, acenando para que dois guardas se adiantassem. — Não entendi o que vinha depois que a moça... — ele curvou a cabeça para Conina — ... acotovelou sua orelha.

— Eu acho — disse Conina, com educação e, ao mesmo tempo, firmeza — que é melhor vocês nos levarem até ele.

Cinco minutos depois, no depósito de tesouros do xerinfe, o chapéu dizia:

Até que enfim. Por que demoraram tanto?

É numa hora dessas, com Rincewind e Conina provavelmente prestes a serem vítimas de um ataque assassino, Coin prestes a falar aos magos de traição, e o Disco prestes a cair em plena ditadura mágica, que vale a pena mencionar a questão da poesia e da inspiração.

Por exemplo, em seu extravagante bosquete, o xerinfe acabou de virar as páginas do caderno para revisar versos que começam assim:

Acorda! Pois chegou a alvorada afastando de todo a noite estrelada.

... e suspirou, porque os versos pungentes que lhe cruzam a mente nunca saem exatamente como ele quer. Na realidade, é impossível que um dia venham a sair.

Infelizmente, esse tipo de coisa acontece o tempo todo.

É fato conhecido em todos os mundos multidimensionais do universo que a maioria das descobertas realmente importantes se deve a um momento breve de inspiração. Há sempre muito trabalho preliminar, evidentemente, mas o que fecha a questão é sempre a visão, digamos, de uma maçã caindo, de uma chaleira fervendo ou de água transbordando na banheira. Alguma coisa estala na cabeça do observador, e tudo se encaixa. Dizem que o formato do DNA deve sua descoberta à visão fortuita de uma escada em caracol no momento em que a mente do cientista se encontrava na temperatura certa. Se ele tivesse usado o elevador, todo o estudo da genética poderia ter sido bem diferente. (NOTA: Embora, possivelmente, mais rápido. E com capacidade para levar apenas catorze pessoas).

Todo mundo acha isso maravilhoso. Não é. É trágico. As pequenas partículas de inspiração correm pelo universo o tempo todo, atravessando a matéria mais densa como o neutrino passaria por um monte de algodão-doce, e a maioria delas se perde.

Ainda pior, a maior parte das que atingem o cérebro atinge-no de forma errada.

Por exemplo, o estranho sonho de uma rosca de chumbo numa grua de 600 metros, que na mente certa seria o catalisador para a invenção da produção de eletricidade gravitacional reprimida (um tipo de energia não poluente, barata e inesgotável, que o mundo em questão vinha procurando havia séculos e por cuja falta estava mergulhado numa guerra terrível e absurda), foi, de fato, sonhado por um patinho assustado.

Por outro golpe de má sorte, a visão de uma manada de cavalos brancos galopando pelo campo de jacintos silvestres teria levado um compositor em dificuldades a escrever a famosa Séquito do deus voador, trazendo alívio e conforto às almas de milhões de indivíduos, se ele não estivesse em casa com herpes-zoster. A inspiração, por isso, caiu num sapo, ali perto, que não se encontrava em posição de fazer nenhuma contribuição brilhante para o campo da poesia sinfônica.

Muitas civilizações reconheceram esse desperdício terrível e experimentaram vários métodos para impedi-lo, a maioria dos quais envolvia tentativas agradáveis porém ilícitas de sintonizar a mente ao

canal certo, com o uso de ervas exóticas ou produtos de levedo. Nunca funciona direito.

Creosoto, que sonhava com a inspiração de um poema magistral sobre a vida e a filosofia, e sobre como elas parecem melhor depois de uma taça de vinho, estava de mãos atadas por possuir tanto talento poético quanto uma hiena.

É um mistério por que os deuses permitem que esse tipo de coisa continue.

Na verdade, o lampejo de inspiração necessário para explicar essas coisas clara e precisamente já aconteceu, mas a criatura que o recebeu — um passarinho — jamais conseguiu tornar clara a proposição, mesmo depois de exaustivas mensagens cifradas no alto de garrafas de leite. Por estranha coincidência, um filósofo que vinha devotando noites insones ao mesmo mistério acordou, naquela manhã, com uma nova idéia maravilhosa de como pegar alpiste nos recipientes.

O que nos leva à questão da magia.

Nos sombrios confins do espaço interestelar, uma única partícula de inspiração vem se movimentando alheia ao seu destino, o que não tem muita importância, porque seu destino é atingir, dentro de poucas horas, uma minúscula área da mente de Rincewind.

Já seria um destino cruel mesmo se o centro criativo de Rincewind fosse de um tamanho decente, mas o carma da partícula havia lhe conferido a proeza de acertar um alvo em movimento do tamanho de uma pequena uva passa, várias centenas de anos-luz distante. A vida pode ser bem difícil para uma pequena partícula subatômica num universo tão grande.

Se ela der conta do recado, no entanto, Rincewind terá uma idéia filosófica séria. Se não der, um tijolo próximo terá um insight importante, com o qual não estará nem um pouco aparelhado para lidar.

O palácio do xerinfe, conhecido como Rhoxie, ocupava a maior parte do centro de Al Khali que já não era ocupada pelo bosque. Quase tudo que se ligava a Creosoto era envolto em lendas, e dizia-se que o palácio abobadado e cheio de colunas possuía mais cômodos do que qualquer homem conseguiria contar. Rincewind não sabia em que número estava.

— E magia, não é? — perguntou Abrim, o vizir.

Ele cutucou Rincewind na altura das costelas.

— Você é mago — continuou. — Diga o que ele faz.

— Como sabe que sou mago? — alarmou-se Rincewind.

— Está escrito no seu chapéu — informou o vizir.

— Ah.

— E você estava com ele no barco. Meus homens viram.

— O xerinfe emprega traficantes de escravos? — surpreendeu-se Conina. — Não me parece nada simples.

— Ah não, eu é que emprego os traficantes de escravos. Afinal, sou vizir — justificou Abrim. — É o que se espera de mim.

Ele analisou a menina, depois acenou para dois guardas.

— O atual xerinfe é muito literário — disse. — Eu, por outro lado, não sou. Levem-na ao harém, embora — ele rolou os olhos e soltou um suspiro irritado — eu tenha certeza de que sua única sina lá será o tédio e, talvez, dor de garganta.

Virou-se para Rincewind.

— Não diga nada — ordenou. — Não mexa as mãos. Não tente nenhum ato súbito de magia. Estou protegido por amuletos poderosíssimos.

— Espere aí... — começou Rincewind.

Mas Conina interveio:

— Tudo bem. Eu sempre quis saber como era um harém.

Rincewind ficou abrindo e fechando a boca sem produzir nenhum som. Por fim, conseguiu perguntar:

— Jura?

Ela mexeu a sobrancelha. Provavelmente, era algum tipo de sinal. Rincewind achou ter entendido, mas sentimentos estranhos se agitavam nas profundezas do seu ser. Eles não chegariam a torná-lo corajoso, mas estavam-no deixando enfurecido. Em velocidade acelerada, o diálogo por trás de seus olhos seguia assim:

Não!

Quem está aí?

Sua consciência. Estou péssima. Veja, estão levando Conina para o harém.

Antes ela do que eu, pensou Rincewind, mas sem muita convicção.

Faça alguma coisa!

Há guardas demais! Vão me matar!

Tudo bem que o matem, não é o fim do mundo. Para mim, é, pensou Rincewind, emburrado. *Mas imagine como irá se sentir na próxima vida...*

— Olhe aqui, cale a boca. Já estou cheio de mim.

Abrim aproximou-se de Rincewind e fitou-o, intrigado.

— Com quem está falando? — perguntou.

— Estou lhe avisando — ameaçou Rincewind, por entre os dentes cerrados. — Tenho uma arca mágica, com pernas, que é implacável com quem a ataca. Uma palavra minha e...

— Estou impressionado — ironizou Abrim. — Ela é invisível?

Rincewind arriscou olhar para trás.

— Estava comigo quando cheguei — disse, e inclinou-se para o lado.

Seria um erro dizer que a Bagagem não estava em lugar nenhum. Ela estava em algum lugar, mas em nenhum lugar perto de Rincewind.

Vagarosamente, Abrim contornou a mesa onde ficava o chapéu, enrolando o bigode.

— Mais uma vez eu lhe pergunto — insistiu. — Este é um artefato de poder. O que ele faz?

— Por que não pergunta ao próprio chapéu? — sugeriu Rincewind.

— Ele se nega a responder.

— Por que você quer saber?

Abrim riu. Não era um barulho agradável. Parecia que haviam lhe explicado exaustivamente o que era rir, mas ele jamais ouvira alguém rir de fato.

— Você é mago — repetiu. — A magia dos magos é só jogo de poder. Eu mesmo já me interessei por ela. Tenho o dom, entende?

O vizir se aprumou.

— Ah, tenho sim. Mas não me aceitaram na Universidade. Disseram que eu era mentalmente instável, dá para acreditar?

— Não — respondeu Rincewind, com sinceridade.

A maioria dos magos da Invisível sempre lhe pareceu ter um parafuso a menos. Abrim parecia boa matéria-prima para mago. O vizir abriu um sorriso à guisa de incentivo.

Rincewind olhou de viés para o chapéu. A peça não disse nada. Ele voltou a encarar o vizir. Se a risada havia sido estranha, o sorriso fazia com que parecesse normal feito canto de passarinho. Era como se o vizir o tivesse aprendido em gráficos.

— Nem cavalos selvagens me fariam ajudá-lo — provocou Rincewind.

— Ah — exclamou o vizir. — Um desafio.

Ele chamou o guarda mais próximo.

— Temos cavalos selvagens no estábulo?

— Alguns bem agressivos, senhor.

— Enfureça quatro deles e leve-os ao jardim anti-horário. Ah, e leve também correntes.

— Agora mesmo, senhor.

— Hum. Olhe — disse Rincewind.

— Sim? — indagou Abrim.

— Bom, se é assim...

— Quer dizer alguma coisa?

— É o chapéu de arqui-reitor — revelou Rincewind. — O símbolo da magia dos magos.

— Poderoso?

Rincewind estremeceu.

— Muito — assentiu.

— Por que se chama chapéu de arqui-reitor?

— Arqui-reitor é o mago sênior mais importante, entende? O líder. Mas, olhe...

Abrim pegou o chapéu e revirou-o nas mãos.

— Poderíamos dizer que é o símbolo do cargo?

— Com certeza. Mas, olhe, se for botá-lo na cabeça, é melhor eu avisar...

Cale a boca.

Abrim saltou para trás, deixando o chapéu cair no chão. O *mago não sabe de nada. Livre-se dele. Precisamos negociar*. O vizir mirou as octarinas reluzentes em torno do chapéu.

— Eu, negociar? Com um acessório de vestuário?

Tenho muito a oferecer, na cabeça certa.

Rincewind estava horrorizado. Já foi mencionado que ele tinha o instinto de perigo, em geral encontrado em pequenos roedores. Naquele

momento, esse instinto lhe batia na lateral do crânio, impelindo-o a fugir e esconder— se em algum lugar.

— Não lhe dê ouvidos! — gritou.

Ponha- me, pediu o chapéu dissimuladamente, numa voz envelhecida e abafada.

Caso realmente houvesse uma escola de vizir, Abrim seria o primeiro da turma.

— Vamos conversar antes — decidiu.

Encarou os guardas e apontou para Rincewind.

— Joguem-no no tanque de aranhas — ordenou.

— Não, aranha não, qualquer outra coisa! — gemeu o mago.

O capitão da guarda deu um passo adiante e bateu continência.

— Acabaram as aranhas, senhor — lamentou.

— Ah — o vizir pareceu momentaneamente desconcertado. — Nesse caso, tranquem-no na jaula do tigre.

O guarda hesitou, tentando ignorar a súbita crise de choro ao seu lado.

— O tigre está doente, senhor. A noite toda, para um lado e para o outro.

— Então joguem esse covarde no poço do fogo eterno!

Dois guardas entreolharam-se por cima da cabeça de Rincewind, que havia caído de joelhos.

— Ah. Vamos precisar de tempo, senhor...

— ... para acendê-lo novamente.

O vizir esmurrou a mesa com força. O capitão da guarda iluminou-se.

— Tem a cova das serpentes, senhor — sugeriu.

Os outros guardas assentiram. Sempre havia a cova das serpentes.

Quatro cabeças voltaram-se para Rincewind, que se levantou e limpou a poeira dos joelhos.

— O que acha de cobras? — perguntou um dos guardas.

— Cobras? Não gosto muito...

— Para a cova das serpentes — decidiu Abrim.

— Para a cova das serpentes — concordaram os guardas.

— Quer dizer, algumas cobras são legais... — arriscou Rincewind, enquanto dois guardas lhe agarravam os cotovelos.

Na verdade, só havia uma única serpente, bastante circunspecta, que permaneceu enrolada num canto da cova escura, observando Rincewind, desconfiada, talvez porque ele a lembrava um mangusto, mamífero que se alimenta de cobras.

— Oi — disse ela, afinal. — Você é um mago?

No que tange à fala de cobra, era um progresso considerável na cadeia geral de "esses", mas Rincewind estava desanimado o bastante para não perder tempo pensando no assunto, e apenas respondeu:

— Está escrito no chapéu. Não sabe ler?

— Na verdade, em dezessete línguas. Aprendi por conta própria.

— Jura?

— Fiz cursos por correspondência. Mas tento não ler. Não cai bem.

— Imagino que não.

Sem dúvida, era a voz de cobra mais polida que Rincewind já ouvira.

— Igual ao tom de voz — acrescentou a serpente. — Eu não deveria estar falando com você agora. Pelo menos, não assim. Acho que poderia rosnar um pouco. Para dizer a verdade, eu deveria mesmo era estar tentando matá-lo.

— Tenho poderes extraordinários — alegou Rincewind. Não é mentira, pensou ele: a incapacidade quase absoluta de dominar qualquer tipo de magia é bastante extraordinária para um mago, e, de qualquer maneira, mentir para cobra não tem importância.

— Nossa. Imagino que você não vá ficar aqui por muito tempo.

— Hummm?

— Imagino que saia levitando a qualquer instante.

Rincewind estudou os muros de cinco metros de altura e alisou seus machucados.

— Talvez — disse, com cautela.

— Nesse caso, será que poderia me levar junto?

— Hã?

— Eu sei que é pedir muito, mas essa cova é um buraco só.

— Levar você? Mas você é uma cobra, essa cova é sua. A idéia é você ficar aqui e as pessoas virem até você. Sei como são essas coisas.

Uma sombra atrás da serpente se desdobrou.

— Isso não é coisa que se diga a ninguém — observou o vulto, e se adiantou para a luz.

Era um rapaz, mais alto do que Rincewind. Quer dizer, o mago estava sentado, mas o garoto seria mais alto mesmo que o mago estivesse de pé.

Dizer que era magro seria perder a oportunidade perfeita de usar a palavra "descarnado". Parecia que tabuleiros e espreguiçadeiras haviam figurado em sua genealogia, e o motivo de isso ficar tão óbvio eram as roupas.

Rincewind olhou-o novamente. Estivera certo da primeira vez.

O indivíduo de cabelo escorrido à sua frente estava usando o vestuário tradicional dos heróis bárbaros: algumas tiras de couro cravejadas de tachas, grandes botas de animal e pele arrepiada de frio. Não havia nada de notável nisso, víamos centenas de aventureiros vestidos da mesma maneira nas ruas de Ankh-Morpork, embora não víssemos nenhum outro usando...

O jovem acompanhou o olhar de Rincewind e encolheu os ombros.

— Não posso fazer nada — lamentou. — Prometi à minha mãe.

— Roupa íntima de lã?

Naquela noite, estavam acontecendo coisas estranhas em Al Khali. Havia certa coloração prateada, vinda do mar, que surpreendeu os astrônomos da cidade, mas essa não era a coisa mais estranha. Pequenos raios de magia em estado natural saíam das quinas das superfícies, como eletricidade estática, mas essa também não era a coisa mais estranha.

A coisa mais estranha entrou numa taverna, no limite da cidade, onde o vento incessante soprava o cheiro do deserto pelas janelas sem vidro, e sentou-se no chão.

Os fregueses observaram-na durante algum tempo, bebendo café com orakh. O drinque, feito de seiva de cacto e veneno de escorpião, é uma das bebidas alcoólicas mais fortes do universo, mas os nômades do deserto não a tomam por seus fins inebriantes. Usam-na porque precisam de algo que atenue o efeito do café klatchiano.

Não que pudéssemos usar o café para impermeabilizar telhados. Não que ele entrasse no estômago desacostumado como uma bola de fogo atravessando manteiga derretida. O que ele fazia era pior.

Ele nos deixava knurds. (NOTA: Num universo verdadeiramente mágico, tudo tem seu oposto. Por exemplo, existe a antiluz. Não é o mesmo que escuridão, porque escuridão consiste apenas cm falta de luz. Antiluz é o que temos se atravessamos a escuridão até o outro lado. Nesse mesmo sentido, o estado de knurdia não é como a sobriedade. Comparada à knurdia, a sobriedade seria uma banheira de algodão. A knurdia retira toda a ilusão, toda a reconfortante neblina cor— de— rosa em que as pessoas normalmente passam a vida, e, pela primeira vez, as deixa ver e pensar às claras. Depois de gritarem um pouco, elas tomam o cuidado de jamais ficarem knurds de novo.)

Os filhos do deserto olharam desconfiados para as minúsculas xícaras de café e perguntaram a si mesmos se não teriam exagerado no orakh. Estariam todos vendo o mesmo? Seria ridículo fazer um comentário? Esse é o tipo de coisa com que devemos nos preocupar se pretendemos ter algum crédito como perspicazes filhos do deserto. Apontar o dedo trêmulo e dizer "Vejam, uma arca com centenas de perninhas acabou de entrar aqui, não é incrível?" revelaria uma ausência terrível, e possivelmente fatal, de virilidade.

Os fregueses tentaram não se entreolhar, mesmo quando a Bagagem se aproximou da fileira de jarras de orakh, junto à parede oposta. A Bagagem tinha um jeito de ficar parada que, de algum modo, era ainda mais aterrorizante do que seu andar.

Por fim, um cliente disse:

— Acho que ela quer beber.

Houve um longo silêncio até que, com a precisão de um grande mestre de xadrez fazendo uma jogada mortal, outro freguês perguntou:

— Quem?

Os homens fitaram os próprios copos.

Durante algum tempo, não se ouviu nenhum ruído, salvo os passos de uma lagartixa no teto. O primeiro cliente respondeu:

— O demônio que está agora atrás de você, ó irmão de areia. O atual vencedor do Campeonato Municipal de Impassibilidade sorriu, até sentir lhe puxarem o manto. O sorriso permaneceu onde estava, mas parecia que o resto do rosto não queria ter nenhuma ligação com ele.

A Bagagem estava apaixonada e fazia o que qualquer sujeito sensato faria nessas circunstâncias, que era ficar bêbada. Não tinha dinheiro, nem como pedir o que queria, mas nunca teve muita dificuldade em se fazer entender.

O dono da taverna acabou passando uma noite longa e solitária, enchendo um pires de orakh até que a arca, já trôpega, saísse dali por uma das paredes.

O deserto estava em silêncio. Geralmente, não era assim. Em geral, ouvia-se o cricri dos grilos, o zumbido dos mosquitos, o rumor de asas batendo sobre a areia fria. Mas aquela noite estava silenciosa, com o silêncio diligente de dezenas de nômades dobrando suas barracas e dando o fora dali.

— Prometi à minha mãe — disse o garoto. — Estou sempre resinado, entende?

— Talvez você devesse tentar usar, bem, um pouco mais de roupa.

— Ah, eu não poderia. Temos de vestir todo esse arsenal de couro.

— Eu não o chamaria de todo — protestou Rincewind. — Não tem o bastante para chamar de todo. Por que tem de vestir isso?

— Para que as pessoas saibam que sou um herói bárbaro.

Rincewind recostou-se no muro fétido da cova das serpentes e fitou o menino. Viu dois olhos semelhantes a uvas cozidas, um emaranhado de cabelos louros e o rosto que era campo de batalha entre sardas nativas e as terríveis tropas invasoras da acne.

O mago gostava desses momentos. Eles convenciam-no de que não era louco, porque, se fosse louco, não sobraria nenhuma palavra para descrever algumas pessoas que encontrava.

— Herói bárbaro — murmurou.

— Está legal, não está? Essa parafernália de couro foi muito cara.

— E, mas, olhe... qual é o seu nome, rapaz?

— Nijel...

— Veja bem, Nijel...

— Nijel, o Destruidor — acrescentou Nijel.

— Veja bem, Nijel...

— O Destruidor...

— Tudo bem, Destruidor... — afligiu-se Rincewind.

— Filho de Lebremar, o Mercador de Provisões...

— O quê?

— Todo mundo é filho de alguém — explicou Nijel. — Está escrito aqui, em algum lugar...

Ele se virou e vasculhou o interior de uma bolsa de pele animal encardida, até achar um livro fino, rasgado e sujo.

— Tem uma parte sobre escolha de nome — murmurou.

— Como veio parar nessa cova?

— Eu queria roubar o depósito de tesouros de Creosoto, mas tive uma crise asmática — contou o bárbaro, ainda folheando as páginas barulhentas.

Rincewind olhou a cobra, que ainda procurava manter distância de todos. Ela sabia o que era complicação. E não pretendia incomodar ninguém. Apenas retribuiu o olhar do mago e encolheu os ombros, o que é notável para um réptil sem ombros.

— Há quanto tempo você é herói bárbaro?

— Estou começando. Sempre quis ser, e achei que poderia aprender com o tempo — Nijel encarou Rincewind. — Algum problema?

— Segundo dizem, é uma vida perigosa — arriscou Rincewind.

— Já imaginou o que seria vender legumes e verduras durante cinqüenta anos? — sussurrou Nijel, soturnamente.

O mago pensou no assunto.

— Alface está incluída? — perguntou.

— Está — respondeu Nijel, enfiando o misterioso livro de volta na bolsa.

O rapaz, então, começou a prestar atenção nos muros da cova.

Rincewind suspirou. Gostava de alface. Alface era muito entediante. Ele havia passado anos à procura do tédio e jamais o alcançara. Quando pensava que o tinha nas mãos, ávida de repente ficava cheia de curiosidades quase fatais. A idéia de que alguém poderia deliberadamente recusar a possibilidade de ficar entediado durante cinqüenta anos deixava-o transtornado. Com cinqüenta anos, pensou,

ele poderia elevar o tédio ao status de arte. Não haveria fim para o que poderia fazer.

— Você conhece alguma piada de pavio de lampião? — perguntou, ajeitando-se confortavelmente na areia.

— Acho que não — respondeu Nijel, batendo numa laje.

— Eu conheço milhares. São muito engraçadas. Por exemplo, sabe quantos trolls são necessários para trocar um pavio de lampião?

— Essa laje gira — notou Nijel. — Olhe, é uma espécie de porta. Venha aqui me ajudar.

Ele empurrou com força, os bíceps saltando nos braços como ervilhas num lápis.

— Deve ser alguma passagem secreta — acrescentou. — Vamos lá, use um pouco de magia. Está presa.

— Não quer ouvir o resto da piada? — insistiu Rincewind, a voz aflita.

Estava quente e seco ali embaixo, sem nenhum perigo imediato, descontada a serpente, que tentava passar despercebida. Tem gente que nunca está satisfeita.

— Acho que agora não — respondeu Nijel. — Eu preferiria um pouco de auxílio mágico.

— Não sou bom nisso — confessou Rincewind. — Nunca peguei o jeito, é mais do que apenas apontar o dedo para aí e dizer

"Abracadabra"...

Ouviu-se o ruído de um raio de luz octarina atingindo uma laje pesada e detonando-a em mil pedrinhas voadoras, e não era de admirar.

Depois de um tempo, Nijel levantou-se devagar, limpando o colete.

— Isso mesmo — disse, com a voz de quem está determinado a não perder o autocontrole. — Muito bem. Agora, que tal deixarmos esfriar um pouco? E depois... depois podemos ir.

Ele pigarreou um pouco.

— Nnn — murmurou Rincewind.

O mago estava olhando fixamente para a ponta do dedo, mantendo o braço esticado de modo a sugerir que lamentava não ter braços mais compridos.

Nijel espiou o buraco enfumaçado.

— Parece dar numa sala — informou.

— Nnn.

— Você na frente — disse Nijel.

Ele deu um leve empurrão em Rincewind. O mago cambaleou para a frente, deu com a cabeça numa pedra, sem ao menos notar, e entrou no buraco.

Nijel bateu no muro e franziu a testa.

— Está sentindo? — perguntou. — A pedra não está tremendo?

— Nnn.

— Você está bem?

— Nnn.

O bárbaro colou o ouvido às pedras.

— Tem um barulho muito estranho — avisou. — Uma espécie de zumbido.

Um pouco de poeira caiu da argamassa acima de sua cabeça.

Então duas pedras bem mais pesadas se soltaram dos muros da cova e tombaram na areia.

Rincewind já havia partido, cambaleante, pelo túnel, soltando interjeições de susto e ignorando completamente as pedras que não o acertavam e, também, as que o atingiam em cheio.

Caso se encontrasse em condições de reparar, saberia o que estava acontecendo. O ar tinha uma textura oleosa e cheirava a lata queimada. Arco-íris cobriam todas as arestas. Uma formação mágica vinha se desenvolvendo em algum lugar próximo. Era grande e tentava se enterrar. Qualquer mago, mesmo inábil como Rincewind, sobressaía como um farol de cobre.

Nijel surgiu da poeirada quente e ressonante, e deu com ele parado em outra cova, cercado por uma coroa octarina.

Rincewind estava pavoroso. Até Creosoto teria lhe notado os olhos reluzentes e o cabelo esvoaçante. Ele parecia ter acabado de comer um punhado de glândulas pineais, acompanhadas de uma dose de adrenocromo. Estava tão alto que poderia ser usado como satélite.

Todos os fios de cabelo se erguiam da cabeça, soltando faíscas. Até a pele dava a impressão de querer se desprender dele. Os olhos pareciam girar na horizontal. Quando abriu a boca, centelhas de menta irromperam dos dentes. Por onde havia pisado, as pedras derretiam,

criavam orelhas ou transformavam-se em negócios pequenos, escamosos e roxos, e fugiam.

— Ei — chamou Nijel. — Você está bem?

— Nnn — respondeu o mago, e a sílaba virou uma rosca no ar.

— Não parece — considerou Nijel, com o que, nas circunstâncias, poderíamos chamar de extraordinária perspicácia.

— Nnn.

— Por que não tenta nos tirar daqui? — acrescentou Nijel, e sensatamente se jogou no chão.

Como uma marionete, Rincewind assentiu e apontou o dedo para o teto, que derreteu como gelo sob a ação de um maçarico.

Ainda assim, o ruído prosseguia, enviando seus tons inquietantes, a dançar pelo palácio. E fato conhecido de todos à existência de freqüências que geram pânico e freqüências que provocam constrangedora incontinência, mas a rocha estremecida ressoava na freqüência que faz a realidade se derreter pelos cantos.

Nijel mirou o teto gotejante e provou-o com cuidado.

— Creme de limão — disse, e perguntou: — Sem chance de uma escada?

Mais chamas se lançaram dos dedos arruinados de Rincewind, fundindo-se numa escada rolante quase perfeita, à exceção de que provavelmente nenhuma outra escada rolante no mundo era forrada com pele de jacaré.

Nijel pegou o mago e saltou para lá. Por sorte, os dois haviam chegado ao topo antes de a magia desaparecer, muito de repente.

Brotando do centro do palácio, quebrando os telhados como um cogumelo a irromper do chão, havia uma torre branca mais alta do que qualquer outro prédio de Al Khali.

Imensas portas duplas haviam se aberto na base e, agora, dezenas de magos saíam delas como se fossem donos do lugar. Rincewind imaginou reconhecer alguns rostos, rostos que já vira murmurando vagamente em salas de audiência ou examinando o mundo no campus da Universidade. Não eram rostos feitos para o mal. Não tinham presas. Mas havia um denominador comum entre as fisionomias que deixaria apavorada qualquer pessoa mais observadora.

Nijel escondeu-se atrás de um muro. Pegou-se fitando os olhos preocupados de Rincewind.

— Aquilo é magia!

— Eu sei — confirmou Rincewind. — Não está certo!

Nijel olhou a torre reluzente.

— Mas...

— Está errado — insistiu Rincewind. — Não me pergunte por quê.

Meia dúzia de guardas do xerinfe surgiu de uma porta arqueada e correram em direção aos magos — a correria parecia ainda mais sinistra por causa do terrível silêncio geral. Por um instante, as espadas brilharam à luz do sol. Então, dois magos se viraram, estenderam as mãos e... Nijel desviou os olhos.

— Eca! — disse.

Algumas espadas recurvas tombaram no chão.

— Acho que devemos ir embora — sugeriu Rincewind.

— Mas você não viu no que transformaram os guardas?

— Em cadáveres — respondeu Rincewind. — Eu sei. Não quero pensar nisso.

Nijel se deu conta de que jamais conseguiria deixar de pensar naquilo, principalmente às três da manhã, em noites de vento. O problema de morrer por magia é que era muito mais criativo do que, digamos, a facadas. Havia uma infinidade de maneiras novas de morrer, e ele não conseguia tirar da cabeça as formas que tinha visto, só por um instante, antes que a onda de fogo octarina as houvesse engolido.

— Eu não sabia que os magos eram assim — disse ele, enquanto os dois disparavam por uma rua. — Achei que fossem mais tolos do que cruéis. Figuras divertidas.

— Então morra de rir daquilo — murmurou Rincewind.

— Mas mataram os guardas sem nem mesmo...

— Eu prefiro que você não fale. Também vi.

Nijel recuou. Apertou os olhos.

— Você é mago — observou, acusadoramente.

— Não daquele tipo — objetou Rincewind.

— E de que tipo?

— Do tipo que não mata.

— Foi a maneira de olharem para os guardas, como se aquilo não tivesse importância... — prosseguiu Nijel, sacudindo a cabeça.

— Foi a pior parte.

— É.

Rincewind soltou a vogal única sobre o fio de pensamento de Nijel como se fosse um tronco de árvore. O menino estremeceu, mas pelo menos se calou. Rincewind começou a sentir dó dele, o que não era comum: em geral, achava que precisava de toda a piedade para si próprio.

— Foi a primeira vez que viu alguém morrer? — perguntou.

— Foi.

— Há quanto tempo é herói bárbaro?

— Ha... Em que ano estamos?

Da esquina, Rincewind espiou a rua. As pessoas que estavam de pé se encontravam ocupadas demais, entrando em pânico, para se incomodarem com eles.

— Já está na estrada há muito tempo — avaliou, baixinho. — Perdeu a noção do tempo? Sei como é. Estamos no ano da hiena.

— Ah. Nesse caso, faz... — os lábios de Nijel moveram-se em silêncio — uns três dias. Olhe — apressou-se em acrescentar. — Como é que se pode matar assim, sem nem pensar a respeito?

— Não sei — respondeu Rincewind, num tom de voz que sugeria que ele estava pensando a respeito.

— Quer dizer, até quando o vizir mandou me jogarem na cova das serpentes, parecia ao menos interessado naquilo.

— Que bom. Todo mundo deveria ter interesse em alguma coisa.

— Ele chegou a rir!

— Ah. Senso de humor também.

Rincewind sentiu que podia ver o futuro com a mesma clareza que o homem caindo de um despenhadeiro vê o chão, e pelo mesmo motivo. Então, quando Nijel disse:

— Eles simplesmente apontaram o dedo, sem ao menos...

Rincewind rebateu:

— Cale a boca. Como acha que me sinto? Também sou mago!

— E, então você vai ficar bem — murmurou Nijel.

Não foi um soco forte, porque, mesmo com raiva, Rincewind tinha músculos que pareciam tapioca, mas o golpe acertou a lateral da cabeça de Nijel e derrubou-o, mais pelo peso da surpresa do que pela força intrínseca.

— E, sou mago — sussurrou Rincewind. — Um mago que não é bom em magia! Consegui sobreviver até aqui procurando não ser importante o bastante para morrer! E, quando todos os magos são temidos e odiados, quanto tempo acha que vou durar?

— Que besteira!

Rincewind não teria ficado mais surpreso se Nijel tivesse batido nele.

— O quê?

— Bocó! É só parar de usar esse manto ridículo e se livrar desse chapéu idiota, e ninguém vai saber que você é mago!

Rincewind abriu e fechou a boca algumas vezes, dando a impressão bem real de um peixe dourado que viesse tentando entender o conceito de sapateado.

— Parar de usar o manto? — perguntou ele.

— Claro. Essas lantejoulas espalhafatosas são uma tremenda bandeira — justificou Nijel, levantando-se com dificuldade.

— E me livrar do chapéu?

— Você tem de admitir que sair por aí com "Maggo" escrito no chapéu é um pouco demais.

Rincewind abriu um sorriso preocupado.

—Desculpe — pediu. — Não estou entendendo...

— Livre-se deles. E fácil. Largue em qualquer lugar e você poderá ser... bem, o que for. Alguma coisa que não seja mago.

Houve uma pausa, interrompida apenas pelos ruídos distantes de briga.

— Hã... — soltou Rincewind, e sacudiu a cabeça. — Eu me perdi...

— Minha nossa, é muito simples de entender!

— Acho que não pesquei o sentido... — segredou Rincewind, com o rosto banhado em suor.

— Você pode simplesmente deixar de ser mago.

Os lábios de Rincewind mexeram-se em silêncio, enquanto ele repetia cada palavra isoladamente, e depois em conjunto.

— O quê? — perguntou, e então disse: — Ah!

— Entendeu? Quer tentar mais uma vez?

Rincewind sacudiu a cabeça, em desalento.

— Acho que você não entende. Mago não é o que se faz, é o que se é. Se eu não fosse mago, não seria nada.

Ele tirou o chapéu e brincou com a estrela frouxa na ponta, fazendo com que mais algumas lantejoulas se desprendessem.

— Quer dizer, tem "mago" escrito no meu chapéu — continuou. — É muito importante...

Parou e olhou o objeto.

— Chapéu — repetiu vagamente, dando-se conta de uma lembrança insistente que tentava pular a janela de sua memória.

— E um bom chapéu — observou Nijel, sentindo que se esperava algo dele.

— Chapéu — repetiu Rincewind mais uma vez, e então acrescentou: — O chapéu!'Temos de achar o chapéu!

— Está aí! — apontou Nijel.

— Não esse, o outro. E Conina!

Deu uns passos perdidos na rua e voltou.

— Onde acha que estão? — perguntou.

— Quem?

— Tem um chapéu mágico que preciso encontrar. E uma garota.

— Por quê?

— E difícil explicar. Mas, a certa altura, envolve gritos.

Nijel não tinha muito queixo, mas projetou-o para a frente.

— Uma garota precisa ser salva? — perguntou, sombrio.

Rincewind hesitou.

— É provável que alguém precise ser salvo — disse. — Talvez ela. Ou, pelo menos, alguém próximo a ela.

— Por que não disse logo? E por isso que venho esperando. Heroísmo é isso. Vamos!

Ouviu-se outro estrondo e o som de pessoas gritando.

— Aonde? — perguntou Rincewind.

— A qualquer lugar!

Em geral, os heróis têm a capacidade de correr alucinadamente por palácios que mal conhecem, salvar todo mundo e escapar bem a tempo de o edifício explodir ou afundar no pântano. Nijel e Rincewind

visitaram a cozinha, salas variadas, o estábulo (duas vezes) e o que pareceu a Rincewind serem quilômetros de corredor. De vez em quando, grupos de guardas vestidos de preto passavam correndo, sem lhes dar atenção.

— Isso é ridículo — objetou Nijel. — Por que não perguntamos a alguém? Você está bem?

Arfante, Rincewind encostou-se numa pilastra enfeitada com esculturas constrangedoras.

— Você poderia torturar um guarda para arrancar as informações dele — sugeriu, arquejando.

Nijel encarou-o.

— Espere aqui — disse, e saiu andando até se deparar com um empregado que saqueava um armário.

— Com licença — pediu. — Onde fica o harém?

— Terceira porta à esquerda — respondeu o homem, sem olhar para trás.

— Certo.

Voltou e contou a Rincewind.

—Tudo bem, mas você o torturou?

— Não.

— Então, não foi muito bárbaro da sua parte.

— Estou chegando lá— garantiu Nijel. — Pelo menos não falei "obrigado".

Trinta segundos depois, eles abriam uma pesada cortina de contas e entravam no harém do xerinfe de Al Khali.

Havia lindas aves canoras em gaiolas filigranadas de ouro. Havia chafarizes. Havia vasos de orquídeas raras, por entre as quais beija-flores deslizavam como pequenas pedras preciosas. Havia cerca de vinte moças vestidas com roupa suficiente para, digamos, meia dúzia, amontoadas em silêncio.

Rincewind não soube apreciar nada disso. Não que a visão de vários metros de coxas e quadris de todas as cores, variando do branco rosado ao negro retinto, não levantasse a maré no golfo de sua libido, mas ela foi engolida pela cheia consideravelmente maior do pânico à chegada de quatro guardas com cimitarras nas mãos e brilho assassino nos olhos.

Sem hesitar, Rincewind recuou.

— Amigo, são todos seus — disse.

— Certo!

Nijel sacou a espada e ergueu-a a frente, com os braços trêmulos pelo esforço. Houve alguns segundos de silêncio absoluto, enquanto todos aguardavam para ver o que aconteceria em seguida. Nijel soltou, então, o grito de guerra do qual, para o resto da vida, Rincewind se lembraria.

— Hã... — disse o rapaz. — Desculpe...

— Parece uma pena — comentou um mago baixote.

Os outros não responderam. Era uma pena, e não havia ninguém ali que não ouvisse as lamúrias violentas da culpa lhe cortando a espinha. Mas, como sempre acontece, por uma estranha alquimia da alma, a culpa nos deixa arrogantes e indiferentes.

— Cale a boca — ordenou o líder temporário. Chamava-se Benado Aversal, mas, nessa noite, há qualquer coisa no ar que sugere não valer a pena gravar o nome. O ar se encontra pesado, escuro e cheio de fantasmas.

A Universidade Invisível não está vazia, apenas não tem ninguém ali.

Evidentemente, os seis magos enviados para queimar a biblioteca não têm medo de fantasma, porque se acham tão carregados de magia que quase zumbem ao caminhar. Vestem mantos mais esplêndidos do que os usados por qualquer arqui-reitor, os chapéus são mais pontudos do que qualquer outro até então, e o motivo de se encontrarem tão próximos uns dos outros é pura coincidência.

— Está escuro demais — reclamou o mais baixo dos magos.

— É meia-noite — rebateu Aversal. — E a única coisa perigosa aqui somos nós. Não é, rapazes?

Ouviu-se um coro de murmúrios vagos. Estavam todos admirados com Aversal, sobre quem corria o boato de que fazia exercícios para manter o pensamento positivo.

— E não temos medo de alguns livros velhos, temos, companheiros? — Ele encarou o mago baixote. — Você não tem, tem? — acrescentou, irritado.

— Eu? Ah. Não. Claro que não. Não passam de papel, como ele bem disse — apressou-se em responder o mago.

— Pois bem.

— São 90 mil — contestou outro.

— Sempre ouvi dizer que eram infinitos — observou ainda outro. — São as dimensões, ouvi falar que o que vemos não passa da ponta do... que quer que seja. Sabem, aquele negócio que fica quase todo debaixo d'água...

— Hipopótamo?

— Jacaré?

— Oceano?

— Calem a boca! — gritou Aversal.

Ele hesitou. A escuridão parecia absorver o som da voz. E enchia o ambiente como se fosse de plumas. Ele se aprumou um pouco.

— Muito bem — disse, e virou-se para a ameaçadora porta da biblioteca.

Levantou as mãos, fez uns gestos complicados nos quais os dedos, de algum modo que fazia os olhos se encherem de água, pareciam atravessar uns aos outros, e detonou a porta.

As ondas do silêncio retornaram, abafando o ruído da queda das lascas de madeira.

Não havia dúvida de que a porta estava despedaçada. Quatro dobradiças tristes oscilavam na lateral, e restos de bancos e estantes quebradas encontravam-se entre os escombros. Até Aversal se mostrou um pouco surpreso.

— Pronto — animou-se. — E fácil assim. Viram? Não aconteceu nada comigo. Certo?

As botas de ponta recurva arrastaram-se no chão. O breu, para além do vão da porta, se fazia delinear pelo indistinto brilho da irradiação taumatúrgica, uma vez que as partículas de possibilidade excediam a velocidade da realidade em campo mágico intenso.

— E agora — entusiasmou-se Aversal — quem quer ter a honra de botar fogo?

Dez segundos de silêncio mais tarde, ele disse:

— Nesse caso, eu mesmo boto. Sinceramente, é como se eu estivesse falando para as paredes.

Atravessou o vão da porta e correu até a área iluminada pela luz das estrelas, a entrar pela cúpula de vidro bem acima do centro da biblioteca (embora, evidentemente, sempre tenha havido muita discussão sobre a geografia exata do lugar: concentrações maciças de

magia distorcem o tempo e o espaço, e é possível que a biblioteca nem tenha fim, que dirá centro).

Ele estendeu os braços.

— Pronto. Estão vendo? Não aconteceu absolutamente nada.

Agora entrem.

Os outros magos obedeceram, com muita relutância e tendência de agachar ao passar pelo arco violado.

— Muito bem — disse Aversal, com satisfação. — Todos trouxeram os fósforos, como instruídos? Fogo mágico não vai funcionar nesses livros, então quero que vocês...

— Alguma coisa se mexeu lá em cima — observou o mais baixo dos magos.

Aversal piscou.

— O quê?

— Alguma coisa se mexeu na cúpula — informou o mago, acrescentando, à guisa de explicação: — Eu vi.

Aversal mirou o breu do teto e decidiu empregar um pouco de autoridade:

— Absurdo — protestou, energicamente. Pegou um feixe de fósforos amarelos malcheirosos e continuou: — Agora, quero que todos vocês juntem...

— Eu vi mesmo — insistiu o mago baixote, amuado.

— Tudo bem, viu o quê?

— Bem, não sei exatamente...

— Você não sabe? — irritou-se Aversal.

— Eu vi alg...

— Você não sabe! — repetiu Aversal. — Não está vendo nada além de sombras, só quer minar minha autoridade, não é isso? — Aversal hesitou e, por um instante, os olhos se vidraram. — Estou calmo — disse ele. — Estou no comando. Não vou deixar...

— Era...

— Escute aqui, tampinha, cale a boca, está bem?

Um dos outros magos, que vinha olhando o teto para esconder seu constrangimento, tossiu.

— Hã... Aversal...

— E isso serve para você também!

Aversal empertigou-se e agitou os fósforos.

— Como eu estava falando — prosseguiu —, quero que acendam os fósforos e... acho que vou ter de mostrar a vocês como acender fósforo, para vantagem do tampinha aí, e... eu não estou lá fora. Minha nossa. Olhem para mim. Peguem o fósforo...

Ele acendeu o fósforo, uma bola de luz branca brotou da escuridão, e então o bibliotecário caiu sobre ele.

Todos conheciam o bibliotecário, da mesma forma clara e, ao mesmo tempo, difusa como conhecemos as paredes, o chão e todos os outros detalhes insignificantes, contudo necessários, ao palco da vida. Caso se lembrassem dele, era a lembrança vaga de vê-lo sentado debaixo da mesa, restaurando livros, ou se arrastando pelos corredores, atrás de fumantes. Qualquer mago tolo o bastante para arriscar acender um cigarro escondido logo não veria nada além da mão aveludada a lhe confiscar a bagana ofensiva. Mas o bibliotecário nunca armava fuzuê, limitando-se a parecer extremamente magoado com o fato e comer a guimba.

Ao passo que a criatura que vinha tentando desparafusar a cabeça de Aversal pelas orelhas era um pesadelo vivo, com os lábios revirados a fim de revelar longas presas amarelas.

Apavorados, os magos viraram para correr e se viram colidindo em estantes que agora, inexplicavelmente, bloqueavam os corredores. O mais baixo dos magos soltou um grito, rolou para debaixo de uma mesa cheia de atlas e pôs as mãos sobre os ouvidos para abafar os ruídos pavorosos dos outros magos, que tentavam escapar.

Por fim, não se ouviu nada além do silêncio, mas era aquele silêncio opressivo de quando alguma coisa se arrasta furtivamente, talvez à procura de outra coisa. Horrorizado, o mais baixo dos magos mordeu a ponta do chapéu.

A criatura, a se mover em silêncio, agarrou-o pela perna e puxou-o suave mas firmemente para fora, onde ele se lamuriou um pouco de olhos fechados e, depois, ao se dar conta de que dentes medonhos não haviam lhe cortado o pescoço, arriscou uma olhadela.

O bibliotecário ergueu-o pela nuca e o manteve suspenso a trinta centímetros do chão, fora do alcance do pequeno e velhusco terrier de pêlos duros, que tentava se lembrar de como era morder tornozelo de gente.

— Hã... — soltou o mago, e se viu arremessado pelo vão da porta destruída, onde sua queda foi aparada pelo chão.

Depois de um tempo, uma sombra ao seu lado disse:

— Bem, é isso. Alguém viu aquele imbecil desgraçado do Aversal?

E uma sombra, do outro lado, comentou:

— Acho que meu pescoço está quebrado.

— Quem está aí?

— Aquele imbecil desgraçado — respondeu a sombra, com rispidez.

— Ah. Desculpe, Aversal.

Aversal levantou-se, desta vez com o corpo inteiro contornado por uma aura mágica. Tremia de raiva ao erguer as mãos.

— Vou ensinar aquele retrocesso histórico a respeitar seus superiores evolucionários... — rosnou. — Peguem-no, rapazes!

E Aversal viu-se novamente jogado no chão, agora sob o peso dos cinco magos.

— Desculpe, mas...

— ... você sabe que se usar...

— ... magia perto da biblioteca, com toda a concentração que já existe aqui...

— ... basta um errinho, forma-se a massa crítica, e aí...

— ...BUM! Até nunca mais, mundo!

Aversal resmungou. Os magos, sentados sobre ele, decidiram que levantar não seria o mais sensato a fazer àquela altura. Por fim, ele disse:

— Tudo bem. Vocês estão certos. Obrigado. Foi erro meu perder a cabeça assim. Comprometeu minha capacidade de discernimento. E imprescindível manter a calma. Vocês têm toda a razão. Obrigado. Saiam.

Eles arriscaram obedecer. Aversal pôs-se de pé.

— Aquele chimpanzé — vociferou — nunca mais vai comer banana. Peguem...

— Hã... Macaco, Aversal — corrigiu o mais baixo dos magos, incapaz de se conter. — É macaco, entende? Não chimpanzé...

E murchou sob o olhar fixo do outro.

— O que importa? Macaco, chimpanzé, qual é a diferença? — perguntou Aversal. — Qual é a diferença, senhor Zoólogo?

— Não sei — admitiu o mago, submisso. —Acho que chimpanzé é um tipo de macaco.

— Cale a boca.

— Está bem.

— Nanico ridículo — completou Aversal.

Ele se virou e, numa voz nivelada feito lâmina de serra, acrescentou:

— Estou perfeitamente calmo. Minha mente está fria como um mamute pelado. A razão está no comando. Quem de vocês sentou na minha cabeça? Não, não posso ficar com raiva. Não estou com raiva. Basta pensar positivo. Minhas faculdades estão bem ajustadas... alguém duvida?

— Não, Aversal — responderam todos, em coro.

— Então me tragam uma dezena de barris de óleo e toda a lenha que conseguirem achar! Aquele macaco vai *fritar*!

No telhado da biblioteca — lar de corujas, morcegos e outras criaturas — , ouviu— se um tinido de corrente e o ruído de vidro se partindo com o máximo possível de educação.

— Eles não parecem muito preocupados — lamentou Nijel, ligeiramente insultado.

— Como vou lhe explicar? — perguntou Rincewind. — Quando escreverem a lista dos Grandes Gritos Mundiais de Guerra, "Hã... desculpe" não vai constar dela.

E deu um passo para o lado.

— Não estou com ele — alegou para um guarda que sorria. — Acabei de conhecê-lo por aí. Numa cova.

O mago soltou uma risada.

— Esse tipo de coisa acontece comigo o tempo todo.

Os guardas o encararam.

— Hã... — disse. — Tudo bem.

E voltou para perto de Nijel.

— Sabe usar a espada?

Sem despregar os olhos dos guardas, Nijel vasculhou a bolsa e entregou o livro para Rincewind.

— Li o capítulo três inteiros — informou. — Tem ilustrações.

Rincewind folheou as páginas amassadas. O livro fora tão usado que poderíamos embaralhá-lo, mas o que provavelmente havia sido a capa mostrava a xilogravura meio tosca de um homem musculoso. Os braços pareciam sacos cheios de bolas de futebol, e o sujeito estava mergulhado até os joelhos num mar de mulheres sensuais e vítimas massacradas, trazendo uma expressão presunçosa no rosto. À volta dele havia a legenda: Im appenas 7 dias vou ttornar voccê um herhói bárbbaro!Abaixo, em letra menor, estava o nome: Cohen, o Bárbbaro. Rincewind ficou desconfiado. Havia conhecido Cohen e, embora até certo ponto o velho soubesse ler, jamais conseguira usar a caneta e ainda assinava o nome com um "X", que em geral soletrava errado. Por outro lado, o herói se deixava atrair por tudo que envolvesse dinheiro.

Rincewind estudou mais uma vez a ilustração e voltou os olhos para Nijel.

— Sete dias?

— Bem, eu leio devagar.

— Ah — disse Rincewind.

— E não me preocupei com o capítulo seis, porque prometi à minha mãe que me limitaria a roubar e saquear até achar a garota certa.

— Então, esse livro ensina a ser herói?

— Ah, ensina. É muito bom. — Nijel dirigiu a Rincewind um olhar preocupado. — É legal, não é? Custou caro.

— Bem, hum. Se é assim, vá à luta.

Nijel endireitou o que, por falta de palavra melhor, chamaremos de ombros, e agitou a espada outra vez.

— E melhor vocês quatro tomarem cuidado — avisou. — Ou... esperem aí.

Pegou o livro de Rincewind e virou rapidamente as folhas, até achar o que estava procurando. Depois continuou:

— E, ou "os ventos frios do destino vão soprar seus esqueletos descorados as legiões do inferno vão afogar sua alma viva em ácido". Pronto.

Ouviu-se o acorde metálico de quando os quatro homens sacaram as espadas em perfeita harmonia.

A espada de Nijel se agitou. Traçou um complicado número oito no ar, girou sobre o braço, passou de uma das mãos para a outra pelas costas, pareceu contornar o peito duas vezes e se lançou como um salmão.

Uma ou duas das moças do harém aplaudiram. Até os guardas se mostraram impressionados.

— Esse foi o Golpe em Arco Triplo com Lançamento Extra — orgulhou-se Nijel. — Quebrei vários espelhos para aprender. Olhe, eles estão parando.

— Nunca devem ter visto nada igual — murmurou Rincewind, calculando a distância até a porta.

— Acho que não.

— Principalmente a última parte, quando ela fica presa no teto.

Nijel olhou para cima.

— Engraçado — observou. — Isso sempre acontecia lá em casa também. O que será que estou fazendo de errado?

— Nem imagino.

— Nossa. Sinto muito — lamentou Nijel, enquanto os guardas pareciam se dar conta de que o espetáculo havia terminado e se aproximavam para a matança.

— Não se culpe... — disse Rincewind, ao ver Nijel, em vão, estendendo o braço para tentar soltar a lâmina.

— Obrigado.

— Deixe que eu faço isso.

Rincewind considerou o passo seguinte. Na verdade, considerou vários passos. Mas a porta ficava longe demais e, de qualquer maneira, pelo barulho que vinha de fora, as coisas não estavam muito melhor por lá.

Só havia um jeito. Ele teria de tentar mágica.

Ergueu a mão, e dois homens caíram. Ergueu a outra mão, e os outros dois também caíram.

Quando ele começava a se perguntar o que teria ocorrido, Conina surgiu sobre os corpos inertes, negligentemente massageando a lateral da mão.

— Achei que você não vinha mais — reclamou. — Quem é o seu amigo?

Como já foi sugerido, a Bagagem raramente demonstra sentimentos. Ou, pelo menos, qualquer sentimento menos extremo do que a fúria cega. Portanto, fica difícil avaliar sua emoção ao acordar a alguns quilômetros de Al Khali, de tampa para baixo, num rio seco, com as pernas para o ar.

Mesmo alguns minutos após a alvorada, o ar já parecia o sopro de uma fornalha. Depois de balançar um pouco, a Bagagem conseguiu dispor a maioria das pernas na direção certa e ficou se agitando para deixar a menor quantidade possível de pés na areia quente. Ela não estava perdida. Sempre sabia exatamente onde estava. Estava sempre aqui.

Só que todos os outros lugares pareciam temporariamente errados.

Depois de pensar um pouco, a Bagagem virou-se e avançou vagarosamente para um penedo.

Deu alguns passos para trás e se sentou, um tanto intrigada. Era como se estivesse cheia de penas quentes, e então teve a vaga noção do bem que poderiam fazer sombra e água fresca.

Depois de algumas arrancadas em falso, caminhou até o alto de uma duna de areia próxima, que oferecia a vista de centenas de outras dunas.

No seu cerne, a Bagagem estava aflita. Havia sido rejeitada. Havia sido mandada embora. Havia sido desprezada. Também havia bebido orakh suficiente para envenenar um país pequeno. Se tem uma coisa de que os acessórios de viagem necessitam mais do que tudo é de alguém a quem pertencer. Cheia de esperança, a Bagagem partiu cambaleante pela areia ardente.

— Acho que não temos tempo para apresentações — disse Rincewind, enquanto uma parte longínqua do palácio ruía, com um estrondo que fez o chão tremer. — É hora de...

Ele se deu conta de que falava sozinho.

Nijel largou a espada.

Conina deu um passo à frente.

— Ah, não — lamentou Rincewind, mas era tarde demais.

De repente, o mundo havia se dividido em dois: o lado que continha Nijel e Conina e o lado que continha todo o resto. O ar estalava

entre o casal. No mundo deles, provavelmente uma orquestra tocava, passarinhos cantavam, pequenas nuvens cor-de-rosa flutuavam no céu e sucedia tudo o que é de praxe nessas ocasiões. Quando esse tipo de coisa acontece, meros palácios desmoronando no mundo vizinho não têm a menor chance.

— Talvez a gente possa resolver logo as apresentações — decidiu Rincewind, em desespero. — Nijel...

— ... o Destruidor... — completou Nijel, como em sonho.

— Tudo bem. Nijel, o Destruidor — confirmou Rincewind, e acrescentou: — Filho de Lebremar, o...

— Poderoso — interveio Nijel.

Rincewind deixou a boca se entreabrir um pouco, depois deu de ombros.

— Bem, que seja — consentiu. — Enfim, essa é Conina. O que, aliás, é uma coincidência, porque o pai dela era mmph.

Sem desviar o olhar, Conina havia estendido o braço e agarrado o rosto de Rincewind, num gesto suave que, apenas com um ligeiro acréscimo na pressão dos dedos, teria transformado a cabeça dele em bola de boliche.

— Embora eu possa estar enganado — acrescentou ele, quando a menina afastou a mão. — Quem sabe? Quem se importa? Que diferença faz?

Eles não prestavam atenção a nada.

— Vou ver se acho o chapéu — arriscou.

— Boa idéia — murmurou Conina.

— Vou acabar morrendo, mas não ligo — notou Rincewind.

— Excelente — disse Nijel.

— Acho que ninguém vai reparar que eu fui — imaginou Rincewind.

— Está bem, está bem — impacientou-se Conina.

— Vou acabar sendo cortado em pedaços — insistiu Rincewind, avançando para a porta na velocidade de uma lesma moribunda.

Conina piscou.

— Que chapéu? — perguntou, e então: — Ah, aquele chapéu.

— Não tem nem chance de vocês dois me ajudarem? — aventurou-se Rincewind.

Em algum lugar no mundo particular de Conina e Nijel, os pássaros retiraram-se para dormir, as pequenas nuvens cor-de-rosa deixaram-se levar pelo vento e a orquestra guardou os instrumentos e partiu para a apresentação única, numa boate qualquer. Um pouco de realidade se restaurou.

Conina desviou o olhar de admiração do rosto embevecido de Nijel até a fisionomia de Rincewind, onde imediatamente esfriou. Caminhou até o mago e segurou-o pelo braço.

— Olhe — disse ela. — Você não vai contar para ele quem eu realmente sou, vai? Homem tem sempre umas idéias estranhas e... bem, enfim, se você contar, eu mesma quebro todos os seus...

— Vou estar ocupado demais — cortou Rincewind — com vocês me ajudando a recuperar o chapéu e tudo o mais. Não que eu entenda o que você viu nele — acrescentou, orgulhoso.

— Ele é gentil. Não conheço muitas pessoas gentis.

— É, bem...

— Está olhando para cá!

Rincewind pareceu confuso. Não. Pela primeira vez na vida, sentiu como se áreas inteiras da experiência humana o tivessem ignorado, como se áreas pudessem ignorar gente. Talvez ele as tivesse ignorado. Encolheu os ombros.

— Por que você se deixou levar para o harém sem lutar? — perguntou.

— Eu sempre quis saber o que acontecia lá.

Houve uma pausa.

— E então? — indagou Rincewind.

— A gente só ficava ali, sentada. Depois, o xerinfe chegou, pediu para eu me aproximar e disse que, como eu era nova, seria a minha vez. Você nem imagina o que ele queria que eu fizesse. As meninas disseram que é a única coisa por que ele se interessa.

— Hum.

— Você está bem?

— Ótimo, ótimo — murmurou o mago.

— Você está transpirando.

— Não, estou bem.

— Ele me pediu para contar uma história.

— Sobre o quê? — inquiriu Rincewind, desconfiado.

— As outras garotas disseram que ele preferia histórias de coelho.

— Ah. Coelho.

— De preferência, branquinho e peludo. Mas as únicas histórias que conheço são as que meu pai contava quando eu era pequena, e acho que não convém.

— Não tem coelho?

— Braços e pernas decepados — confirmou Conina, e suspirou. — É por isso que você não pode contar a ele sobre mim, entendeu? Não nasci para levar uma vida normal.

— Contar história em harém não é normal — objetou Rincewind. — Essa moda não pega.

— Ele está olhando novamente para cá!

Conina segurou o braço de Rincewind. Ele se desprendeu.

— Minha nossa! — exclamou, e se dirigiu até Nijel, que lhe agarrou o outro braço.

— Você não andou falando de mim para ela, andou? — perguntou o rapaz. — Nunca vou me perdoar se você tiver contado que ainda estou aprendendo a...

— Não. Ela só quer que você nos ajude. É uma espécie de resgate.

Os olhos de Nijel brilharam.

— Você quer dizer múnus? — perguntou.

— O quê?

— Está no livro. Para ser herói de verdade, diz que temos de assumir um múnus.

Rincewind franziu a testa.

— São bichos?

— Acho que é mais uma espécie de obrigação — respondeu Nijel, mas sem muita convicção.

— A mim, parece bicho — insistiu Rincewind. — Tenho certeza de que li no bestiário uma vez. Grande. Não voava. Imensas pernas rosadas. O rosto dele mostrava-se cada vez mais confuso, à medida que os ouvidos digeriam o que diziam os lábios.

Cinco minutos mais tarde, os três saíam da sala, deixando para trás quatro guardas caídos e as próprias moças do harém, que logo se puseram a contar um pouco mais de histórias.

O deserto próximo a Al Khali é cortado pelo Rio Tsort, celebrado em mitos e mentiras. Ele se insinua pela paisagem marrom como um longo trecho escrito pontuado por bancos de areia. E todo banco de areia se encontra coberto de troncos queimados de sol, e a maioria dos troncos é do tipo que tem dentes, e a maioria dos troncos abriu um olho preguiçoso ao som distante de movimentos na água, e de repente a maioria dos troncos criou pés. Uma dezena de corpos escamosos deslizou para as águas barrentas, que se fecharam novamente. A superfície do rio se mostrava lisa, a não ser por algumas inconseqüentes ondulações em forma de V.

A Bagagem caminhava devagar no leito do rio. A água vinha lhe fazendo bem. Ela gingava suavemente na correnteza fraca, ponto de convergência de diversos redemoinhos misteriosos a correr na superfície.

As ondulações se encontraram.

A Bagagem deu uma guinada. A tampa se abriu. E se fechou debaixo d'água, com um estalo breve e desesperador.

As águas cor-de-chocolate do Tsort fecharam-se novamente. Elas já tinham prática nisso.

E a torre da fonticeria erguia-se sobre Al Khali como um imenso e lindo cogumelo, do tipo que aparece nos livros ao lado de pequenos símbolos de caveira e ossos cruzados.

A guarda do xerinfe havia lutado, mas agora só havia uma porção de sapos e salamandras desorientados na base da torre, e esses eram os afortunados. Pelo menos, ainda possuíam braços e pernas de algum tipo, e a maior parte dos órgãos ainda se encontrava dentro do corpo. A cidade estava sob a lei marcial da fonticeria.

Alguns dos prédios mais próximos à base da torre já vinham se transformando no mármore branco e reluzente que era de clara predileção dos magos.

O trio espiou por um buraco na parede do palácio.

— Impressionante — comentou Conina. — Seus magos são mais poderosos do que eu pensava.

Meus magos, não — protestou Rincewind. — Não sei de quem são eles. E não gosto nada disso. Os magos que conheço não sabem

botar tijolo em cima de tijolo.

— Não me agrada a idéia de os magos governarem o mundo - observou Nijel. - E claro que, como herói, sou filosoficamente contra a idéia de magia. Ainda vai chegar o dia em que... — os olhos se vidraram, como se ele tentasse lembrar algo que tivesse visto em algum lugar — ... vai chegar o dia em que a magia dos magos desaparecerá da face do Disco, e os filhos do, do... enfim, a gente pode ser um pouco mais prático - acrescentou, sem jeito.

Leu isso num livro, foi? - perguntou Rincewind, com azedume. — Algum múnus?

— Mas faz sentido - defendeu Conina. - Não tenho nada contra os magos, mas não servem para muita coisa. São mais como objetos decorativos, na verdade. Até agora eram, pelo menos.

Rincewind tirou o chapéu. Estava amassado, manchado e coberto de poeira. Faltavam pedaços, a ponta encontrava-se cortada, e a estrela soltava lantejoulas como se fosse pólen, mas ainda dava para ler a palavra "Maggo" sob a fuligem.

— Estão vendo isso aqui? — perguntou ele, com o rosto vermelho. - Estão vendo? O que quer dizer?

— Que você escreve errado? — sugeriu Nijel.

— O quê? Não! Quer dizer que sou mago! Vinte anos na profissão, e com orgulho! Cumpri meu tempo! Pass... fiz um monte de provas! Se juntássemos todos os feitiços que já li... teríamos uma porção de feitiços!

— Está bem, mas... — começou Conina.

Pensou um pouco mais e acrescentou:

— É isso o que dá tanto poder aos fonticeiros. O importante é saber o que se é.

Houve uma pausa filosófica.

— Rincewind? — chamou Conina, com delicadeza.

— Hummm? - soltou o mago, que ainda tentava entender — como as palavras haviam entrado em sua cabeça.

Você é realmente maluco. Sabia disso?

Todos parados.

O vizir Abrim surgiu de uma arcada. Usava o chapéu de arqui-reitor.

O deserto fritava ao calor do sol. Nada se movia, à exceção do ar tremeluzente, quente como um vulcão, seco como uma caveira.

O basilisco descansava à sombra de uma rocha, transpirando um muco amarelo e corrosivo. Durante os últimos cinco minutos, seus ouvidos haviam detectado o ruído de centenas de perninhas avançando pelas dunas, o que parecia indicar que o jantar se encontrava a caminho.

O animal piscou os olhos legendários e desenroscou seis metros de corpo faminto, serpenteando para a areia feito morte fluida.

A Bagagem parou e ergueu a tampa ameaçadoramente. O basilisco sibilou, mas um pouco incerto, porque jamais vira uma arca que andasse e principalmente, que tivesse dentes de jacaré presos à tampa. Também havia pedaços de couro animal pendurados ali, como se ela tivesse brigado numa fábrica de bolsas. E ela parecia fitá-lo de um modo que, mesmo se soubesse falar, o basilisco não saberia explicar.

Tudo bem, pensou o réptil, se é assim que você quer.

Dirigiu à Bagagem um olhar fixo de furador de diamantes, um olhar que atravessava o globo ocular e esfolava o cérebro por dentro, um olhar que rasgava as cortinas frágeis da janela da alma, um olhar que...

O basilisco se deu conta de que alguma coisa estava errada. Uma sensação completamente nova e inconveniente começou a crescer atrás de seus olhos. Principiou devagar, como uma coceirinha naqueles poucos centímetros quadrados das costas que não há contorcionismo que nos faça alcançar, e aumentou até virar um segundo sol, interno e abrasador.

O basilisco estava sentindo uma vontade medonha e irresistível de piscar...

Então fez uma coisa muito imprudente. Piscou.

— Ele está falando através do chapéu! — exclamou Rincewind.

— Hã? — perguntou Nijel, que já começava a perceber que o mundo bárbaro não era o lugar simples e direitinho que ele havia imaginado nos tempos em que a coisa mais animadora que já havia feito eram arranjos florais.

— O chapéu está falando através dele — corrigiu Conina, e recuou, como se costuma recuar na presença do hediondo.

— Hã?

— Não vou machucá-los. Vocês me foram úteis — disse Abrim, avançando com os braços estendidos. — Mas estão certos. Ele achou que teria poder, me usando. E óbvio que é o contrário. Uma mente extraordinariamente pervertida e arguta.

— Você experimentou a cabeça dele? — alarmou-se Rincewind.

O mago encolheu os ombros. Ele havia usado o chapéu. Era evidente que não possuía o tipo certo de mente. Abrim tinha o tipo certo de mente e agora também tinha olhos cinzentos, pele descorada e andava como se o corpo fosse suspenso pela cabeça.

Nijel havia tirado o livro da bolsa e virava as páginas, em desatino.

— O que está fazendo? — perguntou Conina, sem despregar os olhos do ser horripilante.

— Estou consultando o índice de Monstros Errantes — respondeu Nijel. — Você acha que é um morto-vivo? São dificílimos de matar, precisa de alho e...

— Não vai achar aí — avisou Rincewind, devagar. — É um... chapéu vampiro.

— Claro, talvez seja um zumbi — propôs Nijel, correndo o dedo pela página. — Aqui diz que precisa de pimenta-do-reino e sal marinho, mas...

— A gente só quer derrotar a criatura, não comer — protestou Conina.

— E o tipo de mente que posso usar — continuou o chapéu. — Agora, vou revidar, restaurar a magia dos magos. Só há lugar para um tipo de magia nesse mundo, e eu o represento. Atenção, fonticeria!

— Ah, não — murmurou Rincewind.

— A magia dos magos aprendeu muito nos últimos vinte séculos.

Essa presunçosa vai ver só. Vocês três, sigam-me.

Não era um pedido. Não era nem uma ordem. Era uma espécie de previsão do futuro. A voz do chapéu ia direto ao cérebro, sem se incomodar em lidar com a consciência. As pernas de Rincewind começaram a se mexer por conta própria.

Os outros dois também avançaram, andando com os estranhos movimentos de boneco a sugerir que também eles eram conduzidos por fios invisíveis.

— Por que "ah, não"? — indagou Conina. — Quer dizer, eu entendo "Ah, não" no sentido geral, mas tinha algum motivo particular?

— Na primeira oportunidade, temos de fugir — advertiu Rincewind

— Sabe para onde?

— Provavelmente não vai fazer diferença. Estamos condenados, mesmo...

— Por quê? — perguntou Nijel.

— Bem — respondeu Rincewind. — Vocês já ouviram falar das Guerras Mágicas?

Muitas coisas no Disco deviam sua origem às Guerras Mágicas. A sábia madeira de pereira estava entre elas.

A árvore original era perfeitamente normal e passava os dias absorvendo água do solo e luz do sol, em estado de abençoada inconsciência, quando as guerras mágicas estouraram e levaram seus genes a um estado de grande lucidez.

Também a deixaram entranhada de mau humor. Mas a sábia madeira de pereira não se saiu tão mal.

Antigamente, quando o nível de magia no Disco era alto e aproveitava qualquer oportunidade para irromper no mundo, os magos mostravam— se todos tão poderosos quanto os fonticeiros, e erguiam torres no alto de cada montanha. E, se há uma coisa que mago não suporta, é outro mago. Suas investidas diplomáticas consistiam em lançar feitiços até que o outro explodisse, depois lançar maldições até que o tempo fechasse.

Isso só podia resultar em uma coisa. Tudo bem, duas coisas. Três coisas. Guerra. Taumatúrgica. Geral.

É claro que não havia alianças, lados, tratos, negociações, misericórdia nem trégua. O céu revolvia, mares fervilhavam. Raios de fogo transformavam a noite em dia, mas não havia problema, porque as decorrentes nuvens de fumaça negra transformavam o dia em noite. A terra subia e descia feito cobertor de lua-de-mel, e o tecido do próprio espaço criava nós multidimensionais e batia na pedra plana a margem do rio do Tempo. Um feitiço comum naquele tempo era o Compressor Temporal de Pelepel, que uma vez resultou numa espécie de répteis gigantescos que surgiram, evoluíram, reproduziram-se, prosperaram e foram destruídos no período de cinco minutos, deixando apenas ossadas

no solo para iludir as gerações seguintes. Arvores nadavam, peixes andavam, montanhas iam às lojas comprar cigarros, e a mutabilidade da existência era tão grande que a primeira coisa que qualquer pessoa precavida fazia ao acordar era contar braços e pernas.

Na verdade, esse foi o problema. Todos os magos se igualavam em termos de poder e viviam em torres altas para se proteger dos feitiços. O que significa que a maioria das armas mágicas atingia as pessoas normais, que apenas tentavam tirar sustento do que era, temporariamente, a terra, e levar uma vida decente e comum (embora curta).

Mas a luta continuava, comprometendo a própria estrutura do universo, enfraquecendo os muros da realidade e ameaçando empurrar todo o fraco edifício do tempo e do espaço para o breu do Calabouço das Dimensões...

Uma versão da história dizia que os deuses intervieram, mas os deuses não costumam se meter com o homem, a menos que isso os divertisse. Outra versão — e era essa a que os magos contavam e escreviam em seus livros — era que os próprios magos decidiram se unir e resolver suas diferenças, em prol da humanidade. Essa explicação geralmente era aceita como verdadeira, embora fosse tão plausível quanto um colete salva-vidas de chumbo.

A verdade não se deixa prender facilmente. Na banheira da história, a verdade é mais difícil de segurar do que sabonete, e muito mais difícil de achar...

— E então, o que aconteceu? — perguntou Conina.

— Não importa — respondeu Rincewind. — Vai começar tudo de novo. Estou sentindo. Minha intuição é boa. Tem magia demais rondando o mundo. Vai estourar uma guerra pavorosa! E o Disco está velho demais para resistir. Tudo já foi usado à exaustão. A ruína, o breu absoluto e a destruição vão se abater sobre nós. O apocralipse está próximo.

— O Morte mora ao lado — acrescentou Nijel, tentando ajudar.

— O quê? — perguntou Rincewind, irritado por se ver interrompido.

— Eu disse que o Morte mora ao lado — repetiu Nijel.

— Ao lado, eu não ligo — decidiu Rincewind. — Os vizinhos que se danem. O problema é que ele também vem aqui.

— É só uma metáfora — justificou Conina.
— Você é que pensa. Eu o conheci.
— Como era ele? — quis saber Nijel.
— Digamos que...
— Sim?
— Não precisa de cabeleireiro.

O sol, agora, parecia um maçarico suspenso no céu, e a única diferença entre a areia e cinzas quentes era a cor.

A Bagagem vagava pelas dunas ardentes. Vestígios de muco amarelo secavam rapidamente na tampa.

A pequena arca solitária era observada do alto de um penedo, com a forma e a temperatura de um tijolo refratário, por uma quimera. Para a descrição da quimera, vamos recorrer ao famoso bestiário de Nevoassoura, Anima Antinaturale: "*Possui pernas de serheia, pêlo de thartaruga, dente de ghalinha e asa de cobra. Obviamente, não posso dar nadha além de minha palavra, uma vez que a criathura tem hálito de fhornalha e themperamento de balão de gás em vhendaval*".

A quimera era um animal extremamente raro, e aquela ali não estava a ponto de fazer nada que contribuísse para a preservação da espécie.

Com cautela, escolheu o melhor momento, deu impulso com as presas, dobrou as asas rijas e mergulhou em direção à vítima.

A técnica da quimera era descer bem baixo sobre a presa, cozinhando-a ligeiramente com o bafo flamejante, e rasgar o jantar com os dentes. Ela se saiu bem na parte do fogo, mas, no momento em que a experiência lhe dizia que deveria estar diante de uma vítima ferida e apavorada, descobriu-se em pleno chão, no caminho de uma Bagagem chamuscada e furiosa.

A única coisa incandescente na Bagagem era a raiva. Ela vinha sentindo dor de cabeça havia várias horas, durante as quais lhe parecera que o mundo todo tentara atacá-la. Pois bastava!

Depois de esmagar a quimera, transformando-a numa pequena poça engordurada na areia, ela se deteve por um instante, aparentemente pensando no futuro. Estava ficando claro que não pertencer a ninguém era mais difícil do que havia imaginado.

Experimentou vagas e reconfortantes lembranças de remendos, consertos e um armário para chamar de seu.

Virou-se vagarosamente, parando várias vezes, a fim de abrir a tampa. Talvez farejasse o ar — se tivesse nariz. Por fim, chegou a uma conclusão.

O chapéu e seu usuário também avançavam, decididos, pelo chão de pedras que outrora fora o legendário Rhoxie, em direção à torre da fonticeria, com a relutante comitiva logo atrás.

Havia portas no pé da torre. Ao contrário das portas da Universidade Invisível, que viviam escancaradas, aquelas se encontravam trancadíssimas. Pareciam reluzir.

— Vocês três têm o privilégio de estar aqui — disse o chapéu, através da boca mole de Abrim. — Esse é o momento em que a magia dos magos pára de fugir — lançou um olhar fulminante para Rincewind — e começa a revidar. Vão se lembrar disso para o resto de suas vidas.

— Então, até a hora do almoço? — murmurou Rincewind.

— Observem com atenção — pediu Abrim.

Ele estendeu as mãos.

— Na primeira oportunidade — cochichou Rincewind —, a gente foge.

— Para onde?

— De onde — corrigiu Rincewind. — O que importa é de onde.

— Não confio nesse sujeito — observou Nijel. — Tento não julgar ninguém à primeira impressão, mas, realmente, acho que ele não é do bem.

— Ele atirou você na cova das serpentes!

— Talvez eu devesse ter lido os sinais.

O vizir começou a sussurrar. Nem Rincewind, cujos poucos talentos incluíam o dom para línguas, reconheceu o idioma, mas parecia o tipo de língua especialmente criada para sussurros, com as palavras se curvando feito foices à altura do tornozelo, escuras, vermelhas e inclementes. Elas traçavam rodopios complexos no ar e então se deixavam levar suavemente em direção à porta da torre.

O mármore branco ficou preto e esfacelou-se.

Enquanto os destroços caíam no chão, um mago apareceu e olhou Abrim, de alto a baixo.

Rincewind estava acostumado com a maneira espalhafatosa de os magos se vestirem, mas aquele ali era impressionante, com o manto tão acolchoado, ababadado e reforçado com dobras e pregas incríveis que provavelmente fora desenhado por um arquiteto. O chapéu que acompanhava o traje parecia a conjunção de um bolo de casamento com uma árvore de Natal.

O rosto, surgindo na pequena brecha aberta entre o colarinho rebuscado e a franja filigranada da aba, decepcionava um pouco. Em algum momento do passado, o mago havia achado que sua aparência melhoraria com um bigode fino. Estava enganado.

— Essa porta era nossa! — exclamou. — Você vai se arrepender!

Abrim dobrou os braços. Isso pareceu enfurecer ainda mais o mago. Ele ergueu os braços, desvencilhou as mãos da renda das mangas e lançou um raio pelo vão da porta.

O raio atingiu o peito de Abrim e estourou numa bolha incandescente, mas, quando os rastilhos de imagens azuis deixaram Rincewind ver novamente, Abrim estava incólume.

Em desatino, o adversário bateu a última das chamas de sua própria roupa e levantou o rosto, com olhar assassino.

— Você não está entendendo — vociferou. — Isso aqui é fonticeria. Não se pode lutar contra a fonticeria.

— Eu posso usar a fonticeria — afirmou Abrim.

O mago rosnou e arremessou uma bola de fogo, que explodiu inofensivamente a alguns centímetros do sorriso medonho do vizir.

O ar de perplexidade instaurou-se no rosto do mago. Ele tentou mais uma vez, enviando raios fumegantes de magia em direção ao coração de Abrim. Abrim os aparou.

— Você tem duas opções — anunciou o vizir. —Junta-se a mim ou morre.

Foi a essa altura que Rincewind se deu conta de um ruído baixo próximo ao seu ouvido. Tinha uma ressonância metálica.

Ele deu meia-volta e experimentou a desagradável e familiar sensação de que o Tempo desacelerava à sua volta.

Morte parou de passar a pedra de amolar na lâmina da foice e cumprimentou-o com a cabeça, como entre profissionais.

Então pôs um dedo de osso sobre os lábios, ou melhor, sobre o lugar onde deveriam ficar os lábios, caso os tivesse.

Todo mago vê Morte, mas não necessariamente quer vê-lo.

Os ouvidos de Rincewind estalaram, e o espectro desapareceu.

Abrim e o outro mago estavam cercados por uma coroa de magia aleatória, e era evidente que aquilo não surtia nenhum efeito sobre o vizir. Rincewind voltou para o mundo dos vivos a tempo de vê-lo estender o braço e agarrar o mago pelo colarinho de péssimo gosto.

— Você não me vence — disse ele, com a voz do chapéu. — Há 2 mil anos junto forças para atingir meus objetivos. Posso colher meu poder do seu. Renda-se, ou não terá nem tempo de se arrepender.

O mago se agitou e, infelizmente, deixou o orgulho falar mais alto do que a cautela.

— Nunca! — respondeu.

— Então morra! — disse Abrim.

Rincewind já tinha visto muitas coisas estranhas na vida, a maioria das quais com extrema relutância, mas jamais testemunhara alguém ser, de fato, morto pela magia.

Os magos não matavam pessoas comuns porque: a) raramente as notavam, b) isso não era de bom-tom, e c) quem é que plantaria, cozinharia e tudo o mais? E matar um colega mago com a magia era impossível, por causa das camadas de feitiços preventivos que qualquer mago cauteloso sempre mantinha em torno de si. (NOTA: A primeira coisa que o jovem mago aprende na Universidade — além de onde ficam o cabide de chapéus e o banheiro — é que precisa estar protegido a todo momento).

Algumas pessoas acham que é paranóia, mas não é. O paranóico só acha que todo o mundo está atrás dele. O mago sabe disso.

O mago baixote usava o equivalente psíquico de um metro de aço temperado, e aquilo derretia como manteiga sob a ação de um maçarico. Evaporava, desaparecia.

Se existem palavras para descrever o que aconteceu ao mago em seguida, elas estão encerradas em algum dicionário hediondo da biblioteca da Universidade Invisível. Talvez seja melhor deixar isso para a imaginação. Qualquer pessoa capaz de imaginar o tipo de forma que Rincewind viu se contorcer dolorosamente, durante alguns segundos

antes de sumir, deve ser candidata à famosa camisa de lona branca com mangas fechadas.

— Que assim pereçam todos os inimigos — disse Abrim.

Ele voltou a mirar o alto da torre.

— Lanço o desafio — continuou. — Segundo a Doutrina, quem não me enfrentar deve me seguir.

Houve um silêncio longo e pesado, provocado por muitas pessoas que ouviam com atenção. Por fim, do alto da torre, uma voz hesitante perguntou:

— Em que parte da Doutrina?

— Eu personifico a Doutrina.

Ouviram-se cochichos distantes e, então, a mesma voz:

— A Doutrina já era. A fonticeria está acima da Dou...

A frase acabou num grito, porque Abrim suspendeu a mão esquerda e mandou um raio fino de luz verde na direção exata de quem falava.

Foi mais ou menos nesse instante que Rincewind se deu conta de que conseguia mexer os membros. O chapéu havia temporariamente perdido o interesse nos três. Ele olhou de esguelha para Conina. Num acordo tácito e imediato, cada qual pegou um braço de Nijel, deu meia-volta, saiu correndo e só parou quando havia deixado vários muros para trás. Rincewind corria esperando que alguma coisa lhe atingisse a nuca, a qualquer momento. Talvez o mundo.

Os três caíram no chão e ficaram ali, arfantes.

— Não precisavam fazer isso — murmurou Nijel. — Eu estava me preparando para cuidar dele. Como é que vou...

Houve uma explosão, e setas de fogo multicolorido zuniram pelo céu, soltando faíscas do prédio. Depois, ouviu-se um ruído semelhante a uma rolha imensa sendo tirada de uma garrafa pequena, e o estrépito de uma risada que, por algum motivo, não era nada agradável. O chão estremeceu.

— O que está acontecendo? — perguntou Conina.

— Guerra mágica — respondeu Rincewind.

— Isso é bom?

— Não.

— Mas você quer que a magia dos magos vença? — indagou Nijel.

Rincewind encolheu os ombros e agachou quando uma coisa grande passou zunindo pelo ar como uma perdiz.

— Nunca vi mago brigar! — exclamou Nijel.

O rapaz começou a subir nas pedras e soltou um grito quando Conina lhe agarrou a perna.

— Acho que não é boa idéia — observou ela. — Rincewind?

Sem ânimo, o mago sacudiu a cabeça e pegou um cascalho.

Jogou-o sobre o muro em ruína, onde o negócio virou um pequeno bule azul. Quebrou, ao bater no chão.

— Os feitiços reagem uns aos outros — explicou. — Não há como saber no que vão dar.

— Mas estamos seguros atrás desse muro? — perguntou Conina.

Rincewind animou-se um pouco.

— Estamos? — ele indagou.

— Eu estava perguntando — disse a moça.

— Ah. Não. Acho que não. Isso aqui é pedra comum. O feitiço certo e... bumba!

— Bumba?

— É.

— Devemos correr mais?

— Vale a pena tentar.

Chegaram a outro muro alguns segundos antes de uma bola de fogo amarelo cair onde haviam estado e transformar o chão numa coisa pavorosa. Toda a área em volta da torre era um tornado de lampejos.

— Precisamos de um plano — sugeriu Nijel.

— Podemos tentar correr de novo — propôs Rincewind.

— Isso não resolve nada!

— Resolve muita coisa — rebateu Rincewind.

— Que distância temos de percorrer para estarmos seguros? — quis saber Conina.

Rincewind passeou os olhos pelo muro.

— Uma pergunta filosófica interessante — disse. — Já andei muito e nunca estive seguro.

Conina suspirou e fitou o amontoado de pedras próximas. Olhou mais uma vez. Havia algo estranho ali, mas ela não conseguia precisar o quê.

— Posso atacá-los — propôs Nijel.

E olhou as costas de Conina.

— Não adiantaria— objetou Rincewind. — Nada funciona contra magia. Só magia mais forte. E a única coisa que vence magia mais forte é magia ainda mais forte. Aí, quando menos se espera...

— Bumba? — sugeriu Nijel.

— Já aconteceu uma vez — lembrou Rincewind. — Durou milhares de anos, até que não houvesse mais nenhum...

— Sabe o que é estranho naquele monte de pedras? — cortou Conina.

Rincewind olhou para o local. Apertou os olhos.

— O que, fora o fato de ele ter pernas? — perguntou.

Foram necessários vários minutos para desencavar o xerinfe. Ele ainda segurava uma garrafa de vinho, quase vazia, e piscou para os três com ar de vago reconhecimento.

— Negocinho... — disse ele e, depois de algum esforço, acrescentou: — forte, esse vinho. Parecia — continuou ele — que o palácio tinha caído em cima de mim.

— E caiu — confirmou Rincewind.

— Ah. Então foi isso.

Depois de várias tentativas, Creosoto fixou os olhos em Conina e se jogou para trás.

— Nossa — disse. — A moça, outra vez. Fantástico.

— Ei... — começou Nijel.

— Seu cabelo — entoou o xerinfe, voltando a sentar — é como, como um rebanho de cabras a subir a encosta do Monte Gebra.

— Escute aqui...

— Seus seios são como, como... — o xerinfe balançou um pouco para o lado e deu uma olhadela pesarosa na garrafa vazia — são como os melões adornados de jóias do jardim encantado do alvorecer.

Conina arregalou os olhos.

— São? — alarmou-se.

— Não — respondeu o xerinfe. — Duvido. Conheço melões adornados de jóias. Como cavalos brancos à beira do rio são suas coxas, que...

— Hã, com licença... — interveio Nijel, pigarreando propositadamente.

Creosoto voltou— se para ele.

— Hummm? — perguntou.

— Onde eu nasci — resmungou Nijel —, não se fala assim com mulher.

Conina suspirou quando ele avançou para a sua frente, protegendo-a. Era verdade, refletiu a garota.

— Aliás... — prosseguiu ele, erguendo o queixo o máximo possível, o que, ainda assim, só fazia com que se assemelhasse a uma covinha — , estou...

— Aberto ao debate — cortou Rincewind, dando um passo à frente. — Hã, precisamos sair daqui. O senhor não saberia o caminho?

— É que tem milhares de cômodos — respondeu o xerinfe. — E não saio há anos — deu um soluço. — Décadas. Uma eternidade. Aliás, nunca saí — os olhos se vidraram, no ato da criação poética.

— O animal do Tempo tem um breve caminho para andar e, veja, o animal fica de pé.

— Se bobear, são múnus — murmurou Rincewind.

Creosoto voltou-se para ele.

— Abrim cuida de tudo. Uma trabalheira danada.

— No momento, não está fazendo um bom serviço — advertiu Rincewind.

— A gente meio que gostaria de ir embora — resumiu Conina, ainda remoendo a frase sobre as cabras.

— E eu tenho o meu múnus — disse Nijel, olhando para Rincewind.

Creosoto deu-lhe tapinhas no braço.

— Muito bem — animou-se. — Todo mundo deveria ter um bicho de estimação.

— O senhor sabe se existe algum estábulo, ou coisa assim? — indagou Rincewind.

— Centenas — afirmou Creosoto. — Tenho os maiores... os cavalos mais velozes do mundo — ele franziu a testa. — Pelo menos é o que me dizem.

— Mas o senhor sabe onde ficam?

— Não sei — admitiu o xerinfe.

Um jato de magia aleatória transformou o muro próximo num merengue de arsênio.

— Acho que estaríamos mais seguros na cova das serpentes — considerou Rincewind, virando-se.

Creosoto deu outra olhada triste na garrafa de vinho vazia.

— Sei onde tem um tapete mágico — anunciou.

— Não — protestou Rincewind, erguendo as mãos. — De jeito nenhum. Nem pense...

— Era do meu avô...

— Um tapete mágico de verdade? — admirou-se Nijel.

— Escute aqui — apressou-se em dizer Rincewind. — Tenho vertigem só de ouvir falar nisso.

— Ah, de verdade — confirmou o xerinfe, soluçando. — Um desenho lindo. — Ele olhou mais uma vez para a garrafa e suspirou:

— Era de um azul belíssimo.

— E sabe onde está? — perguntou Conina devagar, como quem avança em direção ao animal selvagem que, a qualquer momento, pode se assustar.

— No depósito de tesouros. Lá eu sei chegar. Sou muito rico, entendem? Pelo menos, é o que me dizem. — Ele baixou a voz e tentou piscar um olho para Conina, conseguindo apenas piscar os dois. — A gente bem poderia sentar no tapete — sugeriu, começando a suar. — E você talvez pudesse me contar uma história...

Rincewind tentou gritar por entre os dentes cerrados. Já estava entrando em pânico.

— Não vou subir em tapete mágico nenhum! — sussurrou. — Tenho medo de chão!

— É de altura — corrigiu Conina. — E deixe de ser bobo.

— Sei do que estou falando! E o chão que mata!

A guerra de Al Khali era uma nuvem negra em cujo interior se podiam ouvir formas estranhas e ver ruídos esquisitos. Disparos perdidos atingiam toda a cidade. No local onde caíam, as coisas ficavam... diferentes.

Boa parte do pântano, por exemplo, virou uma floresta impenetrável de cogumelos amarelos gigantescos. Ninguém sabia que efeito aquilo havia surtido nos habitantes, embora eles possivelmente não tivessem notado.

O templo de Offler, o Deus Crocodilo, divindade padroeira da cidade, era agora um negócio tenebroso de açúcar, construído em cinco dimensões. Mas este não era o problema. O problema era que ele estava sendo devorado por uma colônia de formigas gigantes.

Por outro lado, não havia sobrado muita gente para testemunhar essa manifestação contra o descontrole das mudanças municipais, porque a maioria das pessoas estava fugindo. Elas avançavam em cortejo pelos campos férteis. Algumas haviam recorrido aos barcos, mas esse método de fuga chegou ao fim quando a maior parte da área portuária se transformou num brejo onde, sem nenhum motivo aparente, um casal de pequenos elefantes cor-de-rosa construiu seu ninho.

Distante do pânico das estradas, a Bagagem seguia vagarosamente por uma das valas dos canaviais. Pouco adiante, um mar de jacarés, ratos e tartarugas saía da água e subia em desatino para a margem, impulsionado por algum instinto animal vago mas objetivo.

A tampa da Bagagem estava semi-aberta, em expressão de cega determinação. Ela não queria muita coisa no mundo além da extinção completa de todas as outras formas de vida. Mas o que mais precisava, agora, era de seu dono.

Foi fácil ver que o lugar era um depósito de tesouros, por se encontrar inacreditavelmente vazio. Portas pendiam abertas. Alcovas, outrora trancadas, mostravam-se devassadas. Havia muitas arcas quebradas, e isso fez Rincewind sentir uma ponta de culpa. Por cerca de dois segundos, ele imaginou onde a Bagagem teria se metido.

Houve um silêncio solene, como sempre acontece quando quantias vultosas de dinheiro acabam de desaparecer. Seguindo as instruções do capítulo onze, Nijel vasculhou algumas arcas em busca de gavetas secretas.

Conina agachou-se e pegou uma pequena moeda de cobre.

— Que horror! — exclamou Rincewind, afinal. — Um depósito de tesouros, sem tesouros!

O xerinfe sorriu.

— Não se preocupem — disse.

— Mas roubaram todo o seu dinheiro! — surpreendeu-se Conina.

— Devem ter sido os empregados — imaginou Creosoto. — Muito desleal da parte deles.

Rincewind dirigiu-lhe um olhar espantado.

— Você não está preocupado?

— Não muito. Nunca usei o dinheiro, mesmo. E sempre imaginei como seria ser pobre.

— Agora vai ter uma grande oportunidade de descobrir.

— Vou precisar de aulas?

— O aprendizado se dá naturalmente — respondeu Rincewind.

— A pessoa vai assimilando aos poucos.

Houve uma explosão distante, e parte do teto virou gelatina.

— Hã... com licença — interveio Nijel. — Aquele tapete...

— E — lembrou Conina. — O tapete.

Creosoto dirigiu-lhes um olhar benévolo, ligeiramente embriagado.

— Ah, sim. O tapete. Empurre o nariz da estátua atrás de você, ó curvilínea jóia rara da alvorada desértica.

Enrubescendo, Conina realizou o ato um tanto sacrílego na grande estátua verde de Offler, o Deus Crocodilo.

Não aconteceu nada. Compartimentos secretos não se abriram.

— Hum. Tente a mão esquerda.

Ela arriscou torcê-la. Creosoto cocou a cabeça. — Talvez seja a direita...

— Se eu fosse você, começaria a me esforçar para lembrar — avisou Conina, quando isso também não funcionou. — Não existem mais muitas partes que eu queira puxar.

— O que é aquilo? — perguntou Rincewind.

— Você vai ouvir muito, se não for o rabo — respondeu Conina, dando-lhe um pontapé.

Ouviu-se um longínquo ruído metálico rangente, feito panela gemendo de dor. A estátua estremeceu. Seguiram-se algumas pancadas fortes no interior da parede, e Offler, o Deus Crocodilo, moveu-se pesadamente para o lado. Havia uma passagem atrás dele.

— Meu avô criou essa parte para os tesouros mais interessantes — comentou Creosoto. — Ele era muito... — procurou a palavra certa — criativo.

— Se vocês acham que eu vou entrar aí... — começou Rincewind.

— Afastem-se — pediu Nijel, com altivez. — Eu vou primeiro.

— Pode haver armadilhas... — advertiu Conina.

Ela olhou para o xerinfe.

— Ah, provavelmente, ó gazela do paraíso — respondeu. — Não entro aí desde que tinha 6 anos. Acho que existiam umas pedras em que a gente não podia pisar.

— Não se preocupem — garantiu Nijel, dando uma olhada no túnel escuro. — Não há armadilha que eu não consiga localizar.

— Muita experiência na área? — resmungou Rincewind.

— Bom, conheço o capítulo catorze de cor. Tinha ilustrações — informou Nijel, e se enfiou nas sombras.

Os demais aguardaram, durante vários minutos, no que teria sido um silêncio medonho, não fossem os grunhidos abafados e baques ocasionais que vinham do túnel. Por fim, a voz de Nijel ecoou a distância.

— Não tem absolutamente nada — disse. — Vasculhei tudo. É firme como pedra. Talvez tenha emperrado.

Rincewind e Conina entreolharam-se.

— Ele não sabe a primeira regra sobre armadilhas — observou a moça. — Quando eu tinha 5 anos, meu pai me obrigou a andar por um túnel que ele havia improvisado, só para me ensinar...

— Ele chegou lá, não chegou? — cortou Rincewind.

Houve um barulho como de um dedo molhado roçando em vidro, mas mil vezes amplificado, e o chão tremeu.

— Seja como for, não temos muita escolha — acrescentou, e se meteu na passagem.

Os outros o seguiram. Muitas pessoas que conheciam Rincewind consideravam-no uma espécie de canário de duas patas (NOTA: Ah, vá lá, você entendeu), e achavam que, se Rincewind ainda não tinha fugido, então havia esperança.

— E engraçado — notou Creosoto. — Eu, roubando meu próprio depósito de tesouros. Se eu me pegar, posso me jogar na cova das serpentes.

— Mas também pode ter misericórdia — sugeriu Conina, correndo os olhos paranóicos pela parede de pedras empoeiradas.

— Ah, não. Acho que eu teria de me ensinar uma lição, como um exemplo para mim mesmo.

Ouviu-se um clique acima. Uma pequena laje escorregou para o lado, e um gancho de metal enferrujado desceu devagar. Outra laje desprendeu-se da parede e bateu no ombro de Rincewind. Quando ele se virou, o gancho prendeu um cartaz amarelado em suas costas e voltou para o teto.

— O que aconteceu? O que foi que ele fez? — gritou Rincewind, tentando ler as próprias costas.

— Está escrito "Me dê um chute" — respondeu Conina.

Uma parte da parede ergueu-se ao lado do mago apavorado. Uma bota enorme, na extremidade de uma complicada série de juntas de metal, vibrou e se espatifou no chão. Os três contemplaram-na em silêncio. Então Conina disse:

— Estamos lidando com uma mente doentia.

Com cuidado, Rincewind desprendeu o cartaz e atirou-o longe. Conina passou por ele e avançou pelo túnel com um misto de prudência e irritação. Quando uma grande mão de metal se estendeu do nada, mexendo-se amistosamente, ela não se dignou a apertá-la, mas apenas seguiu a fiação até um par de eletrodos oxidados, numa grande jarra de vidro.

— Seu avô tinha senso de humor? — indagou ela.

— Ah, tinha. Adorava uma boa risada — lembrou Creosoto.

— Que ótimo — disse Conina.

Com cuidado, ela tateou uma laje que, aos olhos de Rincewind, não parecia diferente de nenhuma das outras. Com um rangido triste, um espanador de penas saiu da parede, na altura das axilas.

— Acho que eu teria gostado muito de conhecer o velho xerinfe — disse ela, com os dentes cerrados. — Mas não para cumprimentá-lo. Mago, é melhor você me dar uma ajuda aqui.

— O quê?

Conina apontou o vão entreaberto acima deles.

— Quero olhar lá em cima — avisou ela. — Junte as mãos para eu subir. Como é que você consegue ser tão inútil?

— Ser útil sempre me traz problema — murmurou Rincewind, tentando ignorar a pele quente a lhe roçar o nariz.

Era possível ouvi-la investigando o local.

— Como imaginei — observou.

— O que é? Um mar de lanças diabolicamente pontiagudas, suspensas no teto e prontas para despencar?

— Não.

— Uma grelha denteada para nos espetar...?

— Um balde — informou Conina, empurrando-o.

— De veneno?

— De cal. Só um monte de cal seco e velho.

Conina saltou para baixo.

— Esse era meu avô — orgulhou-se Creosoto. — Sempre espirituoso.

— Bem, para mim, chega — disse Conina, e apontou o fim do túnel. — Vamos, vocês dois.

Eles estavam a cerca de um metro do fim do túnel quando Rincewind sentiu algo se mexer no alto. Conina empurrou-o para o cômodo à frente. Ele rolou ao cair no chão, e alguma coisa agarrou-lhe o pé, ao mesmo tempo que um estrondo o ensurdeceu.

O teto inteiro — um bloco enorme de pedra, com um metro e meio de espessura — havia caído no túnel.

Rincewind engatinhou pela nuvem de poeira e, com um dedo trêmulo, examinou a inscrição na lateral da laje.

— "Ria dessa" — leu em voz alta.

E se recostou.

— É meu avô — alegrou-se Creosoto. — Sempre...

Ele se deparou com o olhar de Conina, que tinha a força de uma barra de chumbo, e sabiamente se calou.

Nijel surgiu da nuvem de poeira, tossindo.

— Ei, o que houve? — perguntou. — Está tudo bem? Não aconteceu nada disso quando eu vim.

Rincewind procurou uma resposta e não achou nada melhor que:

— Não?

A luz entrava no cômodo filtrada por minúsculas janelas gradeadas próximas ao teto. Não havia saída, a menos que se atravessasse as centenas de toneladas de pedra que bloqueavam o túnel, ou, para dizer de outra forma — que era a forma que Rincewind

usaria — , eles estavam indubitavelmente presos. O mago relaxou um pouco.

Pelo menos, o tapete estava ali. Encontrava-se enrolado sobre uma laje erigida no meio do cômodo. Ao seu lado, havia uma pequena e lustrosa lâmpada de azeite e — Rincewind esticou o pescoço para ver melhor — um anel de ouro. Ele gemeu. Uma leve coroa octarina pairava sobre as três peças, indicando que eram mágicas.

Quando Conina desenrolou o tapete, inúmeros objetos caíram no chão, inclusive um arenque de bronze, uma orelha de madeira, algumas lantejoulas quadradas, grandes, e uma caixa de chumbo com uma bolha de sabão no interior.

— O que é essa tralha? — perguntou Nijel.

— Bem — respondeu Rincewind — , antes de tentarem comer o tapete, provavelmente eram traças.

— Nossa!

— É isso o que vocês não entendem — disse Rincewind, fatigado. — Vocês acham que a magia não passa de um troço que a gente pega e usa como uma... como uma...

— Pastinaga? — sugeriu Nijel.

— Garrafa de vinho? — propôs o xerinfe.

— Algo assim — respondeu Rincewind, vacilante. Mas logo se animou e prosseguiu: — Só que a verdade, a verdade...

— Não é essa?

— E mais como uma garrafa de vinho? — insistiu o xerinfe, esperançoso.

— A magia usa as pessoas — apressou-se em explicar Rincewind. — Ela nos afeta da mesma maneira como nós a afetamos. É impossível lidar com artigos mágicos sem que eles também nos afetem. Só achei melhor avisar.

— Como uma garrafa de vinho — ilustrou Creosoto — que...

— ... nos bebesse — completou Rincewind. — Então, para começar, largue a tampa e o anel e, pelo amor dos deuses, não esfregue em nada.

— Meu avô montou a fortuna da família com isso aqui — segredou Creosoto, pensativo. — O tio mal prendeu-o numa gruta. Ele teve de se virar com o que encontrou. Não tinha nada no mundo, além

de um tapete mágico, uma lâmpada mágica, um anel mágico e uma gruta cheia de pedras preciosas.

— Subiu na vida por esforço próprio, foi? — resmungou Rincewind.

Conina abriu o tapete no chão. Ele apresentava um complexo desenho de dragões dourados, num fundo azul. Eram dragões extremamente complicados, com asas, orelhas e barbas compridas, e pareciam estar congelados, surpreendidos na transição de um estado a outro, sugerindo que a tela possuía mais dimensões do que as três de praxe. Mas o pior era que, se nos demorássemos olhando, a tela se convertia no desenho de dragões azuis, num fundo dourado, e sobrevinha a terrível sensação de que, se tentássemos ver ambos os tipos de dragão de uma só vez, nosso cérebro sairia pelas orelhas.

Com alguma dificuldade, Rincewind desviou o olhar quando outra explosão distante estremeceu o prédio.

— Como funciona? — perguntou.

Creosoto deu de ombros.

— Nunca usei — respondeu. — Acho que basta dizer "sobe", "desce", e assim por diante.

— Que tal "atravesse a parede"? — propôs Rincewind.

Todos os três olharam a parede alta, escura e, sobretudo, sólida.

— A gente podia experimentar sentar nele e dizer "levanta" — sugeriu Nijel. — Antes de bater no teto, a gente fala "pára". — Ele pensou um pouco e acrescentou: — Se for essa a palavra.

— Ou "abaixa" — lembrou Rincewind. — Ou "cai", "afunda", "desmorona", "tomba". Ou "mergulha".

— “Para o chão" — propôs Conina, sombria.

— É claro que, com toda essa magia flutuando ao redor, você bem poderia tentar usar um pouco — observou Nijel.

— Ah... — disse Rincewind. — Bem...

— Está escrito "maggo" no seu chapéu — lembrou Creosoto.

— Qualquer um pode escrever o que quiser no próprio chapéu — gracejou Conina. — Não acredite em tudo o que lê.

— Esperem um minuto — irritou-se Rincewind.

Eles esperaram um minuto.

Esperaram mais dezessete segundos.

— E muito mais difícil do que vocês imaginam — desculpou-se o mago.

— O que foi que eu falei? — perguntou Conina. — Vamos lá, temos de cavar a argamassa à unha.

Rincewind acenou para que ela se calasse, tirou o chapéu, soprou o pó da estrela, pôs o chapéu novamente, ajustou a aba, arregaçou as mangas, dobrou os dedos e entrou em pânico. Na falta de coisa melhor a fazer, encostou na parede. Ela vibrava. Não que estivesse sendo balançada. Parecia que a trepidação vinha de dentro da pedra.

Era muito parecido com o tremor que ele havia sentido na Universidade, pouco antes da chegada da fonticeria. A pedra, sem dúvida, estava muito insatisfeita com alguma coisa.

Ele avançou rente à parede e colou o ouvido à pedra seguinte, que era uma pedra menor, cortada para se encaixar num ângulo tal da parede, não uma pedra grande e notável, mas pequenina, apenas fazendo seu quinhão para o bem maior da parede como um todo. Ela também estava tremendo.

— Psiu! — pediu Conina.

— Não estou ouvindo nada — disse Nijel, em voz alta.

Nijel era uma dessas pessoas que, se dizemos "não olhe agora", imediatamente viram a cabeça, como coruja em mesa giratória. São essas mesmas pessoas que, quando apontamos, digamos, para uma flor diferente ao seu lado, viram-se distraídas e pisam nela. Se estão perdidas no deserto, podemos achá-las colocando, em qualquer ponto do vasto mar de areia, algum objeto pequeno e frágil, como a antiga caneca valiosa que há gerações faz parte de nossa família, e voltar correndo ao escutá-la sendo esmigalhada. Enfim.

— A questão é essa! O que aconteceu com a guerra?

Uma pequena cascata de argamassa caiu do teto no chapéu de Rincewind.

— Alguma coisa vem agindo sobre as pedras — cochichou. — Elas querem se libertar.

— Estamos bem debaixo de uma porção delas — observou Creosoto.

Ouviu-se um rangido no alto, e um raio de luz do dia entrou no lugar. Para surpresa de Rincewind, não se fez acompanhar de morte

súbita por esmagamento. Houve outro estrondo, e o buraco aumentou. As pedras estavam caindo, e estavam caindo para cima.

— Acho que agora vale a pena arriscar o tapete — disse.

A parede ao lado sacudiu-se como um cachorro e despedaçou-se, com as lascas açoitando Rincewind, ao voar pelos ares.

Os quatro sentaram-se no tapete azul e dourado, sob uma tempestade de pedras voadoras.

— Temos de sair daqui — percebeu Nijel, mantendo sua reputação de grande observador.

— Esperem aí — pediu Rincewind. — Eu vou dar a ordem...

— Você, não — protestou Conina, ajoelhando-se ao seu lado. — Eu vou dar a ordem. Não confio em você.

— Mas...

— Cale a boca — cortou Conina.

Ela bateu no tapete.

— Tapete... levante! — ordenou.

Houve uma pausa.

— Suba.

— Talvez ele não entenda essa língua — sugeriu Nijel.

— Ascenda. Levite. Voe.

— Ou, talvez, só seja sensível a determinada voz...

— Cale a boca.

— Não me parece um bom comando para fazê-lo voar — considerou Nijel. — Tente eleve-se.

— Ou plane — propôs Creosoto.

Várias toneladas de laje despencaram a poucos centímetros da cabeça dele.

— Se fosse obedecer a essas ordens, já teria obedecido — irritou-se Conina.

O ar ficava cada vez mais carregado de poeira, à medida que as pedras voadoras se agitavam. Ela deu um murro no tapete.

— Decole, esteira maldita! Arrgh!

Um pedaço de cornija atingiu-lhe o ombro. Nervosa, ela passou a mão pela ferida e virou-se para Rincewind, que estava sentado com o queixo apoiado nos joelhos e o chapéu caído sobre os olhos.

— Por que não funciona? — perguntou.

— Você não está dizendo as palavras certas — respondeu o mago.

— Ele não entende nossa língua?

— A língua não tem nada a ver com isso. Você se esqueceu de uma coisa fundamental.

— Sim?

— Sim, o quê? — provocou o mago.

— Olhe aqui, não é hora para orgulho ferido!

— Você pode ficar tentando, não me incomodo.

— Ponha esse negócio para voar!

Rincewind puxou o chapéu sobre as orelhas.

— Por favor — pediu Conina.

O chapéu ergueu-se um pouco mais.

— Vamos todos morrer aqui dentro — argumentou Nijel.

— É verdade, por favor — suplicou Creosoto.

O chapéu subiu ainda mais.

— Têm certeza? — indagou Rincewind.

— Temos!

O mago pigarreou.

— Desça — ordenou.

O tapete levantou-se do chão e pairou a alguns centímetros da nuvem de poeira.

— Como foi que... — começou Conina, mas Nijel a cortou.

— Os magos possuem conhecimentos ocultos, deve ser isso — disse. —Talvez o chapéu tenha um múnus para fazer o contrário do que é pedido. Podemos subir mais?

— Podemos, mas não vamos — disse Rincewind.

O tapete avançou vagarosamente e, como sempre acontece nessas horas, uma pedra caiu exatamente no local em que ele estivera um minuto antes.

Pouco depois estavam todos ao ar livre, e a tempestade de pedras ficava para trás.

O palácio estava caindo aos pedaços, e os pedaços irrompiam no ar como uma erupção vulcânica às avessas. A torre da fonticeria havia desaparecido. As pedras lançavam-se para o local em que ela estivera e...

— Estão construindo outra torre! — exclamou Nijel

— Com material do meu palácio — reclamou Creosoto.

— O chapéu venceu — concluiu Rincewind. — E, por isso, está construindo sua própria torre. E uma espécie de reação. Os magos sempre ergueram torres, como aqueles... qual é o nome daquele negócio que fica nos rios?

— Sapo?

— Pedra?

— Gângster mal sucedido.

— Eu estava falando de frigana — esclareceu Rincewind. — Quando qualquer mago se preparava para brigar, a primeira coisa que fazia era construir uma torre.

— E enorme — comentou Nijel.

Rincewind assentiu.

— Para onde vamos? — perguntou Conina.

O mago estremeceu.

— Para longe — respondeu.

O muro do palácio estendia-se logo abaixo. Ele começou a tremer, e os tijolos puseram— se a avançar em direção à tempestade de pedras voadoras que zuniam ao redor da nova torre.

Por fim, Conina perguntou:

— Como conseguiu botar o tapete para voar? Ele realmente faz o contrário do que é pedido?

— Não. Só prestei atenção a alguns detalhes fundamentais do arranjo espacial.

— Não entendi — admitiu.

— Quer que eu explique sem usar o jargão mágico?

— Quero.

— Você abriu o tapete de cabeça para baixo — resumiu Rincewind.

Conina permaneceu quieta durante algum tempo. Depois disse:

— Que desconforto! E a primeira vez que viajo de tapete.

— É a primeira vez que eu dirijo — comentou Rincewind, distraído.

— Está indo muito bem — elogiou a moça.

— Obrigado.

— Você disse que tinha medo de altura.

— Pavor.

— Não parece.

— Não estou pensando no assunto.

Rincewind virou-se e olhou para a torre. Ela havia crescido um bocado no último minuto, criando no topo um jogo complicado de torreões e ameias. Um enxame de ladrilhos pairava próximo. As peças desciam e se encaixavam no lugar certo. A torre era absurdamente alta: as pedras da base teriam se partido, não fosse a magia que crepitava dentro delas.

Bem, aquele era o fim da magia organizada. Dois mil anos de paz mágica haviam escoado pelo ralo. As torres erguiam-se novamente e, com toda aquela magia em estado bruto, alguém se sairia muito mal. Provavelmente o universo. Magia demais pode comprometer o tempo e o espaço, e isso não é nada bom para as pessoas que cresceram acostumadas com coisas do tipo efeito vindo depois da causa.

Mas é claro que seria impossível explicar isso para os seus companheiros. Eles pareciam não captar as idéias de maneira adequada. Mais exatamente, pareciam não entender o conceito de ruína. Sofriam da terrível ilusão de que alguma coisa sempre poderia ser feita. Pareciam dispostos a transformar o mundo, ou morrer tentando. E o problema de morrer tentando era que se morria tentando.

Todo o objetivo da antiga organização da Universidade era manter algum tipo de paz entre os magos, que se relacionavam uns com os outros com a mesma docilidade de gatos enfiados num saco. Agora que as luvas haviam sido retiradas, qualquer um que tentasse se intrometer acabaria terrivelmente arranhado. Aquela não era a velha magia suave, e um tanto tola, com que o mundo estava acostumado. Era a guerra mágica, incandescente e abrasadora.

Rincewind não era muito bom em premonição. Aliás, mal conseguia ver o presente. Mas tinha certeza absoluta de que, num futuro bem próximo, como dali a trinta segundos, alguém diria: "Deve ter alguma coisa que a gente possa fazer".

O deserto abria-se lá embaixo, iluminado pelos raios do poente.

— Parece que não tem muitas estrelas — comentou Nijel. — Pode ser que elas estejam com medo de sair.

Rincewind olhou para cima. Havia uma névoa prateada no alto.

— E a magia em estado bruto, caindo da atmosfera — informou. — Está saturada.

Vinte e sete, vinte e oito, vinte e...

— Deve ter alguma... — começou Conina.

— Não tem — cortou Rincewind, rispidamente, mas com uma ponta de satisfação. — Os magos vão brigar entre si até que haja apenas um vencedor. Não tem nada que ninguém possa fazer.

— Eu gostaria de uma bebida — suspirou Creosoto. — Será que não podemos parar em algum lugar para eu comprar uma taverna?

— Com o quê? — indagou Nijel. — Você agora é pobre, esqueceu?

— A pobreza não me incomoda — garantiu o xerinfe. — É a lucidez que me mata!

Conina cutucou Rincewind.

— Você está conduzindo esse negócio? — perguntou.

— Não.

— Então, para onde ele está indo?

Nijel olhou para baixo.

— Pelo jeito, está indo para o Meio — disse ele. — Em direção ao Mar Círculo.

— Alguém deve estar conduzindo.

Oi, soou uma voz amistosa na cabeça de Rincewind.

Não é minha consciência de novo, é?, imaginou ele.

Estou péssima.

Sinto muito, pensou Rincewind, mas nada disso é culpa minha. Sou apenas vítima das circunstâncias. Não sei por que deveria me sentir responsável.

Tudo bem, mas você poderia tomar alguma atitude.

Como o quê?

Destruir o fonticeiro. Tudo isso viria abaixo.

Eu não teria nem chance.

Poderia, ao menos, morrer tentando. Seria melhor do que deixar estourar uma guerra mágica.

— Cale a boca, está bem? — irritou-se Rincewind.

— O quê? — perguntou Conina.

— Hein? — indagou o mago, distraído. Ele olhou para o desenho azul e dourado, e acrescentou: — Você está guiando, não está? Através de mim! Isso é traição!

— Do que está falando?

— Ah. Desculpe. Pensando alto.

— Acho melhor a gente pousar — sugeriu Conina.

Eles voaram para uma praia em meia-lua, onde o deserto encontrava o mar. A luz normal, a praia teria sido de um branco ofuscante, com a areia composta de bilhões de minúsculos fragmentos de concha, mas, àquela hora do dia, mostrava-se avermelhada e primordial. Muitos pedaços de madeira, desgastados pelas ondas e embranquecidos pelo sol, amontoavam-se na margem, como a ossada de peixes antigos ou a maior bancada de acessórios de arte floral no mundo. Nada se mexia, além das ondas. Havia algumas rochas ao redor, mas estavam quentíssimas e não serviam de lar para nenhum molusco ou alga marinha.

Até o mar parecia árido. Se qualquer anfíbio primitivo houvesse chegado a uma praia daquelas, teria desistido no ato, voltado para a água e avisado aos parentes que esquecessem a idéia de ter patas, que não valia a pena. O ar parecia cozido.

Ainda assim, Nijel insistiu para que acendessem uma fogueira.

— É mais simpático — argumentou. — Além do mais, pode haver monstros.

Conina mirou as ondinhas fracas, atingindo a praia no que parecia uma tentativa desanimada de sair do mar.

— Naquilo? — perguntou.

— A gente nunca sabe.

Rincewind vagava pela margem, distraidamente pegando pedras e jogando-as no mar. Uma ou duas voltaram.

Depois de algum tempo, Conina conseguiu acender a fogueira, e um pedaço de madeira seca e salgada soltava chamas azuis e verdes, sob uma cascata de faíscas. O mago sentou-se nas sombras dançantes, encostado numa pilha de madeiras embranquecidas e envolto numa tristeza tão impenetrável que até Creosoto parou de reclamar de sede e se calou.

Conina acordou depois da meia-noite. Havia uma lua crescente no horizonte, e uma névoa fina e fria cobria a areia. Creosoto roncava, deitado de costas. Nijel, que teoricamente estaria de guarda, ressonava.

Conina permaneceu imóvel, com todos os sentidos voltados para o que a havia despertado.

Por fim, ouviu novamente. Era um tinido baixo, quase inaudível sob o barulho abafado do mar.

Ela se levantou, ou melhor, deslizou para a vertical como se tivesse menos ossos do que uma água-viva e tirou a espada das mãos inertes de Nijel. Avançou por entre a névoa, sem perturbá-la.

O fogo minguava, em meio às cinzas. Depois de algum tempo, Conina voltou ao acampamento e acordou os outros dois.

— Guivoi?

— Acho que vocês precisam ver isso — sussurrou. —Talvez seja importante.

— Só fechei os olhos por um segundo... — desculpou-se Nijel.

— Não tem problema. Venham.

Creosoto passou a vista no acampamento improvisado.

— Cadê o mago?

— Vocês vão ver. E não façam barulho. Pode ser perigoso.

Eles seguiram a menina em direção ao mar, afundados até o joelho na névoa.

Por fim, Nijel perguntou:

— Por que perigoso...?

— Psiu! Escutaram?

Nijel aguçou os ouvidos.

— Meio que um tinido?

— Olhem...

Rincewind caminhava aos trancos pela praia, carregando uma enorme pedra redonda nas mãos. Passou por eles sem dizer palavra, com os olhos fixos à frente.

Os três seguiram-no pela praia fria, até ele alcançar uma área vazia entre as dunas, onde parou e, ainda se movendo com a elegância de um cabide de pé, largou a pedra. Ela soltou um tinido.

Havia um grande círculo de pedras. Pouquíssimas, de fato, encontravam-se em cima umas das outras.

Os três se agacharam e observaram-no.

— Ele está dormindo? — perguntou Creosoto.

Conina assentiu.

— O que está tentando fazer?

— Acho que uma torre.

Rincewind voltou ao círculo de pedras e, com grande cuidado, soltou outra pedra no ar. Ela caiu.

— Não é muito bom no negócio — considerou Nijel.

— Uma tristeza — confirmou Creosoto.

— Talvez devêssemos acordá-lo — sugeriu Conina. — Só que eu ouvi dizer que, quando acordamos o sonâmbulo, ele perde as pernas. Ou algo assim. O que vocês acham?

— Com os magos, pode ser arriscado — advertiu Nijel.

Os três tentaram se acomodar melhor na areia fria.

— É lamentável — rebateu Creosoto. — Ele nem é exatamente mago.

Conina e Nijel tentaram evitar o olhar um do outro. Por fim, o rapaz tossiu e falou:

— Também não sou exatamente um herói bárbaro. Vocês já devem ter notado.

Eles observaram o vulto diligente de Rincewind durante algum tempo, e Conina admitiu:

— Se a questão é essa, acho que me falta talento para cabeleireira.

Ambos fitaram o sonâmbulo, entretidos em pensamentos e corados de constrangimento mútuo. Creosoto pigarreou.

— Se isso ajuda — disse ele — , às vezes acho que minha poesia deixa muito a desejar.

Com cuidado, Rincewind tentou equilibrar uma pedra enorme num pequeno calhau. Ela tombou, mas o mago se mostrou satisfeito com o resultado.

— Falando como poeta — perguntou Conina, com tato —, o que você diria sobre essa situação?

Creosoto se mexeu, pouco à vontade.

— Negocinho engraçado, a vida — respondeu.

— Bem apropriado.

Nijel deitou-se e olhou as estrelas anuviadas. Depois, sentou-se ereto.

— Viram aquilo? — perguntou.

— O quê?

— Era uma espécie de relâmpago, meio...

O horizonte explodiu num mar silencioso de cores, que atravessou rapidamente todos os matizes do espectro convencional, depois reluziu numa octarina cintilante.

Durante algum tempo, ouviu-se um trovão longínquo.

— Algum tipo de arma mágica — imaginou Conina.

Uma lufada de vento quente agitou a névoa.

— Chega! — decidiu Nijel. — Vou acordá-lo, mesmo que isso signifique ter de carregá-lo depois.

Ele estendeu o braço em direção ao ombro de Rincewind no momento exato em que alguma coisa passava voando no céu, fazendo o barulho de uma revoada de gansos sob efeito de oxido nitroso. A coisa desapareceu no deserto. Seguiram-se um ruído que teria mexido até com nervos de aço, um raio de luz verde e um estrondo.

— Eu o acordo — decidiu Conina. — Vocês pegam o tapete.

Ela se dirigiu ao círculo de pedras e tomou o mago suavemente pelo braço. Aquele teria sido um modo exemplar de acordar um sonâmbulo, não fosse Rincewind deixar cair no próprio pé a pedra que vinha segurando. Ele abriu os olhos.

— Onde estou? — perguntou.

— Na praia. Você estava... hã... sonhando.

Rincewind olhou a névoa, o céu, o círculo de pedras, Conina, novamente o círculo de pedras, e outra vez o céu.

— O que aconteceu? — perguntou.

— Uns fogos de artifício mágicos.

— Ali. Então começou.

Ele saiu cambaleante do círculo, dando a entender que talvez ainda não estivesse completamente acordado, e avançou para onde se encontravam os restos da fogueira. Arriscou alguns passos e pareceu se lembrar de alguma coisa.

Olhou o pé e disse:

— Ai!

Quase havia chegado até a fogueira quando a rajada do último feitiço os alcançou. O alvo havia sido a torre de Al Khali, que ficava a trinta quilômetros de distância, e a essa altura a frente de onda já se mostrava extremamente difusa. Mal afetava a natureza das coisas ao avançar pelas dunas com um leve ruído de sucção. A fogueira ardeu vermelha e verde por um segundo, uma das sandálias de Nijel virou um

pequeno texugo nervoso, e um pombo saiu voando do turbante do xerinfe.

Depois, a rajada avançou para o mar.

— O que foi aquilo? — perguntou Nijel.

Ele chutou o texugo, que lhe cheirava o pé.

— Hein? — indagou Rincewind.

— Aquilo!

— Ah, aquilo — disse Rincewind. — O recuo de um feitiço. Provavelmente atingiu a torre de Al Khali.

— Deve ter sido enorme para nos alcançar aqui.

— Deve, sim.

— Ei, aquele palácio era meu — resmungou Creosoto. — Sei que era muito, mas era tudo que eu tinha.

— Que pena.

— Tinha gente na cidade!

— Devem estar bem — calculou Rincewind.

— Menos mal.

— Embora não necessariamente em forma de gente.

— O quê?

Conina pegou-lhe o braço.

— Não grite com ele — pediu. — Ele não é o mesmo.

— Ah — disse Creosoto. — Um progresso.

— Você está sendo um pouco injusto — protestou Nijel. — Quer dizer, ele me tirou da cova das serpentes e, bem, conhece muitas...

— E, os magos são excelentes para nos tirar do tipo de problema em que só eles conseguem nos meter — rebateu Creosoto. — E, depois, esperam que agradeçamos.

— Ah, eu acho...

— Alguém precisa dizer isso — insistiu Creosoto, agitando as mãos, irritado.

Por um instante, ele se viu iluminado pela passagem de outro feitiço no céu turbulento.

— Olhem só! — continuou. — Ah, ele é bonzinho. Todos são muito bonzinhos. Devem achar que o Disco seria um lugar melhor se eles estivessem no comando. Vão por mim, não tem nada pior do que gente querendo ajudar. Magos! No fim, servem para quê? Vocês podem me dizer alguma coisa de útil que eles tenham feito?

— Você está sendo cruel — contestou Conina, mas com uma inflexão de voz que sugeria que ela estava disposta a se deixar persuadir.

— Eles me enojam — murmurou Creosoto, que estava sóbrio e não gostava da sensação.

— Acho que vamos nos sentir melhor se tentarmos dormir um pouco mais — propôs Nijel, diplomaticamente. — Tudo sempre parece melhor à luz do dia. Enfim, quase sempre.

— Minha boca está com um gosto horrível — disse Creosoto em voz baixa, determinado a não largar o resto de sua raiva.

Conina voltou-se para a fogueira e notou uma ausência na paisagem. A ausência tinha o formato de Rincewind.

— Ele se foi!

De fato, Rincewind já estava a um quilômetro dali, sentado como um buda irritado no tapete, sobre o oceano escuro. Sua mente era um misto de ódio, humilhação, fúria e afronta.

Ele nunca quis muito da vida. Havia persistido na magia dos magos, muito embora não tivesse talento. Sempre fizera o melhor que podia, e agora o mundo todo conspirava contra sua pessoa. Bem, mostraria a eles. Quem exatamente eram "eles" e o que lhes seria mostrado não passavam de detalhes.

Ergueu o braço e tocou o chapéu a fim de ganhar confiança, embora a peça viesse perdendo suas últimas lantejoulas ao vento.

A Bagagem também andava tendo problemas.

A área ao redor da torre de Al Khali, sob implacável bombardeio mágico, já passava daquele limite em que o tempo, o espaço e a matéria perdem a identidade própria e começam a vestir as roupas uns dos outros. Era impossível descrever a cena.

Aqui vai uma tentativa:

Parecia o som de um piano que acabasse de cair num poço. Tinha gosto de amarelo e textura de tecido xadrez. Cheirava a eclipse de lua. É claro que, mais perto da torre, tudo ficava muito mais estranho.

Esperar que qualquer criatura desprotegida sobrevivesse dentro daquilo seria o mesmo que esperar neve em supernova. Por sorte, a Bagagem não sabia disso, e atravessou todo o turbilhão, com magia em estado bruto cristalizando-se na tampa e nas dobradiças. Ela estava de

mau humor, mas não havia nada de novo nisso, a não ser pelo fato de o redemoinho desatinado, que envolvia a Bagagem numa coroa multicolorida, dar a ela o aspecto de um anfíbio primitivo muito nervoso, arrastando-se para fora de um pântano em chamas.

Fazia calor dentro da torre. Não existiam pavimentos internos, apenas uma série de corredores. Havia muitos magos, e a área central era uma coluna de luz octarina que estalava alto à medida que eles jogavam poder ali dentro. Na base, estava Abrim, com as pedras octarinas do chapéu reluzindo tanto que mais pareciam buracos abertos para um universo diferente.

O vizir mantinha as mãos estendidas, os dedos abertos, os olhos fechados e a boca numa linha fina de concentração, equilibrando todas as forças. Em geral, os magos controlavam o poder apenas até onde ia sua capacidade física, mas Abrim estava aprendendo rapidamente.

Bastava fazer de si mesmo o vértice da ampulheta, o suporte da balança, o rolo em volta da lingüiça.

Fazer certo, e ser o poder...

Já foi mencionado que os pés dele estavam vários centímetros acima do chão? Os pés dele estavam vários centímetros acima do chão.

Abrim vinha reunindo energia para um feitiço que subiria ao céu e envolveria a torre de Ankh com milhares de demônios quando escutou uma batida vigorosa na porta.

Existe um mantra que sempre é dito nessas ocasiões. Não interessa se a porta é a aba de uma barraca, o pedaço de couro de uma tenda açoitada pelo vento, três centímetros de madeira dura, com excelentes pregos de ferro, ou um retângulo de papelão, com folha de mogno e uma pequena luminária feita de pedaços horrorosos de vidro colorido, além de uma campainha que toca até vinte melodias famosas que nenhum amante de música gostaria de ouvir, mesmo depois de cinco anos de privação auditiva.

Um mago virou-se para outro e perguntou:

— Quem será, a essa hora?

Houve mais uma série de batidas na madeira.

— Não pode haver ninguém vivo lá fora — falou o outro mago, e falou em pânico, porque, se eliminássemos a possibilidade de ser

alguém vivo, isso sempre nos deixava a suspeita de que talvez fosse alguém morto.

Desta vez, as batidas estremeceram as dobradiças.

É melhor um de nós ir até lá — propôs o primeiro mago.

-Hã... Ah. Certo.

Ele atravessou, sem muita pressa, o corredor arqueado.

— Só vou ver quem é — disse.

— Excelente.

O vulto hesitante que se dirigia a porta era estranho. Mantos comuns não eram proteção suficiente no campo energizado da torre. Por isso, sobre o brocado e o veludo, o mago usava um macacão grosso e acolchoado, forrado com aparas de sorva e bordado com desenhos cabalísticos. Ele havia prendido uma viseira de vidro fume ao chapéu pontudo, e as luvas enormes sugeriam que era goleiro numa partida de críquete jogada em velocidade supersônica. As vibrações e os raios actínicos do grande trabalho realizado no salão produziam sombras escabrosas ao redor, à medida que ele virava os ferrolhos.

Abaixou a viseira e abriu uma fresta na porta. - Não queremos nenhum... - começou ele, e deveria ter escolhido melhor as palavras, porque foram suas últimas.

Passou-se algum tempo até que o colega notasse a demora de sua ausência e atravessasse o corredor, atrás dele. A porta estava aberta, e o inferno taumatúrgico do mundo exterior rugia contra a teia de feitiços que o reprimia. Na verdade, a porta não estava totalmente aberta. Ele puxou a madeira para ver por que, e soltou um gemido.

Ouviu um barulho a suas costas. Deu meia-volta. — Que... — começou ele. Que é uma sílaba bem fraca para se terminar a vida.

Sobrevoando o Mar Círculo, Rincewind sentia-se ridículo.

Mais cedo ou mais tarde, isso acontece com todo mundo.

No bar, por exemplo, alguém nos empurra, e então nos viramos rapidamente e dirigimos algumas injúrias para — aos poucos nos damos conta — a fivela do cinto de um homem que, mais do que nascido, parece ter sido talhado.

Ou um carro minúsculo corta o nosso, e aceleramos para mostrar o punho ao motorista que, e isso fica evidente à medida que ele se levanta, provavelmente estava sentado no banco traseiro.

Ou, então, lideramos os colegas rebeldes até a cabine do capitão e batemos na porta. Ele mete para fora a cabeça enorme, com uma faca em cada mão, e dizemos: "Vamos assumir o comando do navio, seu bosta, e os rapazes estão comigo!". Ele pergunta: "Que rapazes?". De repente, sentimos um grande vazio atrás de nós, e dizemos "Hum..."

Em outras palavras, é a famosa sensação de calor experimentada por qualquer pessoa que já tenha deixado as ondas da raiva levá-la à praia da desforra, metendo-se, na linguagem poética do dia-a-dia, numa grande enrascada.

Rincewind ainda estava irritado, humilhado e tudo o mais, mas essas emoções haviam cedido um pouco, e parte de sua personalidade normal retornara. Não ficou nada satisfeita de se ver sobre alguns fios de lã azul e dourada, acima das ondas fosforescentes.

Ele estava a caminho de Ankh-Morpork. Tentou lembrar por quê.

Obviamente, era onde tudo havia começado. Talvez fosse a presença da Universidade, que era tão carregada de magia, que parecia uma bala de canhão sobre a delicada realidade do universo. Ankh era onde tudo começava e terminava.

Também era sua casa, por pior que fosse, e clamava por ele.

Já foi mencionado que Rincewind parecia ter roedores em sua árvore genealógica e, em momentos de estresse, sentia uma vontade terrível de correr para a toca.

Ele deixou o tapete deslizar ao sabor das correntes de ar, enquanto a alvorada — que, segundo Creosoto, provavelmente teria dedos cor-de-rosa - criava um círculo de fogo ao redor do Disco. Ela lançava vagarosos raios de luz sobre um mundo ligeiramente diferente.

Rincewind piscou. Era uma luz esquisita. Não. Agora, que parava para pensar, não era esquisita, mas exquisita, palavra que encerra muito mais esquisitice. Era como olhar o mundo através de uma neblina de calor, mas uma neblina que tinha vida própria. Ela vibrava e se alongava, e sugeria que não se tratava de mera ilusão de ótica, mas que a própria realidade vinha se distendendo, como uma bola de gás tentando conter gás demais.

A oscilação era maior na direção de Ankh-Morpork, onde raios e chafarizes de ar contorcido indicavam que a luta não havia abrandado.

Uma coluna semelhante erguia-se sobre Al Khali. Rincewind se deu conta de que não era a única.

Aquilo não era uma torre sobre Quirm, onde o Mar Círculo desembocava no grande Oceano Periférico? E havia outras.

Tudo ia de mal a pior. A magia dos magos se dissolvia. Adeus Universidade, níveis e ordens. No fundo do coração, todos os magos sabiam que o número natural da magia dos magos era 1. As torres se multiplicariam e brigariam até sobrar apenas uma delas. Daí os magos lutariam até que restasse somente um.

A essa altura, ele certamente lutaria consigo mesmo.

Toda a estrutura que funcionava como estabilizadora da magia estava ruindo. Rincewind sentia-se péssimo. Nunca havia sido bom em mágica, mas a questão não era essa. Ele conhecia o seu lugar. Era no fundo, lá embaixo, mas pelo menos tinha o seu lugar. Podia erguer os olhos e ver toda a delicada máquina funcionar, suavemente absorvendo a magia natural gerada pela rotação do Disco.

Tudo que ele tinha não era nada, mas era alguma coisa. Agora, lhe tiravam aquilo.

Rincewind voltou o tapete para o brilho distante de Ankh-Morpork, que não passava de um pontinho cintilante à luz da manhã, e uma parte de sua mente, que não vinha fazendo nada, perguntou-se por que estaria tão claro. Também parecia haver lua cheia, e até Rincewind, cujo conhecimento de ciências naturais era bastante vago, estava certo de que houvera lua cheia poucos dias antes.

Bem, não importa. Chega! Ele não tentaria entender mais nada. Apenas voltaria para casa.

Só que mago nunca volta para casa.

Esse é um dos antigos ditados que mago algum jamais conseguiu entender. Eles não podiam ter esposas, mas podiam ter pais, e muitos voltavam para a cidade natal na noite de Reveillon dos Porcos, ou na Quinta-Feira Tamanca, para cantar um pouco e ver todos os valentões da infância tratando de evitá-los na rua.

É como o outro ditado que nunca conseguiram entender, que diz que não se cruza o mesmo rio duas vezes. Experiências com um mago de pernas compridas e um rio estreito revelaram que é possível cruzar o mesmo rio 30, 35 vezes por minuto.

Os magos não gostam muito de filosofia. No que lhes diz respeito, é possível aplaudir com uma única mão, mas o som sai pela metade.

Neste caso em particular, porém, Rincewind não podia voltar para casa porque ela não estava mais lá. Havia uma cidade cortada pelo Rio Ankh, mas o mago jamais havia deitado olhos nela. Era branca, limpa e não cheirava a latrina cheia de arenques mortos.

Em estado de choque, ele pousou no que outrora fora a Praça das Luas Partidas. Havia chafarizes. É claro que, antes, também havia chafarizes, mas eles apenas gotejavam, e a água parecia sopa rala. O chão, agora, era composto de lajes leitosas, com partículas brilhantes. E, embora o sol estivesse no horizonte como uma metade de laranja, quase não havia ninguém ali. Em geral, Ankh estava sempre abarrotada, e a cor do céu era mero detalhe de fundo.

Longas espirais de fumaça desprendiam-se da coroa fumegante, acima da Universidade. Era o único movimento no local, além dos chafarizes.

Rincewind sempre sentira orgulho do fato de estar só, no meio da cidade apinhada, mas era muito pior se sentir só quando se estava de fato sozinho.

Enrolou o tapete, botou-o no ombro e avançou, por entre ruas assombradas, em direção à Universidade.

O portão estava aberto, ao sabor do vento. Grande parte do prédio parecia arruinada por disparos perdidos e ricochetes. A torre da fonticeria, alta demais para ser de verdade, parecia ilesa. Não era o caso da antiga Torre de Arte. Metade da magia destinada à torre vizinha parecia ter repercutido nela. Pedaços haviam derretido.

Algumas partes fulguravam, outras tinham se cristalizado. Outras pareciam ter se torcido para além das três dimensões normais. Fazia a gente sentir pena das pedras por sofrerem aquele tipo de tratamento. Na verdade, havia acontecido quase tudo com a torre, menos o colapso propriamente dito. Ela estava tão devastada que parecia que até a gravidade tinha desistido dela.

Rincewind suspirou e contornou a base da torre, em direção à biblioteca.

Em direção ao lugar onde, um dia, havia sido a biblioteca.

Lá estava o arco do vão da porta, e a maior parte das paredes ainda se encontrava de pé, mas o teto havia caído e tudo estava preto de fuligem.

Rincewind limitou-se a olhar durante algum tempo.

Largou o tapete e correu, tropeçando no entulho que quase bloqueava a entrada. O chão de pedras ainda estava quente. Aqui e ali, restos de alguma estante ardiam em chamas.

Rincewind corria para a frente e para trás, por entre os montes reluzentes, subindo desesperadamente neles, jogando longe móveis carbonizados, livrando— se dos pedaços de teto caído com força menos que sobre-humana.

Parou uma ou duas vezes para recuperar o fôlego, mas logo mergulhava novamente nos escombros, cortando as mãos em cacos de vidro da cúpula do telhado. Ele parecia soluçar.

Por fim, os dedos ávidos tocaram uma coisa quente e macia.

O mago jogou para o lado uma viga queimada do telhado, avançou aos trancos por uma porção de azulejos partidos e olhou para baixo.

Naquele local, meio esmagado pela viga e queimado pelo fogo, havia um grande cacho de bananas maduras.

Com muito cuidado, pegou uma das frutas, sentou-se e olhou-a durante um bom tempo. Então, comeu-a.

— Não deveríamos tê-lo deixado ir assim — disse Conina.

— Como poderíamos impedir, ó formosa águia dos olhos de corça?

— Ele pode fazer uma besteira!

— Isso é bem provável — ironizou Creosoto.

— Enquanto a gente mostra que é inteligente e fica aqui nessa praia quente sem nada para comer nem beber. É isso?

— Você poderia me contar uma história — sugeriu Creosoto, tremendo ligeiramente.

— Cale a boca.

O xerinfe correu a língua pelos lábios.

— Imagino que uma piadinha rápida esteja fora de questão? — insistiu.

Conina suspirou.

— A vida é mais do que narrativa, sabia?

— Desculpe. Perdi o controle.

Agora, com o sol alto, a praia de conchas esmigalhadas reluzia como uma salina. O mar não tinha melhor aspecto à luz do dia. Movia-se feito óleo.

Para ambos os lados, a praia estendia-se em longas curvas planas, sem apresentar nada, além de uns poucos tufos de grama seca que viviam da umidade vaporizada. Não havia nem sinal de sombra.

— Estamos numa praia — observou Conina. — E, na minha opinião, isso significa que, mais cedo ou mais tarde, vamos dar num rio. Tudo que temos de fazer é seguir em uma direção.

— Por outro lado, adorável neve das encostas do Monte Eritor, não sabemos qual.

Nijel suspirou e enfiou a mão na bolsa.

— Hã — disse. — Desculpe. Será que isso aqui não pode ajudar? Eu roubei. Sinto muito.

Ele estendeu a lâmpada que estava no depósito de tesouros.

— E mágica, não é? — perguntou, cheio de esperanças. — Já ouvi falar. Não vale a pena tentar?

Creosoto sacudiu a cabeça.

— Mas você disse que o seu avô a usou para fazer fortuna! — protestou Conina.

— Uma lâmpada — advertiu o xerinfe. — Usou uma lâmpada. Não esta. A lâmpada verdadeira era um objeto velho, amassado. Um dia, surgiu um vendedor ambulante malvado, oferecendo lâmpadas novas em troca de velhas, e minha bisavó trocou-a por esta aí. A família guardou-a no cofre como uma espécie de recordação dela. Uma mulher terrivelmente burra. É claro que não funciona. — Já tentou?

— Não, mas o sujeito não teria se desfeito dela se funcionasse.

— Esfregue — pediu Conina. — Mal não pode fazer.

— Eu não esfregaria — avisou Creosoto.

Nijel suspendeu a lâmpada com cuidado. A peça tinha uma aparência estranhamente lisa, como se alguém houvesse se disposto a criar uma lâmpada que agisse depressa.

Ele esfregou-a.

O resultado não foi nada espetacular. Houve um clique fraco e um sopro de fumaça perto dos pés de Nijel. Depois, apareceu uma linha

na praia, a alguns metros da fumaça. Ela se estendeu rapidamente para delinear um quadrado na areia, que sumiu.

Um vulto surgiu do chão, deteve-se e resmungou.

Trazia um turbante, um bronzeado aristocrático, um pequeno medalhão de ouro, short brilhoso e modernos sapatos de corrida com biqueira recurva.

Disse:

— Quero esclarecer algumas coisas. Onde estou?

Conina foi a primeira a se recuperar.

— Numa praia — respondeu.

— Tudo bem — disse o gênio. — O que estou perguntando é em que lâmpada, em que mundo.

— Você não sabe?

O gênio tirou a lâmpada das mãos de Nijel.

— Ah, esse negócio velho — disse. — Só divido as despesas. E tenho direito a duas semanas em agosto, mas é claro que nem sempre dá para escapar.

— São muitas lâmpadas? — perguntou Nijel.

— Estou meio sobrecarregado — confirmou o gênio. — Aliás, ando pensando em variar um pouco com anéis. Anel é o boom do momento. Desculpe, pessoal, o que posso fazer por vocês?

A última frase foi pronunciada com aquela voz especial que usamos para parodiar a nós mesmos, na vã esperança de que nos faça parecer menos idiotas.

— A gente... — começou Conina.

—Eu quero uma bebida — interrompeu Creosoto. — E você tem de dizer que meu desejo é uma ordem.

— Ah, ninguém mais diz isso — contestou o gênio, e fez surgir um copo.

Em seguida, dirigiu a Creosoto um sorriso fulgurante que durou uma pequena porcentagem de segundo.

— Queremos que você nos leve a Ankh-Morpork — afirmou Conina.

O gênio pareceu confuso. Ele fez surgir um livro grosso (NOTA: Era jeidimito, auxílio inestimável para todos aqueles cujo ofício envolvia o arcano e o hermético. Continha uma lista de tudo que não existia e não era importante em nenhum aspecto. Algumas páginas só podiam ser

lidas depois da meia-noite ou sob iluminação estranha e improvável. Havia a descrição de constelações subterrâneas e vinhos até então não fermentados. Para o ocultista verdadeiramente moderno, que podia bancar a versão com capa de pele de aranha, havia até um suplemento mostrando o metrô de Londres com as três estações que nunca se ousa mostrar nos mapas públicos), e consultou— o.

— Parece uma ótima idéia — disse, afinal. — Vamos almoçar juntos na terça-feira, tudo bem?

— Fazer o quê?

— Estou um pouco apressado, agora.

— Você está um pouco..?, — começou Conina.

— Ótimo — considerou o gênio, e olhou para o próprio pulso.

— Ei, é essa hora mesmo?

Ele sumiu.

Os três miraram a lâmpada, em silêncio meditativo, até que Nijel perguntou:

— O que terá acontecido com aqueles sujeitos gordos, de calças largas, que diziam "Ouço e Obedeço, Ó Mestre"?

Creosoto resmungou qualquer coisa. Havia acabado de tomar a bebida. Era água com borbulhas, e tinha gosto de ferro quente.

— Não vou admitir isso — rosnou Conina.

Ela pegou a lâmpada e esfregou o objeto, como se lamentasse não ter uma pedra nas mãos.

O gênio reapareceu num lugar diferente, ainda a alguns metros da explosão fraca e da obrigatória nuvem de fumaça.

Ele trazia um aparelho recurvo e brilhoso na orelha, e parecia ouvi-lo atentamente. Olhou apressado para o rosto enfurecido de Conina e, mexendo as sobrancelhas e agitando a mão livre com urgência, deu um jeito de sugerir que, no momento, encontrava-se inconvenientemente preso a assuntos desagradáveis que, infelizmente, impediam-no de dar atenção a ela naquele instante. Mas que, tão logo se desvencilhasse daquela pessoa inoportuna, ela poderia ter certeza de que seu desejo, que sem dúvida era um desejo de brilho e esplendor, seria uma ordem.

— Vou arrebentar a lâmpada — avisou ela, em voz baixa.

O gênio abriu-lhe um sorriso rápido e falou, rispidamente, para o aparelho que mantinha preso entre o queixo e o ombro:

— Ótimo — disse. — Excelente. Está fechado. Pede para o seu pessoal ligar para o meu. Manteremos contato, certo? Tchau.

Ele abaixou o negócio.

— Imbecil — murmurou.

— Vou mesmo arrebentar a lâmpada — advertiu Conina.

— Que lâmpada é essa? — perguntou o gênio, às pressas.

— Quantas você tem? — quis saber Nijel. — Sempre achei que os gênios só tivessem uma.

Exausto, o gênio explicou que, na verdade, possuía várias lâmpadas. Havia uma lâmpada pequena mas bem montada, onde ele passava a semana. Outra, um tanto notável, no campo, uma lamparina rústica cuidadosamente restaurada, num imaculado distrito produtor de vinho próximo a Quirm. E, mais recentemente, ele comprara um conjunto de lâmpadas abandonadas na região portuária de Ankh-Morpork, que tinha grande potencial para virar o equivalente oculto de um complexo de escritórios e bar, quando o pessoal mais antenado descobrisse o local.

Os três ouviram admirados, como peixes que de repente se deparassem com uma palestra sobre como voar.

— Quem é o seu pessoal, para quem o outro pessoal tem de ligar? — perguntou Nijel, que estava impressionado, embora não soubesse por que nem pelo quê.

— Na verdade, ainda não tenho pessoal — admitiu o gênio, e fez uma careta com os lábios. — Mas vou ter.

— Todos quietos! — exigiu Conina. — E você nos leve a Ankh-Morpork.

— Se eu fosse você, eu levaria — opinou Creosoto. — Quando a boca da moça vira uma caixa de correio, é melhor fazer o que ela manda.

O gênio hesitou.

— Não sou muito bom em transporte — advertiu.

— Aprenda — ordenou Conina, jogando a lâmpada de uma mão para a outra.

— Telecinesia é uma dor de cabeça — insistiu o gênio, em desespero. — Por que não almoçamos...

— Chega! — irritou— se Conina. — Só preciso de duas pedras grandes.

— Tudo bem, tudo bem. Dêem as mãos. Vou fazer o possível, mas talvez seja um grande erro...

Uma vez, os astrofilósofos de Krull conseguiram provar, de maneira definitiva, que todos os lugares são um só, e que a distância entre eles não passava de ilusão. Mas a notícia foi um grande constrangimento para os filósofos pensantes, porque não explicava, entre outras coisas, as placas de trânsito. Após anos de brigas, tudo foi entregue a Yin Gha No, discutivelmente o maior filósofo do Disco (Ele sempre discutia, afirmando que era), que depois de muito pensar proclamou que, embora fosse verdade que todos os lugares eram um só, esse lugar era muito grande.

E, assim, restabeleceu-se a ordem psíquica. A distância, no entanto, é um fenômeno completamente subjetivo, e os seres mágicos podem ajustá-la para a sua conveniência.

Não são necessariamente bons nisso.

Rincewind estava sentado nos escombros enegrecidos da biblioteca, tentando entender o que havia de errado com eles.

Bem, para começar, tudo. Era impensável que a biblioteca pudesse ser queimada. Tratava-se do maior acúmulo de magia do Disco. Aquele era o sustentáculo da magia dos magos. Todos os feitiços já usados estavam escritos ali, em algum lugar. Queimá-los era, era, era...

Não havia cinzas. Muita madeira queimada, muitas correntes, muita pedra escurecida, muita bagunça. Mas milhares de livros não queimam facilmente. Eles teriam deixado pedaços de capa e uma enorme quantidade de cinzas. E não havia nada disso.

Rincewind mexeu no entulho com a ponta do pé. Só havia uma porta de entrada para a biblioteca. Havia os porões — dava para ver a escada que levava até eles, entupida de lixo — , mas seria impossível esconder todos os livros lá embaixo. Tampouco se poderia transportá-los por telecinesia. Eles resistiriam àquele tipo de magia. Qualquer pessoa que tentasse algo assim acabaria usando o cérebro em cima do chapéu.

Houve uma explosão no céu. Um círculo de fogo laranja formou-se na metade da altura da torre da fonticeria, subiu rapidamente e partiu na direção de Quirm.

Rincewind deslizou no banco improvisado e fitou a Torre de Arte. Teve a nítida sensação de que ela retribuía o olhar. Não havia nenhuma janela, mas por um instante ele pensou ver movimento entre os torreões em ruína.

Tentou imaginar a idade da torre. Com certeza, era mais velha do que a Universidade. Mais velha do que a cidade, que havia se formado à sua volta como biombo em torno de montanha. Talvez mais velha do que a própria geografia. Houve um tempo em que os continentes eram isolados, Rincewind bem sabia, e depois eles, de alguma forma, se acomodaram uns aos outros com mais conforto, como filhotes de cachorro numa cesta. Talvez a torre tivesse sido banhada por ondas de outro lugar. Talvez estivesse ali antes do próprio Disco, mas Rincewind não gostava de pensar assim, porque isso levantava perguntas incômodas sobre quem a teria construído e para quê.

Ele examinou a própria consciência.

Ela disse: *Não tenho opções. Faça o que quiser.*

Rincewind levantou-se e bateu a poeira e as cinzas do manto, tirando também bastante do veludo vermelho queimado. Ergueu o chapéu, fez uma tentativa preocupada de endireitar a ponta e botou-o de volta à cabeça.

E seguiu vacilante para a Torre de Arte.

Havia uma porta muito velha e pequena na base. O mago não ficou nem um pouco surpreso quando ela se abriu à sua chegada.

— Que lugar estranho! — exclamou Nijel. — Que engraçada essa curvatura das paredes!

— Onde estamos? — perguntou Conina.

— E tem bebida alcoólica? — indagou Creosoto. — Provavelmente não — acrescentou.

— E por que está tremendo? — insistiu Conina. — Nunca estive em nenhum lugar que tivesse paredes de metal.

Ela fungou o ar.

— Estão sentindo cheiro de óleo? — perguntou, desconfiada.

O gênio ressurgiu, embora dessa vez sem os efeitos da fumaça e do alçapão errante. Era evidente que se mantinha o mais longe de Conina que lhe permitia a educação.

— Estão todos bem? — quis saber.

— Isso aqui é Ankh? — inquiriu. — Só que, quando pedimos para chegar à cidade, esperávamos que você nos botasse num lugar com porta.

— Vocês estão a caminho — informou o gênio.

— Em quê?

Alguma coisa na maneira como o gênio hesitou fez a mente de Nijel saltar para uma conclusão improvável. Ele olhou a lâmpada em suas mãos. Experimentou dar uma sacudidela. O chão tremeu.

— Ah, não — lamentou. — É fisicamente impossível.

— Estamos dentro da lâmpada? — surpreendeu-se Conina.

O lugar tremeu novamente quando Nijel tentou espiar pelo gargalo.

— Não se preocupem — garantiu o gênio. — Aliás, tentem não pensar nisso.

Ele explicou — embora “explicou" provavelmente seja uma palavra positiva demais e, nesse caso, realmente signifique que “só conseguiu explicar até certo ponto" — que era perfeitamente possível viajar mundo afora numa pequena lâmpada, sendo carregada por uma pessoa do grupo, com a própria lâmpada se mexendo, por estar sendo levada ali dentro, por causa: a) da natureza fractal da realidade, o que significa que se pode pensar em tudo como estando dentro de tudo o mais, e b) de um marketing criativo. O truque dependia do fato de as leis da física não detectarem a irregularidade até o fim da viagem.

— Então, é melhor não pensar a respeito, sim? — pediu o gênio.

— Como não pensar em rinocerontes cor-de-rosa — disse Nijel, e soltou uma risada constrangida quando todos olharam para ele.

— Era meio uma brincadeira que a gente fazia — justificou o rapaz. — Não podia pensar em rinocerontes cor-de-rosa. — Ele tossiu. — Eu não falei que era uma brincadeira maravilhosa.

E espiou novamente pelo gargalo.

— Não — disse Conina. — Não parece.

— Bem — interveio o gênio. — Alguém quer café? Música? Uma partida rápida de Procura Essencial? (. Jogo muito popular entre deuses, semideuses, demônios e outros seres sobrenaturais, que se sentem à vontade com perguntas como "Qual é o sentido de tudo?" e "Como tudo acabará?").

— Bebida? — propôs Creosoto.

— Vinho branco?

— Uma droga.

O gênio pareceu chocado.

— Tinto é ruim para... — começou.

— Mas em tempestade vale qualquer porto — apressou-se em corrigir Creosoto. — Até sidra. Mas sem guarda-sol.

Ocorreu ao xerinfe que aquilo não era jeito de falar com um gênio. Ele se empertigou um pouco.

— Sem guarda— sol, pelas Cinco Luas de Nasreem. Nem pedaços de fruta, azeitonas, canudos dobrados ou macacos de enfeite, peço a ti pelas Dezessete Sideritas de Sarudin.

— Não sou de botar guarda-sol em bebida — irritou-se o gênio.

— E bem espaçoso, aqui — notou Conina. — Por que você não mobília?

— O que eu não entendo — disse Nijel — é que, se estamos todos na lâmpada que venho segurando, então o eu da lâmpada está segurando uma lâmpada menor e, nessa lâmpada...

O gênio sacudiu as mãos.

— Não fale isso! — exasperou-se. — Por favor!

Nijel franziu a testa.

— Tudo bem — assentiu. — Mas, então, há muitos de mim?

— É cíclico, mas agora pare de chamar a atenção para isso... Ah, droga.

Ouviu-se o ruído sutil e desagradável do universo, de repente, se dando conta do fato.

Estava escuro na torre. Um breu antigo que se encontrava ali desde a aurora dos tempos e que não gostou nada da intrusão da luz diurna, impregnada ao redor de Rincewind.

Ele sentiu o ar mexer quando a porta se fechou. E a escuridão voltou, preenchendo com tamanha perfeição o espaço onde a luz estivera que não veríamos a junção, mesmo se a luz ainda estivesse ali.

O interior da torre cheirava a coisa antiga, com leve indício de excremento de corvo. Era preciso muita coragem para ficar ali dentro, no escuro. Rincewind não tinha essa coragem, mas ficou assim mesmo.

Alguma coisa começou a lhe cheirar os pés, mas o mago continuou imóvel. O único motivo de não ter se mexido era o medo de acabar pisando em algo pior.

Então, com muita delicadeza, uma grande mão, feito luva velha de couro, tocou a sua, e alguém disse:

— Oook.

Rincewind ergueu os olhos.

A escuridão cedeu a um clarão forte. E Rincewind viu.

Toda a torre estava abarrotada de livros. Eles se comprimiam em cada um dos degraus da apodrecida escada em caracol que serpenteava no interior. Estavam empilhados no chão, embora algo no modo como se empilhavam sugerisse que a palavra "amontoados" seria mais apropriada. Dispunham – se — tudo bem, empoleiravam-se — em cada uma das saliências putrefatas.

E observavam o mago de um jeito velado que não tinha nada a ver com os seis sentidos comuns. Os livros são ótimos para transmitir significado. Claro que não necessariamente seu próprio significado, e Rincewind entendeu que vinham tentando lhe dizer alguma coisa.

Houve outro clarão. Ele sabia que era a magia da torre da fonticeria, refletida no distante buraco do teto.

Pelo menos, permitiu que identificasse Wuffles, farejando seu pé direito. Foi um certo alívio. Mas se conseguisse dar nome ao ruído baixo e repetitivo, próximo à orelha esquerda...

Houve mais um clarão providencial, que o pegou fitando os olhinhos amarelos do Patrício, a arranhar pacientemente a lateral do vidro onde estava. Era uma raspagem leve, indiferente, como se o lagarto não estivesse propriamente tentando sair, mas apenas interessado em ver quanto tempo levaria para desgastar o vidro.

Rincewind fitou o bibliotecário.

— Há milhares! — sussurrou, a voz abafada pelas fileiras maciças de livros. — Como os trouxe para cá?

— Oook, oook.

— Eles o quê?

— Oook — repetiu o bibliotecário, agitando os cotovelos.

— Voaram?

— Oook.

— Eles sabem?

— Oook — confirmou o bibliotecário.

— Deve ter sido incrível. Eu adoraria ver.

— Oook.

Nem todos os livros haviam conseguido. A maioria dos importantes tinha saído, mas um herbário de sete volumes perdera seu índice entre as chamas, e uma das muitas trilogias estava de luto pelo volume desaparecido. Alguns livros apresentavam queimaduras, outros haviam perdido a capa e arrastavam linhas pelo chão.

Riscou-se um fósforo, e algumas páginas se agitaram nas paredes. Mas era apenas o bibliotecário, que acendeu uma vela e seguiu adiante, a base de uma sombra ameaçadora, grande o bastante para escalar arranha-céus. Ele havia armado uma mesa tosca contra a parede, e ela estava coberta de ferramentas secretas, potes de raras substâncias adesivas e também um torno de encadernador, que já trazia um fólio ferido. Alguns raios fracos de magia cruzavam o livro.

O macaco entregou o candelabro para Rincewind e pegou um bisturi e uma pinça. Em seguida, inclinou sobre o trêmulo volume. Rincewind ficou pálido.

— Hã... — disse. — Será que posso me afastar? Eu desmaio quando vejo cola.

O bibliotecário sacudiu a cabeça e apontou o polegar para uma bandeja de ferramentas.

— Oook — ordenou.

Em desalento, Rincewind assentiu e, obedientemente, passou-lhe uma tesoura comprida. E se encolheu quando duas páginas danificadas foram arrancadas e jogadas no chão.

— O que está fazendo com ele? — conseguiu perguntar.

— Oook.

— Apendectomia? Ah.

O macaco novamente estendeu o polegar, sem erguer as vistas. Rincewind pegou agulha e linha na bandeja, e entregou a ele. Sobreveio o silêncio, quebrado apenas pelo ruído da linha sendo puxada no papel, até que o bibliotecário se endireitou e disse:

— Oook.

— Não há de quê. Ele... vai ficar bem?

O bibliotecário assentiu. Houve um suspiro quase inaudível de alívio, na fileira de livros acima.

Rincewind sentou-se. Os livros estavam assustados. Na verdade, estavam apavorados. A presença do fonticeiro lhes dava frio na lombada, e a pressão da atenção deles se fechava sobre o mago como um torninho.

-Tudo bem - murmurou ele. - Mas o que eu posso fazer?

- Oook.

O bibliotecário dirigiu a Rincewind um olhar que teria sido exatamente o olhar irônico que se dá por cima de óculos em meia-lua, se estivesse usando óculos em meia-lua, e pegou outro livro.

- Quer dizer, você sabe que eu não sou bom em magia.

- Oook.

- A fonticeria que corre por aí é terrível. E o troço primitivo, lá da aurora dos tempos. Ou, pelo menos, por volta do café-da-manhã.

- Oook.

- Vai destruir tudo, não vai?

- Oook.

- Já é hora de alguém dar um fim a essa fonticeria, não é?

- Oook.

- Só que não pode ser eu. Quando vim para cá, pensei que pudesse fazer alguma coisa, mas aquela torre é enorme! Deve ser à prova de qualquer tipo de magia. Se os magos realmente poderosos não fazem nada a respeito, como é que eu poderia?

- Oook - concordou o bibliotecário, costurando uma lombada partida.

- Acho que alguma outra pessoa deve salvar o mundo, desta vez. Eu não sou bom nisso.

O bibliotecário assentiu, estendeu o braço e tirou o chapéu de Rincewind de sua cabeça. -Ei! O macaco ignorou-o e pegou uma tesoura.

- Olhe aqui, esse chapéu é meu. Não ouse fazer isso no meu... Ele deu um salto e foi recompensado com um baque na lateral da cabeça, o que o teria deixado perplexo se tivesse tempo para pensar no assunto. O bibliotecário podia parecer um balão trôpego e benévolo, mas, por baixo de toda aquela pele, havia uma estrutura muito bem equilibrada de ossos e músculos, capaz de lançar um punho de dedos calejados através de uma prancha de grossa de madeira. madeira.

Chocar-se contra o braço do bibliotecário era como bater numa barra peluda de ferro.

Wuffles começou a pular, latindo de animação.

Rincewind soltou um grito rouco e intraduzível de raiva, suspendeu uma pedra caída como se fosse um porrete, deu alguns passos adiante e ficou completamente imóvel.

O bibliotecário estava agachado, com a tesoura tocando - mas ainda não cortando — o chapéu.

E sorria para Rincewind.

Durante alguns segundos, os dois ficaram parados, como num quadro. O macaco largou a tesoura, limpou várias manchas de poeira imaginária do chapéu, endireitou a ponta e colocou-o na cabeça de Rincewind.

Alguns instantes de pânico depois, Rincewind se deu conta de que estava segurando uma pedra imensa e terrivelmente pesada. Conseguiu jogá-la para o lado antes que ela se recobrasse do susto e lembrasse de cair sobre ele.

— Entendi — disse o mago, encostando-se na parede e massageando o cotovelo. -Tudo isso é para me dizer alguma coisa, não é? Uma lição de moral, para que Rincewind confronte a si mesmo, para que descubra aquilo por que está realmente preparado para lutar. Hein? Foi um truque muito baixo. E vou lhe dizer uma coisa. Se acha que funcionou... - ele segurou a aba do chapéu - se acha que funcionou... Se você acha que eu... Escute aqui... Se acha...

A voz se perdeu no silêncio. Ele encolheu os ombros.

- Tudo bem. Mas o que eu poderia fazer?

O bibliotecário respondeu com um gesto amplo, a sugerir, tão claramente como se houvesse dito "oook", que Rincewind tinha o chapéu, a biblioteca de livros mágicos e a torre. Isso poderia ser considerado tudo de que um mago necessitava. O macaco, o pequeno terrier com mau hálito e o lagarto no vidro eram extras opcionais.

Rincewind sentiu uma ligeira pressão nos pés. Wuffles, que era lento das idéias, havia cravado as gengivas sem dente no bico da bota de Rincewind e lhe dava uma chupada vigorosa.

Ele pegou o cachorrinho pela nuca e pelo toco peludo que, por falta de palavra melhor, chamava de rabo, e ergueu— o de lado.

— Tudo bem — disse, afinal. — É melhor você me dizer o que anda acontecendo por aqui.

Das Montanhas Carracas, que dão para a imensa e fria Planície Sto, em meio à qual Ankh-Morpork se estende, espalhada como um saco de compras caídas, a vista era sensacional. Raios perdidos da guerra mágica expandiam-se numa nuvem de ar solidificado, dentro da qual cintilavam luzes estranhas.

As estradas que saíam da cidade estavam cheias de refugiados, e todas as hospedarias e tavernas à sua margem encontravam-se lotadas. Ou quase todas.

Ninguém parecia querer parar no pequeno pub, um tanto agradável, instalado entre árvores próximas à estrada de Quirm. Não que tivessem medo de entrar, apenas não podiam notá-lo.

Houve um movimento no ar, a cerca de um quilômetro dali, e três vultos caíram do nada, numa moita de lavanda.

Ficaram estirados sob o sol, entre os ramos perfumados e rompidos, até a sanidade voltar. Creosoto perguntou:

— Onde estamos?

— Tem cheiro de gaveta de roupa íntima — observou Conina.

— Não a minha — contestou Nijel.

Ele se levantou com cuidado e perguntou:

— Alguém viu a lâmpada?

— Esqueça. Deve ter sido trocada por um bar qualquer — respondeu Conina.

Nijel tateou os galhos de lavanda até encontrar um objeto pequeno e metálico.

— Achei! — exclamou ele.

— Não esfregue! — pediram os outros dois, em uníssono.

Seja como for, falaram tarde demais, mas isso não fez muita diferença, porque tudo que aconteceu quando Nijel lhe deu uma leve esfregadela foi o surgimento de algumas palavrinhas vermelhas e esfumaçadas, em pleno ar.

— Oi — leu Nijel, em voz alta. — Não largue a lâmpada, seu pedido é muito importante para nós. Por favor, deixe seu desejo depois do sinal e, em breve, será uma ordem. Enquanto isso, tenha uma boa

eternidade. — Ele acrescentou: — Acho que o gênio está realmente sobrecarregado.

Conina não disse nada. Estava olhando a tempestade escaldante de magia. De vez em quando, parte dela se desprendia e voava para alguma torre distante. A menina estremeceu, apesar do calor crescente do dia.

— Temos de chegar lá o mais depressa possível — alertou. — É muito importante.

— Por quê? — indagou Creosoto.

Uma taça de vinho não havia lhe restaurado a antiga natureza despreocupada.

Conina abriu a boca e — o que era bem incomum para ela — fechou-a novamente. Não havia como explicar que todos os genes de seu corpo a impeliam adiante, afirmando que ela deveria participar. Visões de espadas e bolas cheias de pontas presas a correntes não paravam de invadir os salões de beleza da sua consciência.

Nijel, por outro lado, não sentia nenhum desses ímpetos. Tudo de que dispunha para movê-lo adiante era a imaginação, mas ele a tinha o bastante para impulsionar um navio de guerra de tamanho médio. Mirou a cidade com o que teria sido, caso tivesse queixo, uma fisionomia de determinação.

Creosoto deu-se conta de que estava em desvantagem.

— Tem bebida lá? — perguntou.

— Muita — respondeu Nijel.

— Não está mal para começar — avaliou o xerinfe. — Tudo bem, avante, ó filha dos seios de pêssego...

— E chega de poesia.

Eles se desembaraçaram da moita e desceram a encosta até a estrada que, pouco adiante, passava pela taverna mencionada acima ou, como Creosoto insistia em chamá-la, caravançará.

Hesitaram em entrar. O lugar não parecia querer clientes. Mas Conina, que por educação e criação costumava verificar os fundos das casas, achou quatro cavalos amarrados no quintal.

Os três examinaram os animais com atenção.

— Seria roubo — advertiu Nijel.

Conina abriu a boca para concordar, e as palavras "Por que não?" lhe escaparam dos lábios. Ela deu de ombros.

— Talvez devêssemos deixar algum dinheiro — sugeriu Nijel.

— Não olhem para mim — alarmou-se Creosoto.

— Ou escrever um bilhete e deixar debaixo das rédeas. Ou qualquer coisa assim. Vocês não acham?

À guisa de resposta, Conina montou no cavalo maior, que parecia pertencer a um soldado. Havia armas penduradas por todos os lados.

Sem jeito, Creosoto subiu no segundo cavalo, um baio arisco, e suspirou:

— Ela está com cara de caixa de correio — avisou. — Eu faria o que está mandando.

Desconfiado, Nijel estudou os outros dois cavalos. Um deles era imenso e extremamente branco — não o branco amarelado da maioria dos cavalos, mas um branco ebúrneo e translúcido, a que Nijel sentiu vontade inconsciente de chamar de "sudário". Também lhe deu a nítida sensação de ser mais inteligente do que ele.

Escolheu o outro. Era um pouco magro, mas dócil. E o rapaz conseguiu montar depois de apenas duas tentativas.

Eles partiram.

O barulho dos cascos mal chegou a penetrar na escuridão da taverna. O dono do local se movimentava como em sonho. Sabia que tinha clientes, havia até conversado com eles e podia mesmo vê-los sentados em torno da mesa próxima à lareira. Mas, se lhe pedissem que descrevesse com quem havia conversado ou o que tinha visto, teria ficado desorientado. Isso se dá porque o cérebro humano é excelente para bloquear coisas de que não quer saber. Naquele momento, o dele poderia guardar um cofre de banco.

E as bebidas! Da maioria delas, ele nunca tinha ouvido falar, mas as garrafas surgiam nas prateleiras, sobre os barris de cerveja. O problema era que, sempre que tentava pensar no assunto, as idéias se perdiam...

Os vultos em torno da mesa ergueram as cartas.

Um deles levantou a mão. Fica na extremidade do braço e tem cinco dedos, disse a mente do dono da taverna. Deve ser mão.

Uma coisa que o cérebro dele não conseguia bloquear era o som das vozes. Aquela ali soava como se alguém estivesse batendo em pedra com uma barra de chumbo.

— PESSOA DO BAR.

O dono da taverna soltou um gemido. As lanças térmicas do pânico abriam caminho nas portas de aço de sua mente.

— VEJAMOS. ESSE ERA... COMO SE CHAMA, MESMO?

— Bloody mary.

Aquela voz fazia um mero pedido de bebidas parecer declaração de guerra. — AH.É. E...

— O meu era martini — disse Peste.

— UM MARTINI.

— Com azeitona.

— ÓTIMO — mentiu a voz pesada. — PARA MIM, UM VINHO DO PORTO E — ele fitou o quarto membro do grupo e suspirou — É MELHOR VOCÊ TRAZER OUTRA TIGELA DE AMENDOIM.

A cerca de trezentos metros dali, os ladrões de cavalos tentavam se acostumar à nova experiência.

— Sem dúvida, uma viagem tranqüila — arriscou Nijel, afinal.

— E uma vista gloriosa — concordou Creosoto, a voz perdida no vento.

— Mas eu continuo me perguntando — argumentou Nijel — se fizemos a coisa certa.

— Estamos andando, não estamos? — irritou-se Conina. — Deixe de ser chato.

— Só que, bem, ver essas nuvens... esses cúmulos de cima, é...

— Cale a boca.

— Desculpe.

— De qualquer maneira, são estratos. No máximo, estratos-cúmulos.

— Entendo — disse Nijel, com tristeza.

— Faz alguma diferença? — perguntou Creosoto, que se encontrava deitado sobre o pescoço do cavalo, de olhos fechados.

— Uns trezentos metros.

— Ah.

— Talvez duzentos e cinqüenta — admitiu Conina.

— Ah.

A torre da fonticeria vibrava. Fumaça colorida corria pelos cômodos abobadados e corredores reluzentes. Na grande sala do cume,

onde o ar estava denso, escuro e cheirava a lata queimada, vários magos haviam desmaiado por causa do simples esforço mental da luta. Mas muitos resistiam. Estavam sentados num grande círculo, concentrados.

Era possível ver o tremor da fonticeria em estado bruto saindo da vara, nas mãos de Coin, e lançando-se para o centro do octograma.

Formas bizarras surgiam por um instante, e depois desapareciam. Ali, o tecido da própria realidade era passado a ferro.

Carding estremeceu e afastou o olhar, com medo de acabar vendo alguma coisa que realmente não pudesse ignorar.

Os magos sêniores sobreviventes tinham um simulacro do Disco flutuando à sua frente. Quando Carding voltou a olhá-lo, o pequeno brilho vermelho sobre a cidade de Quirm cintilou e se apagou.

O ar rangeu.

— Lá se vai Quirm — murmurou Carding.

— Agora, só falta Al Khali — disse um dos outros.

— Ali há muito poder.

Taciturno, Carding assentiu. Sempre gostara muito de Quirm, que era... que havia sido uma cidadezinha deliciosa, banhada pelo Oceano Periférico.

Lembrou vagamente a ocasião em que fora levado para lá, quando pequeno. Por um instante, contemplou o passado com tristeza. Havia gerânios silvestres, recordou, enchendo as ruas inclinadas de perfume almiscarado.

— Crescendo nas paredes — comentou, em voz alta. — Rosa. Eram rosa.

Os outros magos lançaram-lhe olhares melindrados. Um ou dois, de tendência particularmente paranóica, até mesmo para os padrões de um mago, olharam desconfiados para as paredes.

— Você está bem? — perguntou um deles.

— Hum? — disse Carding. — Ah. Sim. Desculpe. Estava longe daqui.

Ele se voltou para Coin, que se encontrava sentado no círculo com a vara apoiada sobre os joelhos. O menino parecia dormir. Talvez estivesse. Mas, no fundo de sua alma atormentada, Carding sabia que a vara não dormia. Ela o observava, testava sua mente.

E sabia. Sabia até dos gerânios rosa.

— Eu não queria que acabasse assim — murmurou. — A gente só queria um pouco de respeito.

— Tem certeza de que você está bem?

Carding assentiu vagamente. Quando os colegas voltaram a se concentrar, olhou de esguelha para eles.

De alguma forma, todos os amigos haviam partido. Bem, amigos não. Mago nunca fazia amigos. Pelo menos, não amigos que fossem magos. Era necessária uma palavra diferente. Ah, sim, era isso: inimigos. Mas um tipo muito decente de inimigo. Cavalheiros. A nata da profissão. Não como essa gente, que parecia ter feito carreira depois da chegada do fonticeiro.

Não é só a nata que chega ao topo boiando, refletiu ele, com amargor.

Voltou a atenção para Al Khali, investigando, com o pensamento, ciente de que os magos de lá provavelmente faziam o mesmo, sempre buscando um ponto de vulnerabilidade.

Ele pensou: Será que sou um ponto de vulnerabilidade? Lingote tentou me avisar alguma coisa. Era sobre a vara. O homem deve se apoiar na vara, e não o contrário... E ela conduz o menino... Como eu gostaria de ter escutado Lingote... Está tudo errado, sou um ponto de vulnerabilidade...

Tentou novamente, deslizando nas ondas de energia, permitindo que levassem sua mente à torre inimiga. Até Abrim vinha fazendo uso da fonticeria, e Carding deixou-se adaptar às ondas, insinuando-se por entre as defesas erigidas contra ele.

A imagem do interior da torre de Al Khali surgiu, ganhou foco...

...a Bagagem seguia pelos corredores reluzentes. Tinha muita raiva. Havia sido acordada de sua hibernação, havia sido desprezada, havia sido atacada por uma variedade de criaturas mitológicas e, agora, extintas, estava com dor de cabeça e, naquele momento, ao entrar no salão, finalmente localizava o chapéu. O terrível chapéu, causa de todo o seu sofrimento. Ela avançou decidida...

Examinando a resistência da mente de Abrim, Carding sentiu a atenção do homem vacilar. Por um instante, enxergou através dos olhos do inimigo e divisou a arca se aproximando. Abrim tentou deslocar a concentração e, incapaz de se segurar — como gato quando vê um bicho pequeno e chiante correndo pelo chão —, Carding atacou.

Não com muita força. Não foi necessário. A mente de Abrim tentava equilibrar e canalizar energias imensas, e quase não foi preciso muita pressão para derrubá-lo.

Abrim estendeu os braços para detonar a Bagagem, soltou o começo de um grito e implodiu.

Os magos à volta dele imaginaram tê-lo visto ficar absurdamente pequeno, durante uma fração de segundo, e desaparecer, deixando um rastilho de imagem preta...

O mais inteligente deles começou a correr...

E a magia que Abrim vinha controlando irrompeu numa grande explosão, que destruiu o chapéu e destroçou todos os pisos mais baixos da torre e boa parte do que ainda restava da cidade.

Tantos magos de Ankh se encontravam concentrados em Al Khali que a ressonância os fez voar pelo salão. Carding acabou estirado no chão, com o chapéu sobre os olhos.

Levantaram-no, limparam-no e levaram-no até Coin, em meio a aplausos — embora alguns dos magos mais velhos se abstivessem de aplaudir. Mas ele não parecia prestar atenção.

Fitou o garoto e levou as mãos às orelhas.

— Vocês não estão ouvindo? — perguntou.

Os magos fizeram silêncio. Carding ainda se encontrava carregado de energia, e o tom de sua voz teria abafado uma tempestade.

Os olhos de Coin brilhavam.

— Não estou ouvindo nada — respondeu ele.

Carding virou-se para o resto dos magos.

— Vocês também não?

Os homens sacudiram a cabeça. Um deles perguntou:

— Ouvindo o quê, irmão?

Carding sorriu, e era um sorriso largo e enlouquecido. Até Coin se afastou.

— Logo, logo vão ouvir — disse ele. — Vocês criaram um farol. Todos vão acabar ouvindo. Mas por pouco tempo.

Livrou-se dos magos mais jovens que vinham lhe segurando os braços e avançou para Coin.

— Você está trazendo a fonticeria para o mundo, mas outras coisas vêm junto — advertiu. — Outras pessoas já abriram passagem

para essas coisas, você abriu uma avenida.

Ele deu um salto, tirou a vara negra das mãos de Coin e girou-a no ar, para quebrá-la na parede.

Carding ficou rígido quando a vara ricocheteou. Sua pele começou a criar bolhas...

A maioria dos magos conseguiu virar o rosto. Alguns poucos — e sempre há esses poucos — observaram com fascínio obsceno.

Coin também observou. Arregalou os olhos de admiração. Pôs uma das mãos sobre a boca. Tentou recuar. Não conseguiu.

— São cúmulos, sim.

— Maravilha — murmurou Nijel.

— O PROBLEMA NÃO É O PESO. MEU CORCEL JÁ CARREGOU EXÉRCITOS. JÁ CARREGOU CIDADES. CARREGOU TUDO NO TEMPO DEVIDO — disse Morte. — MAS NÃO VAI CARREGAR VOCÊS TRÊS.

— Por que não?

— É UMA QUESTÃO DE IMAGEM.

— Ali, mas vai ficar ótimo — provocou Guerra. — O Cavaleiro e os três Andarilhos do Apocralipse.

— Talvez você possa pedir para que nos esperem — sugeriu Peste com sua voz, que parecia alguma coisa gotejando no fundo de um caixão.

— TENHO COMPROMISSOS — desculpou-se Morte. E fez um ruído com os dentes. — ESTOU CERTO DE QUE VOCÊS VÁO DAR UM JEITO. SEMPRE DÃO.

Guerra observou o cavalo se afastar.

— Ás vezes ele me enche. Por que sempre quer ter a última palavra? — perguntou.

— Força do hábito.

Os dois voltaram para a taverna. Durante algum tempo, ninguém falou nada, e depois Guerra perguntou:

— Cadê Fome?

— Foi procurar a cozinha.

— Ah.

Guerra arrastou o pé no chão empoeirado e pensou na distância até Ankh. Fazia muito calor. O apocralipse que esperasse.

— A saideira? — propôs.

— Será que devemos? — objetou Peste. — Devem estar esperando por nós. Quer dizer, eu não gostaria de deixar ninguém desapontado.

— Temos tempo para a última — insistiu Guerra. — Relógio de bar nunca está certo. Temos muito tempo. Todo o tempo do mundo.

Carding caiu para a frente, no reluzente chão branco. A vara saiu rolando de suas mãos e se levantou.

Coin cutucou o corpo inerte com o pé.

— Eu avisei a ele — disse. — Avisei o que aconteceria se encostasse outra vez na vara. Do que ele estava falando?

Houve acessos de tosse e considerável inspeção de unhas.

— O que ele quis dizer? — insistiu Coin.

O professor Ovin Hakardly, mais uma vez, notou que os magos à volta se afastavam feito névoa matutina. Os olhos dele correram de um lado para outro, como dois animais presos.

— Hã... — suspirou. Em seguida, agitou os braços finos. — O mundo, entende? A realidade em que vivemos. Na verdade, podemos pensar nela, de certo modo, como uma folha elástica.

Ele hesitou, ciente de que a frase não apareceria no livro de citações de ninguém. — Então — apressou— se em acrescentar — ela é distorcida, hum, distendida pela presença da magia em qualquer grau, e muita potencialidade mágica, se reunida num único local, força nossa realidade para baixo, embora evidentemente ninguém deva entender o termo de maneira literal, porque não procuro de modo algum sugerir uma dimensão física, e já se supôs que o emprego excessivo da magia possa, digamos, hum, romper a realidade no seu ponto mais baixo e quem sabe criar uma passagem para as criaturas do plano inferior, chamado Calabouço das Dimensões, que, talvez por causa da diferença nos níveis de energia, naturalmente são atraídos pela claridade deste mundo. O nosso mundo.

Houve a pausa demorada que em geral se segue às aulas de Hakardly, enquanto todos mentalmente inseriam vírgulas e amarravam as frases dispersas.

Por um instante, os lábios de Coin mexeram-se em silêncio.

— Você está querendo dizer que a magia atrai essas criaturas? — perguntou, afinal.

A voz parecia muito diferente. Faltava a agressividade. A vara pairava sobre o corpo caído de Carding, girando vagarosamente. Todos os magos mantinham os olhos cravados nela.

— Parece que sim — respondeu Hakardly. — Quem estuda o assunto diz que a presença delas se faz ouvir por um rumorejo enrouquecido.

Coin pareceu confuso.

— Elas zumbem — esclareceu um dos outros magos.

O menino ajoelhou e examinou Carding de perto.

— Ele está muito parado — observou. — Tem alguma coisa de ruim acontecendo com ele?

— Talvez — respondeu Hakardly, com cautela. — Ele está morto.

— Eu gostaria que não estivesse.

— Imagino que ele seja da mesma opinião.

— Mas posso ajudá-lo — lembrou Coin.

O menino estendeu as mãos, e o bastão voou para elas. Se tivesse rosto, a vara teria sorrido.

Quando Coin tornou a falar, a voz novamente apresentava a inflexão fria e distante de alguém falando em cômodo revestido de aço.

— Se o fracasso não tivesse penalidades, o sucesso não seria um prêmio — disse.

— O quê? — perguntou Hakardly. — Não entendi.

Coin deu meia-volta e retornou para a cadeira.

— Não podemos temer nada — disse, e parecia mais uma ordem. — O que tem de mais nesse Calabouço das Dimensões? Se nos incomodarem, acabamos com as tais criaturas! Mago de verdade não tem medo de nada! Nada! Levantou-se novamente e avançou para o simulacro do mundo. A imagem era perfeita em todos os detalhes, até no que se referia ao fantasma de Grande A Tuin, seguindo devagar pelas profundezas interestelares, a alguns centímetros do chão.

Com desdém, Coin agitou a mão.

— Nosso mundo é mágico — declarou. — E existe alguém neste mundo que possa fazer frente a nós?

Hakardly achou que se esperava uma resposta dele.

— Ninguém — arriscou. — Fora os deuses, é claro.

Instaurou-se um silêncio mortal.

— Deuses? — murmurou Coin.

— Bem, é. Evidentemente. A gente não desafia os deuses. Eles fazem o trabalho deles, nós o nosso. Não tem por que...

— Quem governa o Disco? Os magos ou os deuses?

Hakardly pensou rápido.

— Ah, os magos. É claro. Mas sob a lei dos deuses.

E terrível quando metemos um pé no pântano. Mas não é tão terrível quanto enfiar o outro pé, e também ouvi-lo afundar. Hakardly prosseguiu.

— A magia é...

— Então, não somos mais poderosos do que os deuses? — admirou— se Coin.

Alguns dos magos, no fundo da sala, começaram a mudar de posição.

— Bem, sim e não — respondeu Hakardly, agora afundado até os joelhos.

A verdade era que os magos ficavam nervosos em relação aos deuses. As criaturas que habitavam Cori Celesti jamais haviam deixado claro o que pensavam da magia, que, afinal de contas, incluía certa divindade, e os magos evitavam o assunto. O problema dos deuses era que, se não gostavam de alguma coisa, não se limitavam apenas a enviar sinais. Por isso, o senso comum sugeria ser imprudente deixá-los em posição de ter de tomar alguma decisão.

— Parece existir um pouco de dúvida — considerou Coin.

— Se eu puder consultar... — começou Hakardly.

Coin agitou a mão. As paredes sumiram. Os magos estavam no alto da torre, e todos os olhos se voltaram ao pico distante de Cori Celesti, morada dos deuses.

— Quando já vencemos todo o mundo, só falta lutar com os deuses — observou Coin. — Alguém aqui já viu os deuses?

Ouviu-se um coro de negativas hesitantes.

— Então, vou mostrá-los a vocês.

— Meu camarada, ainda há tempo para mais uma — disse Guerra.

Peste vacilou.

— A gente precisa ir — murmurou, sem muita convicção.

— Ah, qual é?

— Então só meia. Depois a gente vai.

Guerra deu-lhe um tapa nas costas e olhou para Fome.

— Também é melhor pedir mais quinze sacos de amendoim — acrescentou.

— Oook — concluiu o bibliotecário.

— Ah — disse Rincewind. — Então o problema é a vara.

— Oook.

— Ninguém tentou tirá-la do fonticeiro?

— Oook.

— E o que aconteceu com eles?

— Eeek.

Rincewind soltou um gemido.

O bibliotecário havia apagado a vela, porque a chama vinha incomodando os livros. Mas, agora que Rincewind se acostumara com a escuridão, notou que não estava nem um pouco escuro. O leve brilho octarina dos livros enchia o interior da torre de uma coisa que, embora não fosse exatamente luz, era um breu no qual se podia enxergar. De vez em quando, ouvia-se a agitação de folhas.

— Portanto, basicamente, não há jeito de derrotá-lo com a nossa magia. E isso?

O bibliotecário oookou com tristeza e continuou girando no chão.

— Mas então é inútil. Você já deve saber que não sou muito prendado no departamento mágico. Qualquer duelo vai se dar nos termos de "Oi, eu sou Rincewind", seguido de um bum.

— Oook.

— O que você está dizendo é que estou completamente sozinho.

— Oook.

— Obrigado.

Com a iluminação deles próprios, Rincewind observou os livros, que haviam se enfileirado junto às paredes da velha torre.

Suspirou, e marchou animado para a porta, mas reduziu a velocidade notadamente ao alcançá-la.

—Então estou indo — disse.

— Oook.

— Para enfrentar não se sabe quais perigos terríveis — acrescentou Rincewind. — Para arriscar minha própria vida, em prol da humanidade...

— Eeek.

— Tudo bem, dos bípedes...

— Au, au.

— ... e quadrúpedes.

Ele olhou o vidro onde estava o Patrício, um homem arruinado.

— E dos lagartos — corrigiu. — Posso ir agora?

Um vendaval soprava do céu claro quando Rincewind saiu em direção à torre da fonticeria. As altas portas brancas estavam de tal modo fechadas que mal se divisava seu contorno na superfície leitosa da parede de pedras.

Ele bateu na madeira, mas não aconteceu nada. As portas pareciam absorver o som.

— Maravilha — murmurou para si mesmo. Depois, lembrou-se do tapete.

Estava no mesmo lugar em que o havia deixado, o que era outro sinal de que Ankh havia mudado. Nos dias de gatunagem, anteriores à vinda do fonticeiro, nada permanecia no mesmo local durante muito tempo. Pelo menos, nada que fosse considerado interessante.

Ele desenrolou a peça no chão, e os dragões dourados estenderam-se outra vez contra o fundo azul — a menos que fossem dragões azuis voando num céu dourado.

Sentou-se.

Levantou-se.

Sentou-se novamente, ergueu o manto e, com alguma dificuldade, tirou uma das meias. Depois, voltou a calçar a bota e andou um pouco entre os destroços até achar meio tijolo. Meteu o meio tijolo na meia e girou-a no ar.

Rincewind havia sido criado em Morpork. Numa briga, o que todo cidadão de Morpork gostava de ter a seu dispor era vantagem de vinte a um, mas, não sendo este o caso, meia com meio tijolo e beco

escuro, em geral, eram considerados mais seguros do que qualquer espada mágica.

Ele se sentou de novo.

— Para cima — ordenou.

O tapete não obedeceu. Rincewind examinou o desenho, então levantou uma ponta do tapete e tentou ver se o lado inferior era mais nítido.

— Tudo bem — reconheceu. — Para baixo. Com muita, muita calma. Para baixo.

— Ovelha — resmungou Guerra. — Era ovelha.

Ele deixou a cabeça bater no balcão, com um tinido. Suspendeu-a novamente.

— Ovelha.

— Não era — argumentou Fome, erguendo o dedo fino e vacilante. — Era outro animal domésss... manso. Tipo porco. Bezerro. Talvez gato. Assim. Não era ovelha.

— Abelha — arriscou Peste, e escorregou suavemente da cadeira.

— Tudo bem — disse Guerra, ignorando-o. — Então mais uma vez. Do início.

Ele bateu no copo, em busca do tom certo.

— Somos pequenos... animais domésticos não identificados... que perderam o rumo... — cantou, com a voz trêmula.

— Mééémééé — murmurou Peste, no chão.

Guerra sacudiu a cabeça.

— Não é igual — lamentou. — Não sem ele. Ele mandava bem no grave.

— Mééémééé — repetiu Pestilência.

— Ah, fique quieto — pediu Guerra, estendendo o braço para outra garrafa.

A ventania açoitava o alto da torre: um sopro quente e desagradável, que uivava com vozes estranhas e roçava a pele como lixa fina.

No centro de tudo, Coin erguia a vara por sobre a cabeça. Enquanto a poeira tomava conta do ambiente, os magos viam os fios de força mágica verterem do nada.

Os fios curvaram-se para formar uma grande bolha, que cresceu até ficar, quem sabe, maior do que a cidade. E surgiram vultos nela. Eram volúveis e indistintos, oscilando pavorosamente como imagens em espelho torto. Tão substanciais quanto anéis de fumaça ou desenhos de nuvem, mas pareciam terrivelmente familiares.

Por um instante, surgiu o focinho dentado de Offler. Num átimo da tempestade, apareceu Cego Io, o chefe dos deuses, com seus olhos orbitantes.

Coin mexeu os lábios, e a bolha começou a encolher. Ela se arqueava e produzia movimentos obscenos, à medida que as criaturas de seu interior lutavam para sair, embora não conseguissem deter a contração.

Agora, estava pouco maior do que o campus da Universidade.

Agora, era pouco mais alta do que a torre.

Agora, era o dobro da altura de um homem normal, e cinza.

Agora, era uma pérola iridescente, do tamanho de... bem, do tamanho de uma pérola grande.

A ventania havia desaparecido, substituída por um silêncio pesado. O próprio ar gemia de tensão. A maioria dos magos estava deitada no chão, mantida ali pelas forças soltas que engrossavam a atmosfera e abafavam o som, como um monte de penas, mas todos ouviam seu próprio batimento cardíaco, alto o suficiente para derrubar a torre.

— Olhem para mim — ordenou Coin.

Eles voltaram os olhos para o menino. Não havia como desobedecer.

O garoto segurava o objeto brilhante numa das mãos. Na outra, sustentava o bastão, que desprendia fumaça das pontas.

— Os deuses — anunciou ele. — Aprisionados num pensamento. E, talvez, jamais tenham passado de um sonho.

A voz ficou envelhecida, grave.

— Magos da Universidade Invisível, então não dei o poder absoluto a vocês?

Atrás de Coin, o tapete erguia-se lentamente, junto à torre, com Rincewind tentando manter o equilíbrio. Os olhos do mago estavam arregalados por causa do medo que vem naturalmente quando se está sentado num pedaço de pano a vários metros do chão.

Ele saltou da peça voadora para a torre, rodando a meia em movimentos amplos e perigosos.

Coin o viu refletido no olhar assombrado dos magos ali reunidos. Virou-se com cuidado, e observou o intruso avançar, aos trancos, em sua direção.

— Quem é você? — perguntou.

— Vim desafiar o fonticeiro — respondeu Rincewind. — Cadê ele?

E examinou o grupo de magos, segurando o meio tijolo na mão.

Hakardly arriscou olhar para cima e mexer as sobrancelhas para Rincewind, que, mesmo nas melhores circunstâncias, não era muito bom em interpretar qualquer comunicação que não fosse verbal. Aquela não era a melhor circunstância.

— Com uma meia? — surpreendeu-se Coin. — De que adianta uma meia?

O braço que segurava a vara se ergueu. Ligeiramente aturdido, Coin olhou o próprio membro.

— Não, pare — pediu. — Quero falar com esse homem.

O menino encarou Rincewind, que oscilava sob a influência de sono, medo e efeitos colaterais de uma overdose de adrenalina.

— Ela é mágica? — indagou. — Seria a meia de um arqui-reitor? Uma meia de poder?

Rincewind concentrou-se nela.

— Acho que não — respondeu. — Acho que a comprei numa loja. Hum. Tenho outra por aí.

— Mas existe alguma coisa pesada na ponta.

— Ah, sim — disse Rincewind. E acrescentou: — E meio tijolo.

— Mas isso tem muito poder.

— Hã... Dá para botar coisas sobre ele. Se tivéssemos outra metade, seria um tijolo inteiro.

Rincewind falava vagarosamente. Estava assimilando a situação por uma espécie de osmose hedionda, e avistava a vara, girando ameaçadoramente na mão do menino.

— Sei. É um tijolo comum, dentro de uma meia. O todo transformado em arma.

— Hum. É.

— Como funciona?

— Hum. A gente roda, e acerta alguma coisa. Ou o dorso da mão, às vezes.

— E, então, talvez destrua a cidade? — insistiu Coin.

Rincewind mirou os olhos dourados de Coin, depois a meia.

Já havia botado e tirado aquela peça uma centena de vezes. Ela possuía cerziduras que ele conhecia, e odor... bem, conhecia. Algumas das cerziduras já tinham até formado família. Havia

inúmeras descrições que se aplicariam à meia, mas aniquiladora— de— cidades não era uma delas.

— Não exatamente — respondeu, afinal. — Mata as pessoas, mas deixa os prédios.

A mente de Rincewind vinha operando na velocidade da migração dos continentes. Parte dela dizia que ele estava diante do fonticeiro, mas esta se encontrava em conflito direto com outras partes. Rincewind já ouvira falar muito no poder do fonticeiro, na vara do fonticeiro, na maldade do fonticeiro, e assim por diante. A única coisa que ninguém havia mencionado era a idade do fonticeiro. Ele fitou a vara.

— E isso, faz o quê? — perguntou, devagar.

A vara interveio:

Mate este homem.

Os magos, que, com cuidado, vinham se levantando, trataram de se estirar no chão novamente.

A voz do chapéu era pavorosa, mas a voz da vara era metálica e exata. Não parecia dar conselho, apenas afirmar como seria o futuro. Era impossível ignorá-la.

Coin começou a suspender o braço e hesitou.

— Por quê? — perguntou, afinal.

Não desobedeça.

— Você não tem de fazer isso — apressou-se a intervir Rincewind. — É só um objeto.

— Não vejo por que machucá-lo — argumentou Coin. — Ele parece tão inofensivo! Como um coelho nervoso.

Ele nos desafia.

— Eu, não — desmentiu Rincewind, ocultando nas costas a mão com a meia, e tentando ignorar a parte do coelho.

— Por que tenho de fazer tudo que você manda? — rebelou-se Coin. — Sempre faço tudo o que você manda, e isso não ajuda a ninguém.

As pessoas devem temê-lo. Será que não aprendeu nada do que ensinei?

— Mas ele é tão engraçado! Tem uma meia — comentou Coin.

O menino soltou um grito e sacudiu o braço. Os cabelos de Rincewind se arrepiaram.

Você vai fazer o que estou mandando.

— Não vou.

Você sabe o que acontece com os meninos que não se comportam. Houve um estalo e um cheiro de carne chamuscada. Coin caiu de joelhos.

— Ei, espere aí... — começou Rincewind.

Coin abriu os olhos. Ainda estavam dourados, mas salpicados de castanho.

Rincewind girou a meia num arco amplo, que atingiu o meio da vara. Houve uma breve explosão de pó de tijolo e lã queimada, e o bastão saltou da mão do garoto. Os magos dispersaram-se quando a vara rolou pelo chão.

Ela atingiu o parapeito e saltou para fora.

Mas, em vez de cair, manteve-se no ar, girou e voltou em disparada, deixando um rastro de centelhas octarinas e fazendo barulho de serra circular.

Rincewind puxou o garoto, aturdido, para trás de si, jogou longe a meia destruída e tirou o chapéu, agitando-se freneticamente enquanto a vara avançava em sua direção. Ela acertou a lateral da cabeça do mago, num golpe que quase lhe endireitou os dentes e derrubou-o como a uma árvore fina e desconjuntada.

O bastão se virou outra vez, reluzindo incandescente, e lançou-se para a investida final.

Horrorizado, Rincewind apoiou-se nos cotovelos e observou-o cortar o ar frio, que, por alguma razão, pareceu se encher de flocos de neve. E ficou tingido de roxo, borrado de azul. O tempo desacelerou e parou, afinal, como vitrola sem energia.

Rincewind divisou o vulto alto, vestido de preto, que havia surgido a poucos metros de distância.

Evidentemente, era Morte.

Ele voltou as cavidades oculares para Rincewind e, numa voz que parecia o colapso de abismos submarinos, disse:

— BOA TARDE.

Deu meia-volta — como se, por enquanto, houvesse concluído todo o serviço que precisava ser feito —, olhou durante algum tempo para o horizonte, e começou a bater um pé no chão. Parecia um saco de chocalhos.

— Hã... — soltou Rincewind.

Morte pareceu se lembrar dele.

— SIM? — indagou, com educação.

— Sempre me perguntei como seria — disse Rincewind.

Morte tirou uma ampulheta das misteriosas dobras do manto negro e espiou.

— É MESMO? — murmurou, distraído.

— Acho que não posso reclamar — considerou Rincewind. — Tive uma boa vida. Mais ou menos boa. — Ele hesitou. — Nem tão boa assim. Acho que a maioria das pessoas a acharia terrível. — Ele pensou mais no assunto. — Eu acho — acrescentou, um pouco para si mesmo.

— DO QUE ESTÁ FALANDO?

Rincewind ficou confuso.

— Você não aparece quando um mago está para morrer?

— CLARO. E, POR CAUSA DISSO, MEU DIA ESTÁ CHEIO.

— Como consegue estar em tantos lugares ao mesmo tempo?

— BOA ORGANIZAÇÃO.

O tempo voltou. A vara, que se encontrava suspensa no ar, a alguns metros de Rincewind, começou a zunir novamente.

E ouviu-se um tinido metálico quando Coin agarrou-a com uma das mãos.

O bastão soltou um ruído como de mil unhas raspando em vidro. Depois se agitou, debatendo-se no braço que o mantinha preso, e produziu uma chama verde em toda a sua extensão.

Pois bem. No fim, você me decepciona.

Coin soltou um gemido, mas não se deixou abalar quando o metal ficou vermelho, depois branco.

Ele estendeu o braço, e a força que emanava da vara lhe atravessou o corpo, tirando faíscas de seu cabelo e lhe erguendo o

manto em formas estranhas e desagradáveis. O menino soltou um grito, girou o bastão e acertou-o no parapeito, deixando uma linha fumegante na pedra.

E jogou a vara longe. Ela bateu no chão e rolou até parar, obrigando os magos a saírem do caminho.

Coin se deixou cair de joelhos, tremendo.

— Eu não gosto de matar — disse. — Isso não pode estar certo.

— Nunca mude de opinião — recomendou Rincewind.

— O que acontece com quem morre? — perguntou Coin.

Rincewind olhou para Morte.

— Acho que essa é para você — sugeriu.

— ELE NÃO ME VÊ, NEM ME ESCUTA — observou Morte. — NÃO, ATÉ QUE QUEIRA.

Ouviu-se um pequeno tinido. A vara estava rolando de volta para Coin, que a fitou apavorado. *Pegue-me.*

— Você não tem de fazer isso — objetou Rincewind, outra vez.

Não pode resistir a mim. Não pode derrotar a si mesmo — disse a vara.

Devagar, Coin estendeu o braço e pegou o bastão.

Rincewind olhou a meia. Era um resto de lã queimada, com a breve carreira de arma de guerra tendo-a levado para além da possibilidade de qualquer remendo.

Agora o mate.

Rincewind segurou a respiração. Os outros magos seguraram a respiração. Até Morte, que não tinha nada para segurar além da foice, segurou-a com força.

— Não — recusou-se Coin.

Você sabe o que acontece com os meninos que não se comportam. Rincewind viu o rosto do fonticeiro empalidecer. A voz da vara mudou. Agora era doce*. Sem mim, quem lhe diria o que fazer?*

— É verdade — respondeu Coin, devagar.

Veja o que você conquistou.

Coin correu os olhos pelos rostos assustados.

— Estou vendo — disse.

Ensinei a você tudo que sei.

— Acho que não sabe o suficiente — rebateu Coin.

Ingrato! Quem lhe deu o seu destino?

—Você — respondeu o menino, erguendo a cabeça. — Estou percebendo que cometi um engano — acrescentou, em voz baixa.

Ótimo...

— Não atirei você longe o bastante!

Num único movimento, Coin levantou-se e girou a vara sobre a cabeça. Depois, ficou imóvel como uma estátua, a mão perdida numa bola de luz que era da cor de cobre fundido. A bola ficou verde, passou por vários tons de azul, insinuou-se pelo violeta e, então, se assentou numa octarina pura.

Rincewind protegeu os olhos contra o brilho reluzente e viu a mão de Coin, ainda incólume, ainda segurando firmemente o bastão, com gotas de metal derretido cintilando entre os dedos.

Ele recuou, e tropeçou em Hakardly. O velho mago estava parado como uma estátua, a boca aberta.

— O que vai acontecer? — perguntou Rincewind.

— Ele não vai vencer nunca — respondeu Hakardly. — A vara é dele. Tão forte quanto ele. O menino tem poder, mas ela sabe canalizá-lo.

— Quer dizer que vão anular um ao outro?

— Na melhor das hipóteses.

A luta se ocultava no brilho infernal. O chão começou a tremer.

— Estão levando tudo que é mágico — explicou Hakardly. — É melhor deixarmos a torre.

— Por quê?

— Ela deve sumir em breve.

De fato, as lajes brancas, ao redor da bola reluzente, pareciam se soltar e desaparecer dentro do clarão. Rincewind hesitou.

— Não vamos ajudá-lo? — perguntou.

Hakardly olhou para ele e, em seguida, para a esfera iridescente. Abriu e fechou a boca uma ou duas vezes.

— Sinto muito — disse, afinal.

— Mas ele vai precisar de ajuda. Você viu como é aquele negócio...

— Sinto muito.

— Ele ajudou vocês — Rincewind virou-se para os outros magos, que começavam a correr. — Todos vocês. Ele deu a vocês o que queriam, não deu?

— Talvez nunca o perdoemos por isso — observou Hakardly.

Rincewind soltou um gemido.

— O que vai sobrar no fim de tudo? — perguntou. — O que vai sobrar no fim de tudo?

Hakardly baixou os olhos.

— Sinto muito — repetiu.

A luz octarina havia se tornado mais brilhante e começava a ficar preta nas pontas. Mas não se trata do preto que é apenas o contrário de luz. Trata-se do negrume granulado que reluz além da claridade e não existe em nenhuma realidade que se preze. Também zumbia.

Rincewind executou a pequena dança da incerteza, à medida que seus pés, suas pernas, seus instintos e seu senso de autopreservação, incrivelmente bem desenvolvido, sobrecarregavam os neurônios a ponto de, apenas no instante em que todo o sistema nervoso estava prestes a fundir, a consciência finalmente vencer.

Ele saltou para a bola de fogo e agarrou a vara.

Os magos debandaram. Vários saíram da torre levitando.

Foram mais perspicazes do que os que usaram a escada, porque, cerca de trinta segundos depois, a torre desaparecia.

Continuou nevando em torno da coluna de breu, que zumbia.

Os magos sobreviventes que ousaram olhar para trás viram um pequeno objeto caindo devagar do céu, deixando para trás um rastro de chamas. O negócio atingiu o chão de pedras, onde ardeu um pouco, até a neve apagar o fogo.

Logo virava apenas um montículo.

Pouco tempo mais tarde, um vulto acocorado avançou pelo jardim, cavou a neve e pescou o objeto.

Era, ou tinha sido, um chapéu. A vida não fora generosa com ele. Grande parte da aba larga havia se queimado, a ponta já não existia, e era quase impossível ler as foscas letras prateadas. De qualquer forma, algumas haviam se desprendido. As que restavam diziam: MG.

O bibliotecário virou-se devagar. Estava completamente só, à exceção da coluna de breu ardente e dos flocos de neve a cair compassadamente.

O campus estava vazio. Havia outros chapéus pontudos pisoteados por pés aterrorizados, mas nenhum outro sinal de que houvera gente ali.

Todos os magos haviam sumido.

— Guerra?

— Uguê?

— Não tinha alguma coisa?— perguntou Peste, pegando o copo.

— Uguê?

— A gente deveria estar... tem alguma coisa que a gente deveria estar fazendo — disse Fome.

— É verrrdade. Um compromisso.

— O... — Peste fitou o drinque, pensativo. — Negócio.

Em desalento, os três miraram o balcão. O dono da taverna fugira havia muito tempo. Ainda havia várias garrafas fechadas.

— Quiabo — sugeriu Fome, afinal. — Era isso.

— Nããã.

— Apôs... apóstrofe — arriscou Guerra.

Os outros sacudiram a cabeça. Houve uma pausa demorada.

— O que significa "aprótrafe"?— indagou Peste, contemplando algum mundo particular.

— Adstringente — respondeu Guerra. — Eu acho.

— Então, não é isso.

— Acho que não — concordou Fome, taciturno.

Houve mais um silêncio demorado.

— Melhor tomar outra dose — sugeriu Guerra, endireitando-se na cadeira.

— Tem razão.

A cerca de oitenta quilômetros dali, e várias centenas de metros acima, Conina conseguiu, afinal, controlar o cavalo roubado e fazê-lo trotar com suavidade pelo céu, revelando uma das faltas de preocupação mais determinadas que o Disco já vira.

— Neve? — surpreendeu-se ela.

As nuvens avançavam em silêncio, vindas do Centro. Eram fofas, pesadas e não deveriam se mover tão depressa. Abaixo delas, a

tempestade de neve cobria a paisagem de branco.

Não parecia o tipo de neve que cai tranqüilamente durante a noite e, de manhã, transforma a paisagem numa maravilha luminosa, de beleza rara e etérea. Parecia o tipo de neve que pretende deixar o mundo o mais gelado possível.

— Meio fora de época — comentou Nijel.

Ele olhou para baixo e imediatamente fechou os olhos. Creosoto observava, encantado.

— É assim que acontece? — perguntou. — Eu só ouvia falar nas histórias. Achei que brotasse do chão. Como os cogumelos.

— Essas nuvens não estão direitas — notou Conina.

— A gente pode descer agora? — pediu Nijel, num murmúrio.

— Quando a gente estava andando, não parecia tão ruim.

Conina ignorou-o.

— Esfregue a lâmpada — ordenou ela. — Quero saber sobre isso.

Nijel vasculhou a bolsa e pegou a lâmpada.

A voz do gênio se fez ouvir, metálica e distante, dizendo:

— Pedimos um pouco de calma... Estamos tentando fazer a ligação. Seguiu-se uma musiquinha tilintante, do tipo que um chalé suíço talvez produzisse se pudéssemos tocá-lo, até que um alçapão se esboçou no ar e o gênio apareceu. Ele olhou à volta, depois para eles.

— Ah, uau! — exclamou.

— Está acontecendo alguma coisa com o clima — mencionou Conina. — Por quê?

— Vocês não sabem? — surpreendeu-se o gênio.

— Estamos perguntando, não estamos?

— Bem, não sou nenhum entendido, mas me parece o Apocralipse.

— O quê?

O gênio encolheu os ombros.

— Os deuses sumiram — apontou. — E, de acordo com a lenda, isso significa que...

— Os Gigantes do Gelo — disse Nijel, num sussurro apavorado.

— Fale alto — pediu Creosoto.

— Os Gigantes do Gelo — repetiu Nijel, com uma ponta de irritação. — Os deuses os mantinham aprisionados no Centro. Mas no fim do mundo eles vão se libertar e fugir, naquelas geleiras medonhas, e recobrar seu antigo domínio, subjugando as chamas da civilização, até que o mundo se encontre exposto e congelado sob as hediondas estrelas frias, até que o próprio Tempo congele. Ou algo parecido.

— Mas não é hora do Apocralipse — objetou Conina, em desespero. — Quer dizer, tem de surgir um soberano terrível, tem de haver uma guerra horrenda, os quatro cavaleiros têm de aparecer e, então, o Calabouço das Dimensões vai se abrir no mundo...

Ela se deteve, o rosto quase tão branco quanto a neve.

— Ficar enterrado em milhares de metros de gelo me parece tão terrível quanto isso — argumentou o gênio.

Ele estendeu o braço e tirou a lâmpada das mãos de Nijel.

— Muchas desculpas — pediu. — Mas chegou a hora de liquidar meus bens nesta realidade. A gente se vê por aí.

Desapareceu até a cintura e, então, com um último grito fraco de "Uma pena o nosso almoço", sumiu por completo.

Por entre os véus de neve, os três contemplaram o Centro.

— Deve ser minha imaginação — disse Creosoto. — Mas vocês estão ouvindo uma espécie de chiado?

— Cale a boca — pediu Conina, distraída.

Creosoto aproximou-se dela e apertou-lhe a mão.

— Animo — arriscou. — Não é o fim do mundo.

Pensou um pouco no que disse, e acrescentou:

— Desculpe. Modo de dizer.

— O que vamos fazer? — cortou ela.

Nijel se aprumou:

— Acho que deveríamos ir até lá e explicar.

Os outros dois viraram-se para ele com o tipo de expressão normalmente dispensada a messias ou imbecis completos.

— É — insistiu ele, com um pouco mais de segurança. — Deveríamos explicar.

— Explicar aos Gigantes do Gelo? — perguntou Conina.

— É.

— Desculpe — pediu Conina. — Será que entendi direito? Você acha que a gente deveria procurar os apavorantes Gigantes do

Gelo e dizer a eles que existem muitas pessoas aqui que prefeririam que eles não passassem pelo Disco, esmagando todo o mundo com montanhas de gelo, e solicitar que reconsiderassem o assunto. E isso o que você acha que a gente deve fazer?

— É. Exatamente.

Conina e Creosoto entreolharam-se. Nijel mantinha-se sentado com altivez na sela, um leve sorriso no rosto.

— Os seus mulos estão incomodando? — perguntou o xerinfe.

— Múnus — corrigiu Nijel, com calma. — Não está me incomodando nada. Só que preciso ter algum ato de bravura antes de morrer.

— Mas é exatamente isso — observou Creosoto. — Essa é a triste questão. Você vai ter o seu ato de bravura e morrer.

— Que alternativa temos? — indagou Nijel.

Eles consideraram a pergunta.

— Acho que não sou muito boa em explicar — lamentou Conina, baixinho.

— Eu sou — afirmou Nijel. — Estou sempre tendo de explicar.

As partículas dispersas do que havia sido a mente de Rincewind se juntaram e subiram pelas camadas escuras do inconsciente, como cadáver de três dias flutuando até a superfície.

A mente investigou as lembranças mais recentes, da mesma maneira como se toca casca fresca de ferida.

O mago recordou qualquer coisa sobre uma vara e uma dor tão intensa que era como se lhe enfiassem um cinzel entre cada uma das células do corpo e martelassem.

Lembrou-se da vara fugindo, arrastando-o consigo. Depois lhe ocorreu a parte horrorosa em que Morte surgia e passava por ele. A vara se contorcia e, de repente, ganhava vida. Aí Morte falava:

— IPSLORE, O VERMELHO, VOCÊ É MEU.

E agora aquilo.

Pela textura, Rincewind estava deitado em areia. Numa areia muito fria.

Arriscou ver um troço medonho qualquer e abriu os olhos.

A primeira coisa que viu foi seu braço esquerdo, surpreendentemente acompanhado da mão. Era o mesmo negócio

imundo de sempre. Ele vinha esperando ver um coto. Parecia noite. A praia, ou o que quer que fosse aquilo, estendia-se em direção a uma fileira de montanhas baixas, sob o céu noturno, coberto de estrelas.

Pouco mais perto, havia uma linha irregular na areia prateada. Ele ergueu a cabeça e viu uma profusão de gotículas de metal fundido. Era octirona, metal tão intrinsecamente mágico que nenhuma forja no Disco jamais conseguira aquecer.

— Ah — disse Rincewind. — Então nós ganhamos.

Ele se deixou cair outra vez.

Depois de algum tempo, a mão direita levantou-se automaticamente e apalpou o alto da cabeça. Em seguida, apalpou as laterais da cabeça. Depois começou a tatear, cada vez com maior urgência, a areia à volta.

Por fim, deve ter comunicado sua preocupação ao resto do corpo, porque o mago logo se sentou e resmungou:

— Ah, inferno!

O chapéu não estava em lugar nenhum. Mas dava para ver um pequeno vulto branco deitado na areia, a poucos metros dali, perto da...

Coluna de luz.

Ela oscilava e zumbia no ar, um canal tridimensional para outro lugar. Ocasionais rajadas de neve sopravam dali. Era possível ver imagens tortas na luz, que talvez fossem prédios ou paisagens distorcidas pela curvatura estranha. Mas não dava para ver com muita clareza, por causa das sombras altas que a cercavam.

A mente humana é um negócio impressionante. Ela opera em vários níveis ao mesmo tempo. E, de fato, enquanto Rincewind gastava tutano reclamando e procurando o chapéu, uma parte interior de seu cérebro observava, ponderava, analisava e fazia comparações.

Foi até o cerebelo, bateu-lhe de leve no ombro, botou uma mensagem em sua mão e saiu correndo.

A mensagem dizia mais ou menos o seguinte: *Espero que eu esteja bem. A última experiência mágica foi demais para o castigado tecido da realidade. Abriu um buraco. Eu estou no Calabouço das Dimensões. E as coisas na minha frente são... as Coisas. Foi muito bom me conhecer.*

Particularmente, a coisa que se encontrava próxima de Rincewind tinha, pelo menos, seis metros de altura. Parecia um cavalo

morto, desenterrado após três meses e apresentado a uma gama de novas experiências, entre as quais, ao menos uma incluía um polvo. Não havia notado Rincewind. Estava concentrada demais na luz. Rincewind arrastou-se até o corpo inerte de Coin e cutucou-o.

— Você está vivo? — perguntou. — Se não estiver, prefiro que não responda.

Coin se virou e, com olhos intrigados, fitou o mago. Depois de um tempo, disse:

— Eu me lembro...

— Melhor não — cortou Rincewind.

O menino tateou a areia.

— Não está mais aqui — informou o mago, num murmúrio.

O menino parou de tatear.

Rincewind ajudou-o a se sentar. Coin mirou a areia fria e prateada, depois o céu, depois as Coisas distantes, depois Rincewind.

— Não sei o que fazer — lamentou.

— Sem problema. Eu nunca soube o que fazer — observou Rincewind, com alegria forçada. —A vida inteira andei na incerteza. — Ele hesitou. —Acho que isso se chama ser humano, ou qualquer coisa assim.

— Mas eu sempre soube o que fazer.

Rincewind abriu a boca para dizer que chegara a ver um pouco do que ele estava falando, mas mudou de idéia. Em vez disso, arriscou:

— Anime-se! Veja o lado bom! Poderia ser pior!

Coin correu os olhos ao redor.

— Em que aspecto, exatamente? — perguntou, com a voz já mais normalizada.

— Hum.

— Que lugar é esse?

— Uma espécie de outra dimensão. Acho que a magia irrompeu aqui, e nós viemos junto.

— E essas coisas?

Ambos olharam as Coisas.

— Acho que são as Coisas. Estão tentando voltar pelo canal — explicou Rincewind. — Não é fácil, por causa dos níveis de energia, ou algo assim. Já tive uma aula sobre isso. Hã...

Coin estendeu a mão branca e magra para a testa de Rincewind.

— Posso...? — começou ele.

Rincewind arrepiou-se ante o toque.

— Pode o quê? — perguntou.

— Dar uma olhada dentro da sua cabeça?

— Aaargh.

Está uma bagunça, aqui. Não me admira que você não encontre nada.

— Eeergh.

Precisa de uma faxina.

— Ooogh.

— Ah.

Rincewind sentiu a presença se retirar. Coin franziu a testa.

— Não podemos deixá-las passar — objetou o menino. — Elas têm poderes horríveis. Estão tentando aumentar o canal, e podem conseguir. Procuram entrar no nosso mundo desde... — ele franziu as sobrancelhas — outras iras.

— Eras — corrigiu Rincewind.

Coin abriu a mão que estava fechada e mostrou a Rincewind uma pequena pérola cinza.

— Sabe o que é isso? — perguntou.

— Não. O que é?

— Eu... não me lembro. Mas temos de devolvê-la.

— Tudo bem. Use a fonticeria. Estoure isso tudo aqui, e vamos para casa.

— Não. Elas vivem de magia. Só pioraria a situação. Não posso usar magia.

— Tem certeza? — insistiu Rincewind.

— Sua memória era bem clara a esse respeito.

— Então, o que vamos fazer?

— Não sei!

Rincewind pensou um pouco no assunto e, com ar de determinação, começou a tirar a última meia.

— Não tem meio tijolo — sussurrou, para ninguém em especial. — Vou ter de usar areia.

— Você vai atacar as Coisas com essa meia?

— Não. Vou fugir. A meia é para quando me seguirem.

As pessoas já estavam voltando para Al Khali, onde a torre destruída não passava de um monte enfumaçado de pedras. Algumas almas corajosas prestavam atenção nos escombros, pensando que talvez houvesse sobreviventes a serem resgatados ou roubados, ou ambos.

E, em meio ao entulho, poder-se-ia ouvir a seguinte conversa:

— Tem alguma coisa se mexendo ali debaixo!

— Debaixo daquilo? Pelas duas barbas de Imtal, você escutou mal. Aquilo deve pesar uma tonelada.

— Aqui, irmãos!

Aí se ouviriam muitos suspiros, e então:

— É uma arca!

— Pode ter tesouro, vocês não acham?

— Estão brotando pernas, pelas Sete Luas de Nasreem!

— Cinco luas...

— Aonde ela foi? Aonde ela foi?

— Não interessa, não tem importância. Agora, vamos deixar uma coisa bem clara: de acordo com a lenda, são cinco luas...

Em Klatch, levam a mitologia muito a sério. Só não acreditam mesmo é na vida real.

Os três cavaleiros sentiram a mudança logo ao descer pelas nuvens carregadas de neve, na extremidade mais ao Centro da Planície Sto. Havia um cheiro forte no ar.

— Estão sentindo? — perguntou Nijel. — Eu me lembro bem de quando era pequeno e ficava deitado na cama, no primeiro dia de inverno, sentindo o cheiro...

As nuvens se abriram, e lá embaixo — enchendo as altas planícies de ponta a ponta — estavam os rebanhos dos Gigantes do Gelo.

Eles se estendiam por muitos quilômetros em todas as direções, e o estrondo da marcha acelerada enchia a atmosfera.

As geleiras-touros seguiam na frente, levantando grandes pedaços de terra ao se lançarem implacavelmente adiante. Atrás delas, seguia a grande massa de vacas e bezerros, deslizando no chão já nivelado pelas líderes.

Essas geleiras assemelhavam— se às geleiras conhecidas por nós, do mesmo modo como um leão dormindo na sombra se assemelha a 140 quilos de músculos perversamente coordenados, saltando na nossa direção com a boca aberta.

— ... e... e... eu chegava à janela...

Sem nenhum comando adicional do cérebro, a boca de Nijel parou.

O gelo apoderava-se da planície, avançando sob uma grande nuvem de vapor seco. O chão tremia à medida que as líderes passavam, e era óbvio, para quem estava olhando, que quem quer que fosse deter aquilo precisaria de mais do que apenas um quilo de sal-gema e uma pá.

— Vá dar suas explicações — disse Conina. — Mas é melhor gritar. Nijel olhava o rebanho, aturdido.

— Acho que estou vendo uns vultos — notou Creosoto. — Olhem, em cima dos... negócios da frente.

Nijel espiou por entre os flocos de neve. Havia, de fato, algumas criaturas andando sobre as geleiras. Eram seres humanos, ou humanóides, ou humanescos. Não pareciam muito grandes.

Isso se dava porque as próprias geleiras eram imensas, e Nijel não era muito bom em perspectiva. Quando os cavalos baixaram vôo sobre a geleira da frente — um touro enorme, bastante fendido e marcado com morainas — , ficou evidente que um dos motivos de os Gigantes do Gelo se chamarem Gigantes do Gelo era o fato de serem gigantes.

O outro motivo era serem feitos de gelo.

Um vulto do tamanho de uma casa grande estava sentado sobre o touro, incitando-o a esforços maiores com a pua enfiada numa vara comprida. A criatura era rugosa e reluzia verde e azul. Havia uma faixa prateada estreita nos cachos nevados, e os olhos eram pequeninos, negros e fundos, como pedras de carvão. (NOTA: Embora essa fosse a única semelhança com os bonecos criados pelas crianças em resposta a lembranças antigas e ignoradas, em tempo de neve. Era muito pouco provável que aquele Gigante do Gelo virasse um pequeno monte de gelo sujo, com uma cenoura dentro, pela manhã.)

Ouviu-se o estrondo de quando as geleiras dianteiras se chocaram contra uma floresta. Alguns pássaros alçaram vôo em

desespero. Chovia neve e galhos ao redor de Nijel no instante em que ele se aproximou do gigante, galopando.

O rapaz pigarreou.

— Hã... — disse. — Com licença.

A frente da arrebentação de terra, neve e troncos quebrados, um rebanho de caribus corria apavorado, com os cascos traseiros a poucos metros da derrubada geral.

Nijel tentou outra vez.

— Ei! — gritou.

O gigante virou-se.

— O gue vozê guer? — perguntou. — Zuma daqui, pezoa guente.

— Desculpe, mas será que isso é mesmo necessário?

O gigante encarou-o, estupefato. Virou-se devagar e avistou o resto do rebanho, que parecia se estender até o Centro. Voltou a olhar para Nijel.

— E — respondeu. — Ajo que zim. Zenão, por gue o faríamos?

— Só que tem muitas pessoas que prefeririam que não o fizessem, entende? — argumentou Nijel.

Uma espiral de pedra surgiu na frente da geleira, balançou por um segundo e desapareceu. Ele acrescentou:

— Crianças e animaizinhos também.

— Vão zofrer pelo progrezo. E a noza hora, a gente veio reivindigar o mundo — resmungou o gigante. — Um mundo inteiro de gelo. Zegundo a inevitabilidade da hiztória e o triunfo da termodinâmica.

— E, mas vocês não precisam fazer isso — insistiu Nijel.

— Nós gueremos — rebateu o gigante. — Os deuses ze foram. E derrubamos zuperztizões antigas.

— Congelar o mundo inteiro não me parece nada progressista — argumentou Nijel.

— Nós goztamos.

— Tudo bem, tudo bem — disse Nijel, no tom alucinado de quem tenta ver todos os lados da questão e está certo de que é possível chegar a uma solução desde que pessoas de boa vontade se disponham a sentar à mesa e discutir o assunto racionalmente, como seres humanos sensatos. — Mas seria a melhor hora? O mundo está pronto para o triunfo do gelo?

— E melhor gue ezteja — concluiu o gigante, e brandiu a aguilhada para Nijel.

A vara atingiu o rapaz no peito, arrancando-o da sela e jogando-o na própria geleira. Ele rodopiou, caiu de braços e pernas abertas sobre a neve e rolou por uma das ladeiras em meio ao gelo e à lama.

Conseguiu se pôr de pé e tentou enxergar na névoa fria. Outra geleira vinha em sua direção.

Conina também. Ela se inclinou quando o cavalo atravessou a névoa, pegou Nijel pela roupa bárbara de couro e jogou-o à frente do animal.

Enquanto os dois alçavam vôo novamente, ele vociferou:

— Sujeito frio, desgraçado! Por um instante, achei que estivesse conseguindo alguma coisa. Não dá para conversar com certa gente.

O rebanho atingiu outra colina, desbastando boa parte dela. E, salpicada de cidades, a Planície Sto jazia indefesa adiante.

Rincewind acercou-se da Coisa mais próxima, segurando Coin numa das mãos e balançando a meia de areia na outra.

— Então, nada de magia, não é? — perguntou.

— E — respondeu o menino.

— Aconteça o que acontecer, você não pode fazer mágica?

— Exatamente. Aqui, não. Se não usamos magia, elas não têm muito poder aqui. Agora, quando passam para o outro lado...

A voz se perdeu.

— Um horror — murmurou Rincewind.

— Terrível — concordou Coin.

Rincewind suspirou. Queria estar com o chapéu. Teria de passar sem ele.

— Muito bem — disse. — Quando eu gritar, você corre para a luz. Entendeu? Não olhe para trás. Por nada neste mundo.

— Por nada neste mundo? — perguntou Coin, vacilante.

— Por nada neste mundo — confirmou Rincewind, abrindo um sorriso de bravura. — Por mais terríveis que sejam os ruídos que você escutar.

O mago ficou vagamente encorajado ao ver a boca de Coin virar um "O" de pavor.

— Aí — continuou ele —, quando chegar ao outro lado...

— Eu faço o quê?

Rincewind hesitou.

— Não sei — respondeu. — O que conseguir. As mágicas que quiser. Qualquer coisa. O que for preciso para detê-las. E então... hum...

— O quê?

Rincewind espiou a Coisa, que ainda contemplava a luz.

— Se... sabe... alguém sair dessa, sabe, e tudo ficar bem depois de tudo, eu gostaria que você meio que dissesse às pessoas que eu meio que estive aqui. Talvez pudessem escrever isso em algum lugar. Eu não quero estátua nem nada — acrescentou, com altivez.

Depois de um tempo, emendou:

— Acho que você precisa assoar o nariz.

Coin obedeceu, na bainha do manto, e apertou a mão de Rincewind.

— Se algum dia você... — começou — ... quer dizer, você é o primeiro... foi um grande... sabe, eu nunca... — A voz se perdeu, e ele falou: — Eu só queria que você soubesse disso.

— Tem mais uma coisa que eu estava tentando dizer— observou Rincewind, soltando a mão. O mago pareceu indeciso por um instante, e acrescentou: — Ah, sim. E essencial você se lembrar de quem realmente é. Isso é muito importante. Não devemos deixar os outros fazerem isso por nós. Porque sempre acabam escorregando.

— Vou tentar me lembrar disso — prometeu Coin.

— E muito importante — frisou Rincewind, quase para si mesmo. — Agora, acho melhor você correr.

Rincewind aproximou-se da Coisa. A criatura tinha pernas de galinha, mas, por sorte, a maior parte do corpo estava escondida no que pareciam asas dobradas.

Era hora de algumas últimas palavras, pensou ele. O que diria agora seria, provavelmente, muito importante. Talvez fossem palavras a ser lembradas, passadas a gerações futuras e até gravadas em lajes de granito.

Palavras sem muitas letras curvilíneas, portanto.

— Eu queria não estar aqui — murmurou.

Ergueu a meia, girou-a uma ou duas vezes e atingiu o que esperava ser a rótula da Coisa.

Ela soltou um guincho agudo, girou freneticamente com as asas se abrindo, investiu vagamente a cabeça predatória contra Rincewind e recebeu outro golpe da meia.

Quando a Coisa cambaleou para trás, Rincewind correu os olhos ao redor e viu Coin parado no mesmo lugar em que o havia deixado. Horrorizado, notou que o garoto começava a avançar em direção a ele, com as mãos instintivamente erguidas para lançar a magia que, ali, seria a maldição de ambos.

— Fuja, idiota! — gritou o mago, quando a Coisa começou a se recompor para o contra- ataque. Do nada, ocorreram a ele as palavras certas: — Você sabe o que acontece com os meninos que não se comportam.

Coin empalideceu, deu meia-volta e correu para a luz. Avançava com dificuldade, lutando contra a ladeira entrópica. A imagem distorcida do mundo virado às avessas pairava a alguns metros de distância, depois centímetros, sempre oscilando...

Um tentáculo fechou-se em sua perna, fazendo-o tropeçar.

Ele agitou as mãos ao cair, e uma delas tocou neve. Imediatamente, foi agarrada por outra coisa que parecia uma luva de couro quente e macia, mas sob cujo toque suave havia uma força inacreditável, e que o puxou adiante, levando junto o que quer que o havia pegado.

Luz e escuridão se alternaram ao redor, e de repente ele deslizava sobre um chão de pedras coberto de gelo.

O bibliotecário soltou Coin e se levantou, com um grande pedaço de pau na mão. Por um instante, o macaco recuou para o breu. O ombro, o cotovelo e o punho do braço direito estenderam-se com a graça de uma alavanca. E, num movimento tão irrefreável quanto o nascimento da inteligência, ele desferiu o golpe. Ouviu-se o barulho de esmagamento e um guincho de dor, e a pressão sobre a perna de Coin desapareceu.

A coluna escura ondulou. Dela, vinham gritos e baques distorcidos pela distância.

Coin ergueu-se com dificuldade e começou a correr de volta para a escuridão, mas dessa vez o braço do bibliotecário bloqueou o caminho.

— Não podemos deixá-lo lá!

O macaco encolheu os ombros.

Veio outro estalido da escuridão, seguido por um momento de silêncio quase absoluto.

Mas apenas quase absoluto. Ambos imaginaram ouvir a distância, mas muito nitidamente, o ruído cada vez mais longínquo de pés correndo.

O barulho repercutiu no mundo em que se encontravam. O macaco correu os olhos à volta e empurrou Coin para o lado quando um

negócio atarracado com centenas de perninhas surgiu correndo pelo jardim em ruína e saltou para a escuridão oscilante, que bruxuleou uma última vez e desapareceu.

Houve uma súbita agitação de neve onde ele estivera.

Coin se soltou do bibliotecário e correu para o círculo, que já se mostrava branco. Os pés do menino tocaram um bocado de areia fina.

— Ele não saiu! — exclamou o garoto.

— Oook — concordou o bibliotecário, de modo filosófico.

— Achei que fosse sair. No último minuto.

— Oook?

Coin olhou fixamente para o chão de pedras, como se pudesse mudar o que viu pela força do pensamento.

— Ele está morto?

— Oook — respondeu o bibliotecário, tentando indicar que Rincewind estava num lugar onde até mesmo coisas como o tempo e o espaço eram um pouco duvidosas, e que não adiantava muito especular sobre seu estado exato àquela altura da vida, se é que ele de fato se encontrava em alguma altura da vida. E que, fosse como fosse, o mago poderia até aparecer no dia seguinte ou, sendo o caso, no dia anterior e, por fim, que, se houvesse a menor chance de sobrevivência, Rincewind seguramente sobreviveria.

— Ah — disse Coin.

Ele observou o bibliotecário caminhar pesadamente de volta à Torre de Arte e sentiu uma solidão terrível.

— Ei! — gritou.

— Oook?

— O que eu faço agora?

— Oook?

Coin agitou os braços, em desespero.

— Talvez eu pudesse fazer alguma coisa — sugeriu, com uma voz que beirava o pânico. — Você não acha que seria boa idéia? Quer dizer, eu poderia ajudar as pessoas. Você, com certeza, gostaria de voltar a ser gente, não gostaria?

O eterno sorriso do bibliotecário ergueu-se o suficiente para revelar os dentes.

— Tudo bem, talvez não — apressou—se em dizer Coin. — Mas tem outras coisas que eu poderia fazer, não tem?

O bibliotecário encarou-o durante algum tempo, então voltou os olhos para a mão do menino. Cheio de culpa, Coin se sobressaltou e abriu os dedos.

O macaco pegou a pequena bola prateada pouco antes de ela atingir o chão e suspendeu-a a altura do olho. Cheirou-a, balançou-a de leve e colocou-a junto ao ouvido.

Depois levantou o braço e atirou-a o mais longe possível.

— O que... — começou Coin, e caiu estirado na neve quando o bibliotecário o empurrou e se jogou sobre ele.

A bolinha girou no ar e tombou no chão. Houve um ruído de corda de harpa se partindo, um breve murmúrio de vozes incompreensíveis, um sopro de vento quente, e os deuses do Disco estavam livres.

Também estavam muito irritados.

— Não tem nada que a gente possa fazer? — perguntou Creosoto.

— Não — respondeu Conina.

— O gelo vai vencer? — perguntou Creosoto.

— Vai — respondeu Conina.

— Não — esbravejou Nijel.

Ele tremia de raiva, ou talvez de frio, e estava quase tão branco quanto as geleiras que passavam trovejando abaixo deles. Conina suspirou.

— Como você acha... — começou ela.

— Ponham-me lá embaixo, alguns minutos à frente deles — exigiu Nijel.

—Não sei como isso ajudaria.

— Não pedi sua opinião — rebateu Nijel, em voz baixa. — Só façam o que eu disse. Ponham-me lá embaixo, um pouco à frente deles, para eu ter tempo de me preparar.

— De se preparar para quê?

Nijel não respondeu.

— Eu perguntei — irritou-se Conina — de se preparar...

— Quieta!

— Não sei por que...

— Olhe aqui — disse Nijel, com a paciência que fica a um passo do assassinato a machadadas. — O gelo vai cobrir o Disco inteiro, certo? Todos vão morrer, não é? Menos a gente, durante algum tempo, até esses cavalos quererem comer, usar o banheiro ou o que for, o que não nos vale de muita coisa, a não ser pelo fato de que Creosoto talvez tenha tempo de escrever um soneto sobre como ficou frio de repente e como a espécie humana está prestes a acabar, e, nessas circunstâncias, eu gostaria de deixar bem claro que não vou tolerar objeções, ficou entendido?

Ele parou para tomar fôlego, tremendo feito corda de harpa.

Conina hesitou. Abriu e fechou a boca algumas vezes, considerando objetar. Pensou melhor.

Eles encontraram uma pequena clareira numa floresta de pinheiros, dois ou três quilômetros à frente do rebanho, embora fosse nítido o barulho das geleiras e houvesse vapor sobre as árvores, sem dizer que o chão tremia como pele de tambor.

Nijel avançou para o centro da clareira e treinou alguns golpes com a espada. Os outros o observavam, pensativos.

— Se você não se importa — sussurrou Creosoto para Conina —, eu vou embora. E nessas horas que a lucidez perde seus atrativos, e tenho certeza de que o fim do mundo vai parecer melhor depois de umas bebidas. Você acredita no Paraíso, ó flor das faces de pêssego?

— Não.

— Ah — lamentou Creosoto. — Bem, nesse caso, provavelmente não vamos nos ver mais. — Ele suspirou. — Que pena! Tudo isso por causa do tal múnus. Hum. É claro que, se por acaso...

— Tchau — cortou Conina.

Com tristeza, Creosoto assentiu, afastou o cavalo e desapareceu sobre as copas das árvores.

Em torno da clareira, caía neve dos galhos. O estrondo das geleiras cada vez mais próximas enchia a atmosfera.

Nijel levou um susto quando ela o cutucou no ombro, e deixou cair a espada.

— O que está fazendo aqui? — perguntou, tateando a neve em desespero.

— Olhe, eu não quero me intrometer nem nada — murmurou Conina. — Mas o que exatamente você tem em mente?

Já era possível avistar o monte de neve e terra impelido pelas geleiras. Ao estrondo da marcha, agora se juntava o ruído dos troncos de árvores se partindo. E, avançando implacavelmente sobre as copas, tão alto que a princípio se confundiam com o céu, divisavam-se as dianteiras verde— azuladas.

— Nada — admitiu Nijel. — Nadinha de nada. Mas temos de opor resistência. É o que há a fazer. É para o que estamos aqui.

— Não vai fazer diferença — argumentou Conina.

— Para mim, vai. Se vamos morrer de qualquer maneira, prefiro morrer assim. Heroicamente.

— E heróico morrer assim? — perguntou Conina.

— Eu acho que é — respondeu ele. — E, quando o assunto é morte, só conta uma opinião.

— Ah.

Dois veados entraram às cegas na clareira, ignoraram os seres humanos amedrontados e fugiram em disparada.

— Você não precisa ficar — disse Nijel. — Eu tenho o meu múnus, entende?

Conina olhou o dorso das próprias mãos.

— Acho que devo, sim — disse. E acrescentou: — Sabe, eu achei que, se a gente pudesse se conhecer melhor...

— Sr. e Sra. Lebremar, era isso o que você tinha em mente? — perguntou ele, com rispidez.

Ela arregalou os olhos.

— Bem... — começou.

— Qual dos dois seria você? — perguntou ele.

A geleira da frente atingiu a clareira, com o cimo perdido numa nuvem de sua própria criação.

No mesmo instante, as árvores do lado oposto se curvaram ao sopro de um vento quente chegado da Borda. O vento vinha carregado de vozes — irritadas, severas — e entrou nas nuvens como ferro quente em água fria.

Conina e Nijel jogaram-se na neve, que logo derreteu. Estourou alguma coisa parecida com uma tempestade, cheia do que, no início,

eles imaginaram tratar-se de gritos, mas que depois pareciam discussões acaloradas. Durou um bom tempo, e começou a se dissipar, na direção do Centro.

Água morna enchia a roupa de Nijel. Ele se levantou com cuidado e cutucou Conina.

Juntos, os dois avançaram pela neve derretida até o alto do morro, subiram por um amontoado de pedras e galhos quebrados, e contemplaram o cenário.

As geleiras recuavam sob uma nuvem cheia de luz. Atrás delas, a paisagem era uma rede de lagos interligados.

— Fomos nós que fizemos isso? — perguntou Conina.

— Seria bom acreditar que sim, não seria? — indagou Nijel.

— Seria, mas fomos... — começou ela.

— Provavelmente não. Quem sabe? Vamos procurar um cavalo — propôs ele.

— O apogeu — disse Guerra. — Ou algo assim. Tenho quase certeza.

Eles haviam saído da taverna e estavam sentados num banco, ao sol vespertino. Até Guerra se convencera a tirar parte da armadura.

— Não sei — objetou Fome. — Acho que não.

Peste fechou os olhos incrustados e se recostou nas pedras aquecidas.

— Eu acho — considerou — que era alguma coisa sobre o fim do mundo.

Meditativo, Guerra coçou o queixo. Soltou um soluço.

— Do mundo inteiro? — perguntou.

— Eu acho.

Guerra pensou no assunto.

— Então ficamos de fora — concluiu.

O povo retornava a Ankh-Morpork, que já não era uma cidade vazia, feita de mármore, mas voltara a ser o que sempre fora, estendendo— se aleatória e colorida como uma poça de vômito do lado de fora da lanchonete 24 horas da História.

A Universidade havia sido reconstruída, ou melhor, havia reconstruído a si mesma. Ou, de algum modo, jamais fora destruída: cada fio de hera, cada batente apodrecido de janela estava de volta ao

seu lugar. O fonticeiro tinha se oferecido para deixar tudo novo — a madeira brilhando, as pedras imaculadas — , mas o bibliotecário se mantivera firme na decisão. Queria tudo velho.

Os magos chegaram com o alvorecer, sozinhos ou em grupos de dois, e correram para os quartos antigos, tentando evitar olhares alheios, tentando lembrar um passado recente que já se tornava irreal e imaginário.

Conina e Nijel chegaram por volta da hora do café-da-manhã e procuraram uma estrebaria de aluguel para o cavalo de Guerra. (NOTA: Que sabiamente decidiu parar de voar, jamais foi reivindicado e passou o resto de seus dias transportando carga para uma senhora. Não se sabe o que Guerra fez a esse respeito. É quase certo que tenha arranjado outro cavalo.)

Foi Conina quem insistiu para que procurassem Rincewind na Universidade, e que, portanto, viu os livros antes de todo mundo.

Eles saíam voando da Torre de Arte, contornavam os prédios da Universidade e se precipitavam pela porta da biblioteca reencarnada. Um ou dois volumes mais atrevidos perseguiam pardais ou planavam como águias sobre o pátio.

O bibliotecário estava recostado na porta, observando suas incumbências com olhos benévolos. Ele balançou as sobrancelhas para Conina — o mais perto que já chegara de um cumprimento convencional.

— O Rincewind está aqui? — perguntou ela.

— Oook.

— O quê?

O macaco não respondeu; apenas tomou os dois pela mão e, caminhando entre eles como um saco entre dois postes, conduziu-os à torre.

Havia algumas velas acesas no interior, e eles avistaram Coin, sentado num banco. O bibliotecário levou-os até o menino, como um criado velho na mais antiga das famílias, e retirou-se.

Coin olhou para os dois.

— Ele sabe quando não o entendem — explicou. — Extraordinário, não é?

— Quem é você? — perguntou Conina.

— Coin — respondeu Coin.

— É aluno aqui?

— Acho que estou aprendendo um bocado.

Nijel mantinha-se junto às paredes, tocando-as de vez em quando. Tinha de haver uma boa razão para não terem caído, mas, se houvesse, não se encontrava nos limites de conhecimento da engenharia civil.

— Vocês estão procurando Rincewind? — indagou Coin.

Conina franziu a testa.

— Como adivinhou?

— Ele me disse que algumas pessoas viriam procurá-lo.

Conina relaxou.

— Desculpe — pediu. — Passamos por alguns momentos difíceis. Achei que pudesse ser magia. Ele está bem? O que aconteceu? Ele lutou contra o fonticeiro?

— Ah, lutou. E venceu. Foi muito... interessante. Eu vi tudo. Mas, depois, ele teve de ir embora — disse Coin, como se falasse algo decorado.

— Do nada? — surpreendeu-se Nijel.

— É.

— Eu não acredito — protestou Conina.

Ela estava começando a se agachar, os nós dos dedos embranquecendo.

— É verdade — rebateu Coin. — Tudo que eu digo é verdade. Tem de ser.

— Eu quero... — começou Conina.

Mas Coin se levantou, estendeu o braço e disse:

— Pare.

Ela congelou. Nijel se retesou quando começava a franzir a testa.

— Vocês vão sair daqui — disse Coin, com voz equilibrada e tranqüila. — E não vão mais fazer perguntas. Vão se sentir completamente satisfeitos. Já têm todas as respostas. Vão viver felizes para sempre. Vão se esquecer de ter ouvido essas palavras. Agora saiam.

Os dois se viraram lenta e rigidamente, como marionetes, e avançaram para a porta. O bibliotecário abriu-a, deixou— os passar e

fechou-a.

Olhou para Coin, que voltou a se sentar no banco.

— Tudo bem, tudo bem — irritou-se o menino. — Mas foi só um pouquinho de magia. Não tive escolha. Você mesmo disse que as pessoas precisavam esquecer.

— Oook?

— Não consigo evitar! É fácil demais mudar tudo! — Ele pôs as mãos na cabeça. — Só tenho de pensar em alguma coisa! Não posso ficar, tudo em que eu toco dá errado, é como tentar dormir sobre um monte de ovos! Esse mundo é delicado demais! Por favor, me diga o que fazer!

O bibliotecário sentou-se e girou o corpo algumas vezes, sinal evidente de pensamento profundo.

Não se sabe exatamente o que ele disse, mas Coin sorriu, assentiu e apertou a mão do bibliotecário. Depois, abriu as próprias mãos, agitou-as no ar e entrou em outro mundo. Havia um lago e montanhas distantes, e alguns faisões o observavam, desconfiados, debaixo das árvores. Era a magia que todos os fonticeiros acabavam aprendendo.

Os fonticeiros nunca se tornavam parte do mundo. Apenas usavam-no durante algum tempo.

Da metade do gramado, ele olhou para trás e acenou para o bibliotecário. O macaco fez que sim com a cabeça, à guisa de incentivo.

Então a bolha encolheu, e o ultimo fonticeiro partiu deste para um mundo próprio.

Embora não tenha muito a ver com a história, é interessante notar que, a cerca de oitocentos quilômetros dali, um pequeno bando, ou, nesse caso, rebanho, de aves viesse abrindo caminho entre as árvores. Elas tinham cabeça de flamingo, corpo de peru e perna de lutador de sumo. Andavam de maneira espasmódica e bamboleante, como se a cabeça fosse presa aos pés por fitas elásticas. Pertenciam a uma espécie singular mesmo para a fauna do Disco, já que seu principal meio de defesa era fazer o predador rir tanto que conseguiam fugir antes de ele se recuperar.

Rincewind teria ficado ligeiramente satisfeito em saber que se chamavam múnus.

O movimento estava fraco na Tambor Remendado. O troll acorrentado ao batente da porta sentou-se à sombra e tirou alguém dos dentes.

Creosoto cantava baixinho para si mesmo. Ele havia descoberto a cerveja e não estava tendo de pagar pela bebida, porque a moeda forte dos elogios — raramente empregada pelos namorados de Ankh — vinha surtindo um efeito inacreditável na filha do proprietário. Era uma menina grandona, afável, com o corpo da mesma cor e — falando sem rodeios — da mesma forma de um pão cru. Ela estava intrigada. Ninguém jamais dissera que seus seios pareciam melões adornados de jóias.

— Com certeza — disse o xerinfe, escorregando do banco. — Sem dúvida.

Fossem os grandes, amarelos, ou os pequenos verdes com pele rugosa, pensou ele.

— E o que você falou dos meus cabelos? — perguntou ela, trazendo-o de volta ao banco e enchendo o copo.

— Ah — o xerinfe franziu a testa. — São como um rebanho de cabras a pastar nas colinas de Monte Não Sei Quê, sem dúvida alguma. Quanto às suas orelhas — acrescentou ele, às pressas — , são conchas rosadas que adornam as areias beijadas pelo mar de...

— Como assim, um rebanho de cabras? — perguntou ela.

O xerinfe hesitou. Sempre achara aquele um de seus melhores versos. Agora, pela primeira vez, ele se deparava com o famoso caráter prático de Ankh— Morpork. Por incrível que pareça, ficou impressionado.

— Quer dizer, em tamanho, forma ou cheiro? — insistiu a menina.

— Eu acho — respondeu o xerinfe — que a frase que eu tinha em mente era exatamente não são como um rebanho de cabras

— Ah.

A garota puxou o garrafão para si.

— E acho que aceitaria outro copo — acrescentou ele, de maneira indistinta. — E então... e então... — olhou de esguelha para a garota e decidiu correr o risco. — Você é boa contadora de histórias?

— O quê?

Ele lambeu os lábios, subitamente secos.

— Conhece muitas histórias? — murmurou.

— Ah, conheço. Pencas.

— Pencas? — gemeu Creosoto.

A maioria das concubinas só sabia uma ou duas.

— Centenas. Por que, você quer ouvir uma?

— Agora?

— Se quiser. Não tem muito movimento.

Talvez eu tenha morrido, pensou Creosoto. Talvez isso seja o Paraíso. Ele segurou as mãos dela.

— Sabe — disse — , faz muito tempo que não ouço uma boa narrativa. Mas não quero que você faça nada que não queira.

Ela afagou o braço dele. Que cavalheiro, pensou. Comparado a alguns daqui.

— Tem uma que minha avó costumava contar. Sei até de trás prá frente — disse.

Com calor, Creosoto bebericou a cerveja e encarou a parede. Centenas, pensou ele. E ainda sabe algumas de trás pra frente.

A menina pigarreou e, numa voz cadenciada, que fazia os batimentos cardíacos de Creosoto disparem, começou:

— Houve um homem, e ele teve oito filhos...

O Patrício estava sentado à janela, escrevendo. As lembranças das duas últimas semanas eram um tanto difusas, e ele não gostava nada disso.

Um empregado havia acendido uma lamparina para dissipar o crepúsculo, e algumas mariposas voavam em torno dela. O Patrício as observava com atenção. Por algum motivo, sentia-se pouco à vontade perto de vidro, mas, ao olhar fixamente para os insetos, notou que não era isso o que o incomodava.

O que o incomodava era o fato de estar contendo uma ânsia terrível de pegá-los com a língua.

Deitado aos pés do dono, Wuffles latia em seus sonhos.

As luzes acendiam-se por toda a cidade, mas os últimos raios do ocaso ainda iluminaram as gárgulas, que ajudavam umas às outras na longa escalada até o telhado.

O bibliotecário observou-as da porta aberta, enquanto se cocava, pensativo. Deu meia-volta e fechou a porta para a noite.

Fazia calor na biblioteca. Sempre fazia calor na biblioteca, porque a magia dispersa que produzia aquele brilho também esquentava o ambiente.

O bibliotecário olhou com satisfação para os livros, fez as últimas rondas dos corredores adormecidos, arrastou o cobertor para debaixo da escrivaninha, comeu a última banana do dia e caiu no sono.

Aos poucos, o silêncio apoderou-se da biblioteca. O silêncio avançou por entre os restos de um chapéu bastante amassado, queimado e gasto, que fora pendurado com certa pompa na parede. Por mais longe que o mago vá, sempre volta para pegar o seu chapéu.

O silêncio tomou conta da Universidade da mesma maneira como o ar toma conta de um buraco. A noite espalhou-se pelo Disco como geléia de ameixa, ou talvez de amora— preta.

Mas chegaria a manhã. Sempre havia outra manhã...